A FACE OCULTA DA MENTE

OSCAR G. QUEVEDO

Bruxos e feiticeiros
Visão sem olhos
Adivinhação
Gênio do inconsciente
Psi-gamma e distância
Psi-gamma e tempo
Mensagens do além ?
Sugestão telepática

EDIÇÕES LOYOLA

Copyright de
EDIÇÕES LOYOLA

IMPRIMI POTEST
Belo Horizonte, 8 de setembro de 1964
Pe. Marcelo de Carvalho Azevedo, S. J.

Seminário Concórdia
Biblioteca
Sist.
Reg.
Proc
Data

NIHIL OBSTAT
Pe. Francisco Corrêa, S. J.

IMPRIMATUR
Belo Horizonte, 16 de setembro de 1964
Mons. José A. Dias Bicalho
Vigário Geral

CAPA: GUILHERME VALPETERIS

EDIÇÕES LOYOLA
Rua Vergueiro, 165 — Caixa Postal 12.958 — Tel. 31-1648 — São Paulo

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

ÍNDICE DE MATÉRIAS

PRÓLOGO 7

1. *Fenomenologia* 9
2. *Investigação* 21
3. *Definição* 31
4. *Classificação* 39

PRIMEIRA PARTE

FENÔMENOS "EXTRAORDINÁRIO-NORMAIS" DE CONHECIMENTO

5. *Hiperestesia direta* 43
6. *Emissão hiperestésica* 61
7. *Cumberlandismo* 69
8. *Hiperestesia indireta* 85
9. *Pantomnésia* 103
10. *Xenoglossia* 119
11. *Talento do inconsciente* 147

SEGUNDA PARTE

FENÔMENOS "PARANORMAIS" DE CONHECIMENTO

12. *Adivinhação?* 165
13. *Psi-gamma* 189
14. *Psi-gamma e distância* 211
15. *Psi-gamma e tempo* 217
16. *Pseudo-precognições* - I 221
17. *Pseudo-precognições* - II 233
18. *Precognição* 249
19. *O prazo existencial* 281

TERCEIRA PARTE

FENÔMENOS TELEPÁTICOS

20. *Telepatia e clarividência* 313
21. *Divisões de telepatia* 335
22. *TIE espontânea* 337
23. *TIE experimental* 353
24. *ST espontânea* - I 371
25. *ST espontânea* - II 387
26. *ST experimental* 397

Prólogo

À primeira edição

Em "A face oculta da mente", *limitamo-nos a tratar dos fenômenos parapsicológicos de conhecimento. As* "Edições Loyola", *têm o plano de ir publicando para os leitores brasileiros uma série de livros de Parapsicologia na qual se tratarão, de maneira sistemática, todos os fenômenos e temas parapsicológicos.*

O teor do livro eqüidista da rigorosa metodologia científica e da pura divulgação. Colocamos abundantes notas bibliográficas para as pessoas que aprofundaram ou queiram aprofundar nesta importante ciência. Incluimos também algumas citações de livros "populares" (que tanto lêem, lamentàvelmente, no nosso meio, as pessoas da "classe média cultural") desde que os fatos citados sejam de alguma *signifcação científica.*

Em igualdade de circunstâncias preferimos citar os casos ou experiências dos pioneiros da investigação. Desta maneira se faz, quase imperceptìvelmente, uma história da Parapsicologia. Não deixamos, porém, de citar descobertas, casos ou experiências dêstes anos, especialmente em ocasiões, aliás numerosa, nas quais se deu algum nôvo passo à frente nas investigações.

Citamos muitos exemplos. Evidentemente que aos exemplos concretos damos, em geral, um valor represen-

tativo: *nunca citaríamos um caso isolado; cada exemplo que citamos está respaldado por centenas de outros casos semelhantes e por experiências ou observações de Laboratório.*

Os fenômenos parapsicológicos com freqüência estão relacionados uns com os outros. Isto nos obriga em algumas ocasiões a pressupor teses que só se provarão em futuros tomos. A tendência, porém, é a de fundamentar-mo-nos nas conclusões já estabelecidas em capítulos anteriores.

São Paulo, 11 de novembro de 1964

1

Fenomenologia

BRUXOS E MAGOS NA HISTÓRIA

Fatos extraordinários chamam a atenção da humanidade desde os tempos mais antigos. — Persas, hindus, etc., conheciam e praticavam a adivinhação. — Primeiros contatos do Cristianismo com as "artes ocultas". - A espantosa estatística das fogueiras com carne humana.

A COMPROVAÇÃO e conseguinte análise de certos fatos extraordinários da vida do homem, fatos que talvez se devam a fôrças naturais ocultas, do mesmo homem, ocupa lugar proeminente na moderna investigação científica. Durante séculos e séculos tem sido ignorada pela ciência a explicação profunda dêstes prodígios e mesmo o veredicto sôbre a sua existência. São tão antigos como a própria humanidade. Reais ou imaginários, naturais ou atribuídos a fôrças superiores, sempre ocuparam a atenção e a curiosidade dos homens.

Remota antigüidade

Os povos mais antigos, como os babilônios, os persas, os etruscos, praticavam a adivinhação e "evocavam os espíritos dos mortos". Mas são poucos os vestígios históricos que possuímos daqueles povos tão antigos.

Bíblia e magia

Nos livros históricos da Bíblia, considerados agora apenas sob êsse ponto de vista, temos numerosíssimas alusões a prodígios. Tais são, por exemplo, as fantásticas maravilhas realizadas pelos magos do FARAÓ, em luta com MOISÉS e ARÃO [1], até que os magos do FARAÓ se renderam ante os chefes do povo hebreu, dizendo: "O dedo de Deus está aqui" [2]. O caso do rei NABUCODONOSOR convertido em fera, prenúncio da abundante literatura posterior sôbre os lobisomens [3]. JOSÉ tem sonhos premonitórios e interpreta os sonhos também proféticos do FARAÓ [4]. Sonhos monitórios nos referem os mesmos Evangelhos como o da mulher de PILATOS [5]. A Pitonisa de Endor "evoca" ante o rei SAUL o profeta SAMUEL [6], etc.

Os textos da Bíblia em que se condena a adivinhação, o espiritismo, a feitiçaria são numerosíssimos, e nos indicam que estas práticas deviam ser então muito freqüentes. Lê-se, por exemplo: "Não se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho ou filha fazendo-o passar pelo fogo, quem consulte adivinhos ou observe sonhos e augúrios, nem quem seja feiticeiro ou encantador, nem quem consulte aos pitões ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade. Porque tôdas estas coisas abomina o Senhor e por semelhantes maldades exterminará Êle êstes povos à tua entrada" [7].

---

1 — ÊXODO, VII, 11, 22; VIII, 7.

2 — ÊXODO, VIII, 19.

3 — DANIEL, IV, 28-31. Não haveria figura de animal, mas simplesmente loucura. Vivia no campo, sem cortar as unhas nem os cabelos, sem vestir-se, comendo como os animais, de modo que na sua loucura procedia como animal. Isto supondo que de fato NABUCODONOSOR ficasse louco, pois a interpretação mais provável na moderna Exegese é a de que não houve isso: simplesmente a Bíblia quer indicar com êste modo metafórico de expressar-se que Deus é quem exalta ou humilha na sua Providência.

4 — GÊNESIS, XXXVII, 5-11; XL, 5-XLI, 36.

5 — MATEUS, XXVII, 19.

6 — I REIS, XXXVIII, 7-25.

7 — DEUTERONÔMIO, XVIII, 10-12.

E ainda poderíamos citar numerosos outros casos: milagres, profecias, endemoninhados... São fenômenos que interessam ao investigador científico.

A Grécia clássica e misteriosa

Muitos escritores da antiga Grécia nos falam desta classe de fenômenos. Por exemplo HOMERO na Odisséia descreve ULISSES "consultando os mortos" por conselho e com as instruções da maga CIRCE [8]. HERÓDOTO [9], entre outros muitos prodígios nos conta que até um dos sete sábios da Grécia, PERIANDRO, mandou "consultar a alma" de sua mulher degolada outrora por ordem do mesmo PERIANDRO. Segundo PLUTARCO, PAUSÂNIAS "evocou o espírito" duma jovem que mandara matar, e CALANDAS "evocou o espírito" de AQUILAU também por êle assassinado. Mais tarde os magistrados mandaram "evocar o espírito" do próprio PAUSÂNIAS. É interessante chamar a atenção, no caso de fenômenos de curas extraordinárias, sôbre a distinção que já PLUTARCO fazia entre doenças físicas e psíquicas [10].

É famoso o "gênio" que SÓCRATES pensava ver e ao que atribuía conselhos sôbre coisas desconhecidas [11].

> Conta-nos PLATÃO [12], entre outros exemplos, como o "gênio" avisara a SÓCRATES de que não permitisse a CHARMIDE ir a Menea. CHARMIDE não obedeceu e sucumbe em Menea.

O mesmo nos testemunham XENOFONTE [13] e PLUTARCO [14]. Aquêle põe em bôca de SÓCRATES a afirmação de que o "gênio" nunca o enganara.

> É também curiosa entre os fenômenos que nos conta PLUTARCO a aparição de um mau anjo ("eu sou teu mau

---

8 — ODISSÉIA, X, 517-534.

9 — HERÓDOTO: "História" cfr. por exemplo I, 46-48, 132, etc.

10 — PLUTARCO: "Perí Eutymian", cap. VII.

11 — Cfr. LELUT, F.: "Le démon de Socrate spécimen d'une aplicattion de la science psychologique à celle de l'Histoire", Paris, 1837.

12 — PLATÃO: "Theageto".

13 — XENOFONTE: "Apologia de Sócrates".

14 — PLUTARCO: "Vida de grandes homens", XX: "Sôbre o demônio de Sócrates".

anjo, de maravilhosa e monstruosa figura"). BRUTUS vê a aparição sem perturbar-se [15].

Certa classe de quiromancia e astrologia encontrou nada menos do que em ARISTÓTELES um grande entusiasta. "As linhas — diz — não estão escritas sem nenhuma razão nas mãos dos homens mas provêm da influência do céu no seu destino". E até se conta que deu de presente a seu discípulo ALEXANDRE Magno um tratado dessa espécie de quiromancia escrito em letras de ouro, achado num altar dedicado a HERMES. Também PLATÃO aceitou os princípios dessa quiromancia [16].

Muitos outros fenômenos "misteriosos" nos referem FILÓSTRATO [17], DEMÓCRITO [18], PITÁGORAS [19], etc.

Os latinos não ficaram atrás dos gregos

Já nas "Doze Tábuas" castigava-se com pena capital a quem lançasse feitiços ou "maus fluidos" contra as searas alheias. CÍCERO recolhe e tenta analisar muitas adivinhações e visões [20].

> TÁCITO entre outros casos conta como "apareceu (a RUFUS) um fantasma de mulher de forma ultra-humana e se ouviu uma voz" [21].

15 — PLUTARCO: "Vida de grandes homens", IX: "Vida de Bruto".

16 — PLATÃO: "Carmides" e "Leges" principalmente. Livros, aliás, que são muito significativos para um estudo do "curandeirismo".

17 — Sôbre FILÓSTRATO cfr. DIELS, H.: "Fragmente der Vorsokratiker", 5.a edição preparada por KRANZ, W., Berlim, 1934.

18 — Sôbre DEMÓCRITO, também muito interessante do ponto de vista das curações "misteriosas", pode ver-se DIELS, H.: "Fragmente"..., o. c.

19 — Sôbre PITÁGORAS de quem se disse que "foi um chaman grego", isto é, um iniciado na Grécia das técnicas "ocultistas" do Oriente conforme os estudos de MEULI, DODDS, BOYANCÉ, NILSSEN, ELIADE..., cfr. principalmente:
DELATTE, A.: "Études sur la littérature Pythagorcienne", Paris, 1915. LEVY, I.: "Légende de Pythagore: de Grece en Palestine", Paris, 1927. RATHMANN Gu.: "Questiones Pythagoreae, Orphicae, Empedocleae", Haia, 1933.

20 — CICERO, Marco Túlio: "De divinatione" ("Ciceronis Opera", Paris, Ed. Amar, 1824, tomo XVI: "De divinatione", dois livros).

21 — TÁCITO: "Annales", XXI, § 21.

LUCANO descreve "evocações dos mortos" para adivinhações [22]. Os dois PLÍNIOS, o Jovem e o Velho, referem também tôda classe de fenômenos "misteriosos" falando-nos êste numa das suas cartas até de uma casa "mal-assombrada" ao estilo dos tradicionais castelos inglêses. PLAUTO dedica uma das suas comédias, "A Hospedaria", ao tema das casas "mal-assombradas", etc.

No que se refere a encantamentos, feitiços, etc., conta-nos SUETÔNIO que AUGUSTO mandou queimar mais de dois mil livros da matéria, o que poderia dar-nos uma idéia de como estava cheio o ambiente de magia e ocultismo, se levarmos em conta que os livros então eram escassos e de difícil edição. HORÁCIO nas suas poesias mais de uma vez faz alusão a encantamentos. COLUMELA descreve prodígios do feiticeiro DARDANO. LUCANO fala da famosa feiticeira de Tessália ÉRITON Fera (à qual aludirá mais tarde DANTE). PETRÔNIO Árbitro fala de crianças roubadas pelos feiticeiros para preparar seus feitiços. Dêles falam também APULEIO, Sexto Pompeu FESTO, e outros.

Como os gregos, também os latinos praticaram certa espécie de quiromancia e astrologia. A época mais brilhante (ou escura) foi nos tempos de JUVENAL, chegando o próprio imperador AUGUSTO a exercer aquela quiromancia.

Inumeráveis são os testemunhos históricos sôbre os célebres oráculos na época clássica, como os de Tropócia de Grécia, junto ao rio Aqueronte; a Sibila de Cumas nas margens do lago Averno; Figália na Arcádia; no Cabo Tenaro em Heracléia. Delfos foi o mais famoso. Inúmeras adivinhações saíram dêstes centros.

O Cristianismo enfrenta a magia

O Cristianismo, desde os seus começos, adotou clara posição contra muitas superstições que se misturavam nesta classe de fenômenos.

Éfeso era famosa pelos seus livros de magia e pelos seus encantamentos, muito freqüentes naquela cidade.

22 — LUCANO: "Pharsalia", VI, 420-760, por exemplo.

O evangelista São LUCAS conta como muitos dos que tinham exercido a magia e feitiçaria foram levar seus livros ao apóstolo São PAULO que organizou uma fogueira na presença de todos [23]. SIMÃO, o Mago, "que enganara o povo" [24] foi expulso da Igreja por pretender comprar com dinheiro os podêres de São PEDRO e de São JOÃO que êle tinha por mágicos [25].

Os Santos Padres e Escritores Eclesiásticos inúmeras vêzes se referem a fenômenos "misteriosos". TERTULIANO, por exemplo, no século II, fala das "evocações dos mortos", adivinhações, sonhos provocados (hipnose ou transe), movimentos de mesas para dar respostas ao contato das mãos, assim como de outros muitos prodígios misturados com superstições "com os quais enganam o povo".

A filosofia alexandrina com a qual JULIANO, o Apóstata, pretendia subjugar o Cristianismo, tinha por dogma fundamental a "evocação dos mortos" e apresentava os fenômenos usuais do espiritismo.

A paixão pelo ocultismo e pelos fenômenos maravilhosos existia em tôdas as camadas sociais como afirmam São GREGÓRIO de Niza [26], LACTÂNCIO [27], etc.

Idade Média e Renascimento

Na Idade Média há uma verdadeira epidemia de feiticeiros, bruxas, malefícios, sortilégios, endemoninhados, etc., do qual teve bastante culpa a seita dos gnósticos.

23 — ATOS DOS APÓSTOLOS, XIX, 19.

24 — «Que enganara o povo", diz o autor dos "Atos dos Apóstolos" (versículos 9 a 11), não porque os prodígios que realizava fôssem sempre mero ilusionismo, mas porque sendo fenômenos naturais, os atribuía a podêres sobrenaturais: "esta é a virtude de Deus" (versículo 10). (Outros traduzem "maravilhar", "assombrar", etc., em vez de "enganar").

25 — ATOS DOS APÓSTOLOS, VIII, 9-24.

26 — São GREGÓRIO de Niza: "Discurso Catequético".

27 — LACTANCIUS, Firminianus: "Divinae Institutiones".

Muitos autores como Júlio ÔBSEQUENS, o pseudo-HIPÓLITO, HIERON de Alexandria, etc., nos falam de "médiuns espíritas", inclusive produtores de efeitos físicos e até descrevem alguns segredos de tais fenômenos físicos realizados fraudulentamente pelos falsos "médiuns".

O famosíssimo ilusionista CAGLIOSTRO [28], parece ter agido como "médium de efeitos físicos" e, não é preciso dizê-lo, como um médium mais do que suspeito.

Esta febre pelo ocultismo não diminuiu no Renascimento, atingindo até pessoas de grande nomeada social como testemunham TASSO, ARIOSTO e CELINI.

Os papas, como por exemplo ALEXANDRE IV [29] e VI [30], JOÃO XXII [31], INOCÊNCIO VIII [32], assim como tôda classe de escritores cristãos não cessaram de advertir dos perigos sociais, físicos, psíquicos e morais de semelhantes práticas.

Fogueiras humanas

Como se sabe, muitos feiticeiros, bruxas, magos e muitas pessoas inocentes terminaram na fogueira. Eram acusados de mil crimes, cada qual mais fabuloso: aquêles bruxos se transformavam em lôbos, gatos, ratos, etc., a si mesmos e a outros; produziam tempestades, chuvas de pedras, causavam tôda classe de doenças com seus feitiços; mantinham-se insensíveis às picadas das facas, comunicavam-se com o demônio, etc.

28 — Sôbre CAGLIOSTRO se consultará com interêsse o livro: "Compêndio della vita e delli gesti di Giuseppe Bálsamo, indenominato Conte Cagliostro", Roma, 1791.

29 — ALEXANDRE IV: Bula "Quod super nonnullis", que se encontra no "Magnum Bullarium Romanum a beato Leone Magno usque ad S. D. N. Benedictum XIV, opus absolutissimum Laertii Cherubini", Luxemburgo, H. A. Gosse, 1712 (a Bula é de 1257).

30 — ALEXANDRE VI: Bula "Cum acceperimus", Decret. Lib. V, Tit. XII, tomo VII (a Bula é de 1494).

31 — JOÃO XXII, Bula "Super illius specula", 1326.

32 — INOCÊNCIO VIII: Bula "Summis desiderantes afectibus", 5 de dezembro de 1484.

Segundo Ch. Mc KAY na sua obra "The Witch-Mania" foram queimados vivos numa só fornalha mais de 200 bruxos e bruxas com seus chefes, o Dr. FIAN e a famosa Gelli DUNCAM. Eram acusados de terem provocado com seus encantamentos uma tempestade para afogar o monarca. Assim morreram queimados vivos mais de 200 acusados de bruxaria ante JAIME IV da Escócia, depois I da Inglaterra...

Também na Inglaterra, na Pendle Forest, no Lancanshire, um menino caluniador acusa de bruxaria a senhora DICKENSON e mais outras vinte "bruxas" subalternas dela, na vizinhança. Pelo "sólido" testemunho de um menino de 12 anos, oito dessas mulheres foram queimadas vivas.

Inúmeros casos semelhantes nos conta sir George MACKENZIE no seu livro "Criminal Law".

O Pe. HEREDIA S. J.[33], resumindo mais de dez autores afirma que só na Escócia, no curto período que vai da execução de Maria STUART até seu filho cingir a coroa de Inglaterra, isto é, em 32 anos, foram executadas 17.000 bruxas. Em Genebra, Suiça, só em três meses foram queimadas 500 bruxas, segundo a "Chamber's Encyclopedia"; e segundo a "New International Encyclopedia", 7.000 bruxas foram queimadas em poucos anos em Tréveris. Afirma a "Nelson's Encyclopedia" que a bruxomania custou só na Alemanha 100.000 vidas.

Idade Moderna e Contemporânea.

Os faquires da Índia

Foram e são famosissimos os prodígios fantásticos dos faquires. A própria vida que *se atribui* a alguns dêsses faquires, por exemplo aos chamados "sinniassis", já é algo esquisito: uns vivem enterrados até a cintura ou sentados

33 — HEREDIA, S. J., Carlos Maria: "Los fraudes espíritas y los fenómenos metapsíquicos", 5.a edição, Montevidéu, Mosca, 1945. Há tradução portuguêsa: "As fraudes espíritas e os fenômenos metapsíquicos", Petrópolis (R. J.), Vozes, 1958.

sem interrupção em estrados de pregos, outros conservam sempre erguido um braço; há também os que fecham perpètuamente a mão de modo que as unhas vão penetrando na carne.

As narrativas de viajantes sôbre os prodígios dos faquires estão cheias de admirações e ponderações pelos fenômenos que êles não logram explicar[34].

Os milagres do Islã

Na África e países do Islã, talvez os mais famosos fazedores de prodígios sejam os Aissáuas. Pouco conhecidos eram na Europa apesar de nada terem a invejar na realização de prodígios aos faquires da Índia.

O grande ilusionista Robert HOUDIN nos descreve com todos os detalhes as maravilhas que observou e que logrou explicar "mèdicamente" ou segundo as técnicas do ilusionismo[35].

Começavam geralmente com uma cerimônia religiosa de grande espetáculo que abria a exibição, seguida com a execução de prodígios tais como comer vidros, pedras, pregos, carvões em chamas, etc.; outros se deixavam atravessar por espadas, sangravam amplamente e se curavam num instante. Com uma só mão um Aissáua esquelético levantava no ar o mais forte, nutrido e alto dos seus irmãos de práticas, etc.

Entre os místicos do Islã são os mais famosos AL-HALLAJ, a quem *se atribuem* alguns casos maravilhosos, como a materialização de um pão em pleno deserto; e AB-AL KADIR a quem *se atribuem* os mais prodigiosos fenômenos,

34 — Max MÜLLER, Louis JACOLLIOT, Charles GODDARD, CHABOSSEAU, La MAIRESSE, GUYMIOT, CALEBROOK, ALVEYDRE, SINNETT, LAUEDEN, HUC, ZEFFAR, VERGNARD, SEABROOK, PELLENC BETELSON entre outros muitos destacam-se pela abundância de descrições nem sempre críticas. DUCRET talvez seja o mais maravilhado diante de tais prodígios, entre os escritores mais modernos. William LAID é o mais conhecido e lido entre os de outrora.

35 — HOUDIN, Robert, tradução de MARTINEZ, Avelino: "Confidencias de un prestidigitador, una vida de artista", Valencia, Aguilar, 1894, tomo II, capítulo VIII, págs. 266 ss.

digno de rivalizar, se os fenômenos que se lhe *atribuem* são verdadeiros, com os mais célebres "magos" que estuda a moderna Parapsicologia. Assim, por exemplo, *se conta* que alongou e materializou diversos objetos, multiplicou alimentos, levitou seu próprio corpo, etc.

Na China legendária

Sempre houve e há grandes fazedores de prodígios na China. Todos os fenômenos "maravilhosos" de que os investigadores modernos têm notícia de ter sido "realizados" alguma vez em alguma parte do mundo podem encontrar-se também na China de todos os tempos [36].

Possuímos relações de casos "misteriosos" sucedidos mil anos antes de Cristo.

> Numa relação sôbre uma sessão de "ocultismo" realizada em 1035 *conta-se* que houve materialização de objetos e de sêres fantásticos, vinham objetos longínquos através das paredes e das portas fechadas; *refere-se* que se ouviram vozes e música "transcendentes"... Mas uma estrangeira permanecera cética e desconfiada... Sem que ela soubesse como, viu-se despir completamente por mãos invisíveis e as suas vestes apareceram fora do local penduradas numa árvore...

Magia organizada na América

Na América do Norte teve origem a "organização" mais ampla de fenômenos "misteriosos". No "Cottage" conhecido pelo nome de Hydesville, na Vila de Arcádia, Condado de Wayne, no Estado de New York, nasceu o Espiritismo moderno como resultado de ruídos "misteriosos" que provinham da cama das irmãs FOX.

36 — Cfr. DINGWALL, Eric John: "Ghosts and spirits in the ancient World", Londres, 1930. Além dessa magnífica obra, pode-se ver, especialmente do ponto de vista das interpretações supersticiosas dadas a êstes fenômenos ao longo da história:

VESME, Cesare de: "Storia dello Spiritismo", 3 volumes, Torino, Roux Frascati, 1895-1898, ou tradução francesa: "Histoire du spiritualisme experimental", Paris, Editions Meyer, 1928.

A maior parte das seitas espíritas procuram nas suas sessões tôda classe de fenômenos "misteriosos". Com a difusão do Espiritismo, multiplicaram-se os prodígios, ao menos os mais ordinários. O Brasil é atualmente o líder mundial do Espiritismo. No brasil atual, CHICO XAVIER é um médium destacado em escrita automática: ARIGÓ destaca-se em curas "misteriosas". São freqüentes as "incorporações de espíritos" com tôda classe de manifestações como, por exemplo, adivinhações do pensamento ou sucessos futuros, até alguma vez falando línguas estrangeiras...

Outros fenômenos mais raros, como materializações, movimento de objetos, levitações do próprio corpo, não receberam incremento apreciável (embora hoje seja bastante geral entre os não especialistas interpretar com a superstição espírita êsses fenômenos que "existiram" sempre). Mas nos começos do Espiritismo pareceu que êsses fenômenos de efeitos físicos iam receber grande incremento. Eusápia PALADINO foi talvez a médium mais destacada entre as mulheres, "realizando", perante os sábios que a controlavam, tôda classe de movimentos de objetos, aparições de fantasmas completos ou rudimentares, etc. Daniel Dunglas HOME foi o mais famoso entre os médiuns varões. Com o descobrimento contínuo de fraudes (muitas vêzes inconscientes e mais freqüentemente irresponsáveis) há já anos que desapareceram os grandes "médiuns de efeitos físicos" dignos de ser observados por especialistas, só ficando, cá e lá, alguns fenômenos isolados como em tôdas as épocas e povos.

Conclusão

"Os fenômenos parapsicológicos têm sido assinalados em tôdas as épocas e em todos os povos. As descrições que chegaram até nós são fundamentalmente idênticas, embora as interpretações sejam muito diferentes nas diversas civilizações", assim conclui, na obra já citada, DINGWALL, um dos melhores historiadores da Parapsicologia.

Investigar se tais prodígios foram ou não reais, ou em quanta parte, e quais as suas causas, etc., eis o objeto da Parapsicologia.

O objeto, pois, da Parapsicologia é fundamentalmente idêntico, único, uniforme, embora sejam atribuídos os fenômenos às mais diversas causas, inclusive "sobrenaturais" como demônios, espíritos, larvas astrais, maatmas, gnomos, gênios, fadas, etc. O fenômeno é um só. A interpretação que a ignorância científica de épocas anteriores tenha dado a êsse fenômeno, é diferença meramente acidental.

Os fenômenos parapsicológicos dão-se em todos os povos e em tôdas as épocas.

Os fenômenos parapsicológicos são próprios do homem, são humanos.

Investigação 2

BRUXOS E FEITICEIROS PERANTE A CIÊNCIA

Na Biblioteca de Alexandria pereceram fantásticos segredos de valor incalculável. — Sábios considerados bruxos. — Os "sábios-bruxos" começam a fazer-se respeitar. — No século XX a "Ciência Oficial", interessa-se pela "bruxaria". — Uma ciência de vanguarda.

PARECE que na investigação dos fenômenos "ocultos" os antigos iniciados da Índia, tinham chegado muito longe. Dêles, parece, receberam seus segredos os iniciados da Caldéia e Egito.

Certamente conheciam algo e talvez muito do funcionamento dos fenômenos "misteriosos", mas parece insustentável, por falta de provas, a pretensão de alguns de que aquêles antigos "ocultistas" tivessem chegado a penetrar nos estudos dêstes fenômenos mais profundamente que os modernos investigadores. Seja o que fôr, é certo que êstes conhecimentos eram guardados dos profanos com rigorosíssimo segrêdo. Os conhecedores das explicações eram muito poucos, e os práticos, mais numerosos, que realizavam os prodígios, ignoravam muitas vêzes a sua explicação profunda e verdadeira, atribuindo-os erradamente à intervenção de diferentes fôrças extraterrenas.

Autores há que até afirmam terem sido as explicações naturais e verdadeiras redigidas em manuscritos guardados com desvêlo na Biblioteca de Alexandria. Indícios históricos há disto, certamente, mas é dificílimo saber o verdadeiro valor desta afirmação. E mesmo concedendo que já então tivessem chegado até onde tanto custou chegar recentíssimamente, aquela ciência ficou inútil para nós, pois tudo pereceu no incêndio da Biblioteca de Alexandria em tempos de TEODÓSIO.

Destruídos os manuscritos e dispersados os práticos da magia (aliás ignorantes das explicações), a fenomenologia continuou sendo algo de misterioso, sobrenatural, na mente do povo [1].

Investigadores isolados

A ciência "oficial", por sua parte, "ignorava" essas "lendas". Só de quando em quando, apareceram alguns investigadores isolados, fazendo brilhar pequenos clarões de verdade, misturados, porém, com muitos erros. Assim, por exemplo, BASÍLIO, VALENTINO, PARACELSO, AVICENA [2] e AGRIPA.

Os ocultistas, alguns dêles cultos, estudaram êsses fenômenos. Ocultismo, é, têm-se definido, um conjunto de verdades que se tornaram loucas. Loucas e concretamente megalomaníacas. No comêço do livro de HARTMANN podemos ler: "Quaisquer que sejam as falsas interpretações que a ignorância de todos os tempos tem dado à palavra *magia*, sua única verdadeira significação é: a mais alta ciência ou sabedoria, fundamentada no conhecimento e na experiência prática" [3].

1 — No Oriente (yoguis, lamas, bonzos, faquires, etc.) a *prática* da "magia" conservou-se por tradição. Mas na investigação científica, no Oriente estão muito atrasados com respeito à Parapsicologia. A *teoria*, se de fato a conheceram, não se conservou, e está misturada com muitas superstições e apriorismos.

2 — Sôbre êste interessante sábio ler-se-á com gôsto, AFNAN, S. M.: "Avicena, his life and works", Londres, 1958. Do ponto de vista da Parapsicologia deve destacar-se entre as obras de AVICENA a intitulada "De natura".

3 — HARTMANN, Franz: "Magie White and Black. Infinite Life", Londres, 1893, pág. 23.

É demais: não negamos que existam verdades na magia, no ocultismo... Mas o ocultismo é mais uma arte louca e orgulhosa do que uma verdadeira ciência ou sabedoria, dona de poucas verdades, sempre misturadas com muitíssimos erros. Já AGRIPA assegurava que existiam estas verdades, quando após muitos anos de estudos se defendia a si próprio: "Eu não duvido que o título da minha obra sôbre a "Filosofia Oculta ou Magia", poderá, pela sua rareza, seduzir a muitos leitores. Entre êles, alguns dotados de falso juízo e outros perversos; queiram entender o que vou dizer: Por ignorância crassa êles terão dado à palavra *magia* o sentido mais desfavorável, e tendo só olhado o título, dirão que eu pratico as artes proibidas, que eu estendo as sementes da heresia, que eu ofendo a piedade e escandalizo os espíritos virtuosos. Tratar-me-ão de feiticeiro, de supersticioso e de diabólico, e dirão que eu sou realmente um bruxo. Responder-lhes-ei que, para as pessoas instruídas, ser mago não significa ser bruxo ou qualquer outra coisa de supersticioso ou demoníaco, mas um sábio". Assim se expressava AGRIPA na sua obra "Três livros de magia", no prefácio "Cornelius Agripa ao leitor" [4].

É porém, tão pouca a luz oculta nas trevas do "ocultismo", que, no final de sua vida, AGRIPA teve de retratar-se de uma grandíssima parte de sua obra: "É verdade que sendo jovem eu mesmo escrevi três livros sôbre a Magia que intitulei *Da Filosofia Oculta*. Quantos erros cometi então! Hoje, tornando-me mais prudente, devo refutá-los publicamente e reconhecer que tenho perdido muito tempo com essas futilidades" [5]. Retratação que tomamos como sintomática da pouca luz que há no "ocultismo".

4 — AGRIPPA, Henry Cornelius, trad. WHITEHEAD, W. F.: "Occult philosophy or Magic", Chicago, 1898. A primeira edição inglêsa foi em 1651, mas o autor, AGRIPPA, escreveu em 1510 só publicando em 1533: "H. Corn. Agrippae ab Nettesfreim a Consiliis et Archuis Iudiciarii sacrae Caesarae majestatis: De Occulta Philosophia Libri Tres", Coloniae, 1533.

5 — AGRIPPA, Henry Cornelius: "The vanity of Arts and Sciences", Londres, 1678. O título original foi: "Henrici Cornelii AGRIPPAE ab Nettesfreim: De incertitudine et vanitate omnium scientiarum et artium atque excellentia verbi Dei declamatio", Colonia, 1527. A edição que consultamos preferentemente é de Leiden, 1614.

Época do magnetismo-hipnotismo

Já modernamente, no século XVIII, MESMER [6], com sua teoria do magnetismo animal, trouxe mais luz sôbre o problema, mormente sôbre as curas extraordinárias e a transmissão do pensamento. No mesmo sentido aprofundaram-se mais PUYSÉGUR [7], DELEUZE [8], POTET [9], etc. A escola de Salpetrière, com CHARCOT [10] e a de Nancy, com BERNHEIM [11] e seu mestre LIÉBEAULT [12], lançam novas luzes sôbre o assunto.

6 — MESMER, Franz Anton, obra confeccionada por CAULLET e VEAU-MOREL: "Aphorismes de M. Mesmer, dictés a l'assemblée de ses élevès", 3.ª ed., Paris, 1735. Do mesmo autor: "Mémoire sur la Découverte du Magnétisme Animal", Paris, Didot, 1799. "System der Wechselwirkngen Theorie und Anwendung des Thierischen Magnetismus als die allgemeine Heilkund zur Erhaltung des Menschen", Berlin, herausgegeben von Wolfart, 1914.

7 — PUYSÉGUR, Armand Marc Jacques Chastened du: "Mémoirs pour servir à l'histoire du magnétisme animal", Paris, Dentu, 1784. Do mesmo autor: "Du Magnétisme animal, considéré dans ses rapports avec différents branches de le physique", Paris, Dentu, 1807. "Recherches, expériences et observations physiologiques sur l'homme dans l'etat de somnambulisme naturel et dans le somnambulisme provoqué par l'acte magnétique", Paris, Dentu, 1811.

8 — DELEUZE, J. P. F.: "Histoire Critique du Magnetisme Animal" (4 vols.), Paris, Hipolyte Baillière, 1819. Do mesmo autor, com comentários de MIALLE: "Mémoire sur la faculté de prévision", Paris, Chochard, 1836.

9 — POTET, Baron du: "Manuel del'étudiant magnétiseur", 8.a ed., Paris, Alcan, 1908 (1.a ed. 1846).

10 — CHARCOT, Jean Martin: "Les leçons des Mardis en la Sapêtrière" (Polychlinique 1887-8, e 1888-9), Paris, Babet, 1892. Do mesmo autor: "Lectures on diseases of the nervon System", London, New Sydenham Society, 1889. "Oeuvres Completes, Metallotherapie et Hypnotisme", Paris, Bourneville et E. Brisand, 1890.

11 — BERNHEIM, H.: "Sugestive therapeutics", New York, G. P. Putnam's and Sons, 1902, e London, Book Company, 1947.

12 — LIEBEAULT, A. del: "Le Sonmeil Provoqué", Paris, Doin, 1889 .

Neo-ocultismo

A escola de neo-ocultismo, liderada por Elíphas LEVÍ [13], Stanislas de GUAITA [14], PAPUS [15], etc., no fim do século passado, tenta reconstruir os conhecimentos dos antigos iniciados. Mas seus esforços são pouco proveitosos para a ciência, por misturarem, sem critério diferencial suficiente, a verdade com os erros. Também os antigos encobriam seus segredos com expressões só pelos iniciados decifráveis; os neo-ocultistas, ao imitá-los, insistiram demais nos enredos.

Eis um detalhe sintomático: o mais destacado, talvez, dos neo-ocultistas foi Elíphas LEVÍ (Alphonse Louis CONSTANT), mas é bem sabido que nos últimos anos da sua vida, abandonou o ocultismo, a que tinha aderido como a uma religião e voltou ao seio da Igreja Católica a que pertencera antes de aderir ao ocultismo-esoterismo.

Tentativas científicas

É o espiritismo quem dá o ensejo para que alguns sábios se decidissem a estudar os fenômenos "maravilhosos", de uma maneira científica.

Foi em 1851-1852, aos 2 anos do nascimento do espiritismo moderno, que na Grã-Bretanha o arcebispo de Can-

13 — LEVÍ, Elíphas (Alphonse Louis CONSTANT), trad. CAMAYSAR, Rosalis: "Dogma e Ritual da Alta Magia", 7.ª ed., São Paulo, O Pensamento, 1955 (título do original francês: "Rituel de la Haute Magie").

14 — GUAITA, Stanislas de: "Essais de Sciences maudites. Au seuil du mystère", 5.a ed., Paris, 1915. Do mesmo autor: "La clé de la magie noire", Paris, 1897.

15 — PAPUS, Gérard, Anacclet Vincent ENCAUSSE: "A. B. C. d'occultisme", Paris, Dorbon Aîné, 1919. Do mesmo autor: "L'occultisme et le spiritualisme. Erposé des théories phylosophiques et des adaptations de l'occultisme", Paris, Bibliothéque de phylosophie contemporaine, 1902. "Qu'est-ce que l'occultisme?", Paris, Niclaus, s. d. "Traité élémentaire d'occultisme", Paris, Diffusion Scientifique, s. d. "Tratado elementar de Magia Prática", 3.a ed., São Paulo, O Pensamento, 1949 (Título original em francês: "Le traité élémentaire de magie pratique").

terbury, Edward White BENSON, funda a "Cambridge Ghost Society". A Sociedade logo fracassa...

Em 1860 MYERS e SIDGWICK pretendem examinar diversos médiuns, mas logo ficam desanimados ante tanta fraude. As pacientes investigações não oferecem quaisquer garantias, nem para êles mesmos. Seus métodos de investigação nestes dificílimos temas logo lhes parecem deficientes.

Na Química, na Física, a matéria não engana. O inconsciente do homem, objeto de investigação para se poder estudar êstes fenômenos, frauda inúmeras vêzes com uma precisão assombrosa, com um talento que supera todo o imaginável. Os maiores e mais experimentados sábios podem ser enganados com habilidade suma. A pessoa mais honesta no consciente, pode ser a maior trapaceira em qualquer manifestação do seu inconsciente.

O inconsciente engana, não só aos observadores, mas também ao próprio consciente. São fraudes involuntárias, inconscientes e incoercíveis.

Em 1879, depois de ter constatado a necessidade de se estudar sèriamente os fenômenos chamados espíritas, o "Dialectial Society" de Londres não chega a publicar os trabalhos do Comitê.

Por fim, depois de 1870, um sábio bem conhecido no campo da Química, William CROOKES, comunica as observações que, durante vários anos, fêz sôbre os prodígios realizados por uma das irmãs FOX, Catharina, e pelo mais famoso dos médiuns varões, Daniel Dunglas HOME [16]. Estas são as primeiras observações sérias e sistemáticas, com intenção científica, sôbre os fenômenos do espiritismo

16 — CROOKES, William: "Experimental investigation on psychic force", Londres, Gillman, 1811. Tradução francesa: "Nouvelles expériences sur la force psychique", 2.a ed., Paris, Librairie des Sciences Psychiques, 1878. Tradução espanhola: "La fuerza psíquica", Barcelona, Mancri, s. d. Do mesmo autor: "Researches on the phenomene of Spiritualism", Londres, 1874. Tradução francesa: "Recherches sur les phénomènés du spiritualisme", Paris, Leymarie, 1878.

moderno, embora com muitíssimas falhas. Não em vão eram as primeiras investigações num campo dificílimo.

"Society For Psychical Research"

Deveriam passar ainda mais treze anos, 62 desde o nascimento do espiritismo, para que surgisse a primeira sociedade de investigação. Foi em 1882 [17]. Os mais destacados investigadores colaboraram com a Sociedade. As duas publicações periódicas da Sociedade, "Proceeding" e "Journal", recolhem milhares de casos constituindo o acervo mais importante e criterioso dos fenômenos "misteriosos".

Sociedades, Congressos e investigadores

Logo funda-se uma filial da "Society for Psychical Research" nos Estados Unidos, a "American Society for Psychical Research", e no decorrer dos anos, em vários países, aparecem sociedades semelhantes [18].

Celebraram-se já alguns Congressos Internacionais [19]. Nas nações mais cultas, os mais destacados cientistas têm-se

17 — A iniciativa partiu de William BARRET, de Dublin, e de J. ROMANES, fundando-se em Londres a "Society for Psychical Research". Seu primeiro presidente foi Henri SIDGWICK, seguindo-o na presidência sucessivamente Balfour STEWART, William CROOKES, William JAMES, A. J. BALFOUR...

18 — "Parapsychology Foundation", de New York; o "Parapsychology Laboratori", da Universidade Duke, de Durham, na Carolina do Norte, famoso pelos atuais trabalhos de RHINE; "L'Institut Metapsichique International", de Paris, do que foram presidentes os famosos RICHET e OSTY, fundado pelo não menos famoso Dr. GELEY em 1919 com a ajuda econômica de Jean MEYER e reconhecido como de utilidade pública; a "Associazione Italiana Scientifica di Metapsichica", de Como; a "Societá Italiana de Parapsicologia", de Roma, reconhecida pelo Estado; "Il Centro di Studi Parapsicologici", de Bolonha; o "Comité Belgue pour l'Investigation Scientifique des Phénomenés Reputés Paranourmaux", etc.

19 — Congressos Internacionais de Conaghem, em 1921; Varsóvia, em 1923; Paris, em 1927; Atenas, em 1930; Oslo, em 1935; Utrecht, em 1953; Saint Paul de Vence, em 1954, Cambridge, em 1955; Abadia de Royaumont em 1956...

dedicado a estudar profundamente os fenômenos "misteriosos" relacionados com o homem [20].

Nasce uma nova ciência

As primeiras investigações foram uma verdadeira revolução para o ambiente materialista da ciência de fins do século passado e começos do atual. Aos cientistas materialistas falavam em psiquismo. E até asseguravam que determinados fenômenos não podiam explicar-se senão pressupondo-se uma alma espiritual... A nova ciência interessava-se pelo estudo do espiritismo, dos milagres, dos endemoninhados e tantos outros fenômenos que os cientistas tradicionais nem sequer consideravam.

Grande parte da ciência de então manifestou-se decididamente contra as investigações psíquicas, e os numerosos erros em que cairam os primeiros investigadores alentou ainda mais aos contraditores. Uns e outros, tradicionais e novos investigadores, exageraram criando um ambiente de polêmica muito prejudicial ao progresso das investigações.

20 — Eis o quadro de honra da investigação parapsicológica, não obstante as inevitáveis (e notáveis) falhas dos antigos: Inglaterra: MYERS (†1901), WALLACE (†1913), BARRET (†1925) LODGE (†1940), Harry PRICE (†1948) e os nossos contemporâneos: Eric John DINGWALL e Samuel George SOAL.

França: ROCHAS (†1914), GELEY (†1924), FLAMMARION (†1925), RICHET (†1935), OSTY (†1938), BERGSON (†1941) e os nossos contemporâneos: René WARCOLLIER (†1962) e Robert AMADOU.

Itália: ERMACORA (†1898), LOMBROSO (†1909), MORSELLI (†1929), SANTOLIQUIDO (†1931), MARZORATI (†1931), BOZZANO (†1943) e entre os nossos contemporâneos: Ferdinando CAZZAMALLI, Gastone de BONI e Emílio SERVADIO.

Estados Unidos: HARE (†1858), HODGSON (†1905), William JAMES (†1910), PRINCE (†1929), e nossos contemporâneos: Hereward CARRINGTON, Gardner MURPHY e Joseph Banks RHINE.

Alemanha: ZÖLLNER (†1882), PREL (†1899), SCHRENCK-NOTZING (†1920) e DRIESCH (†1941).

São dignos também de nota o russo AKSAKOV (†1902), o polaco OCHOROWIVCZ (†1918), e entre os contemporâneos, Hans BENDER, da Suíça.

Noutras nações tem-se investigado também sôbre a fenomenologia paranormal, mas seus estudos são esporádicos ou não chegaram em todo caso à categoria dos realizados nas nações nomeadas.

O exagêro dos cientistas tradicionais, como bem analisa RICHET no seu "Tratado de Metapsíquica", consistia em julgar impossível qualquer fenômeno extraordinário por considerá-lo contrário à ciência. Esta afirmação apriorística confundia "contrário à ciência" com "nôvo na ciência". Por sua parte, os novos investigadores, sem atender à deficiência dos seus métodos de investigação, chegaram a desprezar a ciência clássica.

Metapsíquica e Parapsicologia

A nova ciência usou vários nomes. Na Inglaterra e nos Estados Unidos prevalecia o nome de "Investigações Psíquicas", que não deve confundir-se com "psicológicas" ("Psychical Research" não é a mesma coisa que "Psycological Research").

RICHET, no seu "Presidential Adress", perante os membros da "Society for Psychical Research" de Londres, em 1905, introduzia o nome de "Metapsíquica" [21], triunfando a denominação nos países latinos. Já antes, em 1837, segundo as investigações de G. Van RIJNBERK [22], tinha empregado GÖRRES um têrmo quase idêntico, "Metapsicologia", para designar as mesmas investigações e fenômenos.

Na Alemanha nasceu o nome de "Ocultismo científico" ou também "Parapsicologia", usado pela primeira vez, ao que parece, por Max DESSOIR [23] em 1889, sendo Jules BOIS o principal popularizador do têrmo. BOIRAC, em 1908, divulgava o têrmo "parapsicológico" [24]. O nome "Parapsicologia" mais tarde foi adotado nos Estados Unidos.

21 — RICHET, Charles: "Presidential Adress", em "Revue de l'hypnotisme", 1905, págs. 258 ss. Mas a palavra com outro sentido já tinha sido usada num escrito polaco: "Wyklady Iagiellonskie" (Cracovia, 1902), como após o discurso de RICHET observou W. LULOSLAWSKI.

22 — RIJNBERK, Gérard Van: "Les Métasciencies biologiques", Paris, Adyar, 1952, pág. 16.

23 — DESSOIR, Max: "Vom Jenseits der Seele", Stutgart, Encke, 1917 (mas a 1.a edição dataria de 1889).

24 — BOIRAC, Émile: "La Psychologie inconnue", 3.a ed., Paris, Alcan, 1912. Mas a primeira ed. foi em 1908, como afirmamos no texto. Pessoalmente só possuimos a 3.a ed., que é a que utilizamos.

Outros nomes menos freqüentes são "Psicologia Supranormal", "Psicologia Transcendente", "Estudo do Mediunismo", "Psicologia Desconhecida", etc.

Hoje, sem que se tenha logrado perfeita uniformidade, prevalece o nome de "Parapsicologia" para designar a ciência contemporânea, desde 1934 especialmente, com a nova orientação recebida após a publicação do primeiro livro de RHINE [25], reservando-se o nome de "Metapsíquica" às investigações mais antigas. Foi o mesmo RHINE o incentivador desta tendência ao definir a Parapsicologia como uma "Metapsíquica experimental e científica".

Após árduos trabalhos, a ciência parapsicológica encontrou por fim seu caminho e é reconhecida e respeitada como ciência de vanguarda. O reconhecimento "oficial" como ciência data de 1953, do Congresso Internacional de Parapsicologia, de Utrecht. Nessa mesma data e Universidade surgia a primeira cátedra de Parapsicologia, regentada pelo Dr. W. H. C. TENHAEFF. Posteriormente foram multiplicando-se as cadeiras universitárias de Parapsicologia nos países mais adiantados.

A investigação dos fenômenos "misteriosos" do homem sempre interessou a certos grupos e destacados sábios. Mas a investigação sistemática e com intenção científica só começou em 1882 com a chamada Metapsíquica.

Em 1934, reformando-se e aperfeiçoando-se os métodos nasce a Parapsicologia.

A partir de 1953 as conclusões da Parapsicologia são oficialmente reconhecidas como científicas.

25 — RHINE, J. B.: "extra-sensory perception", Boston, Bruce Humphries, 1934, e Boston, B. S. P. R., 1934.

3

Definição

UMA CIÊNCIA NOVA

Nem de mais nem de menos. — A ciência do mistério. — Tentativa de definição.

Há definições tão amplas que parecem querer incluir dentro da Parapsicologia todo o saber humano. Estas definições refutam-se por si mesmas.

Definições restritas

"A Parapsicologia estuda as funções psíquicas ainda não incorporadas definitivamente ao sistema da Psicologia." Segundo esta definição, bastante difundida, a Parapsicologia não seria mais do que a fôrça de choque da Psicologia, uma avançada na investigação de fenômenos hoje mais ou menos obscuros. No momento em que todos êstes fenômenos fôssem entendidos pela Psicologia ou, em último têrmo, pela Psiquiatria, etc., a Parapsicologia já não teria mais razão de ser.

Esta definição é parte da verdade. Há fenômenos que podem, durante algum tempo, ser considerados como parapsicológicos, extraordinários, obscuros, e passar depois a ser pouco menos do que de domínio público. É o que aconteceu com o hipnotismo, considerado em épocas antigas como fenômeno "ocultista", transe devido à possessão de um espírito ou demônio, e hoje tido por todo o mundo como um

fenômeno natural e até vulgar. Mas há fenômenos, como a telepatia, que, mesmo quando cientìficamente comprovada, continuará sempre sendo fenômeno parapsicológico pelo seu caráter essencial de fenômeno à margem da Psicologia normal ou patológica.

Outras definições são bem mais amplas, mas também parciais, limitadas: "A Parapsicologia estuda todos os fatos nos quais a *vida* e o *pensamento* se manifestassem por fenômenos aparentemente inexplicáveis" (BOIRAC), ou "é um ramo da Psicologia que trata de fenômenos *mentais* e seu comportamento nos casos que parecem exigir princípios ainda não aceitos" (RHINE).

Em definições como estas, além das expressões: *inexplicável, ainda não aceitos,* do que falamos antes, inclui-se o elemento: *mental, pensamento, vida.* Então qualquer fenômeno do espiritismo, da demonologia, dos milagres, qualquer fenômeno, enfim, capaz de apresentar uma controvérsia sôbre seu caráter extraterreno. seria por êste mesmo fato excluído do estudo da Parapsicologia, por não oferecer certeza, à primeira vista, de seu caráter *mental,* da *vida* humana, do poder do *pensamento.* Em definitivo, só os naturalistas declarados poderiam ser parapsicólogos em muitos casos, para não dizer em todos. Os fenômenos parapsicológicos, porém, sempre estiveram envolvidos em interpretações das mais contraditórias e misteriosas, mas geralmente de caráter "místico".

Seria o caso, porventura, de se estudar primeiro se tais fenômenos eram ou não *mentais, vitais,* do *pensamento?* Então teríamos o parapsicólogo estudando uma matéria que não sabe ainda se lhe pertence...

Dever-se-ía esperar que outras ciências determinassem o caráter *mental* ou *vital* de determinados fenômenos, para só então estudá-los o parapsicólogo? Afirmar isto seria o mesmo que ignorar a origem desta ciência, que nasceu precisamente para investigar se êstes fenômenos "misteriosos" existiam de fato, e, em caso positivo, se superavam na realidade as fôrças da natureza, ou ainda quais os fenômenos que superavam e quais os que não superavam estas fôrças.

Os fenômenos *mentais* e *vitais,* por conseguinte, não são a única matéria de estudo parapsicológico.

Omitimos outras definições de maior ou menor difusão entre os parapsicólogos, mas também incompletas.

O campo é maior

Robert AMADOU, representando o sentir mais geral dos metapsíquicos e parapsicólogos, dá em diversos lugares da magnífica obra "La Parapsychologie" definições bem mais amplas. Por exemplo: "O fim da Parapsicologia é a constatação e a explicação de fatos desconcertantes, estranhos, misteriosos, cujos caracteres desorientadores podem agrupar-se na vasta categoria, profundamente heteróclita, do oculto perceptível, das experiências mágicas, do maravilhoso empírico. Sôbre êstes fatos, a Parapsicologia quer pronunciar o veredicto da ciência. Sua ambição não é menos nem mais modesta". O lema dos estudos que, sob a direção de Robert AMADOU, levam-se a cabo na "Tour Saint Jacques", pode-se considerar como outra definição de Parapsicologia: "Rien de ce qui est étrange ne nous est étranger".

Como se vê, não nos limitamos, como fazem alguns autôres, aos fenômenos chamados PSI-GAMMA e PSI-KAPPA. Nosso conceito de Parapsicologia é bem mais amplo, de acôrdo com destacados metapsíquicos e parapsicólogos e suposta a história e finalidade desta investigação. Segundo a expressão de Robert AMADOU: "nada daquilo que é estranho é estrangeiro para nós", se, possìvelmente, é resultado de faculdades humanas.

Há muito que investigar

O campo em que a Parapsicologia trabalha é imenso. Às vêzes tratar-se-á de *aparentes* incorporações: um suposto endemoninhado, um "desencarnado" que parece falar por bôca de um "médium"... Outras vêzes será preciso estudar, ao menos como investigação prévia, um *suposto* milagre, ou os podêres extraordinários que se *atribuem* a um feiticeiro, a um faquir, a um bruxo. Não raro a ciência "tradicional" fica surprêsa perante o anunciar de fatos que hão de suceder depois de 20, 30, 100 anos, quando era "impossível" prevê-los por vias normais, e vê que os fatos comprovaram os prognósticos; ou perante adivinhações de fatos sucedidos a mi-

lhares de quilômetros de distância... E que dizer de uma mesa que se eleva pelos ares desafiando, *aparentemente ao menos,* tôda lei da gravidade? Que pensar de um ignorante e analfabeto que de repente começa a falar em línguas estrangeiras? Ou de uma adolescente que passeia com os pés descalços sôbre brasas sem ter queimaduras nem dor? Ou ainda de outro indivíduo que escreve automàticamente num ângulo, enquanto num outro ângulo do aposento se ouvem vozes, músicas, ruídos sem causa *aparente?* Num recipiente hermèticamente fechado aparecem objetos que momentos antes, *segundo se afirma,* estavam em longínquas terras; *fala-se* de curas extraordinárias; *comentam-se* aparições de fantasmas, membros humanos tangíveis, separados do seu corpo e que não obstante continuam a viver; respostas aparecem escritas em papéis sem que ninguém *tenha sido visto* a escrevê-las. Enfim, são em número incalculável os fenômenos assombrosos, incríveis, isto é, parapsicológicos.

São reais? São alucinações, fraudes...? Como se explicam êsses fenômenos reais ou aparentes? Tempo é já de que surjam especialistas perfeitamente preparados para entrar por êstes difíceis mas interessantíssimos problemas. Tempo é já de não negar nem afirmar em nome da ciência sem prévio estudo especializado.

Tentativa de definição

É difícil encerrar numa definição tantos e tão variados fenômenos. Algumas definições que se têm apresentado esquivam a dificuldade caindo em tautologias. Por exemplo: "A Parapsicologia tem por objeto a constatação e análise dos fenômenos de aparência paranormal", ou "estuda os fenômenos parapsicológicos e com êles relacionados". Os têrmos que se querem definir não devem entrar na definição. É justamente "os fenômenos parapsicológicos e com êles relacionados", "os fenômenos de aparência paranormal" que queremos definir.

Mas os têrmos empregados nessas definições e outros têrmos equivalentes são de contínuo uso na Parapsicologia: paranormais, parapsíquicos, parapsicológicos, supranormais...

Nós os tomamos como sinônimos de extraordinário, surpreendente, à margem do normal, inexplicável à primeira vista.

Paranormal não significa anormal no sentido pejorativo da expressão. Fenômeno paranormal não é sinônimo de patológico, próprio de doentes ou loucos... O limite, porém, entre paranormal, anormal, normal, é muitas vêzes simples questão de graus nem sempre fácil de precisar. E a freqüência dos fenômenos paranormais, espontâneos ou provocados, pode levar à anormalidade.

Além disso, as faculdades paranormais como *faculdades,* são patrimônio de todo o gênero humano e nesse sentido são faculdades normais. Mas a *manifestação* é privativa de pessoas especiais ou de circunstâncias extraordinárias. O fenômeno, a *manifestação* da faculdade, portanto, é paranormal, extraordinário, à margem do normal.

Preferimos o prefixo "para" (para = à margem) ao prefixo "supra" (supra = por cima). Supranormal, com efeito, sugere mais ou menos reflexa ou inconscientemente, uma relação ao sobrenatural, que escapa do plano em que diretamente se move a Parapsicologia.

Os fenômenos chamados paranormais são, ao menos geralmente, "espontâneos", irreproduzíveis à vontade... E êste aspecto está também incluído no têrmo "paranormal". Os fenômenos paranormais, porém, apesar de não serem reproduzíveis à vontade, de serem "espontâneos", podem ser matemàticamente comprováveis.

Notemos também que o aspecto de "espontaneidade ou incontrolabilidade" incluída no conceito de paranormal, ou o aspecto de estranheza, de inexplicável e nôvo para a ciência "tradicional", não são próprios de todos os fenômenos que estuda a Parapsicologia. Por isso devemos acrescentar o têrmo "de aparência" ou "à primeira vista" paranormal [1].

---

1 — O "Comité belge pour l'investigation scientifique des phénomènes *réputés paranormaux*" defende esta expressão acertadamente, por exemplo em "Revue Metapsychique", 1953, págs. 24, 56.

Nossa definição

Propomos uma definição a título de orientação.

> *A Parapsicologia é a ciência que tem por objeto a constatação e análise dos fenômenos à primeira vista inexplicáveis, mas possìvelmente resultado de faculdades humanas.*

Alguns esclarecimentos: usamos o nome *"ciência"* e não o têrmo "disciplina" ou algum equivalente. A Parapsicologia é ciência em qualquer sentido em que tomemos a palavra. Assim, é *experimental* em muitos aspectos, e nesse sentido se equipara à Física ou à Biologia. É *rigorosa* em suas argumentações, e nesse sentido coincide com a Filosofia.

Mas alguns afirmam que só seria ciência se em todos os fenômenos estudados fôsse experimental e tôdas suas experiências pudessem ser repetidas com êxito igual em iguais circunstâncias. Só se tomássemos o conceito de ciência neste sentido tão restrito e inexato à que a Parapsicologia não seria ciência...

"À primeira vista inexplicável": esta inexplicabilidade aparente dos fenômenos pode ser devida à sua estranheza, que os faz distar do nosso comum julgamento, ou à sua aparente contradição aos pressupostos científicos fundamentados ou comumente aceitos.

"Possìvelmente resultado": não afirmamos que, de fato, sempre derivem das faculdades humanas, nem que seja obrigatória a constatação prévia de que derivam delas.

"Faculdades humanas": em todos êsses fenômenos há um homem, mesmo que seja considerado bruxo, feiticeiro, médium, endemoninhado ou santo... Ou, ao menos, há uma testemunha, como, por exemplo, uma adolescente numa "casa assombrada". Sempre intervém o homem quando menos para comprovar ou testemunhar. Há, pois, a possibilidade (como notamos no item anterior) de que o fenômeno se deva ao homem, a fôrças "ocultas" (talvez de atuação à distância) do homem.

Não ignoramos que a Parapsicologia também estuda e tem feito experiências com animais e com plantas. Mas, ao menos por enquanto, a maioria dos estudos que se fizeram com animais e plantas foram para fazer luz sôbre fenômenos do homem. Robert AMADOU, depois de ter incorporado implìcitamente na sua definição a "Parapsicologia animal", acrescenta numa nota: "Nosso estudo, não obstante, será consagrado exclusivamente à "Parapsicologia humana" [2]. É sintomático.

Contudo, se quisermos incluir os animais e plantas nas suas manifestações "misteriosas" como objeto da Parapsicologia, no fim da nossa definição podemos substituir o têrmo "humanas" pela expressão *"dos sêres vivos dêste mundo"*.

Sublinhamos a expressão *"dêste mundo"*, que na nossa definição está implícita no têrmo "humanas". A êste respeito escreve com muito acêrto AMADOU: A expressão "dêste mundo", "repousa por inteiro numa hipótese que bem se pode chamar a teoria geral da Parapsicologia. Parece fora de dúvida que a hipótese de base da Parapsicologia é de que estas fôrças estão em relação com o espírito humano (dêste mundo, não dos "desencarnados"!). Se algum estágio posterior da investigação requeresse outro investigador, o metafísico, a apreciação da conclusão dêste último não seria do campo do parapsicólogo como tal" [3]. O parêntese é nosso.

Ciências limítrofes

Como se vê, a Parapsicologia tem muitos pontos de contato com outras ciências. Como autêntica ciência, não só não contradiz outros ramos do saber, mas os pressupõe, dêles se serve e com êles colabora.

Concretizarei num só exemplo: suponhamos uma cura extraordinária, inexplicável ao menos à primeira vista. Vários ramos da ciência, não apenas a Parapsicologia, estão interessados no assunto. Deve o médico, em primeiro lugar,

2 — AMADOU, Robert: "La Parapsychologie", Paris, Denöel, 1954, pág. 45. Há tradução espanhola: "La Parapsicología", Buenos Aires, Paidós, 1957.

3 — AMADOU, Robert: o. c., pág. 31.

ver se a cura pode se explicar simplesmente com os dados da Medicina. Se assim fôr, nem o teólogo, nem o metafísico, nem o parapsicólogo devem intervir.

Mas suponhamos que a Medicina "fica sem resposta" ante semelhante cura. Há que atribuí-la já, sem mais pesquisa, ao demônio, aos espíritos "desencarnados", a Deus...? Não. Desde o momento em que aparece como surpreendente, à primeira vista inexplicável, segundo o critério da Medicina e afins, a cura passa para o terreno do parapsicólogo.

Missão é do parapsicólogo investigar exaustivamente com sistemas próprios, tratando de descobrir qualquer dado que o possa pôr na pista de uma explicação das chamadas em Parapsicologia "extraordinário-normais". Ao mínimo indício, se preciso, pedirá a colaboração do especialista em Psiquiatria, Psicologia, Fisiologia, Física, etc., inclusive Ilusionismo segundo demandar o caso. O parapsicólogo ideal seria o especialista em todas essas matérias, simultâneamente. Nas sociedades de investigação parapsicológica há membros especialistas nos diversos campos, cuja finalidade é assessorar naquilo que possa ter relação com a sua especialidade.

Em muitos casos a investigação deverá aprofundar-se mais no campo da Parapsicologia, tratando de se descobrir qualquer explicação paranormal.

Só quando, além da explicação ordinária, fique excluída tôda possibilidade de explicação extraordinária e paranormal, só então é que o parapsicólogo deverá deixar o caso ao teólogo, filósofo...

4 Classificação

OS GRANDES GRUPOS DA FENOMENOLOGIA

OS fenômenos que estuda a Parapsicologia requerem uma dupla divisão:

1.º	a)	Fenômenos extraordinário-normais.
	b)	Fenômenos paranormais.
	c)	Fenômenos sobrenaturais.

Fenômenos *"extraordinário-normais"* (se é que se podem juntar estas duas palavras como já o fêz RICHET), são fenômenos "misteriosos", mas que, na realidade, não excedem o poder das faculdades e sentidos conhecidos pela ciência tradicional, embora em funcionamento extraordinário, ou manifestações extraordinárias, à primeira vista inexplicáveis.

Fenômenos *"paranormais"* são aquêles que se devem a faculdade desconhecida pela ciência tradicional, e recentemente descobertas ou estudadas pela Parapsicologia. Faculdades que tradicionalmente foram desconhecidas pela ciência. Alguma coisa nova.

Por fim, a Parapsicologia estuda os fenômenos possìvelmente *"sobrenaturais"* ou "transcendentes", até ver se, segundo a Parapsicologia, tais fenômenos não têm explicação satisfatória. Só então abandonaria a Parapsicologia

o estudo dêstes fenômenos, deixando ao especialista em Mística, em Teologia, etc., que, com os seus meios próprios, veria se de fato, tais fenômenos são ou não devidos às fôrças extraterrenas.

Numa segunda divisão mais ou menos bem delimitada e que se entrosa com a anterior, os fenômenos parapsicológicos podem ser:

2.º	a)	De efeitos psíquicos (telepatia, precognição...).
	b)	De efeitos físicos, ou de influxo do psiquismo sôbre a matéria (assombrações, levitações...).
	c)	De efeitos mistos ou psicofísicos (curandeirismo, feitiço, faquirismo...).

Neste volume só estudaremos os fenômenos de efeitos psíquicos de conhecimento, tanto extraordinário-normais como paranormais.

1.ª PARTE

Fenômenos "Extraordinário-Normais" de Conhecimento

5

Hiperestesia direta

ACUIDADE DOS NOSSOS SENTIDOS

Assombrosa acuidade que podem alcançar as nossas sensações. — Esperança para as pessoas que perderam algum órgão dos sentidos. — Os cegos podem ver sem olhos.

É INEGÁVEL que alguns radiestesistas, cartomantes, adivinhos, médiuns, etc., e mesmo pessoas comuns, obtêm êxito no conhecimento de "coisas ocultas". Pomos de parte agora os truques, as casualidades, sugestões...; só tratamos das "adivinhações" autênticas.

Todos êstes prodígios de "aparência paranormal" chegam, de fato, a ser paranormais, extra-sensoriais, devido a uma faculdade capaz de conhecer sem o auxílio dos sentidos?

A percepção hiperestésica

Hiperestesia (de hiper = sôbre; estesia = sensação) significa exaltação da sensação. Hiperestésico é quem capta e pode manifestar estímulos mínimos. As pessoas que manifestam com alguma freqüência êste fenômeno e por extensão outros fenômenos extraordinário-normais, são chamados "sensitivos" (reservando-se o nome de "metagnomos" para os que manifestam fenômenos paranormais).

A hiperestesia em certos animais

Se olharmos para certos animais ficaremos pasmados com a sensibilidade, hipersensibilidade, que podem ter seus sentidos fundamentalmente iguais aos nossos.

> As borboletas machos da espécie "Arestias selene" são atraídas pela fêmea, na época do cio, até à distância de 11 kms.
>
> Um cachorro de caça se guia por uma admirável hiperestesia do olfato sôbre o mínimo cheiro de que fica impregnado o chão pisado há uma hora ou mais por lebre que passou por lá.

A sensibilidade dos sentidos de certos animais serve para alertar-nos e obrigar-nos a admitir a possibilidade da hiperestesia no homem, ao menos de uma hiperestesia inconsciente.

Hiperestesia em sujeitos normais

De algum modo, todos somos hiperestésicos, isto é, todos somos capazes de captar com os sentidos estímulos mínimos. Às vêzes êstes estímulos são tão pequenos que o consciente não tem modo de reagir e cair na conta da percepção hiperestésica inconsciente. São sensações inconscientes.

O doutor Hereward CARRINGTON descreve uma experiência interessante a respeito de algumas destas sensações inconscientes (no caso, subconscientes).

> Introduzida uma pessoa numa sala na qual nunca tenha estado, damos-lhe sòmente uns quatro ou cinco segundos para que observe tudo, o mais que puder. Após sair da sala, poderá dar conta de uns 10 ou 15 objetos. Mas se a hipnotizarmos em seguida para aproveitar as sensações que de fato teve e das quais não se deu conta conscientemente, observaremos que poderá enumerar, sob o efeito da hipnose que faz surgir certas sensações inconscientes, mais uns 40 ou 50 objetos que estavam na sala e dos quais só inconscientemente tivera conhecimento [1].

1 — CARRINGTON, Hereward: "A primer of psychical Reserch", London, 1932, pág. 28.

O descobrimento das sensações inconscientes não é coisa recente. Já em 1846, GERDI avisava "que era necessário habituar-se a compreender que pode haver sensações sem percepção (consciente) da sensação" [2]. Muitos anos antes, o talento de PLATÃO ensinava a mesma tese, embora com linguagem um pouco metafórica. Escreve, com efeito, o famoso filósofo grego no "Philon": "Deves supor que dentre as impressões que recebe nosso corpo a todo o instante, algumas se detêm no corpo antes de penetrar até o espírito, ao qual deixam indene (conscientemente), mas outras atravessam um e outro e produzem uma espécie de vibração, da qual uma parte é particular de cada um dêles, e a outra comum aos dois". É, como se vê, a distinção entre percepção consciente, de um lado, e hiperestesia inconsciente, por outro.

Outro tipo de sensações inconscientes (no caso, preconscientes) são aquelas que não percebemos por fôrça da inibição e concentração, mas que poderíamos apreender em qualquer momento se assim o quiséssemos. Por exemplo, ao ler estas linhas só nos damos conta das idéias nelas expressas, mas ao mesmo tempo os nossos sentidos estavam sendo impressionados por barulhos que nos chegavam da rua, pelo contato do corpo na cadeira, na mesa e no chão, pela umidade ambiental, pelo ritmo da respiração e trajeto do ar pelas vias respiratórias, pelo frio ou pelo calor que nos circundam... Destas sensações o consciente pode dar-se conta se assim o desejamos [3].

Tôdas estas sensações, tão pequenas que o consciente não percebe habitualmente, são tipos do que chamamos hiperestesia.

Precisamente porque o consciente não capta, direta ou normalmente, tais sensações, é difícil determinar o número

2 — Citado por GRASSET, J.: "L'Occultisme hier et aujourd'hui. Le Merveilleux préscientifique". 2.ª ed. (1.ª ed.: Paris, Messon, 1907), Montpellier, Coulet, 1908, pág. 128.

3 — Chamamos inconsciente a tudo aquilo que FREUD chamava igualmente. Se não declaramos expressamente o contrário em algum caso particular, no conceito de inconsciente, incluiremos durante todo o livro o preconsciente, o subconsciente, o transconsciente, o supraconsciente, o inconsciente coletivo, profundo, etc. Portanto, tudo aquilo que não é consciente, nós neste livro chamamos inconsciente.

e qualidade delas. Existem, porém, e são, entre outras coisas, o fundamento da tão discutida "propaganda subliminar".

> Na fita cinematográfica por exemplo, grava-se num só fotograma e em segundo plano, suavemente, a palavra "sangue". Num outro fotograma, e também pouco nítido, uma caveira. Quando a fita fôr projetada, numa cena de horror, ninguém poderá dar-se conta nem da palavra "sangue" nem da caveira. A ínfima sensação, porém, *pode ser* captada inconscientemente e, surgindo à tona, a impressão tétrica do filme é, ou *pode ser,* acentuada.

Também o consciente pode chegar, pelo treino, por exemplo, a graus fantásticos de hiperestesia. Os marinheiros chegam a enxergar objetos a distâncias muito superiores às que atingem pessoas dedicadas a outras profissões. Os pintores chegam a distinguir matizes nas côres completamente indiferenciáveis para o comum dos homens. Certos selvagens possuem, pelo exercício, um ouvido que supera a sensibilidade do mais sensível microfone, e um olfato que lembra o dos cachorros de caça. Os cegos e os surdos-mudos, freqüentemente apresentam algum sentido notàvelmente hiperestésico, por serem obrigados a "atender" suas sensações, a fazer conscientes as sensações que noutras pessoas ficam inconscientes. Assim, muitos surdos-mudos podem chegar a entender a linguagem falada só pelo movimento dos lábios do interlocutor, e quanto seja isto difícil se compreenderá desligando o alto-falante da televisão enquanto se deixa ligada a imagem.

É o exercício que lhes permitiu a manifestação da hiperestesia. Se o podem manifestar, sinal é de que a capacidade estava aí; o homem possui uma grande capacidade de sensação. Isto é que nos interessa destacar.

O problema da "visão" dos cegos de nascença

Como em outros problemas, foram as experiências com animais as que orientaram os investigadores para encontrar a verdadeira solução da "visão" nos cegos. Falaremos mais adiante do célebre cavalo Barto, um dos cavalos de Elberfeld, velho e cego. Não obstante sua cegueira, hoje é sabido que captava os movimentos aparentemente imperceptíveis dos assistentes.

Já há muito tempo que Rafael DUBOIS tratou longamente dos animais que "vêem sem olhos".

O grande naturalista SPALANZANI chamava a atenção dos especialistas para que estudassem o escaravelho.

> Dezenas de vêzes SPALANZANI repetiu a experiência de cortar a cabeça de um escaravelho, e, não obstante, o escaravelho continuava a andar e evitava os obstáculos.

Êstes fatos, evidentemente, devem ser ligados com o que acontece a alguns homens cegos, especialmente cegos de nascença.

> DIDEROT afirma que há cegos que, entrando pela primeira vez numa casa desconhecida, se desviam dos móveis com tal precisão que dão a impressão de que vêem.
>
> DUCAMP conta maravilhado o que presenciou no Instituto de crianças cegas de Paris. Várias crianças cegas daquele Instituto brincam e correm em vários jogos ao ar livre sem se chocarem. ZABAL interrogou os diretores do Instituto à procura de uma explicação, embora não obtivesse mais de que a confirmação do fato: são cegos absolutamente, não obstante evitam os obstáculos.
>
> Pessoalmente, tenho referências de um cego que gosta de "ver" televisão, e de vários cegos de um Instituto especializado na Itália que costumam subir ao terraço para "verem" entrar os barcos na baía.

Experiências semelhantes se repetem com relativa freqüência [4].

Como explicar tudo isto? Falou-se do eco, como no caso dos morcegos, de radar, até de telepatia ou de percepção extra-sensorial.

Ora, que exista no homem uma emissão de sons para provocar o eco como os morcegos e, mais ainda, uma emissão de raios "antropoflúxicos" para imitar o radar, são teorias bonitas, mas totalmente desprovidas de fundamento. Não se devem explicar fatos difíceis por teorias ainda mais difíceis. Acudir à telepatia, ou qualquer outro fenômeno paranormal, é muito cômodo, mas o fenômeno paranormal só se deve

4 — Ver, por exemplo, "Enciclopedia Ilustrada Europeo-americana", Madri-Barcelona, Espasa-Calpe, artigo "Telepatía", pág. 578.

admitir nos casos em que qualquer outra explicação normal ou extraordinário-normal seja impossível ou muito pouco lógica. E se os fatos podem repetir-se com regularidade e precisão contínua em determinadas pessoas, como sucede nos fenômenos que estamos analisando, então o recurso ao paranormal deve ser excluído.

A explicação é a hiperestesia. No caso do escaravelho, por exemplo, todos sabem que o escaravelho tem o centro motor e sensitivo no tórax, não na cabeça. O escaravelho pode, pois, perfeitamente, continuar a mover-se e a sentir sem cabeça. Os raios de luz solar refletem sôbre os objetos e reincidem sôbre o escaravelho, que, hiperestèsicamente, com os nervos "a descoberto", os sente. Não é visão ocular ou retiniana, pois não tem olhos. O animal sente o contato dos raios luminosos, ou o eco de suas próprias pisadas, calor, ondulação do ar provocada pelo movimento, ou ondulação do ar ao chocar com o objeto, etc...

O mesmo ou parecido devemos dizer do célebre cavalo Barto, cego. Hiperestèsicamente sentia as ondulações do ar, os reflexos de luz causados pelos movimentos dos assistentes, ouvia as palavras inconscientemente, tenuìssimamente pronunciadas com o movimento das cordas vocais com lábios fechados, etc. Ao longo dêste capítulo ir-se-á compreendendo melhor a explicação.

A hiperestesia em certos histéricos

Em certas doenças psicossomáticas observa-se, como sintoma ordinário, algum tipo de hiperestesia patológica consciente, bem conhecida pelos médicos e psiquiatras. Dizemos que é *consciente* porque a hiperestesia inconsciente consideramos comum a todos os homens, em maior ou menor grau.

Nos histéricos, por exemplo, pode-se dar, entre outros disturbios do ouvido, certa hiperacusia (hiperestesia auditiva), geralmente unilateral, de modo que ouvem pequenos ruídos a grandes distâncias; ou grande intolerância para certos odôres ou sabores (hiperestesia olfativa e gustativa), de modo que pode bastar uma só gôta de alguma substância misturada na sopa para torná-la intolerável. Hiperestesia visual pode ser observada em muitos neurópatas, vendo pequenos objetos distantes como se usassem binóculos. Hi-

peralgesia (hiperestesia à dor ou hiperestesia tátil), de modo que um pequeno estímulo cause forte dor, é freqüente nos neurastênicos, como também nos histéricos, geralmente muito localizada, dificilmente geral.

É hiperestesia que fàcilmente se manifesta no breve tempo de uma crise. Se em tão pouco tempo pode manifestar-se no consciente, é sinal de que a faculdade aí está. Inconscientemente pode ser de atuação mais freqüente.

Uma das experiências preferidas por CHARCOT, fundador, como se sabe, da escola de hipnotismo de Salpetrière, era a seguinte:

> Escolhia entre os doentes do hospital alguns histéricos. Primeiramente, punha-os em estado hipnótico de sonambulismo, e neste estado lhes mostrava um papel em branco sugerindo-lhes que lá havia uma fotografia. Feito isto, misturava o papel com uma dúzia de outros papéis também todos em branco e perfeitamente iguais. Escolhia de propósito papéis nos quais à primeira vista fôsse impossível descobrir alguma marca que os diferenciasse.
>
> Antes de acordar os pacientes sugeria-lhes que uma vez acordados continuariam a ver o retrato no papel. E os acordava. Apresentavam-se então todos os papéis a cada paciente. Êste ia passando-os sem saber para que, só porque lhe mandavam. De repente, e precisamente ao chegar ao papel em que deveria estar o imaginário retrato sugerido, o paciente se detinha com surprêsa por ver que um dos papéis era uma fotografia. Pelo lugar que tinha sido colocado o papel em questão, CHARCOT comprovava o êxito da experiência.

Disso deve deduzir-se que houve hiperestesia, como bem analisa BINET [4 bis]. Evidentemente o que o mesmo CHARCOT pretendia demonstrar. Apesar de os papéis parecerem inteiramente iguais, na realidade não o podiam ser.

O paciente tinha percebido por hiperestesia algum sinal característico e assim pôde diferenciar o papel. Note-se que

---

4 bis — BINET, A., e FÉRÉ, C.: "Le magnétisme animal", Paris, Alcan, 1887, pág. 166.

os experimentadores que soubessem o lugar que ocupava o papel em questão, na maioria das experiências estavam ausentes para não guiar êles mesmos com gestos involuntários a pessoa histérica.

Que se tratava de hiperestesia e não de telepatia ou algum outro fenômeno extra-sensorial, paranormal, pode-se confirmar, como o fêz o Dr. BERNHEIM, da escola de hipnotismo de NANCY, utilizando sujeitos menos sensíveis:

> BERNHEIM repetiu a experiência de CHARCOT em vários sujeitos. Entre êles, por exemplo, uma empregada doméstica de dezoito a vinte anos, convalescente no Hospital. Acordada da hipnose reconheceu imediatamente o papel em questão, vendo seu retrato. Um exame minucioso do papel mostrou a presença de alguns sinais ou defeitos, muito pequenos, que poderiam ter servido de orientação. Para comprovar esta suspeita, BERNHEIM resolveu fazer sinais semelhantes nos outros papéis. Não obstante, a sonâmbula continuou a distinguir "seu" papel. BERNHEIM mandou fazer então, exatamente, conscienciosamente, idênticos sinais em todos os papéis. Desta vez a sonâmbula desorientou-se repetidas vêzes.
>
> Ainda BERNHEIM fêz outro tipo de experiência que nos interessa aqui. "Um dos meus sonâmbulos imitava os meus movimentos sem os ver, quando me colocava atrás dêle para executá-los. Quando eu fazia movimentos de rotação com os braços, punha-se também algum tempo depois a agitá-los, embora sem conseguir imitação perfeita do movimento que eu executava... Em breve convencemo-nos de que o sonâmbulo ouvia o barulho dos nossos braços e dos nossos pés e que a idéia do movimento a ser executado era-lhe transmitida ao cérebro pelo ouvido, pois bastava executar o movimento sem qualquer ruído, isto é, sem tocar a roupa, para que êle ficasse imóvel."

BERNHEIM, analisando profundamente as experiências que realizou, chegou à conclusão de que não havia exaltação pròpriamente dita, aumento da acuidade dos sentidos, mas apenas da atenção, concentrando-a num ponto determinado. Não é aumento da hiperestesia mas só manifestação, no consciente, da hiperestesia de que

êstes indivíduos eram capazes (na medida em que pode se falar de consciente nos indivíduos hipnotizados) [5].

Hiperestesia na hipnose

Note-se que nas experiências que acabamos de citar, embora no comêço se usasse o hipnotismo para dar as sugestões, o reconhecimento do papel se fazia estando acordado o paciente. Por conseguinte, mesmo no estado de vigília, existe ou pode existir uma hiperestesia assombrosa no homem.

Com hipnotizados especialmente sensitivos (assim se chamam, repetimos, as pessoas que manifestam a hiperestesia), é mais fácil experimentar a que graus de hiperestesia pode chegar o homem em certas circunstâncias. Com efeito, a manifestação da acuidade dos sentidos chega a limites insuspeitados.

Não só com os olhos semi-fechados mas inclusive com os olhos completamente cerrados, alguns hipnotizados sentem os raios luminosos com tal nitidez, que conseguem ver (visão autêntica) até objetos sumamente distantes, impossíveis de serem percebidos (conscientemente) por outra qualquer pessoa, em estado normal e com os olhos abertos.

---

5 — De fato, a inibição com respeito ao que se passa ao redor, ajuda à percepção (consciente) de sinais mínimos. Mas as experiências e a conclusão de BERNHEIM parece-nos que devem ser completadas ou explicadas. Em primeiro lugar a concentração explicaria os êxitos dos sujeitos em questão e de outros não muito bons sensitivos. Mas daí não se pode deduzir que melhores sensitivos não poderiam acertar onde fracassaram os sujeitos experimentados por BERNHEIM. Temos outras muitas experiências e casos espontâneos, como iremos vendo, que mostram que a hiperestesia não tem limites tão estreitos. Por outra parte, a concentração (e inibição) explica os casos de hiperestesia *consciente,* mostrando que de fato não há aumento da sensibilidade em si mesma mas simples aumento da manifestação no consciente da capacidade de sensação. Penso que a inibição consciente não afete a hiperestesia *inconsciente*: veremos, com efeito, que inclusive quando o consciente atende fortemente a outra coisa, o inconsciente capta mínimos estímulos: é realmente hiperestésico até limites insuspeitados.

Numa palavra, a concentração (e inibição conseqüente), fariam com que o consciente perceba mais, não se referindo ao inconsciente, que sempre seria hiperestésico.

A Academia de Ciências de Paris nomeou uma Comissão para o estudo de alguns fenômenos do então nascente "magnetismo" ou hipnotismo. A Comissão, científica e séria, após cinco anos de estudos, concluía na proposição 24:

> "Vimos dois sonâmbulos distinguir, de olhos fechados, objetos colocados diante dêles, designar a côr e o valor de cartas de baralho sem mexer nelas, ler palavras escritas à mão ou algumas linhas de livros que lhes eram abertos ao acaso. E êstes fenômenos se davam, mesmo quando, com os dedos, se lhes fechavam rigorosamente as pálpebras." [6]

Já BRAID, para citar um exemplo dos pioneiros da hipnose, relata o caso de um paciente que não possuía bom ouvido, mas, sugestionado, percebia o que se lhe dizia em cochichos, estando de costas e a mais de cinco metros de distância. Quem normalmente não ouvia o tique-taque de um relógio senão à distância máxima de um metro, ouvia-o nitidamente, em hipnose, a dez metros de distância [7].

O Dr. BREMANT observou um hipnotizado em estado de sonambulismo que, do gabinete médico, seguia perfeitamente, através dos vidros da janela, um diálogo mantido em voz baixa no outro extremo da rua [8].

Certos hipnotizados queixam-se quando uma agulha é aproximada a uns 20 cm. dêles. Por isso, acreditaram alguns investigadores que a sensibilidade saía do corpo formando uma capa ao redor. Assim, por exemplo, o Dr. BOIRAC [9],

6 — A Academia rejeitou aprioristicamente tôdas as conclusões da Comissão. Surpreendida pelo que lhe parecia impossível, apesar de não tê-lo observado, recusou-se a publicar as conclusões de cinco anos de sério e científico trabalho da Comissão. Nem sequer quis discuti-las, motivo porque permaneceram como autógrafo. Hoje, porém, devem ser incorporadas à ciência.

7 — BRAID, James: "Neurypnology, or the Rational Nervous Sleeps", Londres e Hedimburgo, 1843. Tradução francesa de SIMON, Jules: "Neurypnologie. Traité du sommeil nerveux on Hypnotisme", 1883, tradução que leva um "apêndice" com o resumo dos trabalhos de BRAID aparecidos até 1860 (ano de sua morte) e com um prefácio de BROWN-SEQUARD. O mesmo livro, pràticamente, é: WAITE, A. E.: "Braid on Hypnotisme", London, George Redway, 1899.

8 — Citado por CASTELLAN, Yvone: "La Metapsíquica", Buenos Aires, Paidós, 1960, pág. 95.

9 — BOIRAC, Émile: "La Psychologie inconnue", Paris, Alcan, 1912 (3.a ed., 1908), págs. 252, 264, 271.

que repetiu com algumas modificações experiências anteriores do Cel. De ROCHAS [10]. Na realidade, nada há que prove essa exteriorização da sensibilidade. Não suspeitaram aquêles cientistas que, com só movimentar uma agulha e aproximá-la a dez ou vinte centímetros do corpo, o hipnotizado fôsse capaz de notá-lo no próprio corpo pela ondulação do ar, pelo barulho imperceptível do movimento... Outros, segundo BRAID, chegavam a mais, pois podiam sentir o movimento da mão a quinze metros de distância.

Insistimos: se na hipnose pela fôrça da sugestão é possível *manifestar* tanta hiperestesia, é sinal de que a hiperestesia aí está, sinal de que os nossos sentidos, ao menos inconscientemente, são sumamente agudos.

Mais do que sensibilidade, a hiperestesia parece, às vêzes, uma exacerbação alérgica, exagerada, da sensibilidade. Não só se percebe, mas "se aumenta", parece, a influência do objeto. É como se todo o corpo estivesse em carne viva e muito excitável; não pode ser tocado, nem com suavidade, sem dor. Em definitivo, isto mostra-nos como as terminações nervosas são sensíveis e excitáveis ao máximo por estímulos mínimos, e como inconscientemente podemos "exagerar", como caixas de ressonância, os estímulos.

> O Dr. AZAM [11] colocava a mão à distância de quarenta centímetros do dorso descoberto duma hipnotizada. Esta não só sentia o calor da mão mas até se curvava para diante, queixando-se de grande calor. O contrário sucedia por causa do frio quando um pedaço de gêlo era pôsto à boa distância: o pouco frio que podia chegar até ela impressionava-a tanto que tremia todo o corpo e mostrava a clássica reação "carne de galinha" (pele hanserina).

Seria interessante poder delimitar até onde chega ou pode chegar a hiperestesia do homem; isto, no entanto, parece-nos impossível. Acreditamos que os sentidos podem ser impressionados, ao menos inconscientemente, pelos menores estímulos. A bússola é um delicado instrumento. Pois bem: o corpo humano sente também o magnetismo terrestre,

10 — ROCHAS, Albert de: "L'exteriorisation de la sensibilité", Paris, Chamanuel, 1894 (houve edição posterior em 1909).

11 — AZAM, E.: "L'Hypnotisme et le dé doublement de la personnalité", Paris, Baillière, 1887; Paris, Alcan, 1892.

ao menos inconscientemente. Sensitivos excepcionais até conscientemente podem sentir a influência magnética. Os sensitivos observados por REICHENBACH reagiam violentamente em presença de ímãs, tanto mais violentamente quanto mais potente fôsse o ímã. Não podiam dormir senão no sentido do meridiano magnético, cabeça ao norte. Noutra posição experimentavam uma sensação de inquietação e mal-estar físico. Em plena escuridão percebiam certos objetos pela "aura" luminosa que desprendiam, por exemplo, os cristais e os ímãs [12].

Aliás, os drs. FRIEDMAN e BACHMAN, dos E.U.A., após uma série de observações e experiências, qualificaram a certos sensitivos como sendo "bússolas humanas". Numerosas observações realizadas com os primitivos de Austrália Central confirmaram o fato, segundo depoimentos apresentados no último Congresso Internacional de Biomagnetismo.

Muitos dos tipos de experiências anteriormente descritas e outras semelhantes podem ver-se nos bons tratados de hipnotismo como coisa relativamente freqüente.

A chamada visão para-óptica

Os conhecimentos obtidos por hiperestesia podem ser tão nítidos que alguns autores chamaram a este fenômeno "visão para-óptica, hiperóptica ou cutânea".

> Paul JAGOT encontrou (melhor dito, encontraram seus discípulos e o levaram ao mestre) um sujeito que, hipnotizado, lia perfeitamente as horas num relógio colocado sôbre a sua cabeça. Não se tratava de sinais inconscientemente dados pelos investigadores, pois êstes trocavam os ponteiros do relógio por trás do sonâmbulo, e só o observavam depois do sonâmbulo ter dito a hora marcada [13].
>
> O professor LOMBROSO encontrou uma histérica que, em ataques sonambúlicos de hipnotismo espontâneo, perdia completamente a visão pelos olhos, vendo entretanto quase com o mesmo grau de acuidade pelo lóbulo da orelha esquerda. Não só distinguia as côres, senão também os caracteres duma carta chegada havia pouco. Mais ainda, se o experimentador concentrasse, com uma lente, alguns raios de luz sôbre o lóbulo da orelha esquerda, ressentia-se ela vivamente e gritava, sacudia e cobria com o braço a orelha como faria com os olhos se êstes fôssem feridos com uma luz intensa demais. (Igual transposição dava-se com o olfato. A amônia e a assafétida aplicadas ao nariz não davam reação alguma. Aplicadas ao queixo faziam espirrar e obrigavam à doente a afastar a cabeça em sinal de náusea e desagrado) [14].
>
> Foi famosa a menina Giselle COURT. Os esposos DUPORT, camponeses da Gironda, na França, retiraram-na da assistência pública quando ainda tinha três anos. Após uma perturbação nervosa, a pequena ficara cega. Pouco a pouco, com o exercício e a vontade de vencer, foi hiperestesiando as extremidades dos dedos até conseguir distinguir as côres com só aproximar e deter os dedos sôbre elas [15].

12 — REICHENBACH, Karl von, tradução de LACOSTE, Ernest, prefácio de ROCHAS, Albert de: "Les phénomènes odiques ou recherches physiques et psycologiques sur les dynamides du magnétisme, de l'électricité de la chaleur, de le lumiére, de la cristalisation et de l'affinité chimique considérés dans leurs rapports avec la force vitale", Paris, 1904. Há também tradução inglêsa, com prefácio e notas de ASABURNER, John M. O.: "Physico-physiological Researches...", Londres, 1851. Do mesmo autor, sôbre êstes temas, podem-se consultar, tradução de CAGNET: "Lettres odiques-magnetiques", Paris, Baillière, 1856; "Les phénomènes odiques", Paris, Flammarion, 1907; "Der Sensitive Mensch und Sein Verhalten zun Od", Stutgart, Cotta 1855.

13 — JAGOT Paul Clément: "Méthode moderne scientifique de Magnétisme, Hypnotisme, Suggestion", Paris, Ed. Dangles, s/d. Tradução port.: "Magnetismo, Hipnotismo e Sugestão", São Paulo, Mestre Jou, s. d. Trad. esp.: "Magnetismo, Hipnotismo, Sugestión", Barcelona, Ed. y Publ. Iberia, s. d. (1956).

14 — LOMBROSO, Cesare: "Ricerce sui fenomeni ipnotici e spiritici", Turim, 1909. Nós utilizamos a tradução francesa de ROSSIGNIEUX: "Hypnotisme et spiritisme", Paris, Flammarion, 1922.

15 — OLIVEIRA, Martins: "Magia do Hipnotismo", 2.a ed., Pôrto, Progredior, 1959, pág. 58.

Visão para-óptica em vigília

Mesmo em pessoas em estado normal, realizam-se êstes fenômenos de aparente transposição de sentidos. Expressando-nos com mais perfeição: possìvelmente êstes fenômenos chamados de transposição de sentidos (na realidade hiperestesia) dão-se em tôdas as pessoas, ao menos inconscientemente. Há, porém, algumas pessoas nas quais o cap-

tado inconscientemente, aflora ao consciente. São os chamados "sensitivos", como já dissemos [16].

O cronista científico Jean LABADIE, por exemplo, descreve dois casos extraordinários e muito bem comprovados por êle mesmo, da chamada "transposição de sentidos" ou "visão para-óptica" (um tipo de hiperestesia), em pessoas normais.

O primeiro sujeito observado era uma senhora da melhor sociedade de Paris. Além de Jean LABADIE, mais seis pessoas fiscalizaram a experiência.

> Colocaram uma primeira faixa horizontal de tafetá sôbre as fendas das pálpebras fechadas e sobrepuseram a seguir uma faixa vertical. Uma terceira, muito larga, foi posta ainda sôbre ambas e uma grande porção de algodão em rama aplicada depois a tôda a superfície dos globos oculares. Finalmente, uma venda preta e opaca completou a rigorosa obturação.
>
> Não obstante, a senhora identificou, após alguns momentos de observação, tudo aquilo que lhe foi apresentado: desenhos, letras, algarismos, objetos...

Numa outra série de experiências, para evitar-se ainda mais a hipótese duma fraude inconsciente ou irresponsável (tão difícil de evitar nos sensitivos ou metagnomos), recorreu-se a um contrôle geométrico.

> De uma caixa em forma de paralelepípedo retangular, tirou-se a metade duma das paredes. O que ficou formou, pois, uma espécie de palco de teatro em pequeno tamanho com o pano descido até o meio. Colocou-se então no fundo da caixa uma carta de baralho e inverteu-se o aparelho, a fim de que, apresentado à senhora, fôsse a fronte, e não os olhos, a que pudesse "ver". Após uns segundos de exame a senhora identifica a carta. E assim uma e outra vez... Dir-se-ia que enxergava pela fronte.

16 — Os sensitivos, porém, podem ser pessoas comuns, normais, perfeitamente integradas na sociedade, embora sejam mais freqüentes os sensitivos entre os mais ou menos anormais.

Não obstante, essa normalidade é só com referência ao aspecto pejorativo da palavra anormal. Porque noutros aspectos sempre será possível encontrar nos sensitivos "normais" alguma falha ou lesão orgânica, algum desequilíbrio psíquico... Às vêzes pode bastar uma excessiva emotividade, cansaço habitual, etc.

É certo que fomentar e pretender desenvolver a "sensibilidade" (a hiperestesia ou qualquer fenômeno extraordinário-normal, como também paranormal) é muito perigoso. Ser sensitivo (ou metagnomo como se chamam as pessoas que manifestam freqüentes fenômenos paranormais) não é uma qualidade mas um defeito. Tanto mais notável defeito quanto mais freqüentes sejam os fenômenos manifestados.

Como resultado da publicação destas experiências, os investigadores receberam um dia uma carta postada em Nay (Baixos Pirineus). O senhor Raymont SIMONIN informava que três sobrinhas suas, de 11, 13 e 14 anos, apresentavam o mesmo fenômeno com uma regularidade pasmosa. Juntamente com a carta vinha um atestado científico publicado num jornal pelo Dr. SOUN, professor de Física no Liceu de Bordeaux.

Não obstante ter realizado o Dr. SOUN severamente as comprovações, Jean LABADIE trasladou-se ao local para comprovar o fenômeno por si mesmo.

Fêz-se acompanhar por um operador cinematográfico para filmar tôda a prova e assim poder depois analisar, comprovar, evitar possíveis auto-sugestões...

Repetiram-se muitas vêzes as experiências. Não cabia dúvida da realidade do fenômeno [17].

Visão para-óptica ou DOP

Numerosas e muito rigorosas experiências sôbre a "visão para-óptica" estão sendo realizadas sob a direção do Dr. Gregory RAZRAN no Instituto de Neurologia de Moscou, especialmente com a sensitiva Rosa KULESHOVA, e sob a direção do Dr. Richard P. YOUTZ no Bernard College de New York, especialmente com a sensitiva Patricia STANLEY.

Tanto os especialistas russos como os norte-americanos, na sua maioria, consideram "nova" esta antiga descoberta e inventaram um nôvo nome: "dermo-optical perception" (DOP).

A novidade nestas experiências talvez seja ùnicamente constatar que podem se captar inclusive os raios infraver-

17 — OLIVEIRA, Martins, o. c., págs. 45 ss.

melhos. A importância da captação de raios *lumínicos* sôbre outros possíveis estímulos (calor...) foi comprovada com filtros, superposição de papéis transparentes amarelos e azuis com os quais se capta côr verde como na visão retiniana.

Mas isto não é novidade: na mesma Russia, o Dr. CHOWRIN, em 1894, comprovara o influxo das côres complementares nas experiências que estudaremos no capítulo 8.

A visão "dermo-óptica" observada em alguns sensitivos é tão perfeita e a tanta distância como a visão retiniana. Os investigadores russos calculam que há no homem 10 "foto-receptores" para cada 6 cm² de pele. Sem precisar a porcentagem, já em 1920 FARIGOULE afirmava que tínhamos "olhinhos" por todo o corpo [17 bis].

A captação não retiniana dos raios lumínicos é, pois, um tipo importante, mas não único, da hiperestesia humana.

PÉTÉTIN, BOIRAC, etc., contam casos de leitura pelo estômago.

> PÉTÉTIN deslizava uma a uma cartas de baralho escondidas na palma da mão por debaixo das cobertas da cama onde repousava uma doente. A senhora podia ler pelo epigástrio as cartas. Só após a "leitura" feita pela senhora, a carta em questão era mostrada às testemunhas [18].

E a propósito dêste caso de leitura pelo epigástrio, permita-se-me uma digressão. A importância do epigástrio deve ser destacada em Parapsicologia. A hiperestesia é especialmente freqüente nesta região do corpo. Tanto que já chamou, em épocas passadas, a atenção dos filósofos, mais do que outros tipos de hiperestesia. KANT e HEGEL, por exemplo, falam da "leitura pelo estômago". Sabe-se quantos pseudo-possessos acreditam ouvir vozes ou sentir o "demônio" ou o "espírito", etc., no estômago. Tem-se constatado freqüentemente a existência de lesões ou traumatismos me-

17 bis — FARIGOULE, L.: "La vision extrarétinienne et le sens paroptique", Paris, Nouvelle Revue, 1920. Sôbre as observações e experiências de hoje sôbre a visão "para-óptica" ou "dermo-óptica", no "Life International" de junho de 1964 se fêz uma resenha muito satisfatória.

18 — PÉTÉTIN, J. H. D.: "L'Eléctricité animale", Lyon, 1803.

dulares, antigos ou recentes nos sensitivos (ou metagnomos) o que pode ser significativo se levarmos em conta a especial relação epigástrio-medula espinhal. Os "magnetizadores" deram especial importância a esta região. Alguns místicos sentiram enorme calor no epigástrio durante ou após os êxtases. Os hindús em geral, e os yoguis em particular, consideram de capital importância o plexo solar ("chakra umbilical" ou "manipura chakra") como sede do "prana", i. é, a vitalidade ou faculdades normais, extraordinário-normais ou paranormais, usando nossa nomenclatura. Os pseudo-possessos do espiritismo, da demonologia, da bruxomania, freqüentemente afirmam, como vimos, que sentem o "intruso" na bôca do estômago e os que se crêem vítimas de feitiço, freqüentemente acrescentam que têm um "embrulho" no estômago. Por isso, tornou-se clássico que as pessoas que pretendiam fazer um pacto com o demônio ou com os espíritos, engolissem o papel do "contrato". As faculdades parapsicológicas "têm sua sede no epigástrio e no plexo solar" chegou a concluir GÖRRES em 1837 [19].

Outros tipos de hiperestesia

O que sucede com o sentido da visão (voltando ao tema), sucede com os outros sentidos, constituindo o para-ouvido, o para-olfato...

> PÉTÉTIN, por exemplo, descreve uma sonâmbula hipnótica que reconhecia pelas pontas dos dedos o sabor de várias substâncias: biscoitos, carneiro assado, carne de vaca cozida, pão de leite... Estudou e descreve casos de pessoas que não ouviam pelo ouvido mas faziam-no quando se lhes sussurrava palavras nas pontas dos dedos ou no epigástrio.

Mas basta o que dissemos a respeito da visão, não precisamos nos deter na hiperestesia de outros sentidos.

Os fenômenos de hiperestesia durante o sonambulismo hipnótico poder-nos-iam explicar certos casos de sonambulismo durante o sono natural. Regra geral, quando um

19 — GÖRRES: "Die Christliche Mystik", Regensburg, 1837. Nós citamos da ed. francesa, trad. por ST. FOI, Charles: "La mystique divine, naturelle et diabolique", Paris, 1854-1862, tomo III, pág. 347.

sonâmbulo caminha com os olhos fechados por lugares conhecidos, é porque a memória inconsciente guarda com todo o detalhe as distâncias, obstáculos, etc. Mas em certos casos, os sonâmbulos caminham com os olhos fechados por lugares desconhecidos e obscuros ou por lugares conhecidos mas evitando obstáculos *novos*. A explicação nestes casos não pode ser a memória, mas a hiperestesia da escassíssima reflexão luminosa, do reflexo sonoro, da reflexão do ar...

Muitos conhecimentos "extraordinários", "inspirações", "pressentimentos", etc., têm origem na hiperestesia.

Uma esperança para os cegos

Em Bangkok (Tailândia) uma equipe de cientistas sob a direção do dr. Rhun Vichit SUKHAKARN está tratando de controlar a chamada "visão para-óptica" para que os privados da vista possam ver sem empregar os olhos. Trata-se na realidade de aproveitar a hiperestesia.

O único avanço poderia ser o intento de sistematizar o exercício. O hipnotismo aumenta a concentração e a confiança, a fim de conseguir a manifestação da hiperestesia mais ràpidamente.

As experiências começaram quando um viajante expôs a um médico de Bangkok as teorias sôbre a hiperestesia que ouvira de um velho monge budista tailandês.

Em Bangkok procuram que se manifeste a DOP nas maçãs do rosto, com o que se dará a impressão de que de fato os cegos "vêem", porque voltam a cabeça para o objeto.

Mas, por enquanto, por própria confissão do Dr. SUKHAKARN "nossas experiências só conseguiram êxito com sujeitos muito jovens e aptos para a hipnose".

Somos capazes de perceber, por meio dos nossos sentidos (ao menos inconscientemente), estímulos mínimos e inclusive de "exagerá-los". Esta extraordinária capacidade de sensação chama-se, tècnicamente, "hiperestesia".

6 Emissão hiperestésica

EXPRESSÃO MÍMICA INCONSCIENTE DO PENSAMENTO

O corpo publica os segredos da alma. — Pensamos até com os pés. — Possível fundamento sensorial de muitas adivinhações do pensamento.

UMA pergunta se impõe pelo seu interêsse prático. Será que os sentidos podem captar o pensamento de outra pessoa? Diretamente, é claro que não, porque o pensamento *em si* é algo imaterial, que escapa aos sentidos. Mas, indiretamente, não poderá ser captado o pensamento? Esta pergunta, de enorme transcendência, pode substituir-se por esta outra: o pensamento humano se traduz em algum sinal fisiológico, externo, embora mínimo? Se assim fôr, logo aparece a possibilidade de que por hiperestesia se possa indiretamente captar o pensamento humano... Seria o que chamamos "hiperestesia indireta do pensamento".

Há no homem sinais externos, fisiológicos, correspondendo ou acompanhando aos atos psíquicos? (Pois tomamos a palavra "pensamento" em representação de todos os atos psíquicos).

Os primeiros passos da investigação

A descoberta científica dos movimentos involuntários e inconscientes correspondentes às idéias foi acolhida na ciên-

cia com grande alvorôço. Foi em 1853 que "Le Journal des Débats" publicava uma carta do Dr. CHEVREUL para o Dr. AMPÈRE sôbre o assunto. A carta já tinha sido publicada 20 anos antes na "Revue des Deux Mondes", porém não teve a devida repercussão entre os especialistas. E o assunto da carta ainda se referia a umas experiências feitas pelo autor, CHEVREUL, outros 20 anos antes, em 1813.

Só em 1853, com a publicação da carta em "Le Journal des Débats", dar-se-ia a máxima atenção ao assunto por trazer grande luz sôbre as acaloradas discussões a propósito das mesas girantes, varinha adivinha, pêndulo do radiestesista, etc.

Na famosa carta, CHEVREUL descrevia a AMPÈRE as experiências por êle realizadas, e concluía: "o pensamento duma ação a produzir pode mover nossos músculos sem que tenhamos nem a vontade nem o conhecimento dêstes movimentos". Pouco depois, com novos estudos, CHEVREUL publica uma monografia [1].

Como não é raro que aconteça, descobriu-se o que já estava descoberto dois séculos antes, embora ninguém ligasse para as observações e experiências que se julgaram de pouca transcendência prática, publicadas em 1646 pelo Pe. Atanásio KIRCHER, S. J., em Colônia, e pouco depois, em 1645, em Roma [2].

Após a segunda publicação da carta de CHEVREUL a AMPÈRE, a ciência interessou-se com entusiasmo pela descoberta. No mesmo ano, 1853, ARAGO dissertou sôbre os movimentos involuntários e inconscientes na "Academie de Sciences" de Paris, e FARADAY na "Society Regal" de Londres. Logo apareceram as publicações de BABINET na "Revue des Deux Mondes" e do Pe. MOIGNO em "Cosmos". Por fim, Pierre JANET, em 1855, publicou os resultados das suas investigações, com o que ficou suficientemente estabelecido e conhecido o fenômeno dos movimentos involuntários

1 — CHEVREUL: Carta a AMPÈRE, em "Le Journal des Débats", 13 de maio de 1853. "De la baguette divinatoire du pendule explorateur et des tables tournantes", Paris, Mallet-Bachelier, 1854.

2 — KIRCHER, S. J., Atanásio: "Ars Magna Lucis et Umbrae", Colônia, 1646. Do mesmo autor: "Magnes sive de Magnetica Arte Libri Tres", Roma, 1654.

e inconscientes [3]. Recentemente, as experiências de PAVLOV [4] sôbre os tão conhecidos reflexos incondicionados e condicionados aprofundaram e explicaram os automatismos no seu aspecto de movimentos involuntários e inconscientes em resposta a "sinais" externos, ou seja, em definitivo, em resposta às idéias e imagens conscientes ou inconscientes. Um interessante estudo sôbre os movimentos inconscientes foi realizado por JUNG [5].

Há, pois, movimentos, ações, sinais mínimos correspondendo às nossas idéias, aos nossos sentimentos, etc., sem que tenhamos vontade nem consciência de que os fazemos.

Relação entre idéia e movimentos inconscientes

Quantas idéias se refletem em movimentos externos? Em algumas pessoas mais imaginativas e impulsivas, há movimentos reflexos das idéias sumamente amplos. "Um cego os veria", poderíamos dizer.

Mas do ponto de vista da "adivinhação" do pensamento não são êstes sinais os que mais nos interessam, pois a "adivinhação" não teria mérito. Queremos saber se existem outros sinais mais sutis, só perceptíveis, quando muito, por hiperestesia.

Já em 1908, Ernesto NAVILLE defendia: "penso que todo fenômeno psíquico de qualquer ordem que seja tem seu correspondente fisiológico" [6]. Evidentemente, essa correspondência fisiológica tinha que ser mínima, pois não se percebia à primeira vista.

3 — JANET, Pierre, publicou de um ANÔNIMO: "Seconde lettre de Gros-Jean à son Eveque au sujet des Tables Parlantes, des Possessions et Autres Diableries", Paris, 1855. Veja-se também do mesmo autor: "L'automatisme psycologique. Essai de psychologie expérimentale sur les formes inferieures de l'activité humaine" (Thèse de doctorat ès lettres), Paris, Alcan, 1903 (mas a primeira ed. data de 1889).

4 — PAVLOV, Yvan Petrovich: "Condiciones Reflexes", New York, Oxford Univ. Press, 1934.

5 — JUNG, C. G., em "Les phénomènes occultes" (Alma, morte, crença nos espíritos: três estudos), Paris, Aubier, 1938.

6 — NAVILLE, Ernest, em "Archives de psychologie", outubro de 1908, pág. 8.

Em 1929, Charles BAUDOIN, diretor do "Instituto Internacional de Psicagogia", de Genebra, descobria o modo de ampliar os movimentos reflexos das idéias, a fim de fazê-los perceptíveis. Partindo das experiências antes aludidas de AMPÈRE e CHEVREUL, instituiu uma série de experiências novas altamente demonstrativas [7].

Eis uma destas experiências destinada a aumentar os movimentos inconscientes de modo que sejam perceptíveis:

> Sôbre uma fôlha de papel traça-se um círculo, e cortando-o, duas linhas perpendiculares entre si. O sujeito da experimentação mantém sôbre o círculo um pêndulo não excessivamente pesado, segurando-o pelo extremo do cabo com as pontas dos dedos.
>
> Nesta posição, o sujeito pensa em qualquer dos desenhos que há sôbre o papel: o círculo, uma das linhas ou a outra perpendicular. Suponhamos que pensa no círculo, ou melhor, que pensa que o pêndulo se movimenta em círculo, da direita para a esquerda. O sujeito não deve fazer nada, conscientemente, para mover o pêndulo. Não obstante, após alguns segundos, muito poucos, se o pêndulo é das devidas dimensões e o sujeito não está mudando continuamente de pensamento, veremos que o pêndulo está oscilando em círculo, da direita para a esquerda. A oscilação irá aumentando cada vez mais em amplitude.
>
> Estando o pêndulo em pleno movimento, se o sujeito muda de pensamento, escolhendo agora, por exemplo, uma das perpendiculares, o pêndulo começará a variar de direção, até seguir perfeitamente a linha pensada. Se pensa depois na outra linha, o pêndulo se acomodará dòcilmente ao pensamento. Concentrando-se na idéia de que o pêndulo fica imóvel consegue-se ràpidamente a mais completa imobilidade.

O curioso é que o sujeito não faz nada (conscientemente) para provocar os movimentos, mas não pode evitar que o pêndulo se acomode perfeitamente ao pensamento.

Experiências de outros tipos, às vêzes engenhosíssimas, são muito numerosas, demonstrando plenamente a realidade

7 — BAUDOIN, Charles: "Suggestion e Autosuggestion", Genebra, 1929. Possuímos também a tradução espanhola: "Sugestión y autosugestión", Barcelona, Victória, 1948.

dos reflexos inconscientes e involuntários, como tradução fisiológica das idéias e imagens. Escreve o especialista da Enciclopédia "Espasa": "A realidade dos movimentos inconscientes e involuntários correspondente a *todos* os atos internos ou de consciência deve ser admitida por todos, pois tem sido muito bem estudada pela Psicologia Experimental" [8].

Não só a alma pensa, mas também o corpo

Tão íntima é a relação entre a imagem mental e reflexo fisiológico "visível" externo, que TASSY pôde escrever que a "imagem e sua expressão são um só fenômeno" [9].

A tal ponto são "um só fenômeno" o ato de consciência e a sua expressão que não é só o ato de consciência que provoca a "mímica" externa, mas também dá-se o inverso: a "mímica", o gesto, a atitude, etc., tendem a provocar a idéia, a imagem, o sentimento... Ou melhor, provoca-os no inconsciente e daí tende a surgir no consciente.

O Dr. GRASSET tem um interessante e extenso artigo sôbre o tema "Os que choram porque estão tristes e os que estão tristes porque choram" [10].

DUGALD Stewart escreveu a passagem: "Se damos à nossa fisionomia uma expressão violenta acompanhada de gestos análogos, sentiremos em algum grau a emoção correspondente à expressão artificial imprimida às nossas feições, do mesmo modo que tôda emoção da alma produz um efeito sensível sôbre o corpo".

Quando CAMPANELLA, célebre filósofo e fisionomista, queria saber o que se passava no espírito de outra pessoa, observava-a atentamente com a sua capacidade técnica e experimental e procurava imitar ao máximo em si próprio a atitude e fisionomia dela. Então, analisando seus próprios sentimentos deduzia os da outra pessoa. São Francisco de SALES e Santo Inácio de LOYOLA aconselham, para os momentos de secura espiritual, adotar uma posição e atitude piedosa.

8 — "Enciclopedia Ilustrada Europeo-Americana", Madrid-Barcelona, Espasa-Calpe, artigo "Telepatía", pág. 577.

9 — TASSY: "Proprietés du fait mental", pág. 198.

10 — GRASSET, J.: "Province Medical", n.º 2.

Extensão da tradução fisiológica das idéias

Em virtude das leis de associação, ao suscitar-se na mente uma idéia ou imagem qualquer, mesmo as mais abstratas, surgirão no cérebro, simultâneamente, as imagens visuais, auditivas e motoras a elas correspondentes. Estas imagens, por sua vez, porão em movimento, embora normalmente isto seja imperceptível, os músculos da fonação, da ação, da mímica e todos os músculos que concorrem ao complicado mecanismo da linguagem falada e escrita em determinadas circunstâncias. (Eis o fundamento da psicografia ou escrita automática). Será uma tentativa, como um começo de falar, etc.

Todos êstes movimentos são de tal maneira característicos das diversas idéias, que constituem como que uma linguagem subterrânea, mínima, porém perfeita, e que acompanham tôdas as representações mentais.

Tão inseparável é esta tradução fisiológica, também externa, que STRUCKER tentou demonstrar experimentalmente que "é impossível ter a representação mental sequer de uma só letra, sem que se tenha simultâneamente um movimento nos músculos que servem para articular essa letra, e não só os músculos da fonação ou outros diretamente interessados, mas todos os músculos do organismo participarão de alguma maneira na modificação" [11].

O movimento dos órgãos da fonação, por exemplo, ou melhor, a emissão muito tênue das palavras internas com que pensamos, foi demonstrado experimentalmente.

> Os doutôres LEHMANN, diretor do laboratório de Psicofísica, e seu colega, C. HANSEN, ambos da Universidade de Copenhague, colocaram frente a frente dois grandes espelhos côncavos metálicos a uma distância de dois metros um do outro. No foco de um dêsses espelhos uma pessoa punha a bôca enquanto pensava alguma coisa, e no foco do outro espelho outra pessoa colocava o ouvido. As experiências foram feitas de três maneiras diferentes: bôca semi-fechada, quase fechada e fechada completamente no indivíduo que pensa, operando-se sempre a respiração pelo nariz.
>
> Os resultados obtidos foram equivalentes nos três tipos de experiências, havendo só 25% de fracassos completos; fracassos que podem explicar-se pelo fato de não tratar-se, evidentemente, de sensitivos extraordinários. A pessoa que colocava o ouvido no foco de um dos espelhos ouvia o que pensava a outra pessoa que estava colocada no foco do outro espelho.

11 — Citado por CASTELLAN, Yvonne: "La Metapsíquica". Biblioteca del Hombre Contemporáneo, volume 49, Buenos Aires, Paidós, 1960, pág. 100.

Houve, pois, articulação de palavras correspondentes aos pensamentos, fôssem êstes coisas abstratas ou concretas, imagens, números, etc., apesar de que não houve movimento nenhum visível externamente. (Sem espelhos, por hiperestesia inconsciente, todos captariam aquelas palavras pronunciadas inconscientemente pela pessoa pensante; mas só nos sensitivos o captado subiria ao consciente). A análise acústica do fenômeno revelou haver redução e alteração das consoantes como sucede na ventriloquia. Os sons, pois, provinham da laringe, principalmente, pois não excluimos outros sinais. São movimentos reflexos involuntários e irreprimíveis.

Devemos citar as numerosíssimas experiências do Dr. CALLIGARIS, professor de Neuropatologia da Universidade de Roma. Numa série de livros por êle publicados aparece a relação delas [12]. Por essas pesquisas, observou como todo

12 — CALLIGARIS, Giuseppe: "Le catene del corpo e dello spiritu davanti alla diagnóstica. Il cancro", Udine, Instituto delle Edizioni Academiche, 1936. E sob o mesmo título geral, indicado pela reticência:

"... La delinguenza malatia mentale", Brescia, Vaunini, 1942.
"... La fábrica dei sentimenti sul corpo dell'uomo", Roma, Pozzi, 1932.
"Le catene lineari del corpo e dello spiritu", Roma, Pozzi, 1928.
"Le catene liniari secondarie del corpo e dello spiritu", Roma, Pozzi, 1930.
"... Le meraviglie dell'autoscopia", Roma, Pozzi, 1933.
"... Le meraviglie dell'eteroscopia", Roma, Pozzi, 1934.
"... Le meraviglie della Metafisiologia", Brescia, G. Vannini, 1944.
"... Malattie infettive", Udine, Instituto delle Edizioni academiche, 1938.
"... Malattie mentali", Milano, Fratelli Bocca, 1942.
"... Nouve ricerche sul cancro", Milano, Fratelli Bocca, 1940.
"... Telepatie e radio-ondecelebrali", Milano, Hoepli, 1934, e Brescia, Vannini, 1945.
"... Telepatia e Telediagnóstisi", Udine, Instituto delle Edizione Academiche, 1935.

ato psíquico, consciente ou inconsciente, normal, extraordinário-normal ou paranormal, tem seu reflexo inclusive epidérmico, especialmente em determinadas zonas particulares próprias para tal ato psíquico, zonas que êle chamou "placas" ou "campos". As experiências são numerosíssimas.

Êste fato viria a confirmar, inclusive elevando-o a alta potência, o que já antes afirmava o Dr. KLAUDER, de Filadélfia: "Está fora de tôda dúvida que a pele é um importante órgão de expressão, comparável aos olhos na expressão das emoções" [13].

Outros tipos de "emissões" foram também observadas e demonstradas [14]. Mas basta o já dito. E provàvelmente há "emissões" que ainda desconhecemos...

A Psicologia moderna e a Parapsicologia formulam a existência e extensão dos movimentos involuntários e inconscientes que acompanham tôda idéia ou imagem, segundo a Lei de BAIN: "Todo fato psíquico determina um reflexo fisiológico e êsse reflexo se irradia por todo o corpo e cada uma de suas partes".

É múltiplo o reflexo fisiológico externo dos atos psíquicos.

Podemos, pois, dizer que pensamos, que sentimos, imaginamos, com todo o corpo, traindo nossas experiências internas por mais secretas que as acreditemos.

13 — KLAUDER: "Psychogenic aspects skin diseases", em "Journal of nervous and mental disease", vol. 84, setembro, 1936.

14 — Veja-se, por exemplo, o excelente artigo de LERNER, Marcelo: "Sugestión e Hipnose a través del concepto de psicoplasia", em "Acta Hipnológica Latinoamericana", março, 1960, págs. 38 ss.

7 Cumberlandismo

ADIVINHAÇÃO POR CONTATO

Animais que respondem "inteligentemente". — Certas pessoas "tocam" o pensamento alheio. — Experiências científicas.

VIMOS no capítulo anterior que todo ato psíquico tem a sua expressão característica em sinais externos, embora mínimos. Vimos que certas pessoas manifestam assombrosa hiperestesia, capaz de captar, inclusive como que aumentados, mínimos estímulos. Parece que todos, inconscientemente ao menos, seríamos hiperestésicos. Todos inconscientemente poderíamos perceber o reflexo fisiológico dos pensamentos de outra pessoa...

Dessas bases surge uma conclusão lógica: captando por hiperestesia os reflexos fisiológicos do pensamento de outra pessoa, pode-se captar, indiretamente, o mesmo pensamento por secreto que seja, contanto que o "pensante" esteja em presença do "adivinho", ou pelo menos não à excessiva distância. Desta maneira não precisaremos recorrer ao paranormal, ao extra-sensorial, para explicar tais "adivinhações".

Em 1908, Ernest NAVILLE lançava a idéia: "Creio que todo fenômeno psíquico tem seu correspondente fisiológico, e admito... que um sábio ideal conhecedor de tôda a psicologia e tôda a fisiologia... poderia ler como num livro aber-

to os fatos psíquicos produzidos num indivíduo" [1]. Êste "sábio automático" seria o inconsciente dos sensitivos.

Além da conclusão lógica, é necessário comprovar experimentalmente se por hiperestesia indireta se pode captar o pensamento humano. Falamos aqui preferentemente do *pensamento* mais ou menos *consciente.*

Animais que respondem "inteligentemente"

O comportamento extraordinário de certos animais chamou muito a atenção dos cientistas no comêço do século:

> Em 1892 um velho oficial alemão, aposentado, Wilhelm von Ostem, adquiriu um cavalo russo chamado "Hans", ao qual ensinou a fazer diversas operações aritméticas por meio de quilhas e depois de números. Adições, subtrações e até extração de raízes quadradas foram feitas. A pergunta fazia-se verbalmente; o cavalo respondia batendo com o pé no chão um número determinado de vêzes, segundo fôsse o resultado do problema.
>
> Mais ainda: perguntado sôbre algum problema simples da vida ordinária, o cavalo batia no chão tantas vêzes quantas fôssem os números do lugar que ocupavam no alfabeto as letras necessárias para escrever a resposta.

OSTEM, excêntrico, considerado por muitos como autêntico maníaco, não conseguia chamar a atenção do mundo científico sôbre seu "inteligente" cavalo. Desesperado, anunciou num jornal as fabulosas qualidades de Hans, prometendo aos compradores umas demonstrações gratuitas das qualidades do animal. Foi assim que o major Eugen ZOBEL, escritor, profundo conhecedor de hipologia, começou a publicar artigos sôbre o "talento" do cavalo Hans. A partir de então, o n.° 10 da rua Griebenow, em Berlim, viu-se assediado contìnuamente por curiosos, e também por sábios que queriam investigar o prodígio.

Em 1904, no mês de setembro, uma primeira comissão científica composta de professôres de Psicologia, Fisiologia, Zoologia, Veterinária e especialistas em Equitação e Adestramento de Animais, estudou detidamente o caso, com o concurso também de oficiais de cavalaria, assim como do diretor do Jardim Zoológico e do diretor do circo Busth. A comissão só chegou à conclusão de que o caso devia ser tomadc muito a sério e que se deveria investigar cientìficamente e devagar, pois talvez se chegasse a conclusões que revolucionariam os postulados até então admitidos sôbre o comportamento animal.

[1] — NAVILLE, Ernest, em "Archives de Psychologie", outubro. 1908, pág. 8.

Um mês mais tarde, em outubro, nova comissão científica, nomeada pelo Ministério de Educação, estudava o cavalo Hans, já conhecido em todo o mundo como "der kluge Hans" (o João inteligente).

A comissão científica, presidida pelo Dr. C. STUMPF, diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim, declarou, depois de metódicos estudos, que o fenômeno era devido simplesmente à percepção hiperestésica por parte do cavalo, de movimentos inconscientes realizados por seu dono ou os assistentes, movimentos não percebidos pelo homem. O cavalo Hans batia no chão ininterruptamente tão logo percebia que se lhe fazia uma pergunta, até que algum espectador lhe fizesse o sinal de deter-se, sinal, repetimos, mínimo e inconsciente.

Já antes, em 1903, Albert MOLL, presidente da Sociedade de Psicologia de Berlim, chegara à mesma conclusão. Agora, porém, PFUNGST, que com HORNBOSTEN era assistente do Dr. STUMPF, demonstrava experimentalmente os movimentos que ninguém enxergava e que todos negavam produzir. PFUNGST imaginou e construiu um aparelho de amplificação de movimentos muito engenhoso. Amplificados, os movimentos ficavam registrados sôbre um cilindro. Sem ouvir êle próprio a pergunta, o professor percebia o momento exato em que o cavalo deveria parar de golpear.

Vimos no capítulo anterior que a linguagem fisiológica, os sinais hiperestésicos correspondentes às idéias, são automáticos, inevitáveis. Assim não será de estranhar que, tanto o cavalo como o profesor PFUNGST com seu aparelho, respondessem inclusive as perguntas que não eram formuladas verbalmente, mas só pensadas. A idéia implica sinais inconscientes externos que, captados ou ampliados pelo aparelho, eram percebidos pelo prof. PFUNGST ou pelo cavalo Hans

e por êles se guiavam. O cavalo, com os olhos vendados, não dava a resposta exata: batia com o pé até cansar-se [2].

Ruiu o mistério: von OSTEM morria, abatido e desiludido, em 1909.

Os cavalos de Elberfeld

Os cavalos, porém, que verdadeiramente revolucionaram o mundo científico, foram os famosíssimos cavalos de Elberfeld [3]. O Dr. CLAPARÈDE, da Universidade de Genebra, qualificou o surpreendente fato como "o mais sensacional acontecimento jamais surgido na Psicologia".

> O rico industrial Karl KRALL, que em 1906 recebeu de presente o cavalo Hans, decidiu ensinar a outros cavalos as mesmas operações que realizara Hans, mas em condições mais espetaculares. Empregou muito tempo, dinheiro e engenho. Conseguiu no fim que quatro cavalos parecessem inteligentes. Eram dois cavalos árabes, Muhamet e Zarif; um pônei, Hanschen, e um velho cavalo *cego*, chamado Barto.

A literatura e as polêmicas que surgiram por causa dêstes cavalos, mormente após o livro publicado pelo seu proprietário [4], é enorme. Os mais famosos sábios da época foram a Elberfeld para estudar a "inteligência" dos cavalos [5]. Muitos sábios e comissões científicas chegaram a defender essa inteligência ou, ao menos, a telepatia nos cavalos, para explicar o fenômeno.

2 — "Annalles des Sciences Psychiques", 1904, pág. 384; 1906 pág. 781. "Archives générales de médicine", 1905, pág. 145.

3 — VESME, C. de: "Les chevaux pensants d'Elberfeld", em "Annalles de Sciences Psychiques", 1912, págs. 352-363. "Toujours les chevaux, d'Elberfeld", ibidem, 1913, págs. 117 ss. CLAPARÈDE, Ed., "Archives de Psycologie", Gênova, 1912, XII, págs. 236 ss.; 1913, XIII, págs. 243-285.

4 — KRALL, K.: "Dekende Thiere", Leipzig, 1912. Com o mesmo título KRALL apresentou um relatório ao Congresso de Investigações Psíquicas de Paris.

5 — Cito por ordem alfabética alguns dos sábios mais conhecidos dentre os que consta que examinaram o prodígio: ASSAGIOLI, de Florença; BESREDKA, do Instituto Pasteur; BUTTEL-REEPEN, de Holdemburg; CLAPARÈDE, da Universidade de Genebra; o eminente neurologista EDINGER, de Frankfurt; FERRARI, de Bolonha; FREUDENBERG, de Bruxelas; GEHRKE, de Berlim; GOLDSTEIN, de Darmstadt; HARTKOTF, de Colônia; KRAEMER, de Stuttgard; MACKENZIE William, de Gênova; OSTWALD, de Berlim; SARASIN, de Basiléia; SCHOELLER, de Berlim; ZIEGLER, de Stuttgard...

Ora, deu-se que um dêstes cavalos realizou, certa vez, seus "cálculos" e deu as respostas na ausência de todos, sendo só observado por uma pequena janela. O Dr. MAETERLINCK observou o cavalo Muhamet em completa escuridão. E além de tudo, o cavalo Barto era cego! Como admitir aqui a explicação por sinais inconscientes dados pelos espectadores?

Experiências conduzidas com o mais severo contrôle científico concluíram, é verdade, pela existência da fraude em *algumas* ocasiões, quando, por exemplo, um cuidador dos animais se ocultava dos investigadores, ficando, porém, visível ou perto dos cavalos. RICHET [6] protestou contra tôda suposição de fraude inconsciente ou consciente, baseando-se, como argumento principal, em que a resposta às vêzes se dava em poucos segundos. O melhor calculador não poderia encontrar tão ràpidamente a raiz quadrada de 456 776 ou a raiz cúbica de 15 376 como os cavalos fizeram em certas ocasiões diante do Dr. CLAPARÈDE. Ora, esta objeção de RICHET, seria mais um argumento em prol da fraude: não vamos supor mais inteligência nos cavalos do que no homem...

O cálculo das raízes

Como calculavam êstes, superando em velocidade aos sábios? Há métodos especiais para extrair as mais complicadas raízes, métodos que desafiam os melhores matemáticos e superam inclusive as máquinas calculadoras. Métodos especiais, reservados aos "iniciados", mas sem truque.

O Dr. MAETERLINCK ficou surpreendidíssimo ao comprovar que uma vez em que o cavalo Muhamet não respondeu, era porque o número que lhe propunha não tinha raiz quadrada exata. Ora, isto mesmo sucede aos "iniciados", que só podem extrair, pelos seus métodos, raízes dos números que a têm exata. Dos demais, só por aproximação, ou com métodos mais complicados e menos rápidos sem que por isso deixem de ser espetaculares.

6 — RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.a Ed., Paris, Alcan, 1923, págs. 308 ss.

Devemos notar que a atividade aritmética é na realidade bastante simples, alheia à inteligência pôsto que pode ser realizada por máquinas. Mas não quer dizer que os animais sejam capazes de extrair raízes quadradas. Simplesmente queremos dizer que não seria difícil ao rico senhor KRALL encontrar alguma pessoa que conhecesse êste mecanismo simples, que é guardado com desvêlo pelos ilusionistas e "iniciados".

Podia dar-se o caso, inclusive, de que algum preparador dos cavalos tivesse descoberto êste sistema intuitivamente. (No capítulo 11 falaremos do talento do inconsciente).

O método pode ser descoberto inclusive por idiotas, inconscientemente. Depois o método pode subir ao consciente ou permanecer no inconsciente. Ao consciente poderia subir só o resultado do cálculo inconsciente sem que a pessoa saiba por que lhe "ocorreu" êsse resultado.

> FLEURY, cego, degenerado, quase idiota, era capaz de calcular num minuto (um minuto e quinze segundos exatamente) o número de segundos que há em trinta e nove anos, três meses e doze horas, sem esquecer os anos bissextos. Igualmente aprendeu a extrair raízes quadradas de cor, tão logo lhe disseram o que era uma raiz quadrada, embora não lhe ensinassem o método clássico.

Êle descobriu instintivamente, inconscientemente, o método simplificado dos "iniciados" [7].

Com talento e um pouco de sorte, o método pode ser descoberto inclusive conscientemente. R. QUINTON, filósofo, como conseqüência de uma acalorada discussão a propósito dos cavalos de Elberfeld descobriu êste método simplificado a que aludimos. E, em 1912, extraía êle mesmo, de cor, em dois segundos, as raízes de números de muitíssimos algarismos diante dos membros da Faculdade de Filosofia de Paris. Os sábios filósofos acreditavam que se tratava de um calculador prodigioso, mas o mesmo QUINTON explicou que se tratava simplesmente de um método, muito reduzido, e que sòzinho chegara a descobrir com base no que conhecia dos cavalos.

7 — Citado por SILVA MELLO, A. da: "Mistérios e realidades dêste e do outro mundo", Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1949, pág. 359.

Que o método não é muito difícil de aprender, se compreenderá sabendo que para minhas palestras públicas é sempre um menino a quem ensino a extrair raízes cúbicas e quintas de números até dez bilhões e que o menino as extrai de cor e com tal rapidez que nem tempo dá a que escrevem os números que lhe ditam. No Brasil e Argentina apresentei os irmãos Paulo César e Gerson SPERB SCHERER, de 12 e 11 anos (em 1961), de São Leopoldo (RS).

Outras dificuldades

O caso atrás mencionado, em que o cavalo foi observado através de uma janela, não oferece dificuldade insolúvel. Estamos precisamente falando da percepção hiperestésica de sinais. Aquêles animais eram muito sensíveis. Captar os sinais através de uma pequena janela não é aumentar excessivamente a dificuldade, pôsto que os sinais inconscientes se difundem por todo o corpo e cada uma das suas partes. Fica pelo menos todo o rosto do observador para transmitir o sinal visual. Para sinais auditivos, por exemplo, a dificuldade é ainda menor. E há outros tipos de "emissões"...

E o cavalo Muhamet que foi observado por MAETERLINCK em grande escuridão? Se a escuridão não era o bastante para impedir as observações de MAETERLINCK, menos impediria as observações do cavalo. E não se trata só de ver, mas também de ouvir, sentir, etc...

E o cavalo Barto, velho e cego? E' maravilhoso, mas a questão é que a cegueira, mormente de nascença, não impede a "visão", como já estudamos no capítulo anterior. (Não se trata de vista pròpriamente dita, mas de tôda classe de sensação hiperestésica...).

Mais animais "inteligentes"

Conhecida ou suspeitada a solução das dificuldades, já foi fácil reproduzir o fenômeno [8]. Alguns preparadores de

8 — Além da bibliografia já citada sôbre os cavalos de Elberfeld, onde também se citam os animais a que vamos aludir, cfr., para aquêles cavalos e para êstes outros animais: MACKENZIE, William: "Nuove rivelazioni della psiche animale", Gênova, Formiggini, 1914.

cavalos conseguiram amestrá-los até igualar e inclusive superar os cavalos de Elberfeld. Houve vários, mormente nos Estados Unidos. Fizeram-se assim famosos os cavalos Lady e Black-Bear.

> O cavalo Lady também dava respostas corretas às perguntas feitas em chinês.
>
> O preparador do pônei Black-Bear fê-lo realizar, um dia, uma brincadeira. Perguntou ao cavalo a raiz quadrada de 841. Respondeu 49. Ora, sabe-se que a resposta exata teria sido 29. Notado isso, o cavalo aproximou-se do seu treinador e, batendo para designar letras, formou a frase: "Você me amola".
>
> Êste pônei, porém, não foi ensinado mais do que a atender a seu treinador. Morto o preparador, o cavalo perdeu suas "misteriosas" qualidades.

O Dr. BECHTEREF, e mais tarde o Dr. FLEXOR de Moscou, estudaram um cachorro fox-terrier e outro são-bernardo. Numa ocasião o cachorro realizou a ordem prevista para a experiência seguinte! (Como veremos nos capítulos 22 e 23, êste curioso fato de aparente precognição se explicaria por hiperestesia por parte do cachorro dos reflexos fisiológicos provocados pela idéia da experiência que logo pensava fazer, idéia excitada no inconsciente do experimentador por associação).

Foram também muito famosos uma gata chamada Daisy e os cachorros Rolf, Lola, Zou, Awa, etc.

> Já na época mesma do cavalo Hans, uma cadelinha chamada Nora conseguia rivalizar com o cavalo. Emílio RENDICH, um inteligente pintor italiano que vivia em Berlim e acompanhara admiradíssimo as experiências com Hans, terminou por suspeitar da explicação. Com paciência, conseguiu fazer aparentar que sua cadelinha Nora era capaz de ler, reconhecer as notas musicais, dar respostas inteligentes por meio de latidos.

Ninguém percebia os sinais inconscientes, automáticos, que RENDICH dava à cadela. Foi precisamente RENDICH que orientou com estas experiências o Dr. STUMPF e os seus colaboradores para decifrar o mistério do cavalo Hans.

Pouco depois far-se-ia também famoso um chimpanzé do jardim zoológico de Frankfurt, o chimpanzé Basso. Comprovou-se de nôvo que tudo se devia aos sinais inconscientes e mínimos fornecidos pelo guarda e dos quais o próprio guarda não tinha conhecimento: o treinamento do animal, feito ao comêço talvez conscientemente, foi-se fazendo cada vez mais insensìvelmente, até terminar por surpreender ao próprio treinador.

E' verdade que o primeiro animal que chamou a atenção dos cientistas foi Hans. Mas não se pense que o fenômeno seja absolutamente nôvo.

> Já o filósofo LE GANDRE, por exemplo, nos fala de um outro cavalo exposto na feira de Saint Germain em 1832 e que depois percorreu outras feiras na França. O escritor GUER, que também refere o fato, descreve como o cavalo reconhecia cartas de baralho, somava os pontos dos dados, indicava as horas e minutos de um relógio, somava o valor das moedas que se lhe apresentavam...
>
> O sistema, como em Elberfeld, era o de bater com a pata no chão para dar as respostas.

O filósofo LE GANDRE já dava então a solução. O cavalo era guiado pelos sinais mínimos dados pelo seu dono ou pelos assistentes ao "prodígio", apesar de que os assistentes mesmos (e disto se maravilhava LE GANDRE) não percebiam êsses sinais.

Todo o assunto da inteligênica dos animais calculadores, de telepatia, mediunismo e quantas outras teorias se aduziram para explicar os fatos, hoje deve ficar soterrado. O fenômeno só interessa aos artistas dos circos. Marcel SIRE, em 1954, com estilo violento concluía assim a questão: "Aí não há mais do que tolices e pilhérias de espertalhões. Hoje é difícil compreender como homens sérios deram prova de tão pouco talento" [9]. O próprio entusiasta dono dos cavalos de Elberfeld, embora começasse as "lições" pretendendo demostrar a inteligência dos cavalos, teve de reconhecer, decepcionado, que eram absolutamente incapazes de tôda invenção própria, só reproduzindo o que tinham treinado. Nem

9 — SIRE, Marcel: "La inteligence des animaux", Paris, Hachette, 1954, pág. 208.

se esforçam nem calculam, só enxergam ou sentem. E mesmo o alcançável pelo treino, tem um limite curto demais [10].

Marcel SIRE no seu livro cita a HACHET-SOUPLET que descreve o modo geralmente empregado para treinar cavalos a fazerem as mesmas provas dos cavalos de Elberfeld.

> Conduz-se o cavalo, embora sem fama, para o meio da pista. Um auxiliar agita aveia dentro de um recipiente, ao tempo que diz algumas palavras em tom de pergunta. Outro auxiliar impede que o animal avance para comer. O cavalo se impacienta e começa a bater no chão sem cessar. Recompensa-se então o cavalo. Aos poucos adquire o hábito de começar a bater tão logo o treinador formula uma pergunta e sem que seja preciso mexer a aveia.
>
> Depois se lhe ensina a cessar a um sinal que consiste, primeiro, em um movimento de retrocesso do mestre, e vai-se atenuando cada vez mais o sinal. O cavalo é sempre recompensado imediatamente depois de obedecer a êstes sinais... Quando se pode deter o movimento do cavalo com um movimento "invisível", provocado só pela idéia do treinador sem se movimentar conscientemente, pode-se já exibir o cavalo como calculador.

De tudo o que foi dito, há uma conclusão interessantíssima para nós: por hiperestesia os animais podem chegar a captar, indiretamente, certos pensamentos de uma pessoa, dar respostas a perguntas inclusive muito difíceis e até mesmo que não cheguem a ser formuladas. E isto, no escuro, observados através de uma janelinha pequena, mesmo um cavalo velho e cego.

Poderão também alguns homens captar o pensamento dos seus semelhantes por hiperestesia indireta?

As pessoas que "tocam" o pensamento

Cumberlandismo é um sistema de "adivinhação" curiosíssimo. O nome provém de Stuart CUMBERLAND, talvez o primeiro que o descobriu, estudou e praticou em exibições públicas de Ilusionismo (É sabido que nem tudo o que se exibe em Ilusionismo é truque. O cumberlandismo é uma das provas espetaculares que não precisa ser trucada).

10 — Citado por RICHET, Ch., o. c., pág. 310.

> Eis um caso típico: trata-se, de encontrar um relógio que foi escondido no bôlso do casaco do terceiro espectador da fileira oito. O ilusionista estava ausente, de costas ou com os olhos vendados cuidadosamente, quando se escondia o relógio. O ilusionista pega a mão de uma testemunha qualquer, preferentemente uma criança. "Concentre seu pensamento na direção que devo tomar para encontrar o relógio"... O artista anda sôbre as pontas dos pés, e sempre com a mão da testemunha entre as suas, balança suavemente o corpo. De repente, e precisamente ao chegar à fileira oito, pára. Manda uma vez mais à testemunha que concentre bem seu pensamento na direção a tomar. Sem hesitação entra pela fileira oito. Ao passar por diante do espectador número três, pára de nôvo, como atingido por uma rápida inspiração. Com a mão da testemunha sempre segura passeia a sua mão sôbre as vestes do espectador. Reclama continuamente a concentração do pensamento no lugar onde se acha o relógio. Por fim, ante a estupefação do público, o artista pega o relógio e o mostra.

Pessoalmente, tenho realizado muitas vêzes experiências públicas semelhantes, como demonstração prática, quando falo dêste fenômeno.

A prova baseia-se nos movimentos involuntários e inconscientes, mínimos, correspondentes ao pensamento da testemunha cuja mão o ilusionista mantém segura.

Claro está que em muitos casos não pode ser excluída a participação de outros sinais, como fonéticos, epiteliais, etc., inconscientemente emitidos, e inconscientemente percebidos, mas influindo na conduta do ilusionista: Eu errei algumas vêzes por interpretar mal os *pensamentos* do "colaborador" e outras vêzes tenho acertado por ser guiado inconscientemente pelo público quando o "colaborador" estava errado.

O mais curioso é a admiração do próprio colaborador inconsciente, que até jurará não ter êle indicado nada.

Experiências de cumberlandismo

Entre 1910 e 1920, o professor Gilbert MURRAY, da Universidade de Oxford e Presidente da S. P. R. de 1915 até 1917, fêz em sua casa experiências de cumberlandismo, pensando tratar-se de telepatia extra-sensorial. Qualquer dos

membros da família, geralmente sua filha, senhora TOYNBEE, escrevia num papel alguma coisa escolhida livremente. Fazia-se entrar então ao Dr. MURRAY que tinha permanecido ausente. O doutor tomava pela mão a pessoa que pensava, e outra testemunha tomava nota palavra por palavra das declarações do doutor. Por exemplo:

> A senhora TOYNBEE pensou "no início de um trecho de DOSTOIEWSKY, no qual o cachorro de um pobre homem morre num restaurante".
>
> Chamado o Dr. MURRAY, pegou a mão da senhora TOYNBEE, e disse: "Parece-me que é uma coisa tirada de um livro. Diria que se trata de um livro russo. Um homem muito pobre. Parece-me que se trata de algo relacionado com um cachorro. Um cachorro muito infeliz. De repente me ocorre que é dentro de um restaurante e que as pessoas brigam, depois regressam e se esforçam por ser bons, não estou seguro... Tenho a impressão de que é alguma coisa assim como Gorki (por DOSTOIEWSKI). Tenho a impressão de que é alguma coisa da Rússia".

No total das experiências, 505, houve 60% de acertos. Não precisamos aqui da telepatia, que igualmente teria dado resultado, a quilômetros de distância. Além dos sinais completamente cumberladísticos, podem-se admitir alguns outros sinais, auditivos ou de outra espécie, inconscientemente emitidos. Esta possibilidade da explicação por cumberlandismo ou mais em geral por hiperestesia de diversos sinais, já foi vista pelo próprio Dr. MURRAY, assim como pelo Dr. VERRALL que assistiu também às experiências [11].

Anos mais tarde, em 1931, o mesmo Dr. MURRAY fêz experiências semelhantes com o Sr. e a Sra. SALTER. Os resultados também desta vez confirmam a capacidade de adivinhação por meio do cumberlandismo com maior ou menor reforço de outros tipos de hiperestesia, como de nôvo o mesmo Dr. MURRAY teve que admitir a título de dúvida, em-

11 — As relações completas dessas experiências foram publicadas em: "Proceedings of the Society for Psychical Research", XXIX, págs. 46 e ss., e XXXIV, págs. 212 ss.

A propósito do problema de outros tipos de hiperestesia nas experiências do Dr. MURRAY (como reforço do cumberlandismo pròpriamente dito), pode se ver: "Revue Metapsychique", 1925, I, págs. 45 ss.

bora êle, com escassos conhecimentos das possibilidades da hiperestesia preferisse, erradamente, inclinar-se pela telepatia extra-sensorial [12].

Na Rússia

O dr. Naum KOTIK fêz experiências com a menina Sophia STARKER [13].

> Sophia ficava com os olhos rigorosamente fechados, as orelhas obturadas com algodão. O pai ficava de costas. Nestas condições qualquer um dos assistentes escrevia alguma coisa no papel que apresentava ao pai. O pai pegava então, sem volver-se, a mão da menina e esta freqüentemente adivinhava, mais ou menos completamente, o que se escrevera.

Não queiramos pensar, como pensou o Dr. KOTIK, em telepatia, entre outras razões pelo fato de que as experiências levadas a efeito pelo próprio Dr. KOTIK, com o mesmo objetivo, estando pai e filha em quartos separados, não tiveram êxito nem com os olhos e ouvidos da menina livres. Se fôsse telepatia e não simples cumberlandismo, o fenômeno ter-se-ia realizado igualmente à distância. Trata-se pois ùnicamente de transmissões de sinais inconscientes hiperestésicos.

Experiências especiais

Outras experiências de laboratórios que pela engenhosidade ou novidade do método devem ser citadas, são as do Dr. ABRAMOWSKI em Varsóvia [14].

> "Dizia-se ao sujeito um certo número de palavras, três ou cinco, segundo as experiências. Eu escolhia uma dessas

12 — As relações destas novas experiências apareceram em: "Journal of the Society for Psychical Research", XXXII, págs. 29 ss.

13 — KOTIK, Naum: "Die Emanation der Psychophysichen energien", Wiesbabl, Bergmans, 1908 (original: Moscou, 1908). Uma magnífica análise em resumo do livro feita, por SUDRE, René, pode-se ver em: "Revue Metapsychique", 1923, II, págs. 104 ss.

14 — Pensou que se tratava, na realidade, de telepatia, o que achamos errado, dadas as circunstâncias das experiências. Excluíndo o cumberlandismo ou condições aptas para a hiperestesia, as experiências fracassaram.

ABRAMOWSKI: "Le subconscient normel", Paris, Alcan, 1918.

palavras como objeto da atividade telepática. Eu escolhia dentre elas a que eu pensaria intensamente. O sujeito deveria dizer qual era a palavra escolhida por mim.

Noutras experiências apresentava ao sujeito vinte palavras que êle lia uma só vez em voz alta. Após a leitura escrevia êle as palavras que tinha lido e retido na memória, esforçando-se mesmo para lembrar. Dentre as palavras esquecidas eu escolhia uma como objeto da transmissão".

Nas experiências, ABRAMOWSKI segurava a mão do sujeito. Com a mesma técnica realizou transmissões cumberlandísticas de desenhos ou de movimento dos dedos.

Sôbre 324 experiências obteve êxito em 156, quase 50%, inexplicável pelo simples acaso.

Nem é preciso sempre que o operador faça esfôrço ou se tenha exercitado em captar os sinais inconscientes. Podem-se também captar inconscientemente, o que nos interessa especialmente do ponto de vista da "adivinhação". O operador pode inclusive executar ações inconsciente e automàticamente. Diversos tipos de experiências têm-se feito. Talvez uma das mais fáceis de repetir seja a de fazer que uma pessoa, boa sensitiva, completamente distraída, falando de outras coisas que a absorvem, faça alguma ação que por cumberlandismo se lhe sugira. O "sujeito" da experimentação, tendo operado como um autômato, não saberá dizer, ao ser perguntado, nada do que realizou. Hipnotizado, porém, às vêzes lembrará tudo o que se lhe fêz realizar automática e inconscientemente [15].

Embora nos capítulos 22 e 23 falaremos da "adivinhação" do pensamento *inconsciente,* devemos aludir aqui a um tipo especial de cumberlandismo. Em quase todos os fenômenos parapsicológicos de conhecimento encontramos o que poderíamos chamar mecanismo indireto ou "em L" ou "a três" ou "por procuração": o "adivinho" capta no consulente o que o próprio consulente sabe, de ordinário só inconscientemente, de outra pessoa ou de um objeto externo.

15 — GRASSET, J.: "L'ocultisme hier et aujourd'hui. Le Merveilheux préscientifique", 2.a ed., Montpellier, Coulet, 1908 (1.a ed., Paris, Masson, 1907) pág. 123.

Osip FELDMAN, por exemplo, chegou a tal perfeição no cumberlandismo consciente, que podia, inclusive em experiências públicas de Ilusionismo (sem truque), captar o pensamento de um expectador através de várias pessoas ignorantes do que se deveria "adivinhar". Tôdas essas pessoas estavam unidas pelas mãos.

Experiências dêste tipo de cumberlandismo "em L" não são excessivamente raras entre os profissionais do palco. Deveriam, porém, ser mais repetidas em laboratório. Se o fato se confirmasse, a explicação parece que seria a seguinte: as pessoas interpostas captariam só inconscientemente as idéias do "pensante" (inconscientemente todos somos hiperestésicos) e transmitiriam os sinais inconscientemente captados. Osip FELDMAN, no fim da "corrente", os interpretaria e os faria conscientes. FELDMAN tem muita fama no mundo dos ilusionistas.

Outro tipo de cumberlandismo "em L" ou "a três", que também precisaria de mais experiências de laboratório para ser confirmado, é o experimentado, entre outros, pelo Dr. BOIRAC.

Uma histérica "lia", segurando uma mão de BOIRAC, um livro sôbre o qual BOIRAC passava as pontas dos dedos [16].

Seria hiperestesia direta (visão para-óptica, "dermo-optical perception") em BOIRAC e a histérica interpretaria o que captava em BOIRAC por cumberlandismo sôbre o pensamento *inconsciente.* A "adivinhação" do pensamento *inconsciente* excitado por outros tipos de hiperestesia direta tem sido amplamente comprovada, como veremos no capítulo 23.

Digressões práticas

O cumberlandismo, como se vê, pode dar preciosas indicações aos médiuns espíritas, na hipersensibilidade do transe. A corrente ou cadeia que os espectadores formam em algumas sessões, seria o veículo pelo qual o interessado estaria

16 — BOIRAC, Èmile: "La Psichologie inconnue", Paris, Alcan, 1912 (1.a ed., 1908), págs. 252, 264, 271.

manifestando ao inconsciente do médium as idéias a comunicar.

Muitas revelações, das feitas por um hipnotizado, por exemplo, podem explicar-se perfeitamente por cumberlandismo, sem necessidade de recorrer a conhecimentos paranormais... Um dos primeiros passos que se costuma dar, para desenvolver a "lucidez" nos hipnotizados, é precisamente puro cumberlandismo. O hipnotizado, para diagnosticar uma doença, por exemplo, põe as mãos sôbre a fronte do consulente ou, pegando entre as suas uma mão do paciente percorre lentamente os membros com possibilidade de estarem doentes.

Por cumberlandismo pode um "adivinho" fazer observações sôbre o estado fisiológico, caráter, tendências, passado clínico imediato e inclusive futuro iminente, isto é, aquêle cujas causas já estão agindo no organismo.

Pelas causas antes indicadas, os manuais de hipnose previnem o hipnólogo principiante a não fiar-se muito naquilo que o hipnotizado revele sôbre a outra pessoa com a qual está em contato. Freqüentemente não dirá mais do que aquilo que esta mesma pessoa pensa de si própria, talvez erradamente [17].

Os reflexos fisiológicos externos do pensamento de uma pessoa podem ser sentidos por outra, havendo contato corporal. Por êste meio pode-se conhecer o pensamento mesmo de outra pessoa. Isto, porém, não quer dizer que todos os sinais sejam transmitidos precisamente por contato.

Êste fenômeno da "adivinhação por contato" chama-se tècnicamente cumberlandismo.

17 — Veja-se, por exemplo, JAGOT, Paul Clément: "Magnetismo, Hipnotismo, Sugestão", São Paulo, Mestre Jou, s. d., pág. 167.

8 Hiperestesia indireta

LEITURA SENSORIAL DO PENSAMENTO

As pessoas que "vêem" o pensamento. — Crianças prodigiosas que sabem tudo sem estudar. — Famosas experiências da Rússia.

INTERESSA-NOS especialmente a "adivinhação" sem contato. Pode-se, a certa distância, captar a linguagem fisiológica mínima, i. é, os reflexos externos da idéia, de modo que se possa, indiretamente, como que "ver" o pensamento de outra pessoa?

É possível. Até mesmo para apresentações no palco. Seria isso um "cumberlandismo sem contato". E pode-se chegar a extremos maravilhosos, como o ilusionista MARION, por exemplo.

> MARION encontrava os objetos escondidos pelos espectadores mesmo quando a testemunha que inconscientemente o dirigia se escondia dentro de uma caixa, só aparecendo os pés.
>
> MARION observava nestes casos as mínimas modificações inconscientes na marcha do espectador que se tinha prestado à experiência.

O Dr. SOAL (um dos melhores investigadores da moderna Parapsicologia) estudou detidamente as provas realizadas por MARION. SOAL chegou à conclusão de que, não obstante as maravilhosas provas, MARION não possuia

sentidos mais desenvolvidos que o comum das pessoas (o que confirma mais uma vez que todos somos hiperestésicos no inconsciente), mas que êle tinha aperfeiçoado seu dom de observador com o que descobria sinais que pareceriam imperceptíveis, normalmente [1]. Mas êsses sinais que até conscientemente se podem perceber com muito exercício de observação, o inconsciente já os tinha percebido antes. Quantas pseudotelepatias, pseudocomunicações do além, não serão mais do que o subir ao consciente dos sensitivos dêsses sinais inconscientemente captados! [2].

Fizeram-se famosas as experiências do Dr. LAURENT.

> Repetindo as do Dr. PICKMANN, o Dr. LAURENT "pôde executar, à distância de quatro metros mais ou menos, as ordens dadas mentalmente por certas pessoas, ordens muito simples, evidentemente, tais como a escolha de um objeto sôbre a mesa" [3].

Isto não é telepatia, mas o que chamamos hiperestesia indireta do pensamento. O "transmissor", ao procurar transmitir ao receptor o que deve realizar, não pode evitar que seu pensamento se reflita em sinais inconscientes. Êstes, e não diretamente a ordem mental, são os captados. O mesmo Dr. LAURENT acrescenta: "Bem analisado o fenômeno em mim mesmo, tenho constatado que se tratava de hiperacusia (hiperestesia do ouvido) em mim, ou percepção de ordens, como que pronunciadas inconscientemente: à direita, à esquerda, sim, não".

1 — SOAL, S. G.: "Preliminary Studies of a Vaudeville Telepathise", Londres, U. of London Council for Psychical Research, III, 1937.

Cfr. do mesmo autor: "My Thisty Years of Psychical Research", em "Proceeding of Psychical Research", CLXXXIII, págs. 80 ss.

2 — Já BINET chamava a atenção sôbre esta possibilidade e aduzia muitos casos confirmativos no seu:

BINET, Alfred: "Le Magnétisme Animal", Paris, 1887.

3 — LAURENT: "Les Procedes des Lisseurs de Pensée. Cumberlandisme sans contat", em "Journal de Psychologie Normal et Pathologie", Paris, t. II, n.º 6, pág. 481. Êste tipo de experiências tornou-se clássico entre os hipnotizadores. O divulgador Paul CLÉMENT JAGOT, por exemplo, nas págs. 53 ss. do seu livro "L'influence a distance" (Paris, Dalgles, 1925) ensina o modo de treinar os sujeitos para chegarem a realizar estas experiências inclusive fora da hipnose, em vigília.

Esta hiperestesia dos sinais dados inconscientemente pelo "transmissor" exagera-se às vêzes, tanto quanto vimos se exagerava em certos hipnotizados.

> O Dr. GRASSET transcreve a carta que lhe escreveu o Pe. D'AIX: "Encontro sempre com a maior facilidade o objeto que me escondem. Com os olhos vendados, sem ver... Dirige-me por detrás de mim o sr. M..., concentrando-se fortemente no pensamento que me quer fazer executar... Sinto, positivamente sinto, uma pressão sôbre as costas, na parte direita superior quando me quer fazer dar a volta... É uma pressão doce, algo de sôpro e de ímã, que se exerce, não diretamente sôbre meu cérebro, mas sôbre minhas costas... Eu estou sempre a menos de dois metros dêle."
>
> Na mesma carta o Pe. D'AIX descreve mais claramente "o exagêro", a ampliação automática do mínimo estímulo, acrescentando: "às vêzes, quando o senhor M... quer que eu me incline, sinto na cintura um pêso extraordinário... dir-se-ia que suporto um pêso de 50 quilos..." [4].

Condenado por hiperestésico

Um caso interessantísimo é o de Ludwig KAHN. Tinha sido condenado pelo tribunal de Karlsrube, acusado de atribuir-se dolosamente um dom de "lucidez". KAHN para reabilitar-se, recorreu ao Dr. SCHOTTELIUS pedindo que o submetesse a quantas provas e as mais rigorosas que quisesse para comprovar a veracidade do seu dom de "leitor do pensamento".

> SCHOTTELIUS colocou KAHN no vestíbulo e êle próprio fechou-se no seu gabinete de trabalho. Escreveu em três papéis, diferentes frases. Depois os dobrou "em oito" e apertou um dos papéis na mão direita bem fechada, outro papel na esquerda e o terceiro deixou-o bem à vista, diante de si sôbre a mesa.
>
> Mandou então que trouxessem KAHN, e êste, a metro e meio do professor, levantou os olhos ao teto e logo disse as frases que estavam escritas nos papéis.

4 — GRASSET, J.: "L'Occultisme hier et aujourd'hui. Le merveilheux préscientifique", 2.a ed., Montpellier, Coulet, 1908 (1.a ed., Paris, Masson, 1907), pág. 394.

Outras experiências semelhantes foram realizadas pelo Dr. SCHOTTELIUS, assim como já antes as tinham realizado outros doutôres eminentes chegando, como êle, à conclusão de que o fenômeno de "visão sem a ajuda dos olhos corporais" (em frase de SCHOTTELIUS) é incontestável [5].

Além dos médicos em condições de experimentação rigorosa, também os metapsíquicos observaram KAHN. Depois de umas experiências de orientação, de sondagem, que começaram em Paris em 1925 no Instituto Metapsíquico Internacional, realizaram experiências tanto mais rigorosas quanto mais assombrosos pareciam aos investigadores os êxitos de KAHN. Mas ao fim tiveram que reconhecer "que estamos perante um fenômeno limpo e irrefutável" segundo a expressão do diretor do Instituto, Dr. OSTY [6].

Mas as experiências do Instituto Metapsíquico Internacional terminaram de chôfre porque de nôvo em 1931, um tribunal de Paris condenou a KAHN como falsário. O tribunal não podia admitir tal capacidade humana de conhecimento... [7].

Em tôdas estas experiências e outras que se poderiam citar, trata-se evidentemente de percepção hiperestésica dos sinais inconscientes, emitidos pelo "pensante": Diríamos cumberlandismo, mas sem contato. Algumas pessoas fàcilmente podem pensar que se trata de telepatia, como pensaram SCHOTTELIUS, OSTY e quantos observaram a KAHN, sem refletirem, entre outros vários detalhes, que era necessária a presença do experimentador que tinha escrito a frase ou feito o desenho. Com a ausência dêle, nada sucedia. O

5 — "Annales des Sciences Psychiques", 1914, março, pág. 65.

6 — OSTY, Eugène: "Um homme doué de connaicensse paranormale, E. Ludwig KAHN", em "Revue Métapsychique", 1925, II, págs. 65 ss.; III, págs. 132 ss.

7 — Não queremos dizer com isto que KAHN nunca fraudasse. Quem nunca frauda não é sensitivo. Não é sensitivo quem domina seu inconsciente até tal ponto que não se veja impelido a fraudar, ao menos inconscientemente, quando o fenômeno que se espera não sai autêntico. O que afirmamos é que muitas das experiências realizadas por êle foram muito bem conduzidas para evitar tôda a fraude. O fenômeno em muitas ocasiões é incontestável para qualquer pessoa que conheça as experiências realizadas.

fenômeno era, pois, sensorial; era o que chamamos hiperestesia indireta do pensamento [8].

Crianças prodigiosas

Os casos que vamos citar, entre outros, talvez não sejam mais importantes que outros casos de "adivinhos", profissionais ou não. Mas os casos que citamos têm a vantagem de terem sido muito bem investigados. Aliás, por tratar-se de crianças ingênuas, atrasadas mentais, prestam-se menos a uma explicação por fraude. . .

> Muito conhecida se fêz a menina ILGA K., de Trapene (Letônia). De pais sadios, teve um desenvolvimento físico normal, mas intelectualmente ficou muito retardada. Aos oito anos tinha o linguajar de uma criança de dois. Nunca conseguiu aprender a ler nem calcular. Não passou do conhecimento isolado das letras e dos algarismos. Pois bem, aos 9 anos (em 1935), apesar de ser incapaz de calcular e de ler, ILGA "lia" qualquer parágrafo em qualquer lingua, inclusive latim, e resolvia problemas matemáticos, contanto que a mãe estivesse em sua presença, lendo mentalmente o mesmo parágrafo, ou pensasse na solução do problema. Numa ocasião, em vez de 42 ILGA disse 12, mas se perguntou à mãe e comprovou-se que a mãe tinha confundido o número 4 com o 1, pela maneira como estava escrito.

A menina não "lia" o papel mas apenas sentia o que a mãe lia. Um médico do lugar, o radiologista Dr. KLEINBERGER, comprovou o caso e avisou ao Dr. NEUREITER, professor de Medicina Legal na Universidade de Riga. ILGA foi examinada por especialistas como os Drs. ROCHACKER e MENSHING (de Bonn), DUBICSCHFF (de Berlim), etc.

Segundo as atas das experiências, "parece" que alguma vez se realizaram estas estando a mãe e filha separadas por uma porta fechada. Mesmo com a porta fechada, é possível a hiperestesia em bons sensitivos. A porta fechada não pode

8 — Experiências parecidas, geralmente mais simples, são relativamente freqüentes e é freqüentíssimo que os hipnólogos as considerem devidas a um fenômeno paranormal, ao que chamam "sugestão mental", "telepatia"... A "sugestão mental", paranormal, nessas condições é sumamente difícil, como veremos nos capítulos 24, 25 e 26.

impedir que, pelos interstícios, cheguem ao sensitivo os sons emitidos pelas cordas vocais, o movimento do ar, os reflexos de luz, etc.

Após as experiências de NEUREITER e a publicação do seu livro a respeito [9], foi nomeada pelo Ministério de Instrução Pública uma primeira comissão sob a presidência do Dr. DALE, diretor do Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade de Riga, comissão que incluía psiquiatras, psicólogos, físicos, especialistas em Fonética, em Pedagogia para surdos-mudos, etc.

Além disso, a menina ficou durante 11 meses sob a observação de uma especialista em Psicologia e Pedagogia. Os resultados das investigações da comissão foram publicados pelo Dr. Hans BENDER do laboratório de Psicologia da Universidade de Friburgo [10].

A conclusão da comissão parece-nos acertadíssima: "não se trata de telepatia, a não ser de maneira episódica", mas de hiperestesia indireta do pensamento, especialmente de natureza auditiva: ILGA percebia os "cochichos involuntários" da mãe, para expressar-me pelos mesmos têrmos dos investigadores; "cochichos" que passavam imperceptíveis às testemunhas, por não serem sensitivas.

Por ser hiperestesia preferentemente auditiva, se explica que pudesse captar o que lia ou pensava a mãe, apesar de esta estar detrás de uma cortina ou detrás de uma porta, mas não percebia nada se a mãe ficava dentro do estrito isolamento da sala de transmissão da emissora radiofônica de Riga, apesar de que ILGA via a mãe através dos vidros. Nesta ocasião, a menina (retardada mental) gritou à mãe: "não ouço nada!".

"Os lábios da mulher — moviam-se simultâneamente com as expressões da menina", mas ninguém, exceto a sensitiva ILGA, podia ouvir nada absolutamente, além de que às vêzes, como expressamente se diz nas atas, a menina dizia a palavra antes de que os lábios da mãe se mexessem. A

9 — NEUREITER, Ferdinand Von: "Wissen um Fremdes Wissen, auf umbekannten Wege erwobe", Gotha, 1935.

10 — BENDER, Hans: "The Case of Ilga K. Report of a phenomenon of unusual perception", em "Journal of Parapsychology", II, 1938.

comissão, aliás, fêz que, durante algumas experiências, se gravassem em discos os sons no mesmo tempo em que máquinas cinematográficas iam filmando todos os movimentos, comprovando desta maneira que nem sempre houve movimento dos lábios da mãe, antes, nem ao tempo da menina dizer o que a mãe pensava. Nestas ocasiões, como comprovou uma segunda comissão de especialistas lituanos, o "cochicho" da mãe era interno, nas cordas vocais e demais "órgãos motrizes da linguagem" internos.

Uma outra anotação interessa-nos nesse caso. É que, como já noutra ocasião temos indicado, os sensitivos o são porque podem manifestar no consciente o que todos captamos só inconscientemente. Referindo-nos ao caso concreto da menina ILGA, a sua audição *consciente* era absolutamente normal, como demonstraram vários testes auditivos.

As Academias de Medicina de Paris e Angers, estudaram o caso de LUDOVICO, caso idêntico ao de ILGA. Muitas revistas de Medicina e Psicologia, dentro e fora da França, ocuparam-se do caso. O Dr. FARGUES publicou um relatório interessantíssimo a êsse respeito [11].

> Esta qualidade, porém, punha LUDOVICO em circunstâncias difíceis para a vida. Quando sua mãe procurou ensiná-lo a ler, compreendeu que era impossível. "Adivinhando", o menino não exercitava nem o juízo nem a memória. Alarmada, a família teve de separar LUDOVICO da mãe, para que pudesse receber uma educação normal. Na ausência da mãe o menino deixou de destacar-se como "adivinho".

Se fôsse telepatia, como afirmam as Academias e professôres que estudaram o caso [12], o fenômeno se produziria exatamente igual na ausência da mãe, pois no conceito de telepatia se inclui que o fenômeno prescinde da distância. É a hiperestesia a que requer, evidentemente, a presença do "transmissor". Aliás, a telepatia não se poderia provocar à vontade, menos ainda com a pasmosa regularidade com que LUDOVICO captava as idéias da mãe.

11 — FARGUES, Mgr. Albert.: "Les phénomènes mystiques distingués de leurs contrefaçons humaines et diaboliques", Paris, Bonne Presse, 1920, págs. 410 ss.

12 — Ver, por exemplo, ROCHAS, Albert, em "Cosmos", XLV, págs. 240 ss.

> Também se fêz muito famoso o menino BO, de onze anos, retardado mental. A mãe, precisamente pelo pouco proveito que o menino tirava na escola, dava-lhe aulas em casa. E descobriu que BO dizia espontâneamente para ela palavras, números, coisas que ela só tinha pensado. BO, que era incapaz de desenhar um quadro ou de repetir uma das frases que no teste de BINET se marcam para meninos de cinco anos, era capaz, porém, de revolver qualquer problema, dar qualquer resposta, por difícil que ela fôsse, se a solução era conhecida pela mãe.

O Dr. DRAKE, do Wesleyan College, de Georgia, estudou o caso e fêz experiências com o menino [13]. Mais uma vez, não se tratava de telepatia, como pensou o Dr. DRAKE. A telepatia, extra-sensorial, não precisa da presença do agente. Dizem expressamente as atas: "Era capaz de dar respostas maravilhosas sempre que estas estivessem na mente da mãe, *mas não podia fazer absolutamente nada se ela o deixava sòzinho*", ou "o menino não pode ler *se alguém não está sentado perto dêle* olhando o livro. Então lê bem, *mas, se o deixam sòzinho não pode*". Captam-se, pois, sinais sensoriais. É um caso de hiperestesia indireta do pensamento.

Acerta, pois, plenamente PALMÉS, quando, referindo-se precisamente ao caso do menino LUDOVICO, escreve já em 1928, antes do nascimento da Parapsicologia: "Os fatos aduzidos se diferenciam do cumberlandismo pròpriamente tal, em que... falta o contato muscular. As impressões correspondentes aos fenômenos mentais transmitidos, seriam sinais acústicos ou visuais. Pode-se também recorrer à percepção tátil das distintas emissões de ar produzidas inconscientemente pelos órgãos fonéticos do transmissor... Tudo isto parece a explicação mais lógica nos casos em que o receptor está a curta distância do transmissor" [14].

A regularidade com que o menino LUDOVICO, ou BO ou ILGA captavam o pensamento da mãe e a quase absoluta ausência de adivinhação com respeito a outras pessoas, explica-se muito bem por poucas noções que se tenham de Reflexologia. Os meninos, por afetividade, ou treino natural, tinham-se condicionado aos sinais reflexos característicos dentro da invidividualidade da mãe. Ora, o inconsciente tem, ou pode alcançar, uma grande delicadeza para diferenciar os diversos estímulos. PAVLOV [15] conseguiu condicionar uns cachorros para um som ("sinal condicionado") de 250 vibrações. Os sons imediatamente superiores e inferiores, não constituiam sinal para os reflexos condicionados, apesar de parecerem ao consciente absolutamente indiferenciáveis [16].

13 — DRAKE, R. N.: "An unusual case of ESP", em "Journal of Parapsychology", II, 1938.

14 — PALMÉS, Fernando María: "Telepatía", em "Enciclopedia Ilustrada Europeo-Americana", Madrid-Barcelona, Espasa-Calpe, 1928, LX, pág. 577.

Outros sensitivos, porém, não se condicionam tão especìficamente às características individuais, mas apenas captam os sinais comuns de tôda a espécie humana ou de quase todos os homens, não só os de uma única pessoa. Os cachorros de PAVLOV, em geral eram condicionados mediante luzes ou qualquer som de apito ou de campainha sem que distinguissem os diversos matizes do som ou voltagem da luz.

Uma aplicação prática

Nem sempre se chega a tais extremos de precisão como nos casos citados ou outros semelhantes. Compreende-se que certos "adivinhos" ou sensitivos consigam adivinhar nos seus consulentes alguns dados e não outros complementares. O "adivinho" simplesmente revela os pensamentos, os temores dos consulentes. Um consulente, por exemplo, pode estar com mêdo infundado, de ser doente do fígado. O "adivinho" pode confirmá-lo no êrro, com perigosas conseqüências.

15 — PAVLOV, Ivan Petrovich: "Conditioned Reflexes", New York, Orford Univ. Press, 1934.

Das traduções hispano-americanas pode se ver: "Los reflexos condicionados aplicados a la patología y psiquiatría", Montevidéu, Pueblos Unidos, 1955, ou em "Obras Escogidas", México, Ed. Quetzal, 1960.

16 — A assombrosa capacidade de diferenciação de estímulos ou sinais condicionados de que o inconsciente é capaz é, por si mesma, uma grande hiperestesia, como já sugerimos nos dois capítulos anteriores.

A mal chamada criptoscopia

Criptoscopia, com propriedade de linguagem só pode tomar-se em sentido *fisiológico.*

Criptoscopia fisiológica seria a visão verdadeira através dos corpos opacos: visão autêntica, ocular, impressão retiniana por qualquer tipo de raios lumínicos, ou outros desconhecidos como queriam alguns metapsíquicos. Não seria criptoscopia pròpriamente a visão alucinatória, "adivinhação", hiperestesia indireta do pensamento, telepatia...

Criptoscopia, fisiológica, para os especialistas em Parapsicologia, é só um aspecto da hiperestesia *direta* estudada no capítulo 5. Visão retiniana através dos corpos *relativamente* opacos, opacos só para as pessoas normais, não verdadeiramente opacos para os sensitivos.

Alguns metapsíquicos, porém, acreditaram que havia verdadeira visão através de corpos verdadeiramente opacos! Tal criptoscopia neste sentido estrito, isto é, visão através de corpos verdadeiramente opacos, não tem base nenhuma científica. É por isto que escrevemos no título: "A mal chamada criptoscopia".

Tratando de demonstrar a visão através dos corpos opacos, por êrro nas condições de experimentação, fizeram-se muitas e magníficas experiências de hiperestesia indireta, isto é, de captação do pensamento de outra pessoa por meio de sinais inconscientes por ela emitidos. Nas experiências estava presente a pessoa que sabia o que havia sob o objeto opaco... [17].

Grande fama alcançaram as magníficas experiências na Rússia com Sofia ALEXANDROVNA. Foram dirigidas pelo Dr. CHOWRIN, diretor do Asilo de Alienados, de Tambow.

Com a ajuda de diversos colegas da Sociedade Médica de Tambow, o Dr. CHOWRIN tomou precauções, engenhosíssimas, para se pôr a resguardo das fraudes assombrosas a que irresponsàvelmente pode chegar uma histérica.

17 — Cfr., por exemplo, ABELOUS: "Sur une observation de vision extrasensoriale. Metanges biologiques pour le jubilé de Ch. Richet", Paris, Alcan, 1913, págs. 1-5.

> Escreveram-se cartas em caracteres tão finos que não se podiam distinguir senão com uma lupa. As cartas eram postas em envelopes, que, uma vez fechados, eram pintados com anilina negra para fazê-los mais opacos. Algumas vêzes meteram-se também nos envelopes papéis fotográficos sensíveis para descobrir se por acaso os envelopes eram abertos furtivamente. Não obstante tôdas as precauções, a doente descreveu o conteúdo das cartas em experiências repetidas umas quarenta vêzes.

Os investigadores concluíram que a doente lia as cartas através dos envelopes opacizados pela anilina e através dos papéis fotográficos... Em primeiro lugar estas experiências cairam também no defeito fundamental de estarem presentes à prova as mesmas pessoas que escreveram e leram as cartas. Isto bastaria para explicar o fenômeno, por hiperestesia indireta do pensamento.

Mas nas atas das experiências temos argumentos que apóiam a explicação, por hiperestesia indireta. Com efeito, não se podia supor visão através dos corpos opacos, porque Sofia ALEXANDROVNA *não olhava* para os envelopes, como expressamente se afirma numa experiência que dirigiram os Drs. TROITZKI e SPERANSK.

Outro dado muito significativo: se não sempre, ao menos freqüentemente não se "lia" o texto mesmo da carta; descreviam-se as imagens correspondentes.

> Por exemplo, numa carta escrita pelo Dr. ANDREOFF dizia-se: "No deserto da Arábia erguem-se três palmeiras, entre as quais flui um manancial murmurante". ALEXANDROVNA diz: "Um grande espaço. É um areal branco como a neve, mas não é neve. Três árvores muito altas. Nunca vi nada semelhante. Poucas fôlhas, fôlhas compridas. Um manancial, cujo murmúrio *se ouve* claramente".

É a alucinação típica provocada reflexamente pelos sinais captados inconscientemente por hiperestesia. Não se leu a carta: captaram-se as idéias ou imagens.

> Noutra experiência tinha-se escrito: "Sofia ALEXANDROVNA está na sua cama e olha para a parede". A doente diz sem olhar para a carta: "Enxergo uma cama, sou eu que estou na minha cama, com fitas atadas ao queixo".

Não se lia a carta por criptoscopia, i. é., visão retiniana através dos corpos opacos. Captava-se o pensamento dos assistentes: "É você tal como está na cama..."

Que não se trata de telepatia ou clarividência parapsicológicas, extra-sensoriais, é claro, entre outras razões, porque não se precisaria a presença dos experimentadores ou da carta...

A explicação por hiperestesia indireta do pensamento, supõe que a doente fôsse hiperestésica. Era-o em grau sumo. Como temos descrito a propósito de alguns cegos, também Sofia ALEXANDROVNA distinguia as côres pelo tato. Pelo tato (ou pelo olfato, etc.) distinguia também os sabores.

> Os investigadores de Tambow enchiam garrafas com soluções de soda, de cloreto de sódio, de cloridrato de quinina, de sulfato de zinco. Depois umedeciam pequenos fragmentos de papel numa destas soluções.
>
> ALEXANDROVNA, em contato com os papéis, sentia imediatamente o gôsto do sal, do ácido, do adstringente ou do amargo [18].

Tomaram aqui a precaução de que umedecesse o papel alguém que depois não assistiria à prova com Sofia ALEXANDROVNA. Os investigadores, pois, não sabiam que solução era a empregada. Esta precaução não a tomaram nas experiências com cartas. Por quê? Não seria porque se estava ausente o conhecedor do escrito, a experiência fracassava? Mas, diante dos papéis impregnados, a sensitiva não precisava de sinais inconscientes dos assistentes; bastava a hiperestesia direta do olfato, do gôsto ou do tato sôbre os objetos.

Sendo a doente extraordinária hiperestésica, como demonstram estas últimas experiências com papéis impregnados, não será de estranhar que, por hiperestesia dos sinais inconscientes, captasse indiretamente os pensamentos dos assistentes. As experiências de Tambow, como se vê, não provam a clarividência fisiológica, isto é, visão retiniana através dos corpos opacos (supondo que fôssem verdadeiramente opacos os materiais empregados). Menos ainda provam a clarividência ou telepatia parapsicológica, extra-sensorial. São, porém, de alto valor em prol, uma vez mais, da hiperestesia indireta do pensamento, isto é, adivinhação do pensamento dos assistentes por meio dos sinais inconscientemente emitidos por êles [19].

18 — CHOWRIN, N.: "Experimentelle Untersuchungen auf dem Gebiete des räumlichen Hellsehens, der Kryptoscopie und inadäquaten Sinneserregung", Munich, Reinhardt, 1919.

O mecanismo de captação de sinais

Sabe-se que há certas emissões de sinais correspondentes aos atos internos embora seja difícil determinar em cada caso quantos e de que tipo são os reflexos fisiológicos externos, os sinais emitidos.

Sabe-se também que o homem pode captar êsses mínimos sinais ou reflexos fisiológicos externos correspondentes ao pensamento de outra pessoa presente, pois o homem é hiperestésico ao menos no inconsciente.

A HIP (hiperestesia indireta do pensamento) é a captação e interpretação, geralmente inconsciente, dêsses sinais. Nos sensitivos essa interpretação passa ao consciente sem que o consciente, geralmente, saiba donde veio essa "adivinhação", pelo que freqüentemente foi atribuída ao "além".

O Dr. CALLIGARIS, professor de Neuropatologia na Universidade de Roma, em numerosas passagens de um dos seus livros [20], afirma, após numerosas experiências, que o *reflexo fisiológico das idéias passa às pessoas presentes como por ressonância ou consonância.* A idéia, sentimento, etc., não só tem repercussão fisiológica em determinadas e mínimas "áreas" ou "campos" cutâneos dessa mesma pessoa, senão que a mesma repercussão experimentam por ressonância as "áreas" ou "campos" correspondentes das pessoas presentes.

19 — RICHET ("Traité de Métapsychique", 2.ª ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 235) inclina-se pela clarividência paranormal, embora admita a possibilidade remota de se explicar os fatos por hiperestesia direta, i. é, criptoscopia fisiológica através dos envelopes. Com efeito, é enorme a dificuldade de explicar os fatos por hiperestesia direta. Mas, na hiperestesia indireta do pensamento, não pensou o célebre metapsíquico, como também não os investigadores de Tambow...

20 — CALLIGARIS, Giuseppe: "Le Mereviglie della Metafisiologia", Brescia, G. Vanini, 1944.

SEMINÁRIO CONCÓRDIA

Com certas técnicas pode-se aumentar essa repercussão fisiológica.

Essa ressonância ou repercussão seria em definitivo o que nós chamamos hiperestesia, percepção inconsciente dos sinais. Seria uma hiperestesia cutânea, que se viria a acrescentar à hiperestesia visual, auditiva... Por muitos caminhos o reflexo fisiológico das idéias de outra pessoa passaria a nós ou às pessoas presentes.

E como tais reflexos se identificam com a idéia, como idéia e reflexo são apenas dois aspectos diferentes de um só fenômeno, compreender-se-á que, se inconscientemente são reproduzidos em nós êsses reflexos fisiológicos de outra pessoa, também teremos captado a idéia inconscientemente.

Se, com técnicas especiais, ou pelo treino espontâneo ou provocado, ou em circunstâncias especiais esta ressonância é aumentada em certas pessoas, compreender-se-á porque, nessas pessoas, o que só era "adivinhação" inconsciente pode fazer-se consciente. Nos sensitivos, êste exagêro, esta passagem do inconsciente ao consciente, é mais freqüente, ou até regular.

Aplicações práticas

Em primeiro lugar deve-se destacar a importância da hiperestesia indireta do pensamento. Ela é muito mais freqüente que a telepatia ou qualquer outro fenômeno paranormal, extra-sensorial. Já PUYSÉGUR, um dos primeiros investigadores do hipnotismo, advertia os hipnotizadores contra o êrro de considerar como telepatia muitos atos que não o são, tanto que chegou PUYSÉGUR a afirmar expressamente que "era êrro pensar que, por meio de um sonâmbulo (hipnotizado) clarividente, se pudesse adivinhar o pensamento de uma pessoa ausente, pois o único que se obtinha em tais ocasiões era inspirado inconscientemente pelo próprio observador" [21].

PUYSÉGUR exagera e erra ao não admitir a possibilidade da telepatia, mas está certo, e só para isso tinham

21 — Citado por SILVA MELLO, A. da: "Mistérios e realidades dêste e do outro mundo", Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1949, pág. 232.

fundamento as suas observações, quando afirma que o que na realidade sucede na quase totalidade dos casos é que o sonâmbulo capta, indiretamente, o pensamento consciente ou inconsciente do observador presente.

Uma experiência fácil, inspirada no livro de JULIO MARIA [22], tem comprovado inúmeras vêzes que a hiperestesia indireta do pensamento é mais fácil e freqüente que a telepatia. Os leitores podem repetir a experiência com facilidade.

> Se a um adivinho, médium, radiestesista, etc., se apresenta uma série de perguntas escritas e guardadas num envelope, o "adivinho", com alguma freqüência, será capaz de dizer o conteúdo do envelope. Mas se não fomos nós mesmos que escrevemos as frases dos envelopes, mas um amigo que nô-las enviou por correio (e isto é mais seguro do que a entrega pessoal para se evitar tôda a hiperestesia inconsciente em nós), comprovaremos que só raríssimamente, e só muito bons "adivinhos" serão capazes de dizer-nos o conteúdo do envelope.

Esta experiência, ou semelhantes, provam perfeitamente que no primeiro caso, i. é., quando a consulta é feita pela própria pessoa que escreveu, é mais fácil acertar, por tratar-se de hiperestesia indireta do pensamento. Mas no segundo caso onde não pode haver sinais inconscientes, os acertos são mais difíceis e raros por tratar-se de telepatia ou conhecimento extra-sensorial.

Muitas vêzes é o espectador que se trai a si mesmo, ao consultar a um "adivinho" ou nas sessões mediúnicas. O médium ou "adivinho" não sabe mais do que aquilo que o consulente lhe diz na linguagem dos sinais inconscientes e involuntários. O estado de transe do médium, ou de delírio, narcotismo, histeria em que entram natural ou artificialmente muitos "adivinhos", ajuda evidentemente à hiperestesia. Por outra parte, a corrente de certas sessões espíritas favorece a hiperestesia do pensamento de tipo cumberlandismo. Cumberlandismo e HIP em geral, combinados, podem, é claro, chegar a limites insuspeitados em pessoas especialmente "dotadas" e especialmente treinadas.

22 — JULIO MARIA: "Os segredos do espiritismo", 4.ª ed., Petrópolis, Vozes, 1950, pág. 186.

É o resultado, repetimos uma vez mais, pode ser só o de confirmar o consulente na sua idéia talvez errada. Já no seu tempo dizia RICHET: "Se eu conheço a palavra *Margarida* que o médium deve dizer, e mormente se o médium tem dúvidas, eu lhe fornecerei, muito ingênuamente, as indicações que precisar, retificarei seus erros, serei seu cúmplice involuntário..." [23].

Dentro do âmbito da hipnose, são muitas as considerações práticas que se podem tirar do que temos exposto sôbre a hiperestesia indireta do pensamento. Entre estas está, por exemplo, a do perigo que podem ter sugestões só pensadas pelo hipnotizador e não manifestadas. Pacientes muito sensitivos ou treinados podem captá-las por hiperestesia indireta do pensamento. Como aquelas sugestões não foram dadas expressamente, se o hipnotizador não as retira, em certos casos podem depois trazer complicações.

Já em 1784, PUYSÉGUR descobria que, com um de seus pacientes, não tinha necessidade de falar para dar as sugestões "magnéticas" (hipnóticas, diríamos hoje).

> "Eu pensava, simplesmente, na sua presença e êle me compreendia e me respondia... Quando êle se mostrava disposto a dizer mais do que eu julgava prudente deixar entender, eu, só com o pensamento, interrompia imdiatamente suas idéias, cortando as frases no meio de uma palavra e modificava completamente seu curso" [24].

Por não suspeitarem da hiperestesia indireta do pensamento, muitos investigadores tiraram conseqüências infundadas nas suas experiências com hipnotizados. Assim, por exemplo, quiseram provar a frenologia servindo-se das manifestações de pessoas submetidas à hipnose. Diziam: se estimulamos uma determinada zona do crânio e o hipnotizado reage segundo o sentimento correspondente à zona frenológica excitada, isto prova evidentemente que a frenologia está certa quando diz que "Cada sentimento... tem uma sede no crânio e o estímulo destas zonas provoca o sentimento".

23 — RICHET, o. c., pág. 77.

24 — PUYSÉGUR, carta de 8 de março de 1784, citado por Cond.ª C. de Se. DOMINIQUE no seu livro "Animal magnetism", Londres, 1874.

Não poderia ser fingimento por parte do hipnotizado, porque como poderia um hipnotizado "analfabeto" saber qual o sentimento que se deve excitar nesta ou naquela zona?

Êste raciocínio vem já dos primeiros estudiosos do hipnotismo. Assim BRAID segundo uma citação do Dr. MURPHY [25], demonstrava a frenologia com a seguinte observação:

> Um paciente quando se lhe estimulou a zona da cordialidade e o afeto, abraçava o médico; ao ter estimulado o órgão da combatividade no lado contrário da cabeça, com o braço correspondente golpeou dois cavalheiros que imaginou que iam agredi-lo, de tal forma que quase deixou um dêles estendido no chão; enquanto isso, com o outro braço continuava a abraçar o médico da maneira mais afetuosa.

E assim com outras zonas. Mas o argumento não serve: O hipnotizado, por hiperestesia indireta do pensamento, poderia adivinhar as idéias preferidas do experimentador e acomodar-se a elas nas manifestações.

A mesma falha de argumentação têm cometido muitíssimos investigadores da hipnose. Alguns experimentadores querem provar suas teorias sôbre o hipnotismo baseando-se nas descrições dos hipnotizados, incultíssimos nas teorias hipnóticas. Outros experimentadores provam teorias diferentes, aduzindo êste mesmo argumento das descrições dos hipnotizados incultos...

No entanto, poderia ser que os hipnotizados, apesar de não saberem nada de hipnose teórica, captassem, por hiperestesia indireta do pensamento do seu hipnotizador, as teorias preferidas do mesmo hipnotizador...

Um dos erros mais lamentáveis e freqüentes é o daqueles que procuram provar uma regressão da idade até o óvulo fecundado e inclusive até o espermatozóide... Como poderia o hipnotizado, sendo inculto, descrever perfeitamente o espermatozóide, a evolução do óvulo, etc.? O hipnotizado

25 — MURPHY, Gardner: "Historial Introduction to Modern Psychology", New York, Harcourt Brace and Co., 1949; e Londres, Routtedge and Kegan Paul, 1949. Tradução espanhola: "Introducción histórica a la Psicología contemporánea", Buenos Aires, Paidós, 1960.

não o sabia, mas aí está o médico hipnotizador que o sabe e que deseja que o hipnotizado confirme suas teorias de regressão da idade até aquêles estados iniciais da vida.

As conseqüências práticas que poderíamos tirar do que chamamos "hiperestesia indireta do pensamento" são numerosíssimas.

Os reflexos fisiológicos ou sinais correspondentes a todos nossos atos psíquicos são sentidos pelas pessoas que se encontram presentes.

Provàvelmente tôdas as pessoas presentes captam e interpretam, ao menos inconscientemente, êsses sinais externos ou reflexos, e a partir dêles se interpreta ou capta o pensamento que os motivou.

A êste fenômeno de "adivinhação" sensorial chamamos "hiperestesia indireta do pensamento" (HIP).

Uma grande maioria das "adivinhações" não são paranormais, mas simplesmente HIP.

9 Pantomnésia

O INCONSCIENTE SE LEMBRA DE TUDO

Lembrou-se do que vira quando bebê. — Um analfabeto aprende abras literárias só de ouví-las uma vez. — Graças à memória do inconsciente recupera-se uma fortuna. — O nosso inconsciente não esquece nada.

O FILÓSOFO DELBOEUF sonhou que no pátio da casa encontrara duas lagartixas enterradas na neve e rígidas pelo frio. Tomou-as, aqueceu-as nas mãos e colocou-as numa grêta do muro. Depois colocou ao lado delas umas ervas que lá cresciam. Ainda em sonho pronunciou o nome da planta: "Asplenium ruta muralis" (sic). O nome se lhe apresentou como algo familiar. DELBOEUF não se lembrava de quase nenhum dos nomes técnicos das plantas apreendidos na época de estudante. Como, pois, era possível aquêle conhecimento técnico? Após 16 anos encontrou casualmente a explicação: em casa de um amigo encontrou um pequeno álbum de flôres sêcas, no qual estava escrito, por seu próprio punho: "Asplenium ruta muraria". O mesmo DELBOEUF o escrevera muito tempo antes, depois de consultar um botânico. DELBOEUF

já nem se lembrava de que sua irmã presenteara aquêle álbum ao amigo. Única variante: "muraria" por "muralis" [1].

Casos semelhantes são bastante freqüentes. Isto nos prova, evidentemente, que se guardam no nosso psiquismo antigas lembranças que o consciente já esquecera completamente. Surge, pois, a pergunta: até que ponto chega a memória do inconsciente? As respostas dá-las-emos por partes.

Época infantil

Para saber até onde chega o poder mnésico do inconsciente, um primeiro passo importante é, sem dúvida, constatar que o nosso inconsciente lembra-nos coisas que conhecemos quando ainda não tínhamos uso da razão. Êste fato tem-se comprovado inúmeras vêzes.

> O Dr. MAURY, por exemplo, conta que uma noite sonhou que era menino e que vivia num povoado de Trilport. Lá imaginou ver um homem fardado que dizia chamar-se "fulano". MAURY gostava de analisar seus sonhos. Embora não tivesse a menor idéia daquele homem nem daquele povoado, onde pensava não ter vivido nunca, havia no sonho uma vaga sensação de "já visto". Passado algum tempo encontrou-se com a antiga ama sêca. A aia disse-lhe que, sendo êle muito criança, foram à mencionada localidade, onde o pai devia construir uma ponte, e que havia lá um policial com o mesmo nome que lhe tinha sido dito no sonho [2].

Foi essa uma impressão de "já visto" que, contra tôda verossimilhança, se confirmou [3].

1 — Citado, entre outros muitos autores, por SILVA MELLO, A. da: "Mistérios e realidades dêste e do outro mundo", Rio de Janeiro, José Olímpio Editôra, 1949, pág. 312.

2 — MAURY, Alfred: "Le sommeil et les rêves. Études psychologiques sur ces phénomènes et les divers états que s'y rattachent", 4.ª ed., Paris, 1878, pág. 92.

3 — Pela memória do insconsciente explicaram-se muitos casos de "já visto". Esta memória pode referir-se a antigas sensações inconscientes ou impressões conscientes já esquecidas. As antigas impressões (conscientes ou inconscientes) podem ter sido causadas não pelo mesmo objeto de que agora a pessoa se lembra, senão por uma fotografia, cinema, descrição... Mas não queremos dizer com isto que não haja outras explicações para outros casos de "já visto".

Mais ainda, tem-se comprovado também que a lembrança pode-se referir inclusive àquelas sensações que se teve quando criança de colo!

RIGNANO, p. ex., cita no seu "Ensayo de síntesis científica" o seguinte caso:

> Uma jovem, ao chegar a um lugar "onde nunca estivera", conhecia tudo perfeitamente. Impressionado, pesquisou, descobrindo que quando criança de poucos meses fôra levado para aquêle lugar pela ama.

O inconsciente arquivara todos os detalhes. Agora, em presença do lugar, a lembrança brotou.

Uma família estava confusa pelo acontecido com uma das filhas.

> Trata-se de uma jovem de 16 anos. Um dia fôra a um grupo escolar e percebera que "já o conhecia, apesar de nunca ter estado nêle!" As professôras do centro, impressionadas pelo fato, fizeram naquele mesmo momento algumas experiências e, com efeito, a jovem descrevia as salas ants de abrirem-se as portas. Só uma falha: disse que uma sala era o gabinete da diretora e, na realidade, o aposento era de uso da encarregada da limpeza. Os familiares da jovem estavam angustiados, porque alguns espíritas tinham-lhes dito naquele colégio numa reencarnação anterior (?!), teoria que que isso era prova evidente de que a menina tinha estado êles, como católicos, não podiam admitir.

As averiguações que se realizaram comprovaram, em primeiro lugar, que só durante o primeiro ano de funciona-

Muitas vêzes, com efeito, essa impressão de lembrança se deve a diversas ilusões: "Já vi aquilo" e na realidade nunca o viu mas o imaginou ou sonhou... (contra a opinião que nos parece insustentável, como veremos, de LEONARD, que nega a corrente de união, ou lembrança de sonho a sonho). Outras vêzes a ilusão é que na realidade vimos alguma coisa parecida mas não a mesma e freqüentemente haverá ilusão completa, uma "falsa lembrança", ou o distúrbio psíquico chamado em Psicologia "lembrança do presnte". (Cfr. BERGSON, H.: "L'Energie spirituelle", Paris, Alcan, 1924, pág. 117, assim como "Revue philosophique", 1908, 12).

A sensação de "já visto" pode se dever também nalgum caso, à lembrança de uma "precognição" tida antes, "precognição" que pode ser meramente inconsciente. Das precognições reais e aparentes, falaremos amplamente nos capítulos 15 16 17 18 e 19.

mento do grupo aquêle quarto que a jovem designava como gabinete da diretora o fôra de fato. Atualmente nenhuma das professôras do colégio sabia disto, pois tôdas eram mais recentes na casa. E foi precisamente naquele ano da inauguração que uma tia da jovem estêve visitando o grupo, levando-a no colo, então uma criancinha de um ano de idade [4].

Têm-se feito algumas experiências, de ler para um menino, às vêzes mesmo de poucos dias, um longo parágrafo de um livro, e passados vários anos, fazer-lhe repetir, em hipnose, o mesmo parágrafo que só uma vez ouviu, e que nem mesmo era capaz de entender. O inconsciente, até de criancinha, é um ótimo "gravador".

Lembra-se até do "não percebido"

É um passo a mais para compreendermos até onde chega a memória do inconsciente.

Muitos são os aspectos e casos que se poderiam analisar sôbre a lembrança do "não percebido". Com efeito, como vimos, o inconsciente lembra-se do que só ouviu em tenra idade. É um tipo de "não percebido", já que as criancinhas "não prestam atenção". São freqüentes os casos de lembrar-se do que se ouviu completamente distraído; eis outro tipo do que chamamos "não percebido". Podemos lembrar-nos até daquilo que jamais poderia perceber o consciente, lembrança de sensações hiperestésicas e inconscientes como veremos neste e no próximo capítulo.

Agora queremos indicar outro aspecto: possìvelmente não existe algum estado tal de "desmemorização" que possa inclusive atingir o inconsciente. O exemplo típico é dado por CHARCOT numa das suas famosíssimas aulas na Salpetriére.

> Uma doente, depois de violenta crise provocada por uma emoção, esquece tudo, desde um mês antes da crise (amnésia retrógrada), e depois não pode fixar nada nem guardar nenhuma lembrança (amnésia atual). CHARCOT, o célebre investigador do hipnotismo em doentes, analisa assim o caso na aula: "Na realidade, os fatos que ela esquece tão ràpidamente no estado de vigília, e que não pode fazer aparecer no seu consciente estavam verdadeiramente registrados (pelo inconsciente). A prova é que, espontâneamente, ela conseguiu lembrá-los de noite, no sonho. Mandamos que fôsse observada por dois vizinhos de cama e comprovamos assim que ela freqüentemente sonha alto e que nos seus sonhos faz, às vêzes, alusão aos acontecimentos... que é incapaz de fazer reviver no estado de vigília. Mas a prova de que o inconsciente se lembra de tudo está, especialmente, no fato seguinte: esta mulher, que conseguimos hipnotizar, encontra durante a hipnose, todos os fatos sucedidos até o presente momento, e tôdas as lembranças revivem associadas, sistematizadas, ininterruptas, de modo que formam uma trama contínua e como que um segundo "eu", que contrasta estranhamente com o "eu" oficial, do qual todos conheceis a amnésia profunda" [5]. Os parênteses são nossos.

4 — Consulta e averiguações do autor no Rio Grande do Sul.

O inconsciente aprende imediatamente coisas complexas

Entre os casos espontâneos é clássico o referido por MICHEA e citado por muitos autores.

> Um jovem açougueiro, num acesso de mania, recitava páginas inteiras da "Fedra" de Racine. Curado da sua mania, por mais esforços que fizesse, não conseguia recordar-se de um verso sequer. Declarou ter ouvido uma só vez a leitura dessa tragédia, quando pequeno [6].

Poucas coisas são tão complexas quanto as línguas. O próximo capítulo intitula-se "O inconsciente, a melhor escola de línguas". É por isso que não nos deteremos no tema da complexidade dos dados que pode arquivar o inconsciente.

A extensão qualitativa da memória

Mede-se a memória não só pelo tempo durante o qual retém os dados aprendidos (extensão temporal, de que logo falaremos), nem tão pouco só pela quantidade de dados

5 — CHARCOT, J. M.: "Sur un cas d'amnésie rétroantérograde probablement d'orige hystérique", em "Revue de Médicine", 1892, XII, pág. 81.

6 — Citado, entre outros autores, por LAPPONI, José: "Hipnotismo e Espiritismo", trad. da segunda ed. italiana por VIEIRA, Baptista Manoel, São Paulo, Falcone, 1907, pág. 227.

que é capaz de armazenar (extensão quantitativa ou complexidade, à qual acabamos de aludir e da qual todo o presente capítulo vem a ser um comentário); mede-se também pela minuciosidade dos detalhes que chega a conservar. Isto vem a ser a extensão qualitativa.

Em matéria de detalhes, isto é, no aspecto qualitativo, o inconsciente chega a limites insuspeitados.

Desde BOTTLEY, são relativamente freqüentes na hipnose experiências como a seguinte:

> "Coloca-se sob os olhos do sonâmbulo uma série de fôlhas de papel superpostas e ordena-se-lhe que escreva, à medida que se vai ditando. Após ter escrito algumas linhas sôbre a primeira fôlha, esta é retirada sùbitamente, e êle prossegue escrevendo sôbre a segunda, caso não tenha notado a falta da primeira, para o que se pode fazer alguma sugestão direta. Opera-se da mesma forma com a segunda, depois com a terceira e a quarta fôlha, ficando escritas sôbre cada uma delas apenas algumas linhas. Em cada página, o sonâmbulo é capaz de retomar sempre o ponto em que havia parado na anterior. Finalmente, quando termina a quarta fôlha, coloca-se-lhe nas mãos a quinta, ordenando-lhe que releia em voz alta tudo o que escreveu e que coloque a pontuação nos lugares necessários. Êle pode executar tudo isto com extraordinária exatidão, não omitindo nenhuma palavra e fazendo as correções nos devidos lugares das quatro fôlhas retiradas" [7]. Sôbre a fôlha em branco!

O fenômeno pode ser reproduzido aproveitando-se outros estados de inconsciência, diferentes da hipnose, como, p. ex., o sonambulismo espontâneo, durante o sono natural.

> O Arcebispo de Bordeaux refere o seguinte caso: um jovem sacerdote, durante o sono, levantava-se, sonâmbulo, para escrever sermões e compor música. O Arcebispo acompanhou o sonâmbulo várias noites seguidas. Com precisão matemática, o jovem, de olhos fechados, apanhava todo o material necessário. Quando compunha música, traçava primeiro as pautas com uma régua. As notas e o texto eram perfeitos, e, se havia erros, ao "reler", corrigia-os nos lugares correspondentes. Os sermões, lia-os em voz alta do comêço ao fim com os olhos fechados! Corrigia as passagens de que não gostava. O Arcebispo, suspeitando que o sonâmbulo talvez enxergasse através das pálpebras fechadas, interpôs obstáculos, como fôlhas de papelão diante do sonâmbulo, quando êste "lia". O padre continuava lendo calmamente, imperturbável. Outras vêzes o Arcebispo substituía as fôlhas escritas por outras fôlhas de igual formato, pêso etc., e o padre "lia" sôbre as fôlhas em branco o que estava traçado nas outras. Também corrigia nas em branco os erros ou frases menos felizes, sôbre os lugares exatos correspondentes aos das outras fôlhas [8].

Como se vê por estas manifestações, a minuciosidade da memória do inconsciente é assombrosa.

O tempo na memória inconsciente

Eis outro fator de grande importância. Três aspectos que na realidade se interpenetram, podem ser aqui considerados: até que idade anterior podem retroceder nossas lembranças; até que idade avançada se arquivam no inconsciente; e por quanto tempo se conservam.

"Até que idade anterior podem retroceder nossas lembraças?". Já apontamos alguns casos de memória de fatos sucedidos antes do uso da razão e inclusive na primeira infância. Tais casos são relativamente freqüentes.

Mais ainda: um tipo de experiência é apresentado sob o aspecto e denominação de "regressão" na idade. O hipnotizado é levado pela fôrça da sugestão a anos passados, reproduzindo então critérios, gestos, linguagem, ocupações ou jogos próprios da idade sugerida.

Alguns autores que não têm considerado suficientemente o assunto defendem a "regressão" a um estágio uterino anterior à mielinização, ou, inclusive, pré-uterino. Os melhores especialistas evidentemente contestam êsse fato. Tais "regressões" são puramente fictícias. O paciente, submetido a sugestão, é bem capaz de criar magníficas fantasias. É verdade que, em alguns casos, o inconsciente poderá revelar fatos ocultos, e que depois se comprova corresponde-

7 — Citado, por exemplo, por SILVA MELLO, A. da: o. c., pág. 324.

8 — "Encyclopédie Française" no artigo "Sonambulisme".

rem a épocas de pré-mielinização ou pré-uterinas sugeridas. Não se trataria nestes casos de autêntica lembrança do inconsciente, mas apenas, em última análise, de conhecimento atual paranormal. Geralmente será mera projeção ao passado de conhecimentos atuais conscientes ou inconscientes.

Está claro que, na "regressão" hipnótica, não se trata de verdadeira regressão do tempo e que, por tanto, não se pode esperar uma acomodação total da personalidade à idade sugerida como esperavam alguns hipnólogos menos avisados. O inconsciente toma do seu arquivo inúmeras lembranças, para fingir a "regressão" que se lhe impõe, mas nem por isso se desprende da personalidade adulta presente.

Há pessoas que "regridem" a idades infantis, e, submetidas ao teste de RORSCHACH, procedem aparentemente com psicologia infantil, o que demonstra a memória do inconsciente. Mas um psicólogo experimentado descobrirá logo detalhe de madureza, o que demonstra que a regressão é só aparente.

> Um homem desenhou uma árvore com traços e ingenuidades próprias da idade sugerida de seis anos, mas não omitiu as raízes, detalhe que, aos seis anos de idade autêntica, teria omitido. Outro indivíduo, depois de aceitar a sugestão de que tinha quatro anos, perguntado repentinamente sôbre que horas eram, não conseguiu reprimir um gesto de consultar o relógio de pulso.

Êsses e outros exemplos, mostram que se trata de memória (e imaginação...).

Outros autores, como BUTLER [9], querem ver no instinto, animal ou humano, uma memória inconsciente herdada. Mas será que os primeiros animais e os primeiros homens não tinham instintos? Em todo o caso, o instinto, reflexos incondicionados, fatôres hereditários do caráter e outros, só num sentido muito lato poderão ser chamados "memória", uma espécie de memória inconsciente de épocas passadas, transmitidas de pais a filhos.

"Até que idade avançada se arquivam as lembranças?" Parece que até a morte. Mais ainda; como é sabido, é precisamente nos moribundos que o inconsciente parece aflorar mais, surgindo lembranças "até dos primeiros anos de vida".

9 — BUTLER, Samuel: "Unconsciouf Memory", 1910 (1.ª ed., 1880).

Os velhos, com freqüência, lembram até conscientemente os seus primeiros anos, a sua infância, a sua juventude, e contìnuamente falam dêles.

São muitos os casos em que pesoas muito velhas manifestam de repente por qualquer associação de imagens, lembranças do inconsciente, lembranças tão antigas, tão esquecidas pelo consciente, que ninguém as reconhece como tais dando origem a interpretações às vêzes supesticiosas. Tornou-se clássico em Psicologia Experimental o seguinte caso:

> Uma anciã, ao passar por um lugar "no qual nunca estivera", "adivinhou" de repente que naquele local tinha havido plantações de violetas. Fato surpreendente, porque aquêle local, edificado e central, não poderia sugerir absolutamente tais plantas anteriores. Mas a senhora, sem poder explicar o motivo, estava convencida do que afirmava. Fizeram-se averiguações e comprovou-se que de fato, mais de trinta anos antes, naquele local se tinha derrubado um edifício, tendo ficado acertado que, até nova construção, o terreno serviria para plantações de um famoso jardineiro. A senhora, porém, ignorava absolutamente esta circunstância.
>
> O tempo encarregou-se de elucidar a questão. O marido da senhora, intrigado também, pensou muitas vêzes no assunto. Um dia, quase de repente, lembrou-se de que, pouco antes de ser vendida a propriedade, êle mesmo comprara lá um ramalhete de violetas para sua espôsa, então convalescente de uma doença. Então a espôsa se lembrou de que seu marido, ao dar-lhe as flôres, lhe dissera onde as comprara [10].

Ambos haviam se esquecido, mas o inconsciente "não esquece nada". Ao passarem por aquêle lugar, trinta anos após, efetuou-se a associação das idéias e brotou a misteriosa lembrança.

"Por quanto tempo o inconsciente conserva as lembranças?" Implìcitamente esta questão está já respondida nos itens anteriores: desde a infância até a velhice parece que o tempo não afeta a memória do inconsciente.

10 — "Enciclopedia Ilustrada Europeo-Americana", Madrid-Barcelona, Espasa-Calpe, no artigo "Vaticinio", pág. 382.

A corrente da memória

Para sabermos até que ponto chega a memória é importante mais um dado. Já temos visto como as coisas sucedidas em estado consciente arquivam-se no inconsciente. Arquivam-se também no inconsciente as coisas sucedidas durante os mesmos estados de inconsciência. E a passagem de um estado a outro de inconsciência não está fechada para a memória do inconsciente. Por exemplo, o sucedido durante a inconsciência de uma crise histérica surge na hipnose. O sucedido na hipnose surge à tona, por exemplo, no desdobramento da escrita automática. O sucedido durante o sonho é lembrado, por exemplo, na alucinação quando se fixam os olhos numa bola de cristal, etc. Tudo parece indicar, pois, que a memória do inconsciente forma "uma trama contínua, ininterrupta", segundo a frase de CHARCOT já citada.

Eis um caso de lembrança, no sonho natural, de algo realizado na inconsciência da sugestão pós-hipnótica.

> O Dr. VOISIN hipnotiza um homem. Feito isto, sugere-lhe que ao acordar, em vigília, deverá assassinar uma mulher que então estava deitada num leito próximo, e sugere também que deve esquecer tudo. Acordado do sono hipnótico, sem saber por que o indivíduo dirige-se à cama que estava perto e sem hesitar apunhala um manequim de mulher, perfeitamente dissimulado. Os magistrados, diante dos quais se realizava a experiência, não conseguiram do suposto assassino nem a confissão do crime nem a descrição do ato, nem o nome do cúmplice que o sugerira. Era uma ação em vigília mas imediatamente esquecida por efeito da sugestão pós-hipnótica. Três dias depois, o homem volta à Salpetriére. Sua fisionomia mostra as marcas do sofrimento moral intenso e de insônia pertinaz. Queixa-se de ver tôdas as noites, assim que adormece, uma mulher que o acusa de tê-la assassinado com uma faca. Acorda sempre excitadíssimo. Rejeita o sonho como absurdo, mas conciliando novamente o sono, surge o mesmo sonho da trágica aparição. Os médicos tiveram então de explicar-lhe tudo para que o pobre homem não ficasse louco [11].

11 — VOISIN, Auguste: "Les suggestions criminelles posthypnotiques", em "Revue de l'hypnotisme", 1891, V, pág. 382.

BERNHEIM, depois de fazer muitas experiências corroborando o fenômeno de que pelo hipnotismo se podem relembrar fatos que pareciam totalmente esquecidos ou nunca percebidos, passou nas suas experiências ao fenômeno de que agora tratamos. Demonstrou à saciedade como, durante a hipnose, podem ser lembrados todos os fatos que em anteriores hipnoses haviam realizado, mas com a sugestão pós-hipnótica (eficaz, portanto, só para o consciente) de que depois fôssem esquecidas [12]. Pede-se a um hipnotizado que descreva o que se lhe mandou esquecer e é curioso comprovar quão perfeitamente se lembra de tudo o que, quando consciente, se chega pensar que não viu, nem sentiu.

Umas conclusões práticas

A sugestão pós-hipnótica para esquecimento não é eficaz no inconsciente. Sugestões pós-hipnóticas de esquecimento, por exemplo, de traumas para cura de psiconeurose, muitas vêzes não corresponderão ao método mais indicado, pois, passado algum tempo, por efeito de associações ou certas contradições espontâneas, o trauma "esquecido" pode surgir de nôvo à tona.

Não se deve pensar, outrossim, que certas sugestões, até ridículas, não são perigosas pelo simples fato de que depois se dão sugestões pós-hipnóticas de esquecimento; o esquecimento não é total e algum dia poderia influir no comportamento do paciente. É êste um dos perigos da hipnose de palco.

Pantomnésia ou hiperemnésia?

Se somos pantomnésicos (do grego "mnésis = memória, e "pantom" = de tôdas as coisas) lembramos tudo, absolutamente tudo. Se somos hiperemnésicos (do grego "hiper" = sôbre, extraordinária; e mnésis = memória) então nossa memória inconsciente seria, sim, admirável, superaria tudo o que geralmente se pensa, mas não seria precisamente memória de tudo.

O dilema é antigo. Foi RICHET que propôs o têrmo "pantomnésia": "Para indicar — escreve — que a memória

12 — BERNHEIM, H.: "Hypnotisme, suggestion, psychotèrapie", Paris, 1891, págs. 133 ss.

não esquece nada e que tudo o que impressiona nossos sentidos (acrescentamos nós: ou nossa inteligência, vontade, imaginação...) permanece fixado no cérebro inconsciente, eu proporia a palavra *pantomnésia*. Pela sua etimologia, significa que nenhum vestígio do nosso passado cognoscitivo se apaga" [13].

Não é possível provar experimentalmente que não se esquece absolutamente nada.

Mas a pantomnésia parece lógica. O que se poderia esquecer mais fàcilmente? Os casos espontâneos e experiências que se têm logrado realizar e que fomos expondo até aqui, mostram precisamente que as coisas que mais fàcilmente se esqueceriam, também se guardam no inconsciente; são os fatos captados na época infantil antes do uso da razão, e os fatos não captados, por serem insignificantes ou por distração, inclusive em pessoas que padecem de amnésia (falta de memória) total, no consciente. As coisas mais complexas, ou mais detalhadas e minuciosas e em pasmosa quantidade, são arquivadas imediatamente. O passar do tempo não parece influir na memória do inconsciente, nem parece haver barreiras que impeçam a passagem da vida consciente ao arquivo do inconsciente, nem que separem os diversos estados de inconsciência. Forma-se assim uma trama do "eu" único perfeitamente unido e ininterrupto que nada pode esquecer.

Não temos falado diretamente nos dados recebidos por vias paranormais, pois teríamos antes de explicar o paranormal difícil de ser compreendido aqui. Mas também as percepções paranormais são arquivadas.

Os casos observados e as experiências feitas autorizam-nos a deduzir que nada se esquece no nosso inconciente. Já no início da invetigação metapsíquica, numerosos autores, tais como JANET, FLOURNOY, RICHET e outros, defendiam a pantomnésia contra a hiperemnésia.

Não nos detemos muito nas provas dêste capítulo porque grande parte do próximo capítulo servirá para provar ou confirmar a memória do inconsciente.

13 — RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 59.

Em todo caso, embora houvéssemos de conceder que talvez possa se apagar alguma coisa da nossa memória inconsciente, o fato indiscutível é que o inconsciente arquiva muito mais do que ordinàriamente se poderia suspeitar.

E na Parapsicologia, se algum fenômeno pode explicar-se por memória inconsciente, é evidente que não devemos recorrer a outras explicações mais "misteriosas" como os fenômenos paranormais, e muito menos a explicações ultraterrenas ou reencarnacionismo, como já RICHET formulou no lugar que acabamos de citar: "Provàvelmente, todos somos pantomnésicos. Em todo caso, na apreciação dos fenômenos metapsíquicos, devemos admitir que não esquecemos apsolutamente nada."

A pantomnésia na vida quotidiana

A memória é como um dêsses enormes blocos de gêlo que os ingleses chamam "iceberg". Só uma pequena parte aparece sôbre a superfície do mar, a memória consciente, a memória atual se é que podemos empregar essa expressão. Mas, da superfície pode-se ver também uma pequena parte do "iceberg", contanto que queiramos olhar para baixo: é a memória preconsciente. São tôdas essas lembranças que temos arquivadas e às quais agora, por exemplo, quando estamos lendo estas linhas, não prestamos atenção. Mas basta que queiramos e nos lembraremos como é o nosso nome e o dos nossos parentes, e onde moramos, em que ocasião fizemos uma viagem de avião pela última vez, etc. Basta olharmos para baixo, sob a superfície do mar, ao preconsciente.

Há outra zona do "iceberg" que não vemos nem mesmo se olharmos para ela. Mas se o "iceberg" se inclinar um pouco, essas lembranças irão emergir. Isto acontece porque as circunstâncias (associação de idéias inconscientes) procuraram ou reclamaram tal lembrança.

Muitas das chamadas "intuições" ou "inspirações" do momento" são, no todo ou em parte, lembranças do que ouvimos, lemos, pensamos em ocasiões anteriores. Mas passam quase sempre despercebidas no seu aspecto de lembranças.

Podemos fomentar a associação de imagens e excitar o inconsciente, fazendo, assim, trabalhar o arquivador.

> Conta-se na biografia do sábio espanhol AMOR RUIBAL que sua prodigiosa memória consciente (preconsciente) permitia-lhe encontrar sem fichário o que precisava na sua confusa biblioteca pessoal. Um dia, porém, a memória consciente falhou e apesar de empregar várias horas não encontrou um folheto raro sôbre o Código de HAMMURABI.
>
> Encarregou alguns auxiliares de vasculharem livro por livro, dependência por dependência, pasta por pasta, para encontrar o folheto. Inútil. Profundamente contrariado e preocupado, pois precisava com urgência do folheto, deitou-se aquela noite e em sonhos viu o folheto em determinado lugar inesperado. Acordou cedo. Ràpidamente foi ao lugar para constatar se era verdade... Lá estava o folheto extraviado [14].

O inconsciente, aguçado pelo desespêro da situação, "trabalhou no seu arquivo" tôda a noite, até encontrar a lembrança desejada.

Às vêzes é bem longo o tempo empregado pelo arquivador, até encontrar a lembrança que procura.

> BROCKELBANK, por exemplo, perdera um canivete de estimação. Procurava-o em vão. Conscientemente decidiu não pensar mais no assunto. Mas o inconsciente ficou alerta. Certa noite, seis meses mais tarde, o inconsciente conseguiu encontrar a lembrança arquivada. BROCKELBANK sonhou então que usava umas calças velhas, há muito tempo abandonadas, e que lá se encontrava o canivete. Por que sonhou isto? Intrigado, quis ver se era verdade e foi em busca das calças. No bôlso com o qual sonhara estava o canivete [15].

MAURY, esforçava-se por lembrar determinada coisa interessante antes de deitar-se à noite. E assim muitas noites ia "provocando" o arquivador. Em sonhos, com alguma freqüência, vinham lembranças e mais lembranças.

Método quase idêntico, embora admita melhor técnica, é o da hipnose. Pela hipnose, em alguns casos, podemos

14 — GOMEZ LEDO, A.: "Amor Ruibal o la sabiduría con sencillez", Madrid, 1949, pág. 40.

15 — MYERS, Frederic W. H., tradução francesa de JANKELEVTCH: "La personalité humaine. La survivance, ses manifestations supra-normales", Paris, Alcan, 1919.

obter excelente ajuda para a vida prática, sob a direção de algum médico técnico em hipnotismo, com o que reduziremos ao mínimo o perigo de fomentar o automatismo e outras decorrências perigosas.

Um conhecido especialista em hipnose refere-nos o seguinte caso.

> A Srta. W. procurava encontrar uma carta comercial muito importante, que perdera um ano antes da nossa entrevista... Em estado hipnótico, e em resposta a perguntas específicas, disse, primeiro, quando recebera a rarta; depois, em que oportunidade a utilizara; e por último, quando a vira pela última vez. Foi no quarto para hóspedes, de sua tia, em Boston, enquanto preparava a mala para viajar.
>
> — "Não a colocou na mala?"
>
> — "Não".
>
> — "Desde então não a viu mais?"
>
> — "Não".
>
> Acordando-a, informei-a de que deixara a carta no quarto para hóspedes em Boston. (Em vigília ela afirmara que a última vez que tinha visto a carta fôra num escritório de New York). Ela não acreditava ser isso possivel, mas disse que o comprovaria escrevendo para sua tia. Algumas semanas mais tarde, fui informado de que a investigação confirmara a revelação feita durante a hipnose. A carta fôra encontrada em Boston. Felizmente, sua tia a tinha guardado" [16].

Por meio da hipnose ou associações, testes, drogas, etc., o psiquiatra poderá obter algumas vêzes do inconsciente, lembranças que o auxiliem na recuperação do paciente. O advogado poderá obter dados preciosos para a reconstituição dos fatos do seu cliente, etc.

Pela hipnose chegou-se por vêzes a bastante profundidade do arquivo. Uma experiência quase de rotina é a comprovação da memória do inconsciente durante a hipnose. "Em conseqüência, a imaginação exalta-se também, dando à linguagem dos pacientes um brilho e um colorido notável; a memória reproduz com notável precisão, cenas e pormeno-

16 — RHODES, Rafael H., tradução de NOVELLA, Domingo Juan: "Hipnosis, teoría, prártica y aplicación", 2.a ed., México, Aguilar, 1958, pág. 146.

res que, em estado de vigília, estão completamente esquecidos ou jamais fixados" [17].

A Criptomnésia

Para chegar às capas mais profundas do "iceberg" não há técnicas viáveis. Tratar-se-ia simplesmente de causar uma tempestade, um profundo desarranjo no psiquismo. Diríamos dar a volta ao psiquismo, ou fazer explodir o "iceberg", excidir a personalidade de forma que, consciente e inconsciente "se apresentem em público" conjunta ou sucessivamente: dupla personalidade, tríplice, etc.

Às vêzes, êstes profundos desarranjos surgem como resultado de graves traumas físicos ou psíquicos, assim como doença, acidente, golpes na cabeça, desgraças, mêdos...

Especialmente estas manifestações do inconsciente mais profundo sempre se apresentaram nimbadas de mistério, porque só recentemente se descobriu a origem na memória do inconsciente. E' por isso que a memória do inconsciente foi chamada também "criptomnésia", que etimològicamente significa "memória de coisas ocultas". Explicando o conceito diríamos que é memória sem aparecer como tal, sem se saber que se trata de lembranças.

Uma grande parte do próximo capítulo poderia ser aduzido aqui, como exemplo de "lembranças ocultas", resultado de profundo desequilíbrio psicofísico.

> *Os atos psíquicos, provàvelmente todos os atos psíquicos normais, extraordinário-normais, paranormais, conscientes ou inconscientes, arquivam-se para sempre na memória inconsciente desde a mielinização dos nervos.*
>
> *A memória do inconsciente chama-se em Parapsicologia "pantomnésia": memória de tudo, nada se esquece.*

17 — "Enciclopedia Ilustrada Europeo-Americana", o. c., no artigo "Hipnotismo", pág. 1692.

10 Xenoglossia

O INCONSCIENTE, A MELHOR ESCOLA DE LÍNGUAS

Uma jovem aprende quatro línguas diferentes em apenas quatro dias. — "Após a morte", uma húngara esqueceu o húngaro e começou a falar espanhol. — O inconsciente poliglota.

FALAR línguas estrangeiras sem tê-las aprendido... O fenômeno foi chamado por RICHE [1] xenoglossia (do grego xenos = estrangeiro, e gloto = falar). Fora da ciência experimental o fenômeno é mais comumente chamado "glossolalia" (falar línguas) ou "dom das línguas".

A fraude é a primeira explicação

Houve um caso que se tornou famoso por ter sido observado por RICHET.

> "Uma senhora, de uns trinta anos de idade, desconhecia absolutamente o grego. Apesar disso esrreveu na minha presença compridas frases em grego... Encontrei depois de al-

1 — RICHET, Charles: "Traité de Metapsychique", 2.a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 261. Tradução espanhola juntamente com outro livro de RICHET: "Tratado de Metapsíquica y Nuestro Sexto Sentido", Barcelona, Araluce, 1923.

gumas investigações... os livros dos quais a mesma senhora extraíra as frases... o dicionário grego-francês e francês-grego de BYZANTIUS e COROMELAS (Atenas, 1851, 2.a edição), a Apologia de SÓCRATES, o Fédon de PLATÃO e o Evangelho de São JOÃO..."

O interessante é que algumas frases se aplicavam muito bem às circunstâncias. Uma tarde, por exemplo, ao cair do sol, a senhora escreveu em grego uma frase que se encontra no dicionário citado: "Quando está no seu nascimento ou no seu ocaso, a sombra projeta-se longe". A frase é transcrita sem arentos e com um pequeno êrro: um alfa por um ípsilon.

RICHET considerou importante o caso desta senhora. Ela escrevera em grego um total de vinte linhas, 622 letras, com sòmente 6% de erros, além da ausência de acentos [2].

Supondo que a senhora conhecesse o abecedário grego, o esfôrço da memória não seria grande, dado que as frases foram escritas em pequenas "doses", em diversas ocasiões. Era fácil que as fôsse aprendendo. E, se a senhora não conhecia as letras gregas, para aprendê-las necessitaria no máximo de uma hora. Da acentuação grega, mais difícil de lembrar, ela esquivou-se. Quanto ao significado das frases, no dicionário de BYZANTIUS e COROMELAS constava certamente o significado, depois das frases gregas. Na França, não são freqüentes as edições apenas em grego da Apologia, do Fédon e dos Evangelhos: costuma-se fazer edições bilíngües. Nestas condições é facílimo estudar, para cada sessão, algumas frases curtas e inclusive aplicá-las às circunstâncias, principalmente se se escreve espontâneamente e não em resposta a perguntas.

A hipóteses da fraude não foi excluída, no caso, admitindo-se que poderia se tratar de uma dessas fraudes inconscientes ou ao menos irresponsáveis, muito freqüentes. RICHET afirmara "que se trata claramente de visão mental de vários fragmentos de livros"; reconhece, porém, que não se pode rejeitar a hipótese da fraude. Justas críticas fêz o Dr. DESSOIR, defendendo a explicação por fraude [3]. A "Society for Psychical Research" discutiu o assunto, concluindo que, provàvelmente, tratava-se mesmo de fraude; só em última hipótese é que se poderia falar numa representação visual memorizada por pantomnésia inconsciente [4].

2 — RICHET, Charles, o. c., págs. 263 ss.
3 — DESSOIR: "Vom Jenseit der Seele", 4.a ed., Berlim, 1920.

Outra observada, Helena SMITH, deu também mostras de xenoglossia fraudulenta por fraude inconsciente, isto é, não com a vontade deliberada e consciente de enganar.

Helena SMITH, afirmou, durante um transe que, numa reencarnação anterior (!?), fôra a rainha Antonieta e antes ainda Simandini, filha de um cheique árabe e espôsa do príncipe hindu Sivrouka NAYAKA senhor de Kanara. Moravam na fortaleza de Tschandraguiri, construída por seu espôso em 1401...

Todo o esplendor e luxo do mundo oriental era descrito de modo meio fantasmagórico por Helena. Descreveu também fatos históricos da época. E o surpreendente, ou, ao menos, o que mais nos interessa: numa ocasião, em transe, escreveu uma linha em árabe e empregou palavras em sânscrito. Foi só após muito trabalho que professôres da Universidade conseguiram verificar que a linha em árabe e as palavras em sânscrito eram reais, como também os fatos históricos a que ela aludiu.

O Dr. FLOURNOY, fingiu-se espírita, para poder investigar com plena liberdade o assunto H. SMITH. Após vários anos de observação da médium e pacientìssimos estudos, chegou à conclusão clara e indiscutível, de que tudo era fraude, inconsciente, mas fraude. Todos os dados, personagens, acontecimentos históricos a que Helena aludia, provinham de um livro francês (única língua que ela conhecia), muito raro em Genebra, publicado em 1828. A frase árabe tinha sido incluída por um médico na dedicatória com que oferecia a um amigo o livro escrito por êle em Genebra mesmo.

Quanto às palavras em sânscrito, comprovou-se que Helena SMITH folheara uma gramática e um dicionário sânscritos.

4 — "Journal of Society for Psychical Research", Londres, julho, 1906, págs. 276 ss.

Não se tratava de ler e falar "o sânscrito", como com exagêro pouco sincero tem-se afirmado. FLOURNOY diz que eram ùnicamente algumas palavras em sânscrito, escritas ou pronunciadas. FLOURNOY sugere a explicação: "Um dos membros da Sociedade de Investigações Psíquicas de Genebra, o sr. J., tinha estudado alguma coisa dêste idioma, raro na Suíça, e possuía uma gramática do mesmo (Harler, C. de: "Grammaire pratique de la langue sanscrite", Paris, Louvain, Bonn, 1878)no próprio aposento em que se faziam as sessões; nessa casa, H. SMITH estêve fazendo sessões durante um ano inteiro, precisamente o que precedeu à erupção da fantasia hindu" [5].

Em matéria de xenoglossia a fraude mais singela pode ser de um efeito altamente surpreendente como mostra o caso seguinte, entre outros muitíssimos que se poderiam citar.

> Numa sessão de psicografia, um médium escreveu as palavras: "Emek Habaccha" e assinou "B. Cardosio" (sic). Perguntado, o ignorante médium explicou aos sábios que as palavras significavam "Vale de lágrimas", acrescentando que se encontravam uma única vez no Antigo Testamento [6]. Após várias investigações descobriu-se que existira um médico português, chamado Fernando CARDOSO, que tinha abraçado a religião judaica. O ignorante médium não podia saber palavras hebraicas nem seu significado. O caso foi tido pelos espíritas como manifesta intervenção do "espírito" do médico que ninguém conhecia e menos ainda no seu judaísmo. Descobriram-se mais tarde as obras de CARDOSO no "British Museum", cheias de citações hebraicas: nôvo "argumento" em prol da intervenção do "espírito".

O argumento parecia insofismável, e não obstante era um simples truque como se desvendou depois, ao encontrar-se num pequeno livro alemão de provérbios e sentenças as palavras: "Hemek Habaccha = Vale de lágrimas", com a indicação de serem o mote do médico português judeu B.

5 — FLOURNOY, Th.: "Nouvelles observations sur un cas de somnambulisme avec glossolalie" em "Archives de Psychologie", 1902, I, pág. 213 (o artigo: págs. 100-255).

6 — Salmo LXXXIII, 7. Mas a moderna exegese científica põe "Vale árido" e não "Vale de lágrimas".

CARDOSIO (sic). Daí as tinha tomado o médium, sem suspeitar que no livrinho encontravam-se dois erros: o nome do médico não edo "B." e sim "Fernando", e o sobrenome não era "CARDOSIO" e sim CARDOSO. Comprovou-se também que outras frases xenoglóssicas, empregadas pelo mesmo médium noutras ocasiões, foram tiradas do mesmo livro. O médium foi desmascarado [7].

Os médiuns espíritas que se fizeram mais famosos em xenoglossia, foram EGLINTON e VALIANTINI, sem contar H. SMITH na xenoglossia imprópria de inventar línguas. EGLINTON e VALIANTINI em repetidas sessões falaram várias línguas [8]. VALIANTINI, porém, é mais do que suspeito por ter sido apanhado em fraude com demasiada freqüência. A respeito de EGLINTON, escreve o próprio RICHET, geralmente muito entusiasta: "A sinceridade de EGLINTON é bem problemática" [9].

A fraude, portanto, talvez inconsciente ou ao menos irresponsável, explica muitos casos de xenoglossia "aparente".

Xenoglossia impròpriamente dita

Um outro tipo de pseudo-xenoglossia, seria o de *inventar* línguas novas, mesmo perfeitas. E' o caso, por exemplo, da famosa médium espírita Helena SMITH, da qual falaremos no próximo capítulo. Inventar línguas como o fêz Helena SMITH, prova o talento do inconsciente, mas não é xenoglossia pròpriamente dita.

Também não é xenoglossia *entender* línguas, embora geralmente os autores incluam no conceito de xenoglossia o fenômeno de entender línguas desconhecidas.

Eis um caso bastante antigo, do século XVII, mas bem comprovado e que se tornou clássico.

7 — AKSAKOFF, Alexandre Nicolaevich, tradução alemã: "Animismus und spiritismus; Versuch einer kritischer prüfung der mediumnistischen phaenomene", 4.a ed., 2 vol., Leipzig, Mutze, 1901 (1.a ed. em 1890). Tradução francesa: "Animisme et spiritisme", Paris, Libraria des Sciences Psichologiques, 1895. Tradução espanhola: "Animismo y Espiritismo", Barcelona, Carbonell y Esteva, s/d.

8 — BONI (de), G.: "Metapsichica, scienza dell'anima", Verona, 1946, págs. 123 ss.

9 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., pág. 265.

A sra. RAINFAING ficou viúva. Um "médico-bruxo", chamado POIROT, pediu-a em casamento. Não foi ouvido. Deu-lhe então estranhos "filtros", para conquistar-lhe o amor. Inútil. Dirigiu então tôda a "bruxaria" no sentido da vingança, abalando a saúde da Sra. RAINFAING. Depois sucederam coisas tão estranhas a esta senhora, que a julgaram possessa do demônio. Os médicos declararam nada entender do seu estado e a recomendaram aos exorcismos da Igreja.

Por ordem do Sr. de PORCELETS, bispo de TOUL, foram nomeados exorcistas o Pe. VIARDIN, doutor em Teologia e Conselheiro de Estado do Duque de Lorena, e mais outro jesuíta e um capuchinho. No decorrer dêsses exorcismos, intervieram também muitos religiosos e padres de Nancy, inclusive o bispo de TRIBOLI, o sufragante de Estrasburgo, o embaixador do Rei da França e o bispo de Verdun. Foram também enviados dois doutores da Sorbonne.

A Sra. RAINFAING foi "exorcizada" várias vêzes em hebraico, só com o movimento dos lábios, sem pronunciar-se uma palavra. E a suposta possessa entendeu perfeitamente a fórmula do "exorcismo". O Dr. GARNIER, Doutor da Sorbonne, deu-lhe várias ordens e perguntas em língua hebraica. Ela respondeu que só falaria em francês, acrescentando: "Não é bastante que eu lhe mostre entender o que diz?"

O mesmo Dr. GARNIER, falando-lhe em grego, errou distraìdamente na declinação de uma palavra. A "possessa" lhe disse:

— Você errou.

— Mostra-me em quê — exigiu ainda em grego o doutor.

— Contente-se — respondeu a Sra. RAINFAING — com que denuncie seu êrro. Não falarei mais dêle.

Em grego, pediu o doutor que ela se calasse. Em vão:

— Ordena-me que me cale, mas eu não me calarei.

E assim outras frases semelhantes foram feitas pelos exorcistas, seguidas de respostas mais ou menos confusas da Sra. RAINFAING... [10].

10 — CALMET, Augostin: "Dissertations sur les aparitions des anges, des démons et des sprits, et sur les revenants et vampires de Hongrie, de Boheme, de Moravie et de Silésie... Nouvelle éditions revue, corrigée et augmentée par l'auteur", Paris, "Chez de Bure l'ainé quai des Augostins à l'Image S. Paul", 1756. Tradução para o inglês por CHRISTMAS, Henry, sob o título: "The Phantom Wold, or the Philosophy of Sprits, Apparitions, etc...", 2 vol. Londres, 1850.

Não é estranho que, com os escassos conhecimentos da época e ambiente de demonologia e bruxaria, o caso fôsse tido como indubitável possessão diabólica. Mas disso não havia nada.

Interessa-nos, e foi no que insistiram os exorcistas, o fato de que entendera a língua, mas já sabemos que, mesmo ignorando completamente as línguas estrangeiras com que se dirigiam a ela, a Sra. RAINFAING podia captar o sentido das perguntas e ordens por hiperestesia indireta do pensamento. Logo mais insistiremos nisto.

Pouco importaria agora, saber se a Sra. RAINFAING entendeu diretamente a frase estrangeira que ouviu, ou se sòmente captou as idéias do doutor, sem entender diretamente as frases estrangeiras. Afirmamos que bastaria a percepção da idéia, por hiperestesia indireta do pensamento consciente ou inconsciente. A importância dos sinais fonéticos provàvelmente deve, no caso, reduzir-se, porque a língua empregada era desconhecida para a sensitiva. Mas há outros muitos sinais comuns a tôda a espécie humana, como indicamos no capítulo da hiperestesia indireta do pensamento.

Por hiperestesia indireta do pensamento, podia a Sra. RAINFAING captar os pensamentos dos interlocutores. Podia, portanto, responder em francês, sua própria língua, de acôrdo com o que diziam a ela em hebraico, grego ou latim.

Amesma coisa se diga do êrro que denunciou: por hiperestesia captou a reação (talvez só inconsciente) do cérebro do Dr. GARNIER, percebendo indiretamente que o doutor errara.

Nem sequer era preciso recorrer à percepção paranormal, extra-sensorial, do pensamento de seus interlocutores. Bastava, pôsto que estavam presentes, a hiperestesia.

E' curioso que um ocultista como Elíphas LEVÍ, dê lições de senso comum àqueles "homens tão sérios", que atribuíam o fenômeno ao demônio. Assim se expressa o famoso ocultista: "Admiro-me de que homens tão sérios não tivessem notado a dificuldade que teve o pretenso demônio em lhes responder numa língua estranha à da doente. Se o interlocutor fôsse o demônio, não sòmente teria entendido o grego (latim ou hebraico), mas teria falado em grego

(latim ou hebraico). Uma coisa não custaria mais do que a outra a um espírito tão sábio como maligno" [11]. Os parêntesis são nossos.

Casos semelhantes são relativamente freqüentes.

Xenoglossia pròpriamente dita

Falando com propriedade, xenoglossia é *empregar* línguas desconhecidas pelo consciente.

Usamos o têrmo *empregar* para incluir a xenoglossia falada, escrita, pelos movimentos da mesa, ou qualquer outro sistema de expressão.

A xenoglossia escrita, etc., não se diferencia da xenoglossia falada. A única diferença é meramente extrínseca. Mais ainda: a escrita automática, etc., facilita a manifestação da xenoglossia, ficando tudo no âmbito do inconsciente [12].

Neste capítulo vamos tratar ùnicamente da xenoglossia pròpriamente dita.

Xenoglossia traumática

> Uma menina de dez anos sofrera uma fratura de crânio por causa de uma queda. "Veio ter conosco — escreve o Pe. HERÉDIA, S. J. — uma mulher, muito aflita, temendo que a filhinha estivesse possessa do diabo, pois falava chinês... Fomos ver a menina. Efetivamente, por momentos punha-se a falar numa língua desconhecida para nós.
>
> — Como souberam vocês que é chinês o que ela fala? — perguntamos.
>
> — Padre, é porque um chinês que lava a roupa a ouviu falar e disse que é chinês...
>
> — Pois chamem o chinês.
>
> Após algum tempo, chegaram dois chineses em vez de um.
>
> — Vocês ouviram esta menina falar? — perguntei-lhes. Um dos chineses fêz um sinal afirmativo...
>
> — Pergunte em chinês quais as flôres da Califórnia (lá sucedeu o fato), de que ela mais gosta.
>
> Um dos chineses fêz a pergunta, e a menina desatou a falar com extraordinário desembaraço. A princípio os chineses começaram a sorrir, mas depois ficaram muito sérios.
>
> — Que foi que ela disse? — perguntei. Um dos chineses respondeu:
>
> — Duas toalhas de mesa, três fronhas, seis pares de meias, três lenços... — e calou-se.
>
> — Não disse mais nada? — insisti. Um dos chineses não quis responder, mas o outro, vendo que eu tirara a carteira para recompensá-los se me dissessem tudo, acrescentou:
>
> — Disse outras coisas muito feias que não me atrevo a repetir!" [13].

O Pe HERÉDIA não teve dificuldades para achar a explicação do prodígio. A pobre menina tinha ouvido dos chineses a lista de peças a lavar e além disso outras palavras que não designavam roupa, nem flôres da Califórnia pròpriamente ditas... O inconsciente arquivou tudo o que ouviu e o estado de inconsciência provocado pela lesão craniana fêz com que tudo aflorasse à superfície. Conscientemente, a menina não seria capaz de repetir uma só palavra em chinês.

Às vêzes, é muito difícil encontrar a origem pantomnésica da xenoglossia, como mostra o seguinte caso de xenoglossia também traumática.

> Uma velha, num acesso de bronco-pneumonia, começou de repente a exprimir-se num idioma desconhecido por todos os presentes. Depois se comprovou que era o industani. A velha desconhecia absolutamente aquela língua.

---

11 — LEVI, Elíphas (CONSTANT, Alphonse Louis): "Dogma e Ritual de Alta Magia", tradução de CAMAYSAR, Rosabis, 7.a ed., São Paulo, O Pensamento, 1955, pág. 364.

12 — As idéias inconscientes expressam-se inconscientemente por meio de movimentos reflexos automáticos, da mão que segura o lápis (ou pêndulo, copo, mesa, etc.). O fenômeno em si é simples. O "mistério" da psicografia e fenômenos afins, provém de outro fenômenos que explicam donde vêm as idéias, estilo, etc., manifestados. Êstes fenômenos de conhecimento são os que explicamos neste tomo.

13 — HEREDIA (de), S. J., Carlos Maria: "Los fraudes espiritistas y los fenómenos metapsíquicos", 5.a ed., Montevidéu, Mosca, 1945, pág. 249. Tradução portuguêsa: "As fraudes espíritas e os fenômenos metapsíquicos", 3.a ed., Petrópolis (R.J.), Vozes, 1958, pág. 214.

Foram necessárias longas e laboriosas investigações para comprovar, depois de muito tempo, que até a idade de quatro anos, aquela senhora vivera na ÍNDIA. Desde aquela data haviam passado 60 anos [14].

Como diz DWELSHAUVERS no seu "Traité de Psychologie" ao referir um caso quase idêntico ao que acabamos de mencionar: "O cérebro funcionou como um fonógrafo".

Casos semelhantes são relativamente freqüentes, especialmente em países de imigração. Só um mês após a minha estada em São Paulo já me apresentaram três doentes "endemoninhados" (?) que falavam nas suas crises línguas que não conheciam conscientemente. Quando, após breve tratamento, consegui reequilibrar um pouco o sistema nervoso destes três pacientes, o "demônio" (?) foi expulso...

A pantomnésia tem sido comprovada como a explicação mais freqüente da xenoglossia. Êste fato de observação facilitou a experimentação do fenômeno.

Xenoglossia experimental

Não é muito raro que, no sonambulismo hipnótico, surjam espectaculares xenoglossias, mais ou menos provocadas pelo hignólogo. A inconsciência da hipnose é bastante parecida com outros estados de inconsciência, nos quais o fenômeno surge espontâneamente: febre, transe, narcótico, traumatismo psicofísico.

Uma môça, quase analfabeta, posta artificialmente em estado de sonambulismo hipnótico, recitou um longo trecho oratório em latim, língua da qual ela não sabia sequer uma palavra. Comprovou-se, seguindo as orientações dadas pela mesma hipnotizada, que anos atrás um tio da jovem recitara um dia aquêle mesmo trecho perto do quarto de dormir da môça, que então se achava doente [15].

14 — FREEBORN, H.: "Temporary reminiscence of a long forgotten langage during the delirium of broncho-pneumonia", em "Lancet", 14 de junho de 1902.

15 — LAPPONI, José, tradução da segunda edição italiana por VIEIRA, Batista Manoel: "Hipnotismo e Espiritismo", São Paulo, Falcone, 1907, pág. 226.

Uma mulher em estado de sonambulismo (hipnótico) recitou, sem hesitar, longos capítulos da Bíblia hebraica, apesar de, acordada, não conhecer uma única palavra dessa língua. Descobriu-se que ela simplesmente repetia o que ouvira de um rabino que tinha o hábito de ler a Bíblia em voz alta e do qual fôra empregada quando môça [16].

Durante o estado hipnótico o inconsciente apresentou com tôda exatidão e vivacidade tudo quanto ouvira uma só vez anos atrás sem nada entender e, possìvelmente, ouvido por sensações hiperestésicas.

Um caso discutido

Um jovem professor, inicialmente por curiosidade, e, com grande surprêsa, depois já por necessidade mórbida, dedicou-se meses e meses, quase sem interrupção, ao perigoso exercício da escrita automática ou psicografia. Conseqüência: o equilíbrio psíquico dêsse jovem rompeu-se, originando fàcilmente desdobramento da personalidade e automatismo notável.

O Pe. GARO, Cônego da Catedral de Nancy, e mais outros seis sacerdotes quiseram presenciar pessoalmente o fenômeno que julgavam inacreditável. Chamaram o jovem. Êste, que era católico, acedeu imediatamente. "Entregaram-lhe um papel e lápis, convidando-o a responder a algumas perguntas encerradas num envelope fechado que estava sôbre a mesa". O jovem escreveu as respostas adequadas. Uma delas em latim. Frase feita, não original. Tinha, porém, sentido de acôrdo com a pergunta.

O Cônego GARO e os outros seis padres não tiveram dúvidas: respondera em latim quem ignorava completamente o latim. Só podia ser obra do demônio...! E levantaram a sessão imediatamente.

Foi a primeira teoria explicativa.

16 — BRAID, James: "Neurhypnology, or the rationale of nervous sleeps". Londres. 1843. Êste livro foi incluído posteriormente, como já temos indicado, no livro de WAITE, A. E.: "BRAID on hipnotism", Londres, George Redwai, 1889.

Logo apareceu outra teoria: "Seriam os espíritos". E o caso foi publicado na "Revue Spirite" [17], embora uma testemunha, o comunicante, não estivesse seguro de se tratar de um fenômeno espírita. "Li — escreve o articulista, leigo — grande número de obras sôbre o Espiritismo e confesso que ainda não existe clareza sôbre o assunto... tôdas as afirmações são hipóteses sem nenhuma justificação".

Hoje, com o avanço da ciência, o caso aparece simples, podendo ter duas explicações fáceis e naturais.

Os mesmos padres ali presentes haviam formulado as perguntas contidas no envelope. Não seria difícil ao jovem, notàvelmente hiperestésico e treinado, captar dos padres o conteúdo do envelope. Hiperestesia indireta do pensamento.

O conhecimento das perguntas, ao que parece pelo teor da relação, foi inconsciente no jovem. Inconscientes parece que foram também as respostas, facilitadas aliás pela psicografia. Nem houve necessidade de se passar ao campo da consciência. Isso facilita muito o fenômeno.

Mas uma das respostas fôra dada em latim... Não há nada de estranho em que um professor católico ouvisse frases em latim. Todos as ouvem, na Igreja. Nada há de estranho que soubesse, ao menos inconscientemente, o significado de algumas frases latinas ouvidas, ou porque o significado fôsse compreensível, ou porque lhe tivesse sido explicado. Mesmo que não se lembrasse conscientemente dessas frases e do seu significado, o inconsciente não esquece nada, é pantomnésico. Pois bem, a uma das perguntas feitas pelos padres, inconsciente e hiperestèsicamente captadas pelo jovem, se associou mais fàcilmente uma frase latina... Onde estaria o mistério?

Mas propomos outra explicação mais verossímil. Os padres tinham formulado as perguntas. Para elas coincido com a solução anterior. Para as respostas mantemos a mesma linha: respostas inconscientemente formuladas pelos padres e captadas nos mesmos. Tudo se reduz à hiperestesia indireta do pensamento dos padres, tanto para as perguntas, como para as respostas, incluindo a resposta em latim.

17 — "Revue Spirite", Paris, 15 de janeiro de 1886.

Hiperestesia indireta do pensamento

Entre as causas da xenoglossia, como explicação total, ou como explicação parcial completando a pantomnésia, parece que a hiperestesia indireta do pensamento (ou a telepatia, em último caso) é o fenômeno parapsicológico que mais freqüentemente intervém.

O espírita Ernesto BOZZANO, atacando um livro de SUDRE [18], afirmou: "Para *compreender* uma língua, não é necessário que o médium a conheça, porque lhe basta o pensamento do consulente. Não assim quando se trata de *falar* ("inteligentemente", de acôrdo com as circunstâncias): Neste caso é taxativo e necessário que o médium conheça a língua. A clarividência (ou hiperestesia indireta do pensamento, ou telepatia) é impotente para fazê-la conhecer, e tal impotência deriva do fato de que a estrutura orgânica de uma língua é pura abstração e, em conseqüência, não se pode ver nem perceber no cérebro de outrem" [19]. Os parênteses são nossos.

Se, pois, o médium não conhece uma língua e a fala, o fenômeno se deveria aos espíritos, segundo BOZZANO.

O Pe. BALDUCCI, depois de conceder que entender línguas é fenômeno natural, acrescenta: "Nos livros ou no cérebro de outrem poder-se-ão, quando muito, ler frases em língua estranha, mas não (para usá-las) entendendo o seu significado, coisa que pressupõe o conhecimento abstrato da língua. E' êste o argumento principal que dá um valor absoluto à nossa afirmação" (de que a xenoglossia inteligente se deveria ao demônio) [20]. Os parênteses são nossos.

Há *fatos* e *experiências*, que refutam essas *teorias:* não apenas palavras e frases, mas também significados, senti-

18 — SUDRE, René: "Introduction à la Métapsychique Humaine", Paris, Payot, 1926. (Modernizado e aumentado em "Traité de Parapsychologie", Paris, Payot, 1956).

19 — BOZZANO, E.: "Per la defiesa dello spiritismo. A propósito della "Introduction à la Métapsychique Humaine" di René SUDRE", pág. 92. Trad. de FRANCO, Araujo: "A propósito da introdução à Metapsíquica humana. Refutação do livro de René SUDRE", 2.ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s. d. (1960), pág. 107.

20 — BALDUCCI, Corrado: "Gli Indemoniati", Roma, Colleti, 1959, pág. 325.

mentos, idéias, conceitos abstratos, etc., podem ser captados hiperestésica ou paranormalmente.

Os mesmos BOZZANO e BALDUCCI se contradizem: afirmam que se podem *captar frases* no cérebro do interlocutor. Afirmam que se podem *entender* as frases estrangeiras ouvidas, "lendo" o pensamento de quem as pronunciou. Por que então não se pode *entender* o significado dessas *frases captadas?* Por que só se entenderia o ouvido e não o captado? Em ambos os casos é "ler" o pensamento.

E mesmo que BALDUCCI e BOZZANO tivessem razão, que necessidade há de entender para falar? Êles concebem que o sensitivo pode captar frases na mente do interlocutor. Pois bem: Se o interlocutor conhece a resposta, é evidente que no seu cérebro se associa automàticamente a *frase*-resposta adequada a cada pergunta consciente. O sensitivo pode captar e pronunciar automàticamente essa *frase*-resposta, mesmo *sem entendê-la.* A resposta será de acôrdo com as circunstâncias, "inteligente". Parece que BOZZANO e BALDUCCI se esqueceram de que a xenoglossia, a resposta, pode ser "inteligente", sem que o sensitivo entenda o sentido do que diz...

Já falamos, quando se tratou da hiperestesia indireta do pensamento, no caso dos meninos ILGA K. e LUDOVICO.

> Apesar de ainda não ter começado as primeiras lições elementares, ILGA "lia" de cor ou recitava qualquer trecho de escritos ou discursos em qualquer língua, contanto que sua mãe fôsse na sua presença lendo mentalmente ou pensando o mesmo trecho. O menino LUDOVICO, falava inglês, espanhol e, inclusive, um pouco de grego (além do francês, sua língua pátria) justamente as línguas que conhecia a mãe. E na ausência da mãe só sabia francês.
>
> Se as mães pensavam inteligentemente nessas línguas, a xenoglossia dos filhos era inteligente.

O pensamento captado por hiperestesia indireta, pode ser o pensamento (sentimento, lembranças...) *inconsciente.* Aliás, é mais freqüente captar o pensamento inconsciente do que o pensamento consciente, como veremos ao falarmos da TIE (telepatia ou hiperestesia indireta do inconsciente excitado) [21]. Tal seria o caso, por exemplo, das conversas em grego mantidas por Laura.

> Laura era filha do Juiz EDMONDS, presidente do Senado e membro da Côrte Suprema de Justiça de New York. Laura conhecia (além do inglês, sua língua natal) só rudimentos do francês. Não nos interessa agora o fato de que sendo só rudimentos para o consciente, o conhecimento dessa língua era tão completo para o inconsciente que, em estado de sonambulismo espontâneo, falava perfeitamente o francês. Interessa-nos agora que ela podia falar o grego corretamente, segundo as circunstncias da conversa com o Sr. EVANGELIDES, que era grego [22].
>
> Testemunha o juiz EDMONDS: "Negar o fato é impossível; é demasiado evidente. Não posso negar que o sol nos alumia! O fato sucedeu em presença de 8 a 10 pessoas, tôdas instruídas e inteligentes. Não tínhamos visto jamais o Sr. EVANGELIDES. Foi-nos apresentado por um amigo naquela mesma tarde. Como pôde Laura falar e compreender o grego, língua que jamais ouvira?" [23].

---

21 — Suponhamos que eu aprendi juntas as palavras "relógio" e "caneta" ao estudar português. Quando, depois, numa experiência de transmissão do pensamento, queira transmitir a palavra "relógio", o sensitivo especializado em hiperestesia indireta (ou telepatia) do inconsciente excitado (TIE) captará, não a palavra "relógio" mas a palavra "caneta". O pensamento (aqui consciente) da palavra "relógio" excitou a palavra "caneta" que estava associada no inconsciente. Há outras causas de excitação de determinadas idéias, sentimentos, etc., do inconsciente. Estudaremos isto nos capítulos 22 e 23.

22 — RICHET Charles: "Traité...", o. c., pág. 272. Cfr. também "Annalles des sciences psychiques", Paris, 1905, XV, págs. 317-353 e "La xenoglossie de Miss Laura Edmonds", ibidem, 1907, XVII, pág. 603.

23 — Laura nunca ouviu falar o grego? O pai o afirma, mas em New York... Quanto tempo precisa o inconsciente de ouvir falar o grego, ouvir talvez só com sensações inconscientes, para aprendê-lo de modo a formar ao menos algumas frases com sentido dentro da conversa? É por isso que semelhantes casos às vêzes se tornam muito difíceis de serem classificados. As sensações inconscientes podem desempenhar um papel inesperado. No caso de Laura e semelhantes a explicação por hiperestesia (ou telepatia) do inconsciente excitado, é muito provável; mais ainda: é impossível que não se dê alguma vez xenoglossia por êste meio. Mas, na prática, quase sempre ficará uma porta aberta em ordem a serem classificados êsses casos como pantomnésia de sensações inconscientes.

> Laura anunciou, em grego, que o filho do Sr. EVANGELIDES acabava de morrer. Ninguém sabia ainda. Posteriormente, confirmaram-se as declarações de Laura.

A notícia evidentemente é fruto de um conhecimento paranormal, dada a enorme distância. Em quem? É Laura que paranormalmente capta o sucedido? Temos por muito pouco provável esta hipótese.

Parece-nos muito mais provável que o Sr. EVANGELIDES *inconscientemente* captasse a morte do filho. Evidentemente, há muito maior motivo para se estabelecer uma relação telepática entre pai e filho ou parentes assistentes à agonia, do que entre êstes e Laura...

Mas o pai, não sendo metagnomo, só inconscientemente capta a desgraça. Laura capta a notícia no inconsciente do Sr. EVANGELIDES por hiperestesia indireta do pensamento inconsciente excitado (ou em último têrmo por telepatia sôbre o inconsciente excitado).

Laura captou a notícia no inconsciente do Sr. EVANGELIDES. É lógico, pois, que no inconsciente do Sr. EVANGELIDES captasse as expressões gregas.

Claro está que Laura, por hiperestesia indireta do inconsciente excitado, não captou o *grego*, tôda a língua grega, de modo que pudesse falá-la independente das circunstâncias atuais. Captava só as frases que vinham ao caso, estando elas associadas no inconsciente do Sr. EVANGELIDES às perguntas ou idéias que tinha no consciente. E assim, Laura podia conversar em grego, automàticamente, na presença do Sr. EVANGELIDES. Pouco interessa se entendia o que dizia ou que lhe perguntavam. O mesmo juiz EDMONDS afirmará depois: "Minha filha... (ao falar xenoglòssicamente) freqüentemente não compreende o que diz, mas o consulente lhe compreende sempre as palavras" [24]. Tais palestras "automáticas" não são xenoglossia "inteligente"?

24 — EDMONDS, W.: "Letters and Tracts", New York, 1855, pág. 198.

> A Sra. de WRIEDT, médium profissional [25], consultada uma vez pelo Sr. MITOVITCH, diplomata sérvio, disse-lhe de repente, e pronunciado em sérvio, o nome da sua mãe. Naquela ocasião palestrou "inteligentemente" em croata (embora num croata muito imperfeito) com um dos amigos do diplomata, o advogado Sr. HINKOVITCH, que era croata [26].

E assim por diante. Há muitos casos de xenoglossia por hiperestesia indireta do inconsciente excitado (ou do consciente, embora assim o caso seja menos "misterioso"). Logo voltaremos ainda à xenoglossia "inteligente".

Plurixenoglossia

Dizemos que há monoxenoglossia quando se fala (ou emprega) uma só língua que o consciente desconhece. Plurixenoglossia, é quando se empregam várias línguas desconhecidas. O fenômeno tem uma enorme espetacularidade.

A pantomnésia e a hiperestesia, direta ou indireta, bastam para explicar muitos dêsses casos.

Um caso de plurixenoglossia, foi muito bem observado pelo Dr. CADELLO, de Palermo.

> Tratava-se de uma jovem de 17 anos, Ninfa FILITUTO, siciliana. Padecia uma forte crise de histerismo com sonambulismo espontâneo. No primeiro dia da crise assegurava que era grega, e escrevia com letras gregas, mas frases italianas. É de notar que desconhecia em absoluto o grego... No dia seguinte, falava corretamente o francês, conhecendo desta língua, em estado normal, só os rudimentos. No terceiro dia falava algo de inglês. No quarto dia da crise, a doente falava corretamente o italiano, que normalmente falava bastante mal e com muito sotaque. Durante êsses quatro dias esqueceu, no consciente, completamente o siciliano, seu

25 — Tôda desconfiança é pouca perante os "adivinhos", e médiuns "profissionais". O truque, talvez inconsciente, é sempre possível. Vários autores fizeram constar sua desconfiança a respeito da Sra. WRIEDT, médium "profissional". A Dra. BARRET, porém, da "Society for Psychical Research" de Londres, defendeu vigorosamente a médium nestes casos de xenoglossia que referimos no texto.

26 — "Deux extraordinaires scéances avec la médium Mad. WRIEDT à Londres", em "Annalles des Sciences Psychiques", junho, 1912, pág. 161. Ver também: "Light", 8 de junho de 1912.

dialeto natal. No quinto dia, porém, passada a crise, recobra o dialeto siciliano esquecendo por completo os assombrosos progressos feitos em grego, francês, inglês e italiano [27].

"Desconhecia absolutamente o grego...", mas consta que, pouco antes da crise, esteve folheando uma gramática grega. Pouco tempo é necessário para aprender o vocabulário grego, inclusive conscientemente, como tenho comprovado com meninos. Para o inconsciente, pantomnésico, basta muito menos tempo.

"Do francês, só conhecia em estado normal, os rudimentos". *"Falava corretamente o italiano, que normalmente falava mal e com muito sotaque"*. O estudo do francês e a prática diária de falar italiano e conviver com italianos, foram suficientes para que o inconsciente, pantomnésico, aprendesse a falar corretamente essas línguas.

"Falava algo de inglês". O Dr. CADELLO, assegura que ela nunca ouviu falar inglês. Duvidamos dessa afirmação, pois na Itália, país de turismo, haverá alguém que nunca ouviu falar inglês? O Dr. HANN [28] fêz uma crítica muito acertada a esta afirmação temerária do Dr. CADELLO.

Mistura xenoglóssica

A plurixenoglossia geralmente é a plurixenoglossia comum que acabamos de ver. Falam-se várias línguas, mas um dia uma língua, e outro dia outra. Às vêzes, porém, a plurixenoglossia apresenta um aspecto diferente: empregam-se várias línguas misturando-as numa mesma conversa ou até numa mesma frase.

Tal é o caso, por exemplo, de Alfredo, menino de 7 anos, o maior dos chamados "endemoninhados (!?) irmãos PAUSINI". Uma tarde, ao voltar de uma sessão espírita, desequilibrado e psìquicamente contagiado, entrou espontâneamente em transe e começou a falar numa mistura de grego, latim e francês (êle era italiano), além de recitar de cor compridas passagens

27 — CADELLO: "Storia di un caso d'histerismo con signatione spotina", Palermo, 1853.

28 — HANN, em "Annalles des Sciences Psychiques", 1901, págs. 149 ss.

da "Divina Comédia". O fenômeno vinha acompanhado, coisa aliás freqüente nestes casos, de ligeira ventriloquia.

O caso explica-se por simples pantomnésia.

A xenoglossia misturando as línguas não impede às vêzes a "inteligência" da frase: as palavras empregadas pertencem a várias línguas, conservando o conjunto um sentido "inteligente", segundo as circunstâncias do momento ou da conversa. Alguns dêstes casos podem atribuir-se à pantomnésia e talento do inconsciente; outras vêzes, porém, são o resultado de hiperestesia indireta do pensamento (em última análise, da telepatia).

Esta difícil xenoglossia, raríssimas vêzes se manifesta verbalmente. É menos rara sem deixar de sê-lo, quando é facilitada pelo "planchet", copo, mesa girante, escrita automática, etc. São êstes, modos de manifestar automàticamente a atividade interna inconsciente.

Servindo-se destas "pragmáticas" ou "mancias" e com um pouco de sorte, às vêzes, é até possível provocar experimentalmente o fenômeno. Suponhamos um francês, um alemão e um sírio, os três com boa sensibilidade. Segredemos a cada um dêles, na sua própria língua, uma pergunta, que seja a mesma para todos. Esperemos a resposta, segundo um alfabeto convencional, por meio dos movimentos da mesa sôbre a qual êles apóiam as mãos. É possível obter, desta maneira, uma plurixenoglossia, ou mistura das três línguas, nos movimentos da mesa.

Não é preciso que algum dos participantes na experiência chegue a captar, ainda que inconscientemente, as palavras estrangeiras em que pensam os colegas. Basta que cada um dos participantes por sensação inconsciente capte a ordem de cessar, dada através do movimento da mesa, automática e inconscientemente, por algum outro dos participantes. As diversas ordens seriam dadas, sucessivamente, pelos diversos participantes na experiência, para formar alguma palavra na própria língua. Quando tivermos a sorte de que a iniciativa do automatismo reflexo vá passando sucessivamente de um a outro dos participantes, teremos como resultado uma frase plurixenoglóssica "inteligente". Eu tive êxito uma vez dirigindo a experiência com quatro meninas no Rio Grande do Sul.

Xenoglossia inteligente e habitual

Ao inconsciente hiperestésico, chegam inúmeros dados lingüísticos. Os fenômenos paranormais de atividade inconsciente que estudaremos na 2.a parte, evidentemente que podem colaborar no descobrimento e apresentação de dados. A pantomnésia conserva para o inconsciente êsses dados, como também os dados captados por "vias normais", em número imensamente maior do que pode conservar o consciente. E o inconsciente, como veremos no próximo capítulo, possui um assombroso talento: pode elaborar complicados raciocínios, fazer descobertas prodigiosas, comparar e combinar dados, etc., numa proporção que o consciente dificilmente pode alcançar. O resultado de tudo isto em determinadas circunstâncias, é uma xenoglossia verdadeiramente "inteligente", às vêzes de freqüente uso e inclusive habitual. Vejamos alguns casos que refutam totalmente as teorias de BOZZANO, BALDUCCI e seus seguidores.

Línguas renascidas

Não nos referiremos, por agora, ao caso em que só o inconsciente aprende a língua. Disso falaremos depois. Referimo-nos, de momento, a um fenômeno menos espetacular, porém mais freqüente: quando também o consciente aprendeu a língua, esquecendo-a depois completamente. Lembrar-se, talvez, de poucas palavras não é lembrar-se de uma língua. Essa língua esquecida, agora é língua desconhecida. Se, pois, em determinado momento, surge de nôvo, temporária ou habitualmente, com pleno sentido, "inteligentemente", o fenômeno pode chamar-se "falar línguas desconhecidas", ou xenoglossia.

> BENEDIKT, por exemplo, refere o fato de um oficial inglês que hipnotizado, se exprimiu corretamente em dialeto "walis", da Polinésia. Aprendera-o quando muito criança, esquecendo-o depois completamente [29].
>
> É muito citado o caso do velho que nascera e vivera alguns anos na fronteira polonesa, falando sòmente o polonês. Ainda criança passara a viver na Alemanha. Chegou a esquecer completamente o polonês. Seus filhos testemunham que, pelo espaço de 30 anos, evidenciou-se que êle esquecera por completo o polonês. O mesmo assegurava freqüentemente êle aos filhos que o testemunham. Não obstante, quando teve de submeter-se a uma operação cirúrgica, sob o efeito do clorofórmio, durante duas horas rezou, cantou, falou, contou e descreveu mil coisas, sòmente em polonês. Após haver passado *totalmente* o efeito do clorofórmio, voltou a esquecer completamente êsse idioma.

29 — Citado, entre outros autores, como também o caso que descrevemos em continuação, por SILVA MELLO, A. da: "Mistérios e realidades dêste e do outro mundo", Rio, J. Olimpio, 1949, pág. 307.

Semelhantes casos não são por demais raros. A língua que alguma vez se aprendeu, mesmo após muitos anos de esquecimento pode ressurgir, até com plenitude.

Xenoglossia só do inconsciente

Uma criança precisa de alguns anos para aprender no consciente a falar a língua pátria. Um adulto pode precisar de menos tempo, inclusive sem estudar. Precisa-se de tempo, porque é preciso ouvir e assimilar muitas palavras e dados dessa língua; como acontece de se esquecerem certas coisas freqüentemente, êsses elementos devem ser ouvidos outras tantas vêzes. Não poderá o inconsciente hiperestésico (e paranormal), pantomnésico, inteligentíssimo, aprender línguas em menos tempo do que o consciente?

Vários dos casos já citados poderiam ser incluídos aqui: segundo os dados do relatório, parece, por exemplo, que era corrente o industani que falava a velha senhora, já citada; ela sabia industani no estado de crise. Só o inconsciente tinha aprendido o industani nos quatro primeiros anos de vida, embora o consciente não o aprendesse; assim, ela conscientemente, não se lembrava de uma só palavra.

Um caso extraordinário

Cito um caso maravilhoso e bem comprovado, de xenoglossia habitual como resultado duma aprendizagem inconsciente.

> A Srta. Iris, de 16 anos, filha do engenheiro químico Gero FARCZADY, de Budapest, "morria" em agôsto de 1933. Poucos instantes após a "morte", porém, começava de nôvo

a respirar, recuperava os sentidos e terminava por sarar completamente. Mas, agora, dizia ser Lucía ALTARES de Salvo, espanhola que acabava de morrer em Madri, rua Obscuro, n.º 1, que tinha 40 anos e era mãe de 14 filhos...

Iris (ou Lucía) falou perfeitamente o espanhol de então em diante, e continuou falando sempre e em tôda parte.

Embora para os próprios espanhóis o espanhol falado por Iris não fôsse tão perfeito como julgavam os húngaros, não deixaram de considerá-lo bom. O embaixador da Espanha na Hungria, assim como a espôsa e filhas (espanholas) do cônsul geral húngaro em Barcelona, reconheceram que o espanhol de Lucía era bastante bom, mas não o de uma verdadeira espanhola.

Outros espanhóis, ausentes da Espanha por algum tempo, como o empregado de circo Sr. Tadeo BUSQUEL, com o qual Iris-Lucía falou "com pasmosa velocidade" durante mais de uma hora e meia, nem repararam que ela, que se apresentava como espanhola, não o era na realidade. O mesmo aconteceu com o Dr. PAFÉ, espanhol, professor de línguas em Budapest...

E, não obstante, antes da "morte" Iris não sabia absolutamente nada de espanhol, como testemunham todos os seus parentes, professôras e colegas do Colégio.

Êste caso marcante de xenoglossia foi considerado e defendido como manifesta "transmigração da alma dum corpo a outro"! [30].

Investigações posteriores do Dr. ROTHY [31], porém, fornecem os dados necessários para considerar o caso como plenamente natural.

Comprovou-se, em primeiro lugar, que Iris tinha uma extraordinária facilidade para línguas. Já nos primeiros anos no Colégio Sta. Margarida (Filhas do Redentor Divino), assombrou às professôras pela disposição para o francês. Posteriormente, aos 14 anos, demonstrou de nôvo sua facilidade

30 — VESME, C. de: "Transmigration d'âme d'un corps à autre", em "Revue Métapsichique", Paris, julho-agôsto, 1935, págs. 334 ss.

31 — ROTHY, Charles, num suplemento de "Neue Licht", Viena, ano XIV. Tradução francesa do "Institut Métapsychique Internacional", em "La Métapsychique 1940-1946", artigo: "Un cas de changement de personalitée avec xenoglossie", Paris, Presses Universitaires de França, s. d. (1947), págs. 121 ss.

para línguas, ou melhor, a sua capacidade invulgar de acomodar todo o mecanismo cerebral da fala a uma nova língua: Foi à Holanda: depois de quatro meses, comprovou-se que Iris esquecera completamente o húngaro, sua língua materna (só o entendia); mas falava agora perfeitamente o holandês, como se fôsse holandesa de nascimento.

Quando o caso Iris-Lucía já tinha revolucionado o mundo, o comissário de polícia de Budapest teve que se ocupar da jovem. O embaixador espanhol desejava saber se Iris-Lucía não seria uma das três meninas que tinham desaparecido em Madrid.

Segundo os dados encontrados pela Polícia, Iris nunca tinha estado na Espanha, mas ouvira muito falar espanhol, quando residia, ainda criança, na Holanda, e até dissera algumas palavras e pequenas frases. Ao voltar, criança ainda, para a Hungria, esqueceu completamente o pouco espanhol que aprendera. Assim se explica que ninguém, nem familiares, nem professôras, nem colegas a ouviram jamais proferir palavras em espanhol.

O professor Rudolf HOUTI explicou na Delegacia de Polícia ser possível que o espanhol que Iris gravara na memória infantil e conservara por pantomnésia inconsciente, surgisse aos 16 anos de idade à consciência por ocasião da grave doença sofrida. Perfeita a consideração do Dr. HOUTI. O inconsciente não teria aprendido espanhol?

Tenha-se em conta, aliás, que Iris, evidentemente, teve que ouvir muito espanhol: na Hungria há muitos espanhóis, especialmente judeus-sefarditas, que em épocas passadas foram expulsos da península...

Outros dados apareceram, fortalecendo a explicação. O Dr. Zoltán VÉGH, professor de espanhol no Colégio Madrách, reconhecera-a como sua antiga aluna de aulas particulares de espanhol. Posteriormente, pressionado por um irmão de Iris-Lucía, o Dr. VÉGH se retratou.

Uma curiosa coincidência, porém, fica: o Dr. VÉGH costumava ensinar conjuntamente as palavras "calle" (rua) e "obscuro", contando uma anedota, extraída de um jornal de Madri. Ora, a personalidade espanhola de Iris-Lucía, assegurava ter morrido em Madri na "Calle Obscuro". Se de fato o Dr. VÉGH não deu aulas a Iris-Lucía, isto de-

monstra que Iris-Lucía conheceu por meios normais, hiperestésicos, ou paranormais alguma coisa do espanhol ensinado pelo professor. Êstes conhecimentos somaram-se ao espanhol aprendido inconscientemente quando criança e dos judeus-sefarditas, etc. É claro que "um espírito transmigrado" da Espanha não iria utilizar justamente esta anedota do Dr. VÉGH. Mas isso explica porque o inconsciente fingiu um espírito madrilenho, "desencarnado" na Calle Obscuro.

O mesmo investigador, Dr. ROTHY, presidente do Comité Nacional e do Congresso Internacional de Investigações Psíquicas chegou à conclusão *possível* de que Iris, com a irresponsabilidade própria de uma doente psíquica, tivesse aperfeiçoado o espanhol que falava, após a crise, estudando em segrêdo, ajudada pela sua disposição para línguas. Baseava-se o Dr. ROTHY no fato de ir-se aperfeiçoando aos poucos o espanhol de Iris-Lucía; analisou variações importantes no vocabulário e na pronúncia. Êste fato não obriga, porém, a pensar no estudo secreto. Não é raro o afloramento paulatino dos dados armazenados no "arquivo" do inconsciente. Além disso, o exercício e conversas com espanhóis evidentemente ajudariam para êsse progresso.

Comprovou-se também que a personalidade de Lucía era completamente imaginária. Em Madri não viveu nenhuma Lucía ALTARES de Salvo. Em Madri não existiu nunca uma rua chamada Calle Obscuro. Lucía dizia que em Madri tinha uma irmã casada com o cabeleireiro Emílio ANDRO, que morava na Rua da Virgem, n.o 23: tudo absolutamente falso, pura imaginação. Lucía também citou o nome da escola onde estudavam três dos seus 14 filhos. Nem a escola nem os filhos foram encontrados em Madri...

Como confirmação basta indicar aqui que a personalidade de Iris não desapareceu totalmente, mas ùnicamente da superfície. Não "desencarnou" nem "transmigrou" a alma de Iris, para expressar-se em têrmos de reencarnacionistas. Assim se explica como entendia o húngaro apesar de não o falar. O Sr. Dido KASSAL teve a acertada idéia de hipnotizar a Iris-Lúcia. Então aflorou à superfície a personalidade "desaparecida" de Iris e até nos deu a explicação psicológica de como Iris não queria mais ser Iris e o inconsciente programou tôda a "novela" da Lucía espanhola: "Ninguém me compreendia. Na escola me chamavam gênio. E que são os

gênios? São a mais difícil natureza: um gênio morre jovem (e ela fingiu a morte aos 16 anos). Para o gênio ser compreendido, deveria rebaixar-se a lutar sòzinho contra a multidão. O gênio avança vários séculos, enquanto os outros ficam no presente. Essa é a razão do desacôrdo que existe (eis o que lhe doía...) e que só a posteridade compreenderá". Os parênteses são nossos. Considerava o mundo indigno dela e por isso a personalidade Iris finge retirar-se do mundo: caso característico em Psicopatologia.

O caminho para a maravilhosa aparição da personalidade Lucía, arquivada no inconsciente de Iris, foi se preparando e aplainando por muito tempo. Cada vez mais a personalidade Iris fugia para longe; com mais freqüência e por mais tempo, era substituída por outras personificações do inconsciente: anjos e demônios, sêres de outros planêtas, famosas personagens modernas e ainda vivas, ou antigas, como XERXES, LEÔNIDAS, LEILA uma das espôsas de ARTAXERXES, etc. Raramente um "João-ninguém": megalomania característica dêsses casos.

Tais mudanças de personalidade foram, no comêço, de poucos minutos, mais adiante de algumas horas e, ùltimamente, uma personalidade espanhola conhecida pelo nome de LETÍCIA permaneceu durante tôda uma semana. Quando Iris acordou, depois de tôda esta semana de fuga da realidade, não se lembrava de nada do ocorrido. Em 1932 as "fugas" foram muitas. Em 1933, já quase seguidas. Até que, em agôsto dêste mesmo ano de 1933, a fuga da realidade insuportável para Iris, já estava suficientemente preparada e apareceu definitivamente a personificação altamente compensadora de Lucía ALTARES de Salvo...

O inconsciente solucionou definitivamente o drama de Iris, que agora se movia docente num mundo irreal.

Possibilidade de outras causas

Fenômenos parapsicológicos idênticos ou muito parecidos, requerem freqüentemente explicações diversas.

Penso que esta versatilidade nas explicaçõs foi um dos principais motivos pelos quais a ciência demorou tantos séculos em abrir caminho pela emaranhada selva dos fenômenos de aparência paranormal. Os cientistas acostumados à

imutabilidade e regularidade das causas no mundo físico, não compreenderam a versatilidade, espontaneidade, incontrolabilidade, variedade e, às vêzes, complexidade das causas nos fenômenos psíquicos. O comportamento do homem pode ser diametralmente diferente do comportamento da matéria.

Nas páginas anteriores, já vimos xenoglossias nas quais, além da pantomnésia, intervinha a fraude inconsciente, o talento do inconsciente, a hiperestesia direta ou indireta, etc., além de outros efeitos colaterais como ventriloquia, psicografia, movimentos de mesa, etc.

Há outras causas da xenoglossia. Vejamos só algumas. Pareceria necessário adiantar os outros capítulos dêste tomo, isto é, demonstrar que existem os fenômenos paranormais de conhecimento que vamos indicar como causa possíveis da xenoglossia... Mas não é necessário adiantarmos essas provas. Bastará uma pequena idéia em notas, porque focalizamos esta parte do ponto de vista "teórico", expomos as causas como "possíveis", visando fazer ver aos que dão explicações sobrenaturais (demônios, espíritos...) que antes deveriam excluir positivamente, além das causas já estudadas, também outras causas naturais "possíveis" e portanto mais "lógicas" de serem a verdadeira explicação.

> O Dr. Frederick Bligh BOND, juntamente com o seu amigo o Dr. John ALLAYNE, preparava-se para dirigir as escavações nos terrenos da antiga abadia de Glastombury. ALLAYNE era um bom sensitivo exercitado em psicografia. BOND formulava uma pergunta a respeito de problemas das escavações. O inconsciente traçava então frases e desenhos psicografados. Quando a psicografia tinha passagens ilegíveis ou fornecia informações pouco precisas, tentavam nova psicografia complementar. Realizaram estas provas no ano de 1907-1908, antes de se começarem as escavações. Obtiveram assim numerosos dados: a localização exata e as dimensões de uma capela, croquis e planos, desenhos de cornijas esculpidas e outros adornos de pedra, etc., embora os desenhos psicográficos não fôssem um modêlo de arte. No ano seguinte, 1908-1909, realizadas as escavações, comprovou-se a veracidade de muitos dados obtidos pela psicografia.
>
> Mas o que agora nos interessa é que a psicografia era xenoglóssica: em latim e em inglês medieval. Os dois investigadores reconheceram que ignoravam várias das palavras e expressões empregadas na psicografia, palavras ou expressões já fôra de uso, ou raras.

Interpretação? Os próprios protagonistas, apesar dos escassos conhecimentos psicológicos da época, compreenderam que a teoria "da presença... de indivíduos falecidos, de nenhum modo tinha cabimento nessas escritas".

A explicação é complexa, mas clara. Em primeiro lugar, como quase sempre na xenoglossia, devemos conceder bastante participação no fenômeno à pantomnésia: BOND e ALLAYNE eram sábios possuidores de um sólido conhecimento de tudo quanto se tinha escrito sôbre a abadia de Glastombury. Evidentemente, muitas das palavras raras em latim ou expressões desconhecidas em inglês medieval, (assim como muitos outros dados lingüísticos ou arqueológicos), surgiam do seu próprio inconsciente pantomnésico. Êles tinham lido muitos manuscritos em latim e inglês medieval que tinham sido redigidos pelos antigos monges moradores da abadia. A identificação dos diversos monges, de cujos manuscritos os investigadores obtiveram os dados conservados por pantomnésia, seria possível, analisando os diversos tipos de letra. A psicografia, com efeito, como sucede com freqüência, imitava, às vêzes, o tipo de letra do autor original, onde o psicógrafo se tinha inspirado.

Mas, de acôrdo com os Drs. ALLAYNE e BOND, muito provàvelmente no caso havia complemento de outras causas, inclusive paranormais, de diversos tipos. Em primeiro lugar, ALLAYNE poderia captar certos dados do inconsciente de BOND. Algum outro dado poderia ser captado por BOND e ALLAYNE, não só por hiperestesia direta, mas também por clarividência [32] extra-sensorial, ambas sôbre a realidade oculta sob os seus pés e sob longínquos livros ou manuscritos. Por retrocognição [33] poderiam captar dados lingüísticos e arqueológicos da época mesma na qual a abadia era habitada. In-

---

32 — Telepatia é o fenômeno paranormal com que se capta ou se transmite o pensamento ou conteúdo de um ato *psíquico*. Clarividência se diz quando é captada a realidade *física*.

33 — Seria retrocognição o conhecimento paranormal com o qual conhecemos o passado.

clusive por precognição [34] o inconsciente estaria captando algo do que um ano mais tarde seria descoberto.

Todos êsses fenômenos paranormais existem. Pelo menos os autores "sobrenaturalistas" deverão admitir que são "possíveis". Se, pois, para um caso concreto não basta como explicação a pantomnésia, HIP, etc., ainda deverão excluir positivamente a explicação por todos êsses fenômenos enumerados como causas talvez possíveis.

No caso que acabamos de analisar como exemplo, deve-se ter em conta que ALLAYNE era um bom sensitivo e metagnomo. Os mesmos protagonistas, analisando seu próprio caso, estavam convencidos da participação da fenomenologia paranormal, embora empregassem a terminologia da época assim como certos conceitos errados ou ainda não confirmados cientìficamente sôbre o mecanismo daqueles fenômenos [35].

Xenoglossia é um fenômeno parapsicológico que consiste em empregar *sem fraude línguas* reais *que o consciente não conhece.*

São mais freqüentes os casos de xenoglossia meramente "mecânica", com a repetição de palavras guardadas, como o faria um gravador de fita.

Mas há também xenoglossia "inteligente", empregando-se em diversas circunstâncias ou até ordinàriamente, uma língua ou línguas desconhecidas do consciente.

A xenoglossia fundamenta-se principalmente na pantomnésia e em segundo lugar na hiperestesia indireta do pensamento (HIP), mas admite também outras explicações extraordinário-normais e paranormais.

34 — A precognição é o conhecimento paranormal do futuro.

35 — BLIGH BOND, Frederick: "The gate of remembrance", 2.a ed., Oxford, 1918.

Talento do inconsciente 11

UM GÊNIO DESCONHECIDO

O inconsciente é mais inteligente que o consciente. — Mais freqüentes e mais importantes os inventos inconscientes. — Ambiente, língua, etc., descritos após viagem interplanetária feita pelo inconsciente. — Aproveitamento pràtico do inconsciente.

QUANTAS vêzes as pessoas procedem de maneira esquisita "sem saber porque". Quantas vêzes muitas pessoas estão tristes e não sabem o motivo! Às vêzes, há causas fisiológicas, mas numa boa porcentagem dessas ocasiões uma análise profunda da alma descobriria os motivos inconscientes de ordem intelectual. Sensações inconscientes, fatos arquivados no inconsciente, se associam, dando origem a imagens inconscientes e sentimentos, dos quais o consciente só se apercebe depois pelos efeitos: está triste, procede por impulsos, não sabe os motivos de seus atos, etc.

Na fase sonambúlica da hipnose comprova-se fàcilmente a associação inconsciente. Sabemos já que a memória se exalta reproduzindo com pasmosa exatidão cenas, pormenores, conhecimentos que pareciam totalmente esquecidos. A imaginação, por sua vez, aviva-se também, a linguagem atinge um brilho e colorido notáveis. Nada, pois tem de estranho que a atividade intelectual inconsciente se exalte

também ao máximo. Os casos que o comprovam são numerosíssimos, como se pode constatar em qualquer tratado de hipnotismo.

Para citar um caso concreto, eis, tomado ao acaso o que refere RENAUD.

> No estado de sonambulismo hipnótico um parente do próprio RENAUD resolvia fácil e elegantemente um problema de trigonometria. Antes e também depois da hipnose, porém, via-se embaraçado com o problema, na realidade difícil [1].

O inconsciente estava atualizado e combinava mais dados, resolvendo o problema com notável facilidade.

Dormindo somos mais inteligentes do que acordados

O talento do inconsciente é, às vêzes, tão grande, que alguns autores foram levados errôneamente a atribuir responsabilidade ao sono [2]. FREUD [3], o fêz, por exemplo, e GRÜNEWALD [4].

O problema já é antigo. O famoso teólogo e filósofo CARAMUEL endereçava em Wurzburg no ano 1645, uma carta sôbre o assunto ao famoso cientista da época. Pe. KIRCHER S. J., professor da Universidade Gregoriana. Defendia a responsabilidade nos sonhos, "porque havia neles inteligência" (!). O aspecto da inteligência é o que nos interessa: "examinando muitos sonhos meus e de outros, encontro circunstâncias nas quais não se pode descobrir imaginação ou fantasia; ainda mais: nêles se percebe inteligência bastante cultivada e sutil". Em continuação, refere um exemplo dentre os sucedidos a êle mesmo.

> CARAMUEL sonhava que assistia a uma discussão solene. Nela, convidado a impugnar as teses defendidas, o fêz com todo vigor e eficiência e com argumentos inéditos. Ao acordar, impressionado, examinou os argumentos empregados no sonho. Comprovou que eram perfeitos e certamente inéditos.

O inconsciente, com os conhecimentos do sábio teólogo e filósofo, os elaborara. Em vigília dificilmente teria conseguido êsse resultado. A carta conclui: "Tem-se, portanto, que o entendimento do homem dormindo não descansa, mas trabalha sempre e, às vêzes, perfeitìssimamente; mais ainda, com mais perfeição do que na vigília" [5].

O descobrimento do talento do inconsciente é, pois, muito anterior a FREUD. E inclusive antes de CARAMUEL o descobrira PLATÃO, como veremos. Depois de FREUD, o reconhecimento do talento nos sonhos é bastante geral. Assim, por exemplo, Erich FROMN concluía nas suas aulas no Instituto de Psiquiatria William A. White e no Bennington College de New York que "nos sonhos produzem-se operações intelectuais superiores às que realizamos estando acordados" [6].

Intuições

A intuição é uma visão intelectual que parece vir do fundo da alma, uma revelação provinda do interior e que não depende do esfôrço mental. De repente, percebemos alguma coisa que, depois, freqüentemente comprovamos ser preciosa e verdadeira.

PASTEUR dizia que as grandes intuições só eram dadas aos que se preparavam para recebê-las. Na maioria dos casos é assim. Digo *na maioria,* pois pode haver outros tipos de intuições, até paranormais, como veremos. O inves-

1 — Citado por LAPPONI, José, tradução da 2.a ed. italiana por VIEIRA, Baptista Manoel: "Hypnotismo e Espiritismo", São Paulo, Falcone, 1907, pág. 105.

2 — Os loucos podem ser muito inteligentes. São, porém, irresponsáveis, porque a responsabilidade depende principalmente da vontade e liberdade.

3 — FREUD, Sigmund: "Traumdeutung", tradução espanhola de LÓPEZ BALLESTEROS em "Obras completas" de FREUD, Buenos Aires, Rueda, 1943. A edição inglêsa: "Interpretation of dreams", London, Allen and Unwin, 1925, e New York, MacMillan Co., 1933 (1.a ed., 1913).

4 — GRÜNEWALD, num artigo publicado em "Wiener Zeitschrift für Praktiske Psychologie", julho, 1950, págs. 117 ss.

5 — "Revista de Filosofia", tomo 12, n. 44, págs. 101-147.

6 — FROMM, Erich: "The Forgotten Language". Nós citamos da tradução espanhola de CALES, Mario: "El lenguaje olvidado. Interpretación de los sueños, mitos e cuentos de hadas", Buenos Aires, Hachette, 1953, pág. 48.

tigador, o experimentador, o filósofo, têm de repente uma intuição genial, sem saber de onde proveio, mas antes tinham empregado muito tempo e energia em procura da solução que agora se apresenta súbita, "irracional", "sem lógica". O Dr. LANGMUIR disse: "Freqüentemente subestimamos a importância da intuição. Em quase todos os problemas científicos, inclusive naqueles que nos tomaram dias e meses de trabalho, a solução final se apresentou ao nosso espírito numa fração de segundos, por um processo que, conscientemente, não deve nada ao raciocínio" [7]. É o resultado de um raciocínio inconsciente.

PERSIGOUT. matemático, demonstrou que DESCARTES, como KEPLER, PASCAL e outros deveram uma grande parte das suas descobertas ao trabalho do inconsciente [8].

Inteligentes realizações do inconsciente

Eis em rápidas pinceladas alguns dos muitos casos de manifestações inteligentes do inconsciente recolhidos em diversos autores:

> ZWINGER refere o caso de dois senhores que, de noite, se levantavam dormindo e escreviam versos. "Um dêles, escreve VORONFF, traduzia-os do alemão para o latim; o outro, professor de poesia grega, fatigado por ter passado escrevendo o dia todo versos gregos, deixou a poesia por concluir. Qual não seria, porém, a sua surprêsa na manhã seguinte quando, levantando-se para terminar a sua obra, descobriu que o trabalho já estava concluído e com a sua própria letra!". Da mesma maneira escreveu também versos gregos Woehmer von GÖTTINGEN.

7 — LANGMUIR, Irving, no discurso pronunciado a 16 de dezembro de 1942 ao deixar o cargo de presidente da "American Association for the Advancement of Science".

8 — PERSIGOUT, G.: "X novembris 1919: Rosacrucisme et Cartésianisme", Paris, ed. La Paix, 1938. Este livro é um ensaio de exegese hermética do "Songe de Descartes" e mormente dos três sonhos de 10 de novembro de 1619, que tantas influências tiveram em DESCARTES. Esforça-se PERSIGOUT por demonstrar que DESCARTES era um iniciado do Rosacrucianismo, mas fica muito longe de conseguir demonstrá-lo. Demonstra ùnicameste que de fato DESCARTES foi um grande intuitivo e que muito deve ao trabalho do seu inconsciente.

A versificação latina e grega é muito complicada...

> Mais ainda: LA FONTAINE e CONDILLAC escreveram trabalhos inteiros de noite, sonâmbulos, sem deixar de dormir. COLERIDGE afirmou ter escrito o "Kugla Khan" enquando dormia. Do mesmo modo, um filósofo estóico escreveu livros em várias etapas, segundo nos afirma o historiador DIÓGENES Laertius.

Trata-se de uma obra literária e de outras filosóficas: precisa-se grande trabalho intelectual.

> VOLTAIRE relata que um canto inteiro da sua "Henriade" lhe ocorreu durante um sonho: "No meu sonho eu disse coisas que dificilmente teria pronunciado na véspera. Passavam-me pela mente pensamentos concebidos sem que eu tivesse tomado parte (consciente) nêles. Não tendo nem vontade nem liberdade (no mecanismo do sonho) combinei idéias inteligentes e até com certa genialidade" (os parênteses são nossos).

Trata-se de idéias até geniais!

O investigador francês FEHR assinalou que os sábios mais produtivos da sua época realizaram de 75 a 100 por cento de suas descobertas e invenções durante o sono.

> Um caso muito conhecido de descoberta durante o sonho é o da cadeia benzínica. O descobridor tinha durante muito tempo procurado inùtilmente a fórmula química da benzina. Uma noite a viu em sonho. Teve sorte de lembrar-se dela ao acordar.
>
> O médico canadense F. G. BANTING trabalhou àrduamente no assunto da diabete. Estudou as mais diversas soluções que a medicina apontava para explicar e dominar o mal. Nada o satisfazia. Um dia trabalhou desesperadamente para encontrar uma solução. Inútil. Cansado, esgotado já, foi dormir de mau humor porque no dia seguinte deveria pronunciar uma conferência sôbre a diabete e lamentava não poder oferecer uma solução satisfatória, embora pressentisse que esta solução tinha que existir. Durante a noite, sonâmbulo, levantou-se e escreveu numa beirada de papel estas palavras: "Ligar o conduto deferente do pâncreas de um cão de laboratório, esperar algumas semanas até que a glândula

se atrofie, cortar, lavar e filtrar a secreção". De manhã não tinha a menor idéia de ter-se levantado nem de ter escrito, nem sequer de ter encontrado a solução que procurava. Só ao ver a anotação compreendeu o que se passara. Assim foi como o mundo ganhou a insulina.

Estado crepuscular

O trabalho do inconsciente aparece ou se exerce também freqüentemente no período de desdobramento da personalidade ou em qualquer outro estado, inclusive de vigília, que obnubile mais ou menos o consciente em benefício do inconsciente.

Todos conhecemos êsse estado de semi-inconsciência, estado crepuscular. que medeia entre a vigília e o sono. Nem dormimos nem estamos acordados. Estamos simplesmente num estado de transição. O transe espírita, o sono hipnótico, etc., são às vêzes um estado similar. Pois bem, êste estado, em que o consciente deixa em suficiente liberdade o inconsciente, é muito favorável às elucubrações do inconsciente. É o caso típico da Srta. Frank MILLER. Escreve FLOURNOY: "Médium espírita, a Srta. MILLER acreditaria, sem sombra de dúvidas, ser a reencarnação de uma princesa da antigüidade histórica e pré-histórica e não teria deixado de dar-nos interessantes revelações sôbre a sua pré-existência egípcia, assíria ou inclusive asteca" [9].

Muitas pessoas espantam-se freqüentemente com esta classe de fenômenos do talento do inconsciente, realizados nas suas sessões por "médiuns" em transe. Sabem elas quantos dados canta e armazena o inconsciente, mesmo de uma pessoa inculta?

Aliás devemos ter em conta que ainda nos falta por expor todo o conhecimento paranormal, conhecimento que pode também somar-se aos outros conhecimentos arquivados no inconsciente dos médiuns. Todos êstes conhecimentos podem ser combinados, elaborados, dando como resultado magníficas "revelações" intelectuais. Isso acontece especialmente nos médiuns, onde as disposições herdadas ou adquiridas, ambiente, contágio psíquico, às vêzes desde a infância, treino durante anos, etc., quebraram cada vez mais o equilíbrio psíquico de forma a facilitar muito a manifestação do inconsciente.

9 — FLOURNOY, Th., em "Arquives de Psychologie", 1906, V, págs. 36 ss.

É o desconhecimento das possibilidades do inconsciente, que levou tantas pessoas a atribuir tais fenômenos a manifestações do "além".

"Possuídos" pelo inconsciente

Particularmente os grandes poetas, pintores, músicos, etc., devem muitas das suas melhores obras de arte ao inconsciente.

A êste respeito, um interessante estudo foi feito recentemente por Francesco EGIDI [10]. O autor expõe como os grandes músicos sentem freqüentemente uma espécie de orquestra mental dentro de si, sendo notável o caso de BEETHOVEN que sentia zumbidos nos ouvidos e uma "música infernal" na cabeça quando compunha suas melodias. A atividade inconsciente do gênio era acompanhada por estímulos do centro auditivo do cérebro.

Noutros artistas, como Frei ANGÉLICO, a atividade inconsciente chegava a tal ponto que desaparecia totalmente o consciente: pintava em arroubos de êxtase, em transe. A atividade inconsciente dominava as energias tomando conta da "máquina humana", na sua totalidade física e psíquica.

Dir-se-ia (como se falou em "musas", "gênios", etc., e mais tarde "espíritos") que os grandes artistas são influídos por inteligências estranhas; na realidade é sòmente o inconsciente, inconsciente estranho e, por vêzes, contrário ao consciente. Neste sentido o escultor Ernesto BIONDI considerava os artistas como "médiuns, possuídos do seu próprio inconsciente".

Uma viagem a Marte

Mas para que verdadeiramente se possa ver até onde chega o inconsciente nas suas elaborações, usando dados

10 — EGIDI, Francesco: "Studio del diségno e della pittura metapsichica", em "Luce e Ombra", nos três números do primeiro semestre, Milan, Bocca, 1953.

armazenados na sua memória colossal, combinando-os com assombroso talento, acredito que o caso da médium espírita Helena SMITH seja dos mais significativos, ao menos por ser dos mais estudados.

A médium Helena deu umas sessões espíritas sob o contrôle do Dr. LEMAITRE [11].

Assistia às sessões uma senhora que tinha perdido seu filho, ALEXIS, três anos antes. Pediu-se então a Helena que evocasse o espírito do filho, ALEXIS. Helena deu algumas respostas, como se proviessem de ALEXIS; nada, porém, de notável.

Aconteceu um dia, no entanto, que o professor LEMAITRE falou a um parente de Helena sôbre o interêsse em se saber o que havia nos outros planêtas e concretamente em Marte. Um mês mais tarde já o inconsciente de Helena começava a dar os primeiros sinais de suas elaborações de aventuras marcianas.

Numa sessão, Helena, durante o transe, viu a grande altura uma luz resplandescente, afirmando que se sentia oscilar; logo se sentiu penetrando numa nuvem muito espêssa, primeiro azul, depois côr de rosa brilhante, depois cinzenta, por fim, preta. Sentiu-se flutuando no espaço. Logo depois via uma estrêla que ia aumentando, até ficar "maior que uma casa". Helena sentia que ia subindo; no começo sentia os incômodos da viagem, agora começava a sentir-se melhor. Distinguiu três grandes globos; um dêles era muito bonito. "Para onde caminho?" — perguntou a médium — e, servindo-se de um vocabulário convencional por movimentos de mesa, responderam-lhe "os espíritos" (?!): "Para uma outra terra (sic), Marte; LEMAITRE, é o que tu desejavas tanto!".

Helena descreveu as saudações quando da sua chegada a Marte: Gestos barrocos das mãos e dos dedos, estalos duma mão sôbre a outra; golpes ou aplicações dêstes ou daqueles dedos sôbre o nariz, os lábios, o queixo, reverências contorcidas, e rotações dos pés sôbre o chão. Descreveu tudo o que via: carros de cavalos sem cavalos nem rodas, deslizando e produzindo faíscas; casas com ondas sôbre o telhado; um berço que no lugar de cortinas tinha anjos de ferro com as asas estendidas. As pessoas, que eram como nós, salvo nas roupas, iguais para ambos os sexos: umas calças muito amplas e uma comprida blusa apertada à cintura e recamada de desenhos.

Numa vasta sala de conferências, encontrou, na primeira fileira dos ouvintes, ALEXIS, o filho da senhora que assistia às sessões mediúnicas de Helena.

Ora, ALEXIS (cujo nome em Marte era ESENALE) estava ouvindo uma conferência em marciano. Lógico, portanto, que quando mais adiante falou, por meio de Helena, sabia fazê-lo em marciano. O inconsciente de Helena precisava tempo para ir elaborando, devagar, a língua dos marcianos. Mas no fim o êxito foi completo e ALEXIS falou numa difícil língua, desconhecida na Terra. Era a língua de Marte. ALEXIS, no começo, falava francês, mas de repente passou a entender apenas e falava exclusivamente o marciano.

As sessões seriam emocionantes se não fôsse o trágico engano! Numa ocasião, a verdadeira mãe de ALEXIS ajoelhou-se soluçando diante de Helena, por meio da qual falava seu filho. ALEXIS, então, consolou-a em marciano, com gestos tão doces e inflexões de voz tão ternas que a pobre mãe se sentiu enlevada.

V. HENRY e principalmente FLOURNOY estudaram a fundo a língua marciana de Helena SMITH [12].

Analisaremos a língua marciana, ligando as frases mesmas usadas pelos investigadores: "o inconsciente tinha elaborado uma linguagem pròpriamente dita". "Para entendê-la era preciso estudá-la, para traduzí-la precisava-se de um dicionário, no qual cada palavra tinha seu significado próprio".

"O marciano era uma língua completa, tinha sua escrita especial, combinação especial de caracteres". "Estudado a

11 — —LEMAITRE. Augusto: "Arquives de Psychologie", 1908, VII, págs. 63 ss. LOMBAR, E.: ibidem, págs. 1 ss.

12 — FLOURNOY, Th.: "Des Indes à la Planéte Mars. Étude sur un cas de somnambulisme avec glossolalie", Gênova, Atar, 1900; Genebra, Eggiman, 1900; Paris, Alcan, 1900; e "Nouvelles observations sur un cas de somnambulisme avec glossolalie", em "Arquives de Psychologie", 1902, I, págs. 100-255; HENRY, Victor: "Le langage martien", Paris, 1901.

fundo logo se via que não se tratava duma simples gíria ou algaravia de sons quaisquer, ditos ao acaso. Eram palavras, palavras que expressavam idéias e a relação entre palavras e idéias era constante, sendo constante a sua significação".

O marciano tinha, como tôdas as línguas, "consoantes prediletas, sotaque característico, letras predominantes. Tinha, por exemplo, superabundâniia de "*e*" abertas e fechadas, abundância de "*i*" e escassez de ditongos e nasais".

Desvenda-se o mistério

Tal foi o prodígio que muitos, ao terem notícias dêle chegaram a pensar que era de fato uma linguagem extraterrena. Mas precisos e pacientes estudos demonstraram que se tratava só de uma modificação, inconsciente, do francês. Irei ligando as frases usadas pelos investigadores.

Em primeiro lugar comprovou-se que "o marciano se compunha de sons que, tanto consoantes como vogais, existem todos em francês". Ora, nas línguas reais, isto não existe jamais; por mais parecidas que sejam as línguas e por mais próximos que estejam geogràficamente os que as falam, sempre possuem algum som próprio. "A língua do planêta Marte não se permite a mínima originalidade fonética", o mesmo acontecendo com a escrita. "Todos os caracteres marcianos e todos os caracteres franceses se correspondem dois a dois".

"Um considerável número de palavras marcianas" "reproduz de modo suspeito o número de sílabas ou mesmo de letras de seus correspondentes franceses e imita às vêzes até a distribuição das consoantes e as vogais".

Com admirável paciência, FLOURNOY reproduziu, traduziu e analisou quarenta e um textos marcianos demonstrando que as regras da gramática e sintaxe marcianas não são mais do que "um decalque ou uma paródia das regras do francês". Assim, por exemplo, em francês, os sons análogos "á" e "a", preposição e verbo respectivamente, traduzem-se em marciano pelos sons "é" e "e". A palavra francesa "que" tem muitos empregos; em marciano tem as mesmas funções a palavra "Ke". "Le", artigo e pronome francês, correspondente ao marciano "ze", também artigo ou pronome, etc.

"Nas frases, a ordem das palavras é absolutamente a mesma em marciano e francês. E isto até nos detalhes"; a separação, por exemplo de "ne pas". Até a introdução de uma letra em certas circunstâncias fonéticas: "Quand reviendra-T-il?" em francês; "Kevi berinmi-M-eb?" em marciano.

"O procedimento de criação do marciano parece consistir simplesmente em pegar as frases francesas tal qual são e substituir cada palavra por outra" qualquer fabricada a êsmo, mas freqüentìssimamente com "o mesmo número de sílabas e letras". O resultado de tudo isto é que as frases são, sim, diferentes das francesas, mas na sua estrutura interna, fonética, sintática e gramatical são idênticas. FLOURNOY previu "a necessidade de um dicionário não porém, de gramática", nem de sintaxe, nem de fonética.

O desenvolvimento da médium

O inconsciente precisa geralmente, algum tempo para "ir abrindo a porta do desvão" onde está escondido e manifestar-se. Em regra se manifesta gradativamente. No comêço das manifestações é fácil aos especialistas descobrir as explicações dos fenômenos. Quando um "mago" já "se desenvolveu", i. é. quando o inconsciente já tem bastante ou totalmente "aberta a porta", pode resultar dificílimo ao investigador explicar as manifestações a não ser por comparação com outros casos semelhantes observados do comêço.

No caso Helena SMITH teria sido difícil aos investigadores explicar a aventura e mormente a língua marciana se não tivessem acompanhado os acontecimentos do comêço. A elaboração foi progressiva. No comêço "o marciano é uma linguagem muito imperfeita, rudimentar", "um pseudomarciano", "um quebra-cabeças desordenado" "uma pueril imitação do francês do qual conserva em cada palavra o mesmo número de sílabas e certas letras principais".

"*Só meio ano depois* o inconsciente tinha elaborado uma linguagem pròpriamente dita".

O inconsciente precisou tempo para manifestar parte das suas possibilidades. Mas após a aventura marciana já temos um inconsciente bastante "desenvolvido", "a porta" já está bastante aberta. O tempo necessário para novas elu-

cubrações é cada vez menor, o talento inconsciente de uma pessoa inculta aparece cada vez mais prodigioso.

Sòmente dezessete dias depois de umas objeções de FLOURNOY, Helena manifesta novamente o prodigioso talento do inconsciente. Os novos costumes e a nova língua são agora localizados num outro planêta sem nome e desconhecido". É o ciclo chamado "ultramarciano".

"Eu tinha acusado — escreve FLOURNOY — a quimera marciana de não ser mais do que uma imitação, envernizada com brilhantes côres orientais, do meio civilizado que nos rodeia. Agora (no nôvo ciclo ultramarciano), aparecia um mundo de uma extravagância medonha, com chão prêto onde tôda a vegetação era eliminada e os sêres, grosseiros, mais pareciam bêstas do que homens. Eu tinha insinuado que as coisas e os habitantes de Marte deveriam ser de dimensões e características diferentes das nossas, e eis que os habitantes do nôvo globo eram verdadeiros anões, com cabeças duas vêzes mais largas do que altas, e as casas em proporção. Salientei a riqueza do marciano em "*i*" e em "*e*", incriminei o som "*ch*", a sintaxe em geral... tomados do francês. E eis uma língua absolutamente nova, de um ritmo todo particular, extremamente rica em "*a*", sem nenhum "*ch*" e cuja construção era tão diferente da nossa que não havia meio de encontrar semelhança. Tudo em só 17 dias!

E logo novas manifestações cada vez em menos tempo. A "porta" cada vez mais aberta. Já basta uma semana, três dias, um dia só! "Tinha eu feito alusão à existência possível (!) de outras línguas" em outros planêtas, sugere FLOURNOY, e com essas novas sugestões aparecem novas viagens à Lua, Urano, Júpiter, Neptuno, etc. com suas correspondentes línguas.

Falando em Buenos Aires com o Diretor Nacional da Sociedade Espírita Constança que agrupa o espiritismo mais culto de Argentino, dizia-me êle depois de assitirmos a uma sessão: "Professor, não é certamente um argumento incontestável da incorporação dos espíritos nos médiuns o fato de que êsses médiuns até analfabetos tenham feito discursos inteligentes e dado conselhos acertados?". Limitei-me a perguntar por minha vez: "Sabe o senhor do que é capaz o talento do inconsciente, mesmo de um analfabeto?".

Dramaturgo e novelista às vêzes até ao exagêro

Outro aspecto do trabalho do inconsciente é o do aumento da dramatização e simbolização, a partir de estímulos, às vêzes mínimos, imperceptíveis, talvez só hiperestèsicamente captados.

O fenômeno foi provocado experimentalmente por A. MAURY, um dos melhores investigadores dos sonhos, neste aspecto [13]. A. MAURY fazia que, quando adormecido, outra pessoa lhe causasse diferentes excitações pequenas. Comparando depois o sonho com o pequeno estímulo, era possível à base de muitas experiências deduzir o comportamento do inconsciente.

> Assim, por exemplo, se lhe faziam cócegas, delicadamente, com uma pena de ave nos lábios ou no nariz, MAURY sonhava que o estavam submetendo a um horrível suplício, que lhe colocavam uma máscara de pixe na face e que depois a arrancavam violentamente, levando juntamente a pele dos lábios, do nariz e do rosto.
>
> Em outra experiência, a certa distância do seu ouvido, riscava-se suavemente uma pena de aço com uma tesoura. Êle sonhava então que ouvia o barulho de sinos, que aos poucos aumentava até converter-se num toque ensurdecedor. Acreditava estar na revolução francesa de 1848.
>
> Ainda na mesma ordem de coisas: destampava-se um vidro de água de colônia perto do cientista. Sonhava então que se achava numa perfumaria do Cairo, onde lhe sucediam aventuras as mais pitorescas.
>
> Ou então acendiam perto dêle um fósforo, o que fazia sonhar que estava no mar, no meio de um vento violento, e que um raio fazia explodir o depósito de munições do barco, pondo a tripulação em extremo perigo.

Na literatura onírica é célebre o seguinte sonho produzido casualmente por um estímulo externo.

> MAURY estava na cama, doente. Sonhou que se encontrava em meio dos terrores da revolução francesa. De-

13 — MAURY L. F. Alfred: "Le sommeil et les rêves. Études psychologiques sur ces phénomènes et les divers états qui s'y rattachent", 4.a ed., Paris, 1878.

pois de cenas terríveis, era conduzido perante o tribunal revolucionário, para um amplo e angustioso interrogatório. Condenado à morte, entre uma imensa multidão levavam-no ao cadafalso. Via com calafrios os preparativos da guilhotina. Atado ao cêpo, sobe a lâmina, cai, e MAURY sente como a cabeça se afasta do tronco. Em terrível angústia acorda, e compreende a origem do sonho. Mexendo-se quando dormia, tinha feito com que um dos suportes das cortinas da cama caisse sôbre seu pescoço.

Um simples estímulo externo foi assombrosamente dramatizado.

"Aparições"

Em certos ambientes, a dramatização tipo "aparições dos mortos" é bastante freqüente. A difusão do espiritismo provàvelmente é a causa de que o inconsciente adote êste tipo de dramatização, dado a tendência que tem o inconsciente de acomodar-se ao meio ambiente.

Um jovem lembrava-se de que seu defunto pai tinha comprado e pago um pequeno terreno, mas não tinha podido êle herdá-lo por não possuir os documentos legais nem saber onde poderiam estar arquivados. Em processo judicial estavam-lhe disputando a posse, com manifesto perigo de perder êle o terreno. Preocupado dormia na véspera do julgamento, que, sonhando, viu seu pai, que lhe dizia estarem os documentos em casa de certo tabelião aposentado. Acordado, quis comprovar se era certo, e com efeito lá estavam os documentos com os que venceu o pleito [14].

Trata-se do que chamávamos criptomnésia, i. é., "memória do oculto". Tão oculto, tão esquecido, que quando se lembra não parece lembrança. O inconsciente, excitado pelo perigo de perder o terreno, encontrou a lembrança arquivada e manifestou em sonhos que o pai tinha falado no assunto. Em sonhos o caso é dramatizado como se tratando de uma aparição.

14 — LHERMITTE, Jean: "Le Sommeil", Paris, A. Colin, 1931. Nós citamos da tradução espanhola: "Los sueños", Barcelona, Salvat, 1953, pág. 85.

Uma menina, passeando um dia com seu irmão, perdeu um canivete de muita estimação para ela. Passado algum tempo, êste irmão morre. Uma noite a menina sonha que seu irmão a leva pela mão ao lugar exato onde está o canivete. A menina acorda, vai ao lugar sonhado e encontra o canivete.

Compreende-se — acrescenta o Dr. GRASSET — que difícil será convencer esta menina de que não se trata de uma revelação de "além-túmulo". E não obstante é um singelo caso de lembrança inconsciente [15].

Em geral tôdas as elucubrações do inconsciente se prestam a superstições. Podem produzir resultados tão extraordinários, de aparência tão completamente nova, de origem tão inconsciente, com funcionamento em plena independência da vontade e advertência do "mago", que fàcilmente serão tomados como comunicações de "além-túmulo". Que natural o raciocínio de Helena SMITH atribuindo a verdadeiros habitantes de Marte tudo o que seu inconsciente lhe manifestava durante o transe...

Como bem adverte FLOURNOY, "o eu inconsciente das médiuns é plenamente capaz de inventar um conjunto tão perfeito que tenha as melhores aparências de comunicações do "além". Verdade demasiado esquecida em certos ambientes: pessoas perfeitamente normais e sadias quanto se queira, ao menos em aparência, pelo simples fato de entregar-se às práticas mediúnicas, podem romper fàcilmente o seu equilíbrio psíquico e dar lugar a uma atividade automática. Os resultados do automatismo simulam da mais perfeita maneira comunicações de "além-túmulo" não sendo na realidade mais do que resultados do funcionamento inconsciente das faculdades ordinárias" [16].

Deve destacar-se a sensação de absoluta independência entre consciente e inconsciente. O Pe. ALMIGNANA a custo conseguia responder às invectivas que seu inconsciente lhe dirigia e que com sua própria mão escrevia em movimentos automáticos. O padre não conseguia explicar como podiam

15 — GRASSET, J., o. c., pág. 146.

16 — FLOURNOY, Th.: "Genese de quelques prétendus messages spirites" em "Revue Philosophique", pág. 200; e ver também em: "Annales des Sciences Psychiques", 1899, pág. 216.

encontrar-se nêle mesmo, dois "eu", o "eu" inconsciente e o "eu" consciente, tão abertamente contrários um ao outro.

É esta sensação de estranheza, de modo especial, a que em épocas antigas levou as gentes a pensar que alguns sonhos eram mensagens do "além" (oniromancia).

Ainda não há muitos anos era freqüente atribuir o sonambulismo hipnótico ao demônio, etc., não podendo explicar-se nem o talento do inconsciente, nem a independência e até aparente aspecto contraditório, na realidade complementar, entre consciente e inconsciente.

Não só "o inconsciente pode fazer tudo o que o consciente faz" [17]*, mas inclusive supera ao consciente amplamente em inteligência.*

O inconsciente, aliás, tende a dramatizar segundo as próprias idéias; freqüentemente também amplia mínimos estímulos e os interpreta; às vêzes recorre a dramatizações ou símbolos tão exagerados que podemos dizer que se converte em caixa de ressonância.

A êste conjunto de notáveis qualidades chamamos "talento do inconsciente".

17 — RICHET, Charles: "Traité de Metapsychique", 2.ª ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 78.

2.ª PARTE

Fenômenos "Paranormais" de Conhecimento

"Adivinhação" 12

A CIÊNCIA LANÇA-SE À INVESTIGAÇÃO

História que há na lenda e lenda que há na história. — Coleções científicas de conhecimentos "inexplicáveis". — Uma doente "vê" o que seu médico faz numa cidade distante. — Esforços experimentais dos cientintas.

ATÉ agora viemos falando de fenômenos maravilhosos de conhecimento, a que dávamos uma explicação mais ou menos próxima das margens conhecidas pela Ciência tradicional. Eram fenômenos "extraordinário-normais". Deviam-se a faculdades e sentidos tradicionalmente conhecidos, embora a *manifestação* em tais graus seja própria de pessoas especiais (chamadas "sensitivos") ou de circunstâncias especiais.

Agora a questão é outra: há de fato fenômenos de conhecimento paranormais? Existem fenômenos de conhecimento impossíveis de serem explicados pelo funcionamento dos sentidos e faculdades tradicionalmente conhecidos?

A crença popular em adivinhos, cartomantes, etc., ou em comunicações telepáticas, transmissão do pensamento, etc., a crença popular no conhecimento "além da fronteira dos sentidos tradicionais" é tão antiga como a humanidade mesma.

Esta crença é científica? Todos temos essa faculdade "desconhecida" tradicionalmente pela Ciência clássica? As pessoas que manifestassem essa faculdade paranormal seriam chamadas "metagnomos" (chamar "sensitivos" aos que manifestam essa possível "percepção extra-sensorial" seria uma contradição nos têrmos).

Luz na nomenclatura

Há imensa barafunda de nomes para designar o conhecimento paranormal [1].

A escola do grande parapsicólogo moderno RHINE, preferiu a expressão "percepção extra-sensorial" e sua sigla ESP [2]. RHINE "inventou" o que já em 1870 tinha inventado Richard BURTON. TISCHNER [3] prefere o nome *"experiência* extra-sensorial" melhor do que *"percepção* extra-sensorial", apesar de que RHINE e seus colaboradores não querem indicar com a palavra "percepção", nada parecido com a percepção normal, sensorial. Mas a mesma palavra "experiência", para alguns não bem à par dos conceitos filosóficos, implicaria também relação com os sentidos. É por isso que preferiríamos a expressão *"comportameto* extra-sensorial".

Os têrmos "percepção extra-sensorial" e suas siglas ESP ou também GESP (percepção extra-sensorial em geral, pois como veremos há subdivisões) foram oficializados no primeiro Colóquio Internacional de Parapsicologia celebrado em 1953 na Universidade de Utrecht, Holanda.

Mas êstes, como outros nomes que recebera o conhecimento paranormal, incluem uma explicação ou teoria do fenômeno, o que poderia ser molesto aos cientistas que de fora da Parapsicologia ouvissem falar dêsses têrmos. Era preferível esperar a que se divulgassem os motivos antes que a nomenclatura. É por isso que no primeiro Colóquio Internacional de Parapsicologia, oficializou-se, seguindo a sugestão dos doutôres WIESNER e THOULESS [4], a expressão PSI-GAMMA (P G), que designa e nada explica. Trata-se das primeiras letras gregas da expressão "psicognose" = conhecimento psíquico. Mas foram escolhidas deliberadamente duas letras gregas e não a mesma expressão psico-gnose pelos motivos apontados. Escrevem os autores da expressão PG: "Êste símbolo simples não comporta nenhuma implicação relativa ao processo paranormal nem implicação alguma relativa à identidade ou multiplicidade do processo" [5].

A expressão PSI-GAMMA já está muito difundida. Seria de desejar que se fizesse geral.

Mas existe de fato faculdade PG? Nós, neste tomo, não entraremos diretamente em discussão sôbre a essência da faculdade e de suas manifestações, apesar de que sustentamos, como a Parapsicologia moderna mais representativa, que a faculdade seria extra-sensorial, espiritual, ao menos em parte de sua atuação. Por enquanto tomamos a facul-

1 — RICHET chamou o conhecimento paranormal, se de fato existir, "criptestesia", i. é, *"sensação do oculto"*, pois acreditava que o fenômenos se deveria a algum tipo de vibração ou emissão *materiais* desconhecidas. Ainda não se tinha demonstrado que essa faculdade fôsse, ao menos em parte de sua atuação, *espiritual, extra-sensorial.* Então falava-se também em "sexto *sentido"* (RICHET, Charles, "Traité de Métapsychique", 2.a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 3. Tradução espanhola: "Tratado de Metapsíquica y Nuestro Sexto Sentido", Barcelona, Araluce, 1923). BOIRAC preferiu as palavras "metagnomia" (conhecimento além do normal) e diapsique (através da psique) em contraposição aos sentidos físicos (BOIRAC, Émile: "L'avenir des sciences psychiques", Paris, Alcan, 1917, pág. 223. MAXWELL os chama fenômenos "intelectuais" (MAXWELL, Joseph: "Les phénomenes psychiques. Recherches observation, méthodes", Paris, Alcan, 1914, que é a edição que nós utilizamos, mas a edição original é de 1903. Van RIJNBERK, da Universidade de Amsterdam, os chama fenômenos "receptores" (RIJNBERK, Gérad van: "Les métasciences biologiques", Paris, Adyar, 1952, pág. 161). Etc. Não anotamos aqui a nomenclatura não científica.

2 — RHINE, Joseph Banks: "Extra-sensory perception", Boston, Bruce Humphries, 1934, e Boston, B.S.P.R., 1934.

3 — TISCHNER, Rudolf: "Einführung in den Okkultismus und Spiritismus", Munich, 1921, pág. 5. Cfr. do mesmo autor, tradução francesa de LAMORLETTE: "Introduction à la Parapsychologie", Paris, Payot, 1952, pág. 54. Tradução espanhola: "Introducción al estudio de la Parapsicología", Buenos Aires, Obregón, 1957.

4 — WIESNER, B. P., e THOULESS, R. H., "The Present position of experimental research into telepaty and related phenomena" em "Proceeding of the Society for Psychical Research", 1942, XLVII, págs. 1-19.

5 — WIESNER, B. P., e THOULESS, R. H.: "Thougth transference and related phenomena", em "Journal of Parapsicology", 1952, março, pág. 30.

dade PSI-GAMMA simplesmente como uma faculdade de conhecimento diferente do que pode atribuir-se aos sentidos. Seria uma faculdade nova (no sentido de que só agora teria sido descoberta pela Ciência; em outra ordem de coisas, a faculdade teria existido sempre, todos a teríamos; ùnicamente a *manifestação* seria própria de pessoas ou circunstâncias especiais.

Lenda e história

Como já temos sugerido, a crença popular e não raro de pessoas cultas, na faculdade PG (interpretada supersticiosamente ou não) é de todos os povos e de tôdas as épocas. Onde acaba a lenda e onde começa a história nestes relatos antigos é muito difícil de se saber. Em todo caso, perante todos os fatos julgados lendários ou históricos de épocas passadas, será muito útil um profundo conhecimento dos dados científicos que recentemente tem dado a Parapsicologia. Assim se poderá atribuir-lhe uma possibilidade ou uma inverossimilhança fundamentada e não tão arbitrária como geralmente foi até hoje.

Como exemplo entre os casos lendário-históricos, citaremos um que refere HERÓDOTO, caso no que já aparece um intento de verificação, diríamos de experimentação.

> CRESO, rei da Líbia, queria escolher um entre todos os oráculos da Grécia e da Líbia. Envia-lhes deputados com o encargo de perguntar "que fazia neste dia CRESO, filho de ALYATE, rei da Líbia?". A pitonisa do oráculo de Delfos respondeu em versos hexámetros: "Eu conheço o número dos grãos de areia das praias do mar; eu compreendo a linguagem do mudo; eu ouço a voz de quem não fala; meus sentidos estão impressionados pelo cheiro de uma tartaruga que se mandou cozinhar juntamente com a carne de um cordeiro numa caldeira de bronze com tampa também de bronze".
>
> CRESO escolheu o oráculo de Delfos como sendo o único que acertou e perfeitamente, pois êle tinha "imaginado a coisa mais difícil de imaginar e conhecer, e tinha partido em pedaços uma tartaruga e um cordeiro e fêz que os cozinhassem juntos numa caldeira de bronze com tampa do mesmo metal"[6].

6 — HERODOTO: "História", tomo I, ns. 46-48.

Dos fatos histórico-lendários é, como dissemos, muito difícil de se julgar. Não raro, não obstante, aparecem alguns nos quais parece difícil duvidar da boa fé da testemunha ou da exatidão do relato. Talvez devamos dar razão a OLIVIER quando afirma que só sendo verdade a existência do conhecimento paranormal, pode-se explicar que estas lendas tenham-se mantido ao longo da história [7]. Mas é mais fácil e segura a verificação dos casos mais recentes.

Os inquéritos

Em 1882 fundava-se em Londres a "Society for Psychical Research" para investigar se de fato existia o conhecimento extra-sensorial. Os metapsíquicos recolheram um cabedal abundantíssimo de casos que já se julgavam inexplicáveis a não ser por uma faculdade paranormal de conhecimento. A coleção principal, a mais abundante e ao mesmo tempo a mais severa é a da "Society for Psychical Research".

Já aos dois anos de fundação desta sociedade, os inquéritos por ela dirigidos tinham chegado a 50 000 pessoas, recolhendo-se 5 705 casos. Sob o critério rigoroso da sociedade, e após uma constatação quase policial, foram selecionados e publicados 688 [8]. Sem interrupção, a sociedade continuou a recolher e investigar casos espontâneos de conhecimento paranormal [9].

Em 1894 publica SIDGWICK 170 casos escolhidos e bem controlados [10], e o mesmo autor, outra coleção em 1923 [11].

7 — OLIVER, C. W.: "Analisys of Magic and Witchcraft", Londres, 1928.

8 — GURNEY, E.: MYERS, F. W.: e PODMORE, F.: "Phantasms of the living", 2 vols., Londres, Trubner, 1886-1887. Tradução francesa resumida por MARILLIER: "Les Hallucinations Télépatiques", Paris, Alcan, 1891.

9 — "Journal of Society for Psychical Research" (S. P. R.), passim. "Proceedings of Society for Psychical Research" ("Proc. S.P.R."), passim. Sôbre as precauções tomadas, mormente nos últimos tempos da Metapsíquica, Cfr. WEST, D. J.: "The Investigation of Spontaneous Cases", em "Proc. S.P.R.", XLVIII, págs. 290 ss.

10 — SIDGWICK, Henry: "Report on the Census of Hallucinations", em "Proc. S.P.R.", 1894, págs. 26 ss.

11 — SIDGWICK, Henry: em "Proceedings of S.P.R.", 1923, págs. 86 ss.

Por parte da "Society for Psychical Research" da América do Norte, destaca-se o inquérito de Walter Franklin PRINCE atingindo 10 000 pessoas, 430 casos, publicando-se a coleção a partir de 1928 depois de séria, crítica e paciente investigação [12].

Enfim, outros inquéritos notáveis são os dois de Cammille FLAMMARION, mormente o primeiro, em que se recolhem 4 280 respostas: 1 824 pessoas pensam ter experimentado casos de conhecimento paranormal, publicando FLAMMARION 778 cartas com 1 030 casos escolhidos [13], dos quais a "Society for Psychical Research" com seu rigoroso critério só aceita uns 50. RICHET seleciona após inquéritos entre militares [14], 40 casos interessantes [15] e mais outros o Dr. OSTY entre as famílias dos militares [16].

Finalmente, citaremos um amplo inquérito recente dos fenômenos paranormais durante a Segunda Guerra Mundial, inquérito que foi dirigdo pelo professor de Parapsicologia da Universidade de Friburgo (Suiça), Dr. Hans BENDER [16 bis]. Verdadeira gama de meios foram postos à disposição do Dr. BENDER para a reunião e verificação dos fenômenos espontâneos de aparência paranormal. Trata-se sem dúvida de uma contribuição importante para a Parapsicologia, embora a Parapsicologia moderna não atenda tanto a casos espontâneos, preocupada como está, como veremos mais adiante, na experimentação de laboratório, sem dúvida mais importante.

12 — PRINCE, Walter Franklin: "Noted Witnesses for Psychic Occurences", Boston, B.S.P.R. Press, 1928. "Human Experiences" em "Boston S.P.R.", setembro de 1931 e abril de 1933.

13 — FLAMMARION, Camille: "La mort et son mystère", 3 vol., Paris, E. Flammarion, 1920-1921. Tradução anônima: "A morte e o seu mistério", 3 vols., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira (FEB), s. d. (1955). "L'Inconnue et les Problemes Psychiques", 2 vols., Paris, E. Flammarion, 1900. Tradução de S. THIAGO, Arnaldo: "O desconhecido e os problemas psíquicos", Rio de Janeiro, FEB, 1954.

14 — RICHET, Charles: Inquérito formulado em "Bulletin des Armées", 10 de janeiro de 1917.

15 — RICHET, Charles: Casos publicados em: "Annales des Sciences Psychiques" ("A.S.P."), 1892-3, págs. 17 ss.

16 — OSTY, Eugène: Casos publicados em "Revue Metapsychique". 1932, n. 4. págs. 236 ss.

16 bis — BENDER, Hans, em "To-Morrow", New York, vol. 4, n. 2, 1956.

Várias revistas especializadas recolhem outros inumeráveis casos [17].

Que dizer dêste conjunto enorme de casos espontâneos? Evidentemente que nem tudo supera o "extraordinário-normal". Há, porém, muitíssimos casos espontâneos que sugerem com muita fôrça a existência de uma faculdade paranormal de conhecimento. De muitos dêstes casos nos ocuparemos mais adiante por diversos motivos. Impossível determo-nos aqui na análise dos casos espontâneos. Como exemplo, eis apenas um relato tomado ao acaso.

> "Annales de Sciences Psychiques" analisa o fenômeno sucedido durante um ataque de sonambulismo histérico numa doente de 14 anos de idade. Quando o ataque sobreveio, o Dr. TERRIEN, presidente da Sociedade de Medicina de Nantes estava ausente. A doente, que estava costurando em companhia da espôsa do doutor, começa de repente no seu delírio a dizer que o doutor estava fazendo uma visita profissional na cidade de Chaché, a 8 km. Lá diversos doentes o detinham (contra tôda suposição), entre êles um menino que, tendo caído de uma escada de mão, acabava de quebrar um joelho. A espôsa do doutor TERRIEN fêz questão de anotar tôdas estas manifestações da histérica. A volta do doutor, confirmou-se totalmente a história [18].

Que hiperestesia ou que previsão normal seria possível de fatos que estão sucedendo a 8 km de distância, fatos casuais e concretos, como o do menino que acaba de cair de uma escada de mão quebrando um joelho?

Milhares de casos semelhantes serão suficientes para demonstrar a existência do conhecimento paranormal?

17 — "Journal of Society for Psychical Research" (Índice Geral para os tempos da Metapsíquica no vol XLI, 1932-1933, dos "Proc. S.P.R."). "Proceedings of Society for Psychical Research" (Cfr. índice citado). Igualmente a "sucursal" americana, com os correspondentes: "Jnl. of American S.P.R." desde 1907. "Proc. of Amer. S.P.R." desde 1923. Também as revistas: "Luce e Ombra" desde 1900. "Revue Metapsychique" ("R.M.") desde 1920. Assim como as já desaparecidas: "Annales des Sciences Psychiques" ("A.S.P."). "Bulletin of the Boston S.P.R.". "Bulletin de l'Institut Général Psychologique". "Le Psychique Étudient". "Religio-Philosophical Journal". E com freqüência também em: "Light", "Banner of Light" e outras.

18 — "A.S.P.", 1914, julho, págs. 198-203.

Já em 1891 FOUILLÉE afirmava: "É possível que haja, mais ainda, é impossível que não haja, modos de comunicação através do espaço" de uns homens com os outros [19]. E Jules BOIS: "A luz em vibração se comunica de estrêla a estrêla. Uma alma não pode comunicar-se com outra alma de modo semelhante?" [20]. Mais ou menos semelhante?

Pouco depois, ante o número sempre crescente de casos que se iam recolhendo e comprovando, muitos cientistas, embora enfrentando a apreensão de outros sábios mais recatados, afirmavam que a existência do conhecimento paranormal não se podia negar: "A faculdade de visão à distância, de pressentimento — escrevia, por exemplo, PELLETIER — não se pode negar hoje, tão grande é o número de exemplos que se têm encontrado" [21].

No gabinete do médico-hipnólogo

As coleções de casos espontâneos impulsionaram o trabalho de laboratório. Era necessária a experimentação de laboratório à procura de uma base mais firme, para aceitar ou para "pôr entre parênteses" o conhecimento paranormal até épocas futuras, em que talvez fôsse possível um juízo definitivo.

Não podemos deter-nos aqui na exposição nem sequer sumaríssima, de tantas e tão variadas experiências.

Muitos dos fenômenos sucedidos durante o "sono magnético" (ou hipnótico), idênticos a muitos outros que antes tinham sido considerados como "extraterrenos", foram considerados como naturais pelas descobertas dos magnetizadores. O mesmo poderíamos dizer de muitos fenômenos acontecidos durante certos ataques de histeria, por exemplo, que antes foram considerados como possessões diabólicas. Nesta mesma época de entusiasmo pelo estudo e experimentação do "magnetismo" (hipnotismo), com muita

19 — FOUILLÉE, Alfred, em "Revue des deux Mondes", 15 de maio de 1891.

20 — BOIS, Jules: "Le Miracle Moderne", Paris, Ollendorff, 1907.

21 — PELLETIER, Javier, em "Echo du Merveilleux", 1906, pág. 274.

freqüencia provocaram-se, mais ou menos diretamente, experiências que sugeriam uma faculdade paranormal de conhecimento.

MESMER fala já do "sexto sentido" [22]; PUYSÉGUR provocou muitos casos que êle chamou "leitura do pensamento" [23]; PÉTÉTIN dedica uma obra póstuma a numerosas experiências de "visão à distância" realizadas com sete doentes diferentes [24]; DELEUZE consagra tôda uma obra à "clarividência" só de um jovem sensitivo [25]; DU POTET, baseando-se em inúmeras experiências próprias e do Dr. CAHAGNET, considera a lucidez ou "vista interna" como uma fase do sonambulismo hipnótico [26], etc.

Enfim, é freqüente entre os livros dos antigos "magnetizadores", encontrar experiências que indicam uma faculdade de conhecimento paranormal. Especialmente o fenômeno que êles chamavam "viagem telepática", surge com freqüencia nas experimentações do "magnetismo".

Passada a época do "magnetismo", com o nascimento da hipnose moderna é muito freqüente encontrar aqui e ali,

22 — MESMER, Franz Anton, obra confeccionada por CAULET de Veaumorel: "Aphorismes de M. Mesmer, dictés à l'assemblée de ses élèves", 3.a ed., Paris, 1785. Cfr. especialmente os ns. 183 e 184. Veja-se do mesmo autor: "System der Wechselwirkungen Theorie und Anwendung Theorischen Magnetismus als die allgemeine Heilkunde zur Erhaltung des Menschen", Berlim, Herausgegeben von Wolfart, 1814. "Memoire sur la Découvert du Magnétisme Animal", Genebra, 1779.

23 — PUYSÉGUR, Armand Marc Jacques Chastenet du (Marquês): "Du Magnétisme animal, considéré dans ses rapports avec differents branches de la physique", Paris, Dentu, 1807, passim. "Memoires pour servir à l'histoire du magnétisme animal", Paris, Dentu, 1784, passim. "Recherches, experiences et observations physiologiques sur l'homme dans l'état de somnambulisme naturel et dans le somnambulisme provoqué par l'acte magnétique", Paris, Dentu, 1811, passim.

24 — PÉTÉTIN, J. H. D.: "L'Electricité Animale", Lyon, 1803.

25 — DELEUZE, J. P. F., com comentários de MAILLE: "Memoire sur la Faculté de Prévision", Paris, Chochard, 1836. Cfr. "Histoire Critique du Magnétisme Animal", 4 volumes, Paris, Hipolyte Bailliére, 1819, passim.

26 — POTET, Baron du: "Manuel de L'Étudent Magnetiseur", 8.a ed., Paris, Alcan, 1903 (1.a ed. 1846). Cfr. também: HUDSON: "Experiences Publiques sur le Magnétisme Animal faites à l'Hotel-Dieu de Paris par J. Dupotet" ,2.a ed., Paris, 1820. BERSAND, Alexandre: "Du Magnétisme Animal em France", Paris, Bailliére, 1826, págs. 259 ss.

nos diversos autores, experiências de um possível conhecimento paranormal, tal como em ROCHAS D'AIGLUN e sua "exteriorização da sensibilidade" [27], REICHENBACH e seu "fluido ódico-magnético" [28], etc. Já os fundadores da hipnose encontraram o fenômeno: BEAUNIS, colaborador de BERNHEIM (fundador da escola hipnótica de Salpetriére) realiza várias "transmissões de pensamento" [29]. E o mesmo consegue LIÉBEAULT, o fundador da outra escola de hipnose, a de Nancy [30].

Depois dos fundadores, com relativa freqüência os seguidores de ambas escolas encontraram nas suas experiências casos que parecem não se poderem explicar sem supor no homem uma faculdade de conhecimento extra-sensorial.

Já em 1831, época do "magnetismo", uma comissão nomeada pela Academia de Medicina da França, apresentava seu relatório depois de quase seis anos de trabalho intenso, minucioso, verdadeiramente científico. A erudita comissão

27 — ROCHAS, Albert de: "Les États Profonds de l'Hypnose", 5.a ed., Paris, Charconac, 1904 (1.a ed., Paris, Chamuel, 1892). "Les États Superficiels de l'Hypnose", nova edição, Paris, Charconac, 1902 (1.a ed. 1893). "L'Extériorisation de la Sensibilité", Paris, Chamuel, 1894.

28 — REICHENBACH, Karl von: "Der Sensitive Mensch und sein Verhalten zun Od", Stutgart, Cotta, 1855. "Kleine Schriften Uber Sensitivitat und Od"; tradução inglêsa: "Psyco-Physiological Researches on the Dynamica of Magnetism, Electricity, Light, Crystalisation and Chemistry, and Their Relations to Vital Force. With the addiction of a preface and critical notes by John Asaburner, M. D.", Londres, 1851 (mas a primeira edição foi em Brunswick, 1841); tradução francesa de LACOSTE, Ernest, com prefácio de ROCHAS, Albert de: "Les phénomènes odiques ou recherches psychiques et physiologiques sur les dynamides du magnétisme et de l'électricité de la chaleur, de la lumière, de la cristallisation et de l'affinités chimique considérés dans leurs rapports avec la force vitale", Paris, 1904. Do mesmo autor, tradução de CAGNET: "Lettres Odiques-Magnétiques", Paris, Bailliére, 1865. ROCHAS, Albert de: "Le fluide des magnetiseurs" (resumo dos trabalhos de REICHENBACH), Paris, Michel Cârré, 1891.

29 — BEAUNIS, H.: "Le somnambulisme provoqué", Paris, Doin, 1886, passim.

30 — LIÉBEAULT, A. A.: "Les sommeil Provoqué", Paris, Doin, 1889, passim, mormente cfr. págs. 296 ss.

no seu item 10 afirma como comprovada por êles em algumas pessoas imersas em sonos provocados, certa manifestação de conhecimento paranormal.

A reação da Academia é uma das páginas mais vergonhosas da história da ciência. Os acadêmicos, que não tinham estudado, rejeitaram "por incríveis" as conclusões de mais de cinco anos de trabalho de uma comissão sária... [31].

A Academia, que nada viu, que nada investigou a respeito, tinha direito a esmagar a comissão, que com tanto trabalho demorado e rigoroso investigara o que agora era apresentado? "Não duvidamos da boa fé dos comissionados. Cremos, porém que foram vítimas de várias habilidades...". Por que acreditavam no engano da comissão? Só porque o conhecimento paranormal e fenômenos semelhantes "são incríveis"? É justificado tal proceder? O relatório foi rejeitado e ficou em manuscrito. A comissão trabalhou cinco anos para ao final receber completa humilhação...

Os "magnetizadores" e hipnotizadores, salvo raras exceções, não abordaram "ex professo" a experimentação da percepção extra-sensorial.

O conjunto dessas experiências, porém, têm uma fôrça muito grande em prol da existência de PSI-GAMMA. Eis um exemplo, colhido absolutamente ao acaso:

> O Dr. JANET hipnotiza sua célebre paciente Léonie B. Estavam no Havre e JANET diz à hipnotizada que vá com o pensamento a Paris aonde o ajudante de JANET, o Dr. GI-

31 — A comissão bem sabia que as suas conclusões eram "novas na ciência" e tratou de preparar o caminho dos seus colegas para se dobrar ante a realidade: "Antes de dar por concluído êste relatório a comissão perguntou a si mesma muitas vêzes se, com as precauções que multiplicou para evitar qualquer surprêsa, o sentimento constante de desconfiança com que sempre procedeu e o escrupuloso rigor observado em todos os exames que efetuou, teria plenamente satisfeito tôdas as exigências que as circunstâncias reclamavam e desempenhado acertadamente o trabalho que se lhe tinha confiado... O nosso íntimo, senhores, respondeu altivameste a estas perguntas afirmando-nos que vossas excelências nada poderiam ter a esperar da comissão que nós não tivéssemos feito... Nossas convicções sôbre a realidade dos fenômenos que presenciamos e que VV. EE. não viram nem estudaram, como nós estudamos e vimos...".

BERT, tinha viajado para fazer uma visita ao Dr. RICHET. De repente Léonie exclama: "Isto se incendeia!". JANET trata de acalmá-la. Mas ela cada vez mais se rebela, dizendo com insistência: "Mas Dr. JANET, eu vos asseguro que aquilo se está incendiando". Com efeito, naquele mesmo dia, 15 de novembro, às 6 horas da manhã, o laboratório do Dr. RICHET na rua Vauquelin tinha sido destruído por um incêndio. Convém acrescentar que o incêndio do laboratório foi visto, em sonhos, por dois íntimos amigos de RICHET, Henry FERRARI e J. HERICOURT, independentemente um do outro quando dormiam naquela manhã a grande distância do lugar do incêndio. Os três perceberam distintamente as grandes chamas e que se tratava do laboratório do Dr. RICHET [32].

Caberia explicação que não fôsse a paranormal? Os milhares de experiências e observações realizadas pelos "magnetizadores" e hipnólogos são suficientes para provar a existência de PSI-GAMMA? Não o seriam, nem somando-se à "tradição" histórica e às coleções dos metapsíquicos?

A experimentação metapsíquica

Devemos renunciar a analisar tantas e tão variadas experiências e observações que realizaram os metapsíquicos diretamente encaminhadas à comprovação do conhecimento paranormal. Lamentàvelmente, a experimentação e observação *direta* dos metapsíquicos é menos importante do que o exposto até agora, apesar do entusiasmo da maioria dos autores...

Um "vidente supremo"

O metapsíquico mais famoso, RICHET, escreve: "Depois das experiências de Alexis DIDIER... estão sobretudo as realizadas com OSSOVIESTZKI, caso que é decisivo" [33].

G. de BONI resume, admirado, o poder "paranormal" de Alexis com estas palavras:

32 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., pág. 153.

33 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., prefácio, pág. IV.

"A sua potente faculdade clarividente era conhecida em tôda a Europa... Alexis via as coisas ocultas como nós vemos com a visão ordinária; a constância do seu poder clarividente era extraordinária e ainda mais maravilhosa sua duração e continuidade. Chegava a tal grau, que podia quase habitualmente completar as suas famosas partidas de cartas com os olhos rigorosamente vendados. Em tais circunstâncias, jogava corretamente a partida, conhecendo em todo momento não só as cartas que tinha na mão mas também as que estavam na mão do adversário. O célebre prestidigitador HOUDIN, chamado a intervir na experimentação para descobrir a fraude eventual, ficou francamente admirado do fenômeno a que assistia, do qual não lograva dar explicação por meio da sua arte. A chamada "leitura em livros fechados" era uma experiência corrente para Alexis DIDIER como tinha demonstrado a muitos experimentadores" [34].

Muito se escreveu sôbre Alexis, nos jornais da época, com profunda admiração. Cito, entre outros muitos, os Drs. PÉTÉTIN, LA FONTAINE, FRAPART e BERTRAND. DELEUZE escreveu um livro dedicado só a Alexis [35]. FLAMMARION foi seu defensor entusiasta [36].

Deu provas do seu "conhecimento paranormal" diante dos sábios numa série de 14 sessões realizadas em Brighton. Para RICHET "é impossível pôr em dúvida as faculdades metapsíquicas extraordinárias de Alexis DIDIER" [37].

Realmente, teria sido um caso extraordinário... Tratar-se-ia de um autêntico fenômeno paranormal? Mas a própria Parapsicologia ficaria assombrada ante um fenômeno paranormal tão regular, tão constante...

Com risco de "escandalizar" a muitos autores, é preciso advertir que o caso DIDIER parece suspeito e, em todo o caso, enormemente exagerado pela propaganda. Em

34 — BONI, G. de: "Metapsichica scienza dell'anima", Verona, 1946, págs. 91-92.

35 — DELEUZE: "Le sommeil Magnétique expliqué par le somnambule Alexis en état lucidité", Paris, 1856.

36 , FLAMMARION, Camille: "La mort...", o. c., vol. I, págs. 209-223, da tradução portuguêsa, o. c., págs. 173-189.

37 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., págs. 142-143.

primeiro lugar, das provas aduzidas, só dois tipos seriam autênticos fenômenos paranormais caso não se evidenciassem fraudulentas. Essas provas convincentes seriam: ver os objetos guardados em cofres e ler num livro fechado. Porque, para jogar baralho com os olhos vendados, conhecer não só as cartas próprias mas também as do adversário, não se precisa empregar a faculdade paranormal: a luz incide nas cartas, os assistentes as conheciam... O fenômeno, pois pode ficar reduzido a um caso de hiperestesia direta ou indireta.

Vejamos o fenômeno da leitura num livro fechado. Seria susceptível de ser paranormal, mas deve-se considerar que, no assunto, houve muita publicidade. RICHET, embora sugestionado pela "propaganda", ao falar da "leitura em livro fechado" de DIDIER descreve a realidade muito diversa:

> "Robert HOUDIN que foi certamente um dos mais hábeis prestidigitadores de todos os tempos, constatou e testemunhou a clarividência de Alexis. R. HOUDIN tirava um livro da sua algibeira e *abrindo-o,* pedia a Alexis que lesse uma linha, numa altura determinada, porém 8 páginas adiante. O clarividente *afundava um alfinête* para marcar a linha e lia *quatro palavras,* que foram encontradas na linha correspondente, mas de 8 *páginas* adiante". Robert HOUDIN assina esta declaração nas atas da experimentação: "Afirmo que os casos relatados acima são escrupulosamente exatos".

Vejamos. Em primeiro lugar não se trata de um livro fechado: afirma-se expressamente que o livro está aberto.

Segundo: Trata-se ùnicamente de 8 páginas mais adiante; 8 páginas são sòmente 4 fôlhas; 4 fôlhas não são completamente opacas... Mesmo não havendo truque, não haverá alguém que queira explicar o fenômeno por hiperestesia? Por que não lêra o vidente, palavras de um livro situado a quilômetros de distância e de que ninguém dos presentes tivesse conhecimento?

Em terceiro lugar afirma-se expressamente que Alexis se aproximou... E Alexis era prestidigitador!

Em quarto lugar, afundou um alfinête na linha correspondente, com o pretexto desnecessário de marcar a linha. Quem não quiser admitir a faculdade de conhecimento sem os sentidos, poderia objetar que, por pouco que possa parecer, um buraco de alfinête talvez deixe passar alguma luz. Mesmo que as quatro fôlhas fôssem perfeitamente opacas, deixariam assim de sê-lo: a hiperestesia ficaria muito facilitada...

Quinto: não se leu um livro, nem sequer uma linha; leram-se ùnicamente 4 palavras (uma linha normal tem de 9 a 12 palavras). PG, ou a faculdade de conhecimento extra-sensorial, é tão "incrível" que muitos preferirão perguntar: a hiperestesia não é suficiente para explicar a leitura de duas palavras de cada lado do buraco do alfinête? Entre essas palavras, alguma, necessàriamente, será artigo ou preposição, com o que não se afastam tanto do buraco... Aliás, não é necessário ler a palavra inteira para deduzi-la...

Mas não termina aqui tudo (e insistimos, porque o caso Alexis é um argumento exagerado por alguns autores). Dá-se muita fôrça à intervenção de Robert HOUDIN. RICHET afirma que HOUDIN constatou e testemunhou a clarividência de Alexis e em confirmação cita o volume segundo de um dos livros do mesmo HOUDIN: "Confidences d'un prestidigitateur", embora não cite a página. Depois de RICHET, uma porção de autores cita o mesmo dado. Uns autores copiam os outros e o assunto toma corpo. Na verdade, que houve? Já lemos pessoalmente não só o tomo segundo das "Confidências", mas também o primeiro [38], e ainda todos os outros livros publicados por Robert HOUDIN [39], não encontrando tal confirmação. (Parece que HOUDIN só falaria disso em cartas ao Marquês de MIRVILLE e ao Dr. LEE).

Que, de fato, Alexis conhecia as cartas, lia palavras da página coberta de um livro, nomeava os objetos encerrados num cofre, ninguém o nega.

---

38 — HOUDIN, Robert, tradução de MARTÍNEZ, Avelino: "Confidencias de un Prestidigitador. Una vida de artista", dois tomos, Valencia, Aguilar, 1894.

39 — HOUDIN, Robert, tradução de PALANCA y LITA: "Arte de ganar en todos los juegos", 2 tomos, 3.a ed., Biblioteca de Juegos, Prestidigitación e Ilusionismo, volumes XXXVIII e XXXIX, Barcelona, Sintes, 1959. "Los Secretos de la Prestidigitación y de la Magia", 2 volumes, Biblioteca de..., volumes XXXV e XXXVI, Barcelona, Sintes, 1959.

O que se trata de saber é se era ou não truque. E se o era, não seria certamente HOUDIN quem diria. Se Alexis tivesse sido um jogador chantagista que aproveitasse suas habilidades para esvaziar os bolsos dos demais ou para fundamentar alguma superstição, certamente que Robert HOUDIN trabalharia para o desmascarar. Desmascarou outros muitíssimos na sua qualidade de assessor técnico em questões de truques perante o tribunal de Justiça do Sena.

Mas Alexis não era um espertalhão, era um ilusionista. Jamais explorou alguém, nem se fêz passar por médium ou por santo. Apresentou seu poder como humano, desta terra, naturalíssimo. Que importava, se se enganaram os sábios? Êles eram os que se enganavam. Não queriam investigar cientificamente? Pois que investigassem quanto quisessem.

O mesmo Robert HOUDIN gostava muito, como todo bom ilusionista, de ser considerado possuidor de podêres extraordinários, mas humanos. Não se podia esperar de Robert HOUDIN, autêntico cavalheiro, "o ilusionista dos reis e o rei dos ilusionistas", que descobrisse ao público os truques inocentes de um ilusionista que não abusava de sua habilidade.

Enganar os sábios não tira a inocência ao truque, dá-lhe mérito. Que certos homens sejam tidos como extraordinàriamente dotados é simplesmente uma ilusão, não uma superstição. Se se pensasse mais em super-homens, em capacidade e podêres extraordinários, pensar-se-ia menos em intervenção dos espíritos, demônios, etc.

Robert HOUDIN não desmascarou a Alexis, mas os truques lhe eram conhecidos. As mesmas experiências as realizava êle magistralmente. Nos seus livros para ilusionistas descreve, com ameníssimo estilo, sem nomear a DIDIER, os truques que se podem empregar para realizar as mesmas provas que DIDIER realizava. Chama a atenção a perfeita identidade das provas que os sábios descrevem como paranormais de A. DIDIER e as experiências que, por meio de truques eram realizadas por HOUDIN. Parece seja isto uma alusão ao caso Alexis. Se era isto o que RICHET esperava que encontrássemos nos livros de HOUDIN estou de acôrdo, salvo num ponto: HOUDIN não defende a paranormalidade das provas de Alexis DIDIER, mas as explica como podendo ser conseguidas por meio de truques.

Quanto às partidas de cartas, em última hipótese, não seriam resultado de fenômeno paranormal, mas hiperestesia direta sôbre as cartas ou hiperestesia indireta do pensamento dos participantes.

HOUDIN, além dos dois tomos com os títulos "Arte de ganar en todos los juegos" com cartas, explica como se podem conhecer as cartas de um baralho nôvo sem tocá-las pessoalmente, à distância. Conta que, quando um jogador "afortunado" começou, na França, a servir-se dêsse sistema, os mais destacados espertos renunciaram a descobrir o truque, ou negaram que êle existisse. Êle mesmo, HOUDIN, empregou nisso vinte dias de laboriosos exames, chegando a abandonar também êle o assunto; "decididamente não há truque", concluiu. E então, por mera casualidade (mas devemos ter em conta o magnífico preparo técnico de HOUDIN), descobriu o truque, como amenamente conta e explica no tomo primeiro das suas "Confidências" [40]. E isto pode-se fazer com os olhos vendados como se diz de Alexis. Quanta literatura sôbre "vendagens" há entre os ilusionistas...! Na mesma capa do tomo segundo de "Arte de ganar en todos los juegos" da edição citada, está desenhado um ilusionista jogando cartas com os olhos vendados...

O curioso é que o mesmo RICHET no seu entusiasmo por DIDIER afirma: "Evidentemente, os testemunhos de Alphonse KARR e Vitor HUGO são insuficientes, tratando-se de uma partida de cartas jogada com Alexis mesmo que êle tivesse os olhos vendados, porque, em matéria de cartas, os prestidigitadores fazem o que querem" [41].

Era coisa de perguntar a RICHET se acredita que os prestidigitadores não são capazes de fazer com livros ou com cofres truques semelhantes aos que fazem com cartas.

E assim passamos a outra prova; diz-se que Alexis descrevia os objetos fechados em cofres...

---

40 — HOUDIN, Robert: "Confidencias...", o. c., vol. I, págs. 320-328. Ao começo pensou que não era truque. Isto explica as cartas que FLAMMARION cita (cf., nota 36).

41 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., pág. 143.

Quantas coisas poder-se-iam dizer do ilusionismo com cofres! Poucos truques são tão difíceis de se descobrir como os truques de "clarividência".

> Os espectadores de HOUDIN (coisa que não faziam com Alexis) tinham, antes das sessões, conciliábulos nos que discutiam quais os objetos que seriam os mais difíceis de adivinhar, para com êles pôr em prova a pasmosa clarividência" do ilusionista. Eram medalhas antigas, minerais, livros escritos em caracteres diversos (turcos, gregos, hebraicos), objetos envolvidos, atados e selados, as pastas dos médicos com seus instrumentos especializados, etc. O "clarividente" HOUDIN, ou seu filho de poucos anos, adivinhavam tudo e ainda designavam o objeto com o nome técnico. O filho de HOUDIN, com os olhos vendados e à distância, averiguava, por exemplo, que se tratava de uma moeda antiga; mais ainda, a descrevia, dizia seu nome, sob que reinado tinha sido cunhada e qual o seu valor intrínseco, mesmo que a moeda estivesse gasta. Averiguava e nomeava tècnicamente objetos raríssimos em mineralogia, pedras preciosas, antiguidades ou curiosidades. Tratando-se de um relógio, dizia, estando êste fechado, o nome do relojoeiro gravado no interior, o número de rubis, etc. [42].

E tudo era feito por truques, em desafio ao público, sem poder dizer nunca: "Hoje não estou em forma".

> O "Diário de Palácio" da côrte da Inglaterra, referindo-se a uma sessão celebrada perante a Rainha Vitória e tôda a nobreza, refere: "A Rainha ficou admirada da admirável clarividência do filho de Robert HOUDIN... Os objetos mais complicados tinham sido preparados de antemão... sairam vitoriosos dêste combate intelectual e fizeram abortar todos os projetos". Na França, sua alteza real a Duquesa de Orleans deu de presente a HOUDIN um alfinête de ouro com diamantes por tê-lo "visto" em desafio, dentro do estôjo fechado que a Duquesa escondia entre as mãos.

Alexis não tinha que suportar desafios intelectuais de ninguém nem tinha que sair sempre vitorioso da prova. Quando o truque não estava preparado ou não dava certo, bastava assegurar que, "como não havia truque", o fenômeno "natural e espontâneo" não acontecia aquela vez O próprio G. de BONI, entusiasta defensor de Alexis, reconhece que êste podia realizar as experiências "*quase* habitualmente" [43].

42 — HOUDIN, Robert: "Confidencias...", o. c., vol. 2.o, capítulos I, II, III e VI, passim. Mesmo que concedamos, como é opinião comum entre os ilusionistas, que HOUDIN exagere nos próprios louvores...

Temos insistido no caso de Alexis porque nos parece lamentável que se apresente como o caso mais importante...

Não excluímos a possibilidade de que, alguma vez, rara, DIDIER tivesse alguma manifestação de autêntico conhecimento paranormal. Êstes fenômenos paranormais se devem a faculdades que todos temos. Não se pode negar a Alexis a possibilidade de alguma *manifestação*. Mas não é certamente Alexis o caso mais notável. Nem com êle é que se pode demonstrar a existência da faculdade PSI-GAMMA.

Já nos tempos em que a fama de Alexis ainda cobria tôda Europa, HYSLOP escrevia, negando a clarividência e mesmo qualquer faculdade parapsicológica de Alexis [44].

Outros líderes

"Depois das experiências de A. DIDIER... estão sobretudo as realizadas com OSSOVIESTZKI, caso que é decisivo", dizia RICHET, e acrescenta: [45] "As experiências feitas com Stephani OSSOVIESTZKI são de tal modo decisivas que não parece poder-se permitir a mais leve incerteza a respeito da criptestesia" [46].

RICHET se refere assim às experiências com OSSOVIESTZKI: "Tenho constatado o fenômeno da criptestesia em todo seu esplendor com um indivíduo notável, não profissional". "Os Drs. GELEY, LANGE e eu tivemos, em Varsóvia, em abril de 1921, a ocasião de observá-lo cuidadosamente. Temo-nos dado perfeita conta de que os fatos atri-

43 — BONI, G. de: "Metapsichica...", o. c., págs. 91-92.

44 — HYSLOP, J.: "Enigmas of Psychical Research", Boston, 1906, pág. 274 ss.

45 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., prefácio, pág. I (algarismo romano).

46 — Como se recordará, RICHET chamava "criptestesia" ao fenômeno que hoje chamamos PSI-GAMMA (PG), isto é, ao conhecimento por "vias" diferentes dos sentidos conhecidos.

buídos ao Dr. OSSOVIESTZKI não eram de modo nenhum exagerados" [47].

OSSOVIESTZKI era engenheiro na Polônia. Pertencia a uma família na qual vários membros tinham se destacado como "clarividentes".

Continua RICHET:

> "Depois do jantar, LANGE, muito longe do lugar onde estava o Dr. OSSOVIESTZKI, escreve algumas palavras sôbre um pedaço de papel, mete-o num envelope e fecha-o. O Dr. OSSOVIESTZKI lhe diz, pegando o envelope e sem abri-lo: "Está escrito em inglês... Enxergo uma letra isolada, depois "Cons..." e depois "vendredi". O Dr. LANGE tinha escrito em inglês: I (a letra isolada) consider (percebeu só o começo: cons...) that you are (disto não captou nada) wonderful" (confundindo-o com vendredi; de fato, algumas letras comuns). (Os parênteses são nossos).

Êste fenômeno não poderia explicar-se por hiperestesia direta através do envelope, ou melhor por hiperestesia indireta do pensamento, captando os sinais inconscientes emitidos pelo Dr. LANGE, pôsto que estava em presença do "adivinho"?

Em continuação, conta RICHET outra experiência semelhante, concluindo assim: "Resultado admirável que, porém pode tornar-se um pouco incerto, porque rigorosamente OSSOVIESTZKI poderia, inconsciente e imperfeitamente ver o que eu tinha escrito". Mais um título além da hiperestesia direta e a indireta do pensamento (HIP) para não se poder considerar como decisivas estas experiências.

"Esta objeção não é válida para a experiência seguinte" — continua RICHET.

> "Tinha eu recebido duas cartas na antevéspera e, estando a sós no meu quarto, coloquei-as cuidadosamente, cada uma num envelope fechado; depois peguei ao acaso uma dessas cartas, ignorando se era a carta A ou a carta B e dei-a a OSSOVIESTZKI, quando êste chegou. Disse-me então: É uma carta em francês, que não vem de Paris; é uma resposta a uma carta sua; um senhor de cinqüenta anos fala numa senhora que tem um nome mais alemão do que francês; convida-o para ir lá, onde ela mora, às margens do mar. Êle tem intenção de vir a Paris. E OSSOVIESTZKI acrescentou diversos dados, ou de tipo geral, ou errados" [48].

47 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., págs. 249 ss.

Para orientar-se não bastaria a hiperestesia direta, isto é, através do envelope? Depois, ditas as primeiras palavras, não bastaria a hiperestesia indireta do pensamento (HIP), captando os movimentos inconscientes delatores dos pensamentos de RICHET já sabedor da carta de que se tratava?

Com mais facilidade explica-se outra experiência feita pelo Dr. GELEY, pois trata-se de um só escrito. OSSOVIESTZKI não precisava escolher entre dois como com RICHET.

RICHET acrescenta outras experiências considerando-as menos importantes, pôsto que as apresenta quase só enumeradas. Muitas outras experiências fizeram outros investigadores com o mesmo sensitivo [49]. A tôdas podemos fazer as mesmas críticas: não se exclui plenamente a HIP. Em tôdas essas experiências estavam presentes as pessoas cujos pensamentos devia OSSOVIESTZKI "ler". A HIP, por outra parte, estava facilitada pelo estado de auto-hipnose em que OSSOVIESTZKI caía sempre. A mesma descrição que do fenômeno faz OSSOVIESTZKI nos mostra os traços do que poderia ser simplesmente hiperestesia indireta: "Eu *não me ocupo do papel*... De nada serviria olhá-lo..., a finalidade é pôr-me em *relação com a pessoa*... Quando o

48 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., págs. 250 ss.

49 — GELEY, Gustave: "Un Voyage d'Études Métapsychiques à Varsovie", em "Revue Métapsychique", 1921, págs. 281 ss.

RICHET, Charles: "Rapports des Expériences avec M. Ossoviestzki", em "Revue Métapsychique", 1922, págs. 158 ss. As observações da S.P.R. em "Proc. S.P.R.", XLI, págs. 345 ss. GELEY, G. e DINGWALL: "Une Sensationalle Expérience de M. Ossoviestzki au Congrès de Varsovie", em "R. M.", 1923, págs. 31 ss. — GELEY, G.: "Un Clairvoyant Extraordinaire", em "R. M.", 1920, págs. 275 ss. — "Nouvelles Expériences de Clairvoyance avec Ossoviestzki, ibidem, 1921, págs. 420 ss. — "Clairvoyance de M. Ossoviestzki, ibidem, 1922, págs. 247 ss. — CHAUVET, Stephen: "Les Possibilités Mystérieuses de l'Home", ibidem, págs. 302 ss. — A respeito do contrôle, muito bom (salvo a falha de não excluir a hiperestesia possível), cfr.: OSTY, Eugène (testemunha das experiências): "Télépathie Spontanée et Télépathie Expérimentalle", ibidem, 1922, págs. 305 ss.

fenômeno está para realizar-se parece-me que sou esta mesma pessoa e então é que se apresenta em meu espírito, como uma lembrança, *o que ela pensou,* o que escreveu... O importante é que eu *me ponha em relação com essa pessoa.* Com ela tudo é fácil, *sem ela nada se produz.* Com algumas pessoas vai tudo bem, com outras é impossível" [50].

Como se vê, é necessária a presença da pessoa que escreveu: isto é claramente a favor de HIP e contra PG no caso OSSOVIESTZK.

Mas RICHET nem sempre é constante nas suas afirmações. Em outra parte, parece dar a liderança ao caso da senhora PIPER. Escreve RICHET: "A senhora PIPER, de Boston, possui podêres que sobrepassam provàvelmente todos os que até agora se têm observado... Mesmo se não houvesse mais do que o caso da senhora PIPER no mundo, seria suficiente para que a criptestesia estivesse cientìficamente estabelecida" [51].

Não precisamos nos deter em analisar as experiências com PIPER. O mesmo RICHET nos dispensa disso quando escreve: "Às pessoas que *vêm visitá-la,* ela diz em seguida, quase sem hesitação..." Ora, mesmo que o conhecimento da senhora PIPER fôsse paranormal, êste detalhe (averiguar coisas das pessoas que estão presentes) vimos que impossibilita a conclusão certa, pois poderia bastar a HIP para explicar o fenômeno.

Enfim, poderíamos ir fazendo críticas a tôdas as experiências dos metapsíquicos, ou melhor, a *quase* tôdas.

Embora a HIP (principalmente) não seja excluída em muitos casos, contudo parece pouco possível em outros. Além disso é tão grande o número de experiências realizadas pelos metapsíquicos que o conjunto é verdadeiramente sugestivo... O Dr. RHINE estudou 3 600 634 experiências em 145 séries diferentes, realizadas só pelos metapsíquicos da Society for Psychical Research de Londres [52]. Acrescentam-se as experiências realizadas por outros metapsíquicos.

50 — OSTY, Eugène, art. cit., pág. 311.
51 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., pág. 39.
52 — RHINE, Joseph Banks: "Extra-Sensory Perception after Sixty Years", New York, Hold, 1940, cap. IV e apêndice 17.

Apresentavam-se nos tempos da metapsíquica como ideais para a experimentação uma longa série de exigências [53]. Estas exigências foram observadas ao pé da letra pela senhora Henry SIDGWICK entre outros vários: experimentou com cartas de baralho para facilitar o cálculo de probabilidades. As cartas eram bem embaralhadas, depois extraídas uma a uma, sem que ninguém as olhasse, antes que o sujeito tivesse dito seu prognóstico, então, olhava-se a carta e se anotava, tanto o prognóstico como a carta em questão; não se dizia se havia êrro ou não; repetiam-se as experiências em pequenas doses para evitar a fadiga mas até alcançar em conjunto um número muito elevado para fugir claramente do acaso. Nestas condições (com mais outros requisitos acidentais) realizou a senhora SIDGWICK 2 585 provas; destas, o sujeito acertou 149 vêzes a carta em questão, ou, mais exatamente, 189, contando as vêzes em que, falhando a primeira tentativa, acertou a segunda. Três vêzes mais do que pode atribuir-se ao acaso, segundo o cálculo de probabilidade [54].

Ora, essas condições de experimentação julgadas ideais, são suficientes para constituir uma prova definitiva? Evita-se a possibilidade de acertos por outras causas diferentes de PSI-GAMMA? Não totalmente: entre outras coisas há um defeito fundamental: as cartas, embora não se enxerguem, são tiradas do pacote uma a uma, em presença do sujeito. Nestas condições, mesmo com os olhos vendados (exigência que às vêzes se empregou) um bom sensitivo não poderia nomear a carta por hiperestesia direta sôbre elas?

O mesmo investigador, por hiperestesia direta (DOP ou visão para-óptica) poderia saber inconscientemente a carta que separava, e o sensitivo a captaria no inconsciente do investigador por HIP, conheceria a carta pelo fenômeno que chamamos em "L" (como veremos nos capítulos 22 e 23, a hiperestesia indireta sôbre o inconsciente é mais fácil e freqüente do que sôbre o consciente).

Como se vê, em geral eram mais importantes, muito mais sugestivas, as observações dos "magnetizadores" e hipnólogos, assim como as coleções de casos, do que as experiências dos metapsíquicos, *salvo exceções.*

53 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., págs. 114 e 163.
54 — SIDGWICK, Sra. Henry, em "A.S.P.", 1891, págs. 157 ss.

Conclusão

Dá-nos-la o mesmo RICHET. Ao final da época da Metapsíquica poderia repetir o que escrevera no prólogo para o livro em que GURNEY, MYERS e PODMORE recolhem centenas dos melhores casos espontâneos analisados e comprovados pela S.P.R. de Londres [55].

> *"A convicção que dão semelhantes narrações (casos expontâneos) é frágil... Pela sua parte as demonstrações experimentais são suficientemente débeis para que seja perfeitamente lícito ser incrédulo... Têm-se dado muitos belos resultados que, por minha parte, tenho como probativos, sem pretender porém que sejam definitivos... A experiência crucial ninguém a produziu ainda. Há notáveis experiências, tentativas que têm sido quase um êxito, mas que, apesar dos resultados, têm deixado sempre lugar a certo ceticismo e à incredulidade como um "caput mortuun", na expressão dos alquimistas, que permite a dúvida e impede a absoluta convicção".*

55 — GURNEY, MYERS e PODMORE, o. c., prólogo por RICHET, pág. VIII.

Psi-gamma 13

ABERTA AO CONHECIMENTO A FRONTEIRA EXTRA-SENSORIAL

A nova era da investigação. — Os cientistas se dividem. — Milhões de experiências. — A demonstração definitiva.

A moderna Parapsicologia encararia de nôvo o problema da existência do conhecimento por "vias" diferentes dos sentidos conhecidos.

Na investigação sistemática, podemos considerar como precursor o Dr. Joseph Rhodes BUCHANAN, de Boston, o primeiro cientista que aborda com absoluta dedicação a experimentação dos fenômenos paranormais; isto foi feito sèriamente, não como até então, de passagem, nem como uma espécie de "hobby". BUCHANAN experimenta os fenômenos paranormais por si mesmos, não pela sua relação com o "magnetismo"; apresenta uma classificação da fenomenologia paranormal, além de procurar distinguir experimentalmente entre o que é paranormal e o que não o é, entre um tipo de fenômeno paranormal e outro. Dedicou-se especialmente a um assunto, a psicometria (PG "inspirando-se" em objetos do "consulente") e, neste ponto, deteve-se com inteira dedicação.

BUCHANAN é, verdadeiramente, o precursor de uma nova era. Contudo, seus erros são numerosos, especialmen-

te quando sai do campo experimental sem que isto queira dizer que não tivesse também grandes acertos.

O entusiasmo de BUCHANAN pela nova era que se aproximava foi "otimista" demais. Chamava à psicometria a "ciência divina" [1] e a seu próprio livro "Aurora de uma nova civilização" [2].

Os trabalhos anteriores a RHINE, concretamente o período de 1900 até 1930, podem ser considerados como de preparação.

Analisando o positivo e o negativo dos sistemas anteriores, o Dr. RHINE elaborou novos métodos de investigação absolutamente científicos. No seu trabalho percebe-se o influxo dos ensaios dos antigos, especialmente de RICHET [3], BRUGMANS [4], ESTABROOKS [5], Ina JEPHSON [6] e outros.

Uma das principais modificações introduzidas pela Parapsicologia foi a de aplicar matemàticamente a estatística matemática à avaliação dos resultados obtidos.

Primeiros passos da Parapsicologia

Em 1934 saía o primeiro livro de Parapsicologia: "Extra-sensory Perception" [7]. O Dr. RHINE publicava suas primeiras séries de experiências, só para conhecer a opinião dos

1 — BUCHANAN, Joseph Rhodes: "Science Divine", em "Journal of Man", Boston, 1849, I, n. 3.

2 — BUCHANAN, Joseph Rhodes: "Aurore d'une nouvelle civilization. Manuel de Psychométrie", Boston, 1849.

3 — RICHET, Charles, em "Proceedings of Society for Psychical Research", 1889, VI.

4 — BRUGMANS, H. J. F. W.: "Une comunication sur des expériences télépathiques au laboratoire de Psychologie à Gromingen, etc.", em "Premiér Congrés International des Researches Psychiques", 1922.

5 — ESTABROOKS, G. H.: "A contribution to experimental telepathy", em "Boston Society for Psychical Research Bulletin", V, 1927.

6 — JEPHSON, I.: "Evidence for Clairvoyance in Card Guessing", em "Procedings of Society for Psychical Research", 1928, XXXVIII.

7 — RHINE, J. B.: "Extra-Sensory Perception", Boston, Bruce Humphries, 1934; também: Boston, S.P.R., 1934.

cientistas e recolher tôdas as possíveis críticas ao método de experimentação. Eram, pois, experiências com a exclusiva finalidade de sondagem. Mas seriam, de fato, as que começariam a "nova era"...

Foram conduzidas assim: O Dr. PRATT, então estudante de Parapsicologia, diplomado em Psicologia, manipulava um pacote de cartas de baralho especial, no atual edifício da Faculdade de Ciências da Universidade Duke. Entrementes, o sensitivo Dr. Hubert PEARCE, então também estudante de Parapsicologia diplomado em Teologia estava em outro edifício, no atual gabinete de leitura, nos fundos da biblioteca da Universidade, isto é, a uma distância de uns cem metros. Antes de dirigir-se cada qual para seu gabinete, sincronizavam seus relógios. Já nos gabinetes respectivos, o Dr. PRATT baralhava as cartas com cuidado e logo colocava o baralho no ângulo esquerdo da mesa. No momento combinado para o comêço da prova o Dr. PRATT pegava a primeira carta e, sem olhá-la, punha-a com a figura para baixo sôbre um livro colocado no meio da mesa. Esperava assim um minuto. Depois retirava a carta, sem olhá-la e passava-a ao ângulo direito, sempre com a figura para baixo. Imediatamente as mesmas manobras eram feitas para a carta seguinte, até passar 25 cartas do baralho especial. Cada prova, pois, durava 25 minutos.

O Dr. PRATT anotava depois a ordem das cartas em duplicata e enviava uma das cópias em envelope fechado e selado ao Dr. RHINE antes de reunir-se com o metagnomo (i. é., o sujeito das experiências *paranormais*), Dr. PEARCE. O Dr. PEARCE, no gabinete do outro edifício, tinha consignado na sua fôlha de registro, a cada minuto, o símbolo da carta que a seu parecer o Dr. PRATT tinha retirado nesse minuto. Ao final de 25 minutos êle também fazia uma comunicação em dôbro e antes de mais nada, mandava uma das cópias, selada, ao Dr. RHINE. O Dr. RHINE, pois, conferia também os resultados independentemente dos Drs. PRATT e PEARCE.

Estas operações faziam-se só duas vêzes por dia para evitar a fadiga do Dr. PEARCE. No conjunto de 300 intentos, o Dr. PEARCE acertou 119 vêzes.

Tratava-se só, como já disse de experiências, de sondagem a fim de que os sábios julgassem se havia algum defeito de experimentação. Podiam se explicar os resultados, naquelas condições por algo diferente do PSI-GAMMA, se fôsse excluído o acaso?

Ora, os resultados estavam sugerindo que se avizinhava uma verdadeira revolução no campo das investigações psíquicas. Só tinham sido feitas 12 séries de experiências, com um total de 300 provas. Mas o lógico era esperar, por acaso, em 300 tentativas 60 acertos; o Dr. PEARCE, porém, tinha obtido 119 acertos, mais da metade das cartas. A possibilidade de tal resultado, segundo as estatísticas, está expressa por uma fração de 1 sôbre a unidade seguida de 15 zeros.

Para que os não habituados a expressões estatísticas possam dar-se conta do que significam expressões como "fração da unidade sôbre a unidade seguida por 15 zeros" ou $1/10^{15}$ que é exatamente a mesma expressão, bastará indicar o seguinte: o denominador 10^{15} equivale ao número de minutos que a terra tem de existência...

Se, de experiências concretas como as que acabamos de citar, ou as de SOAL com SHACKLETON, dizemos que a possibilidade é $1/10^{15}$, é tanto quanto dizer que se os 11 000 ensaios destas últimas experiências estivessem repetidos uma vez por minuto desde que o mundo é mundo ainda seria muito improvável, de uma improbabilidade de fantasia, obter uma vez um resultado que se parecesse um pouco a êsse resultado obtido por SHACKLETON. Como bem observa o prof. THOULESS, para conseguir por simples acaso semelhantes resultados, precisar-se-ia de um tempo muito maior do que permite a história do mundo (e mesmo assim podemos assegurar sem mêdo nenhum de errar que não se conseguiria) [8].

Poderemos então imaginar que significarão expressões como $1/10^{35}$ que se obtiveram noutras experiências de SOAL com a colaboração da senhora GOLDNEY e com o mesmo sensitivo Basil SHACKLETON? E ainda êstes algarismos foram ultrapassados pelas experiências posteriores do mesmo doutor SOAL com a sensitiva senhora STEWART!

8 — THOULESS, R. H.: "Thought transference and related phenomena", em "Proceedings of Royal Instit. Great Britain", 1951, XXXIV.

Enfim, talvez possa ajudar-nos a ter uma idéia dêsses números "astronômicos" empregados no cálculo de probabilidades, lembrar que o maior número de protões calculados para todo o universo (!) é 10^{79}.

Como se vê o resultado obtido por PEARCE é absolutamente inexplicável pelo acaso. A que atribuí-lo então naquelas condições de experimentação, senão a PSI-GAMMA?

Dois anos mais tarde, publicava-se outra série de experiências de sondagem [9], desta vez com 1 550 tentativas, nas quais se obteve uma razão crítica de 6,87.

A expressão "razão crítica" ou CR (Critical Ratio) é muito empregada na estatística matemática aplicada à Parapsicologia. Em Física ou Química é considerada como cientìficamente provatória uma possibilidade entre 100 ou 1/100. i. é, uma razão crítica (CR) 2,33. As razões críticas que nós tomaremos em conta neste volume são muito superiores. Uma CR de sòmente (!) 5 equivale a uma possibilidade contra mais de três milhões (3 480 000) e a CR 6 equivale a 1 contra cem milhões. Como se vê, uma só unidade a mais na CR supõe uma diferença enorme no significado por ela expressado.

Anos de luta

Como resultado da publicação destas primeiras séries de sondagem, surgiu a mais ardente controvérsia que se conhece no campo da Psicologia na América. Alguns psicólogos profissionais lançaram-se já a admitir o conhecimento paranormal; outros negavam-no por causas muitas vêzes mais pessoais do que científicas. A polêmica foi muito inflamada. RHINE e seus colaboradores, só estiveram atentos para ver se podiam colhêr alguns reparos aos seus métodos de investigação. Nos seus livros dava RHINE tôda classe de detalhes sôbre as precauções e sistemas, que empregava e os que pensava empregar em experiências posteriores.

O período 1937-38 foi decisivo. A polêmica cresceu por um motivo insignificante: algumas cartas do baralho especial para experimentação, cuja edição foi autorizada por

9 — RHINE, J. B.: "Some Selected Experiments in ESP", em "Journal Abnormal and Social Psychology", 1936, XXXI, págs. 216 ss.

RHINE, tinham defeito de fabricação susceptível de favorecer a hiperestesia, se não havia outras rigorosas garantias na experiência, porque eram um pouco transparentes. Com êsse motivo renovaram-se velhas críticas. Foi uma faísca que provocou um nôvo incêndio. Numerosos Congressos de Psicologia se fizeram eco da discussão, às vêzes bem largamente. Mas houve uma vantagem: a Associação de Psicologia Americana organizou um debate de comitê no seu Congresso de Columbus (Ohio) em fevereiro de 1938. Decidiu-se que três opositores destacados e três defensores das técnicas empregadas na investigação da ESP apresentariam seus relatórios e depois seria aberta uma discussão geral. Houve uma afluência verdadeiramente excepcional de psicólogos profissionais. Apesar da tensão reinante, o debate foi leal e o auditório foi respeitoso para todos os pontos de vista apresentados. Os oradores deixaram os rodeios e entraram imediatamente nos temas fundamentais.

O Congresso de Columbus foi um acontecimento decisivo na história da investigação de PG. As objeções desapareceram. Desde então bem poucas críticas de importância surgiram e as poucas que surgiram tinham, em regra, perdido seu caráter agressivo. O principal fruto do Congresso de Columbus foi que os Parapsicólogos puderam pôr a serviço de um esfôrço construtivo uma grande soma de energia que antes tinha sido consagrada à atitude defensiva.

Os preparativos da grande ofensiva

Vários parapsicólogos de todo o mundo lançaram-se ao trabalho seguindo as normas de RHINE ou com as variantes introduzidas depois de tôdas as críticas. O trabalho conjunto de todos seria o que haveria de demonstrar definitivamente se existia ou não PSI-GAMMA.

Para facilitar os cálculos usaram-se, geralmente, cartas de um baralho especial. Tratava-se de 25 cartas com cinco tipos de desenhos: estrêla, retângulo, cruz, círculo e linhas onduladas. O baralho era conhecido universalmente com o nome de cartas ZENER (o inventor) ou cartas ESP (pois se destinavam ao estudo da "Extra-sensory Perception"), ou cartas RHINE ou cartas DUKE (a Universidade onde nasceram). De tempo em tempo fizeram-se ligeiras variações nestes desenhos. O Dr. C. R. CARPENTER, do College Bard, e seu colega, o matemático H. R. PHALENG complicaram as cartas ZENER, pintando-as com cinco côres.

Impossível enumerar tôdas as precauções que se foram introduzindo. Já indicamos algumas ao descrever as experiências preliminares e pouco a pouco iremos indicando outras. Agora só indicamos algumas precauções mais gerais como a de fechar, às vêzes, cada carta num grosso envelope opaco e selado; às vêzes todo o baralho, em bloco, era conservado numa caixa completamente opaca, devendo o percipiente averiguar a ordem em que estavam colocadas as cartas no bloco. Para baralhar mais "a consciência" antes da prova, inventaram-se aparelhos mecânicos especiais; trocavam-se freqüentemente as condições particulares de experimentação, a fim de evitar todo possível influxo no resultado. Enfim, saía-se ao encontro de mil críticas, freqüentemente só para aquietar os adversários mais acérrimos.

Uma modificação fundamental, a diferença dos metapsíquicos, foi a de repetir as experiências até alcançar números "astronômicos" a fim de poder aplicar o cálculo de probabilidades com plena garantia. Com efeito: baseando-se num pequeno jornal intitulado "Mônaco" que publica o resultado de tôdas as partidas da roleta de Montecarlo, o Dr. Karl PEARSON demonstrou que poucas dezenas não são suficientes para aplicar com garantias o cálculo de probabilidades. PEARSON comprovou que o número de vêzes que caíram cada um dos 37 números, incluindo o zero, diferia em algo do que se podia esperar pelo acaso [10].

O jôgo da roleta não será acaso? Não era esta a conseqüência, senão que o número de vêzes que saía cada número numa semana não era suficientemente grande para aplicar-se como garantia o cálculo de probabilidades. É por isso que os parapsicólogos não se contentaram com poucas dezenas, nem sequer com poucas centenas. No afã de uma prova crucial chegaram a somar milhares de provas, muitos milhares. Somando as provas de uns e de outros chegaram a muitos milhões. Com quantidades grandes o cálculo de probabilidades tem valor absolutamente científico.

---

10 — Citado por CARINGTON, Whately, trad. de PLANIOL: "La télépathie, faits, théories, implications", Paris, Payot, 1948.

Os resultados? Evidentemente que, se eram favoráveis, estaria demonstrada PSI-GAMMA, fechando tôda possibilidade de crítica; e se não eram significativos, havia grandes possibilidades de que PSI-GAMMA fôsse um mito, pois os resultados eram negativos quando em circunstâncias severas de experimentação.

Os vencedores

De 1934 a 1940 fizeram-se, só na Universidade DUKE, 2 966 348 tentativas, com resultados altamente satisfatórios segundo o cálculo de probabilidades.

RHINE fêz questão de que a avaliação estatística fôsse analisada por especialistas: Drs. J. A. GREENWOOD professor de estatística da Universidade DUKE, S. G. SOAL professor da Universidade de Londres, FISHER professor também em Londres...

Às experiências de RHINE e seus colaboradores é preciso acrescentar as realizadas por outros parapsicólogos. Citarei apenas algumas das mais famosas dentre as pioneiras nas diversas técnicas de experimentação e de caráter mais geral. Das experiências com finalidade mais particular nos ocuparemos ao tratar, mais adiante, dos aspectos particulares de PSI-GAMMA.

O matemático inglês S. G. SOAL era um cético, declarado e impenitente. Tinha realizado para comprovar as afirmações dos metapsíquicos uma série de experiências desde 1927 a 1929 com resultados nulos. Estudou tôdas as condições de experimentação da escola de RHINE, acrescentou as que sua desconfiança lhe sugeriu depois de longo e profundo estudo, e lançou-se a investigar por sua conta, visando desacreditar a Parapsicologia.

Pôsto que RHINE afirmava que a faculdade PSI-GAMMA se encontrava em todos os homens, seria lógico alguma *manifestação* maior ou menor, se se experimentara com bastantes pessoas. SOAL investigou com 160 sujeitos não escolhidos. As suas experiências, metódicas, pacientes, conscienciosas, mereceram que Robert AMADOU qualificasse SOAL como "modêlo de experimentador científico". A Universidade de Londres lhe outorgou, por estas experiências, o título de doutor em ciências.

Os resultados dos cinco primeiros anos, 1934-39, foram, porém, julgados nulos [11]. Mas isto foi um êrro por não observar o chamado "efeito de deslocamento" [12].

Advertido pelo Dr. W. CARINGTON desta possível falha, SOAL, depois da Segunda Guerra Mundial, voltou à experimentação com um sujeito excepcional, o senhor Basil SHACKLETON. Neste sujeito de experimentação tinha-se observado um notável efeito de deslocamento nas experiências anteriores. Realizaram-se agora com êle 3 879 intentos. Os resultados, corrigida a falha de observação, foram tão significativos que a possibilidade de obtê-los por acaso está expressa por um contra a unidade seguida de 35 zeros, $1/10^{35}$. Não há dúvida que o "cético empedernido" Dr. SOAL se converteu num paladino da faculdade PSI-GAMMA.

Abertamente cético era também o Dr. RIESS. Depois de ter feito apaixonadas críticas contra PSI-GAMMA numa das suas aulas do Hunter College de New York, foi desafiado por um estudante conhecedor dos resultados obtidos a estudar por si mesmo o problema. O Dr. RIESS aceitou confiante o desafio, pretendendo assim demonstrar que a aceitação de PSI-GAMMA pelos cientistas tinha sido sem fundamento.

> RIESS optou pelo conhecido sistema de relógios sincronizados, estando experimentador e percipiente em edifícios diferentes a 1/2 km de distância. O próprio Dr. RIESS foi o experimentador. O sujeito era excepcional, uma jovem de grande fama como percipiente. A sua especial faculdade se devia, sem dúvida, ao seu peculiar estado de saúde. A doença declarada obrigou-a a interromper as experimentações. Restabelecida, deixou de destacar-se como percipiente. Os resultados anteriores à febre foram fantásticos: uma vez acertou tôdas as cartas do pacote de 25 e várias vêzes conseguiu passar de 20 acertos. A média obtida em 1 850 tentativas foi de 18 acertos em cada baralho de 25 cartas.

11 — SOAL, S. G., publicou essas primeiras experiências em: "Proc. S.P.R.", 1940, XL, págs. 165 ss., e XLVI, págs. 152 ss.

12 — Não se averigua a carta "alvo" mas se averigua sistemàticamente a carta seguinte, ou a carta colocada dois, três, etc. postos além da carta "alvo".

O que se podia esperar, segundo o cálculo de probabilidades, seria cinco acertos em cada 25 cartas. A razão crítica é de 53,57 (!!). É a melhor média obtida até o presente em experiências sistemáticas [13]. Não é preciso dizer que o cético Dr. B. F. RIESS converteu-se também num defensor da ESP.

O recorde de paciência e investigação deu-se na Universidade do Colorado. A jovem parapsicóloga, Srta. Dorothy MARTIN e a matemática Sra. Francis P. STRIBIC foram as protagonistas. As experiências duraram três anos. Experimentaram com 332 estudantes voluntários, fizeram 300 000 tentativas, das quais 87 000 com um mesmo sujeito destacado entre os demais estudantes como melhor percipiente, embora não excepcional.

A paciência dos experimentadores foi assombrosa, não só pelo número de experiências, mas mormente pela lentidão e meticulosidade com que se efetuavam os contrôles.

> Para cada experiência de 25 tentativas controlava-se duas vêzes o baralho. Durante a experiência o baralho estava escondido sob uma espécie de "abat-jour" opaco, devendo o sujeito adivinhar a ordem de todo o baralho colocado aleatòriamente em bloco. Depois de cada experiência controlava-se o resultado duas vêzes: primeiro obtendo-se o cálculo positivo e depois se fazia o cálculo negativo.

A paciência teve sua recompensa científica. Embora só existissem estas experiências, a ESP tinha que ser admitida como provada. Em tão grande número de experiências, o cálculo de probabilidades tem um valor incontestável; o acaso nos acertos fica determinado matemàticamente por uma média de cinco acertos em cada 25 cartas. Ora, aquêles sujeitos não escolhidos deram uma média em 300 000 intentos de 5,83 completamente impossível de explicar-se sem admitir a ESP. No melhor sujeito, que não era excepcional, deu-se uma média de 6,85 em 87 000 intentos [14]. Cientìficamente,

13 — RIESS, Bernard F.: "A Case of High Scores in Card Guessing at a Distance", em "Journal of Parapsychology" ("Jnl. P"), 1937, I, págs. 260 ss.

14 — MARTIN, D. R., e STRIBIC, F. P.: "Studies in ESP", em "Journal Parapsychology", 1938, II, págs. 23 ss. e 287 ss.

qualquer outra explicação que não a ESP resulta ridícula e impossível.

O Dr. CRESSAC fêz desde 1946, 1 000 tentativas, em duas séries. Utilizou o baralho comum de 40 cartas, 10 símbolos e 4 côres. Experimentou com 57 sujeitos. Êstes deveriam tentar coincidências por meio do que René WARCOLLIER chamou de "reencontro telepático". Pois bem, as coincidências perfeitas, em símbolo e côr, foram 109 a mais do que se esperava segundo o cálculo de probabilidades [15]. E, considerando só as coincidências de côr, obtiveram-se 850 coincidências a mais das previsíveis pelo acaso [16].

São interessantíssimas as experiências do Dr. Whately CARINGTON.

> A partir de 1939, às 7 horas da noite, CARINGTON desenhava alguma coisa simples com tinta preta sôbre um papel branco. O desenho era fixado na sua mesa de trabalho e lá ficava até às 9 horas da manhã seguinte. Para que o motivo do desenho não se pudesse suspeitar por outras vias, escolhia-se assim: tirava-se ao acaso um número de uma tabela; depois abria-se um dicionário na página correspondente ao dito número; a primeira palavra apta a ser desenhada era escolhida. Os percipientes, quando lhes aprouvesse entre essas horas, desenhavam alguma coisa, tentando, por absurdo que lhes parecesse a prova, reproduzir o desenho que o Dr. CARINGTON conservava no seu escritório.

É claro que se tomaram tôdas as precauções imaginárias para impedir qualquer fraude pois, tratando-se de bons metagnomos, esta poderia ser inconsciente ou ao menos irresponsável. Sete séries principais foram feitas com 741 sujeitos

15 — CARINGTON, W., o. c., pág. 173.

16 — CRESSAC traçou a curva dos desvios positivo e negativo. Esta curva, se influisse apenas o acaso, deveria tender a aproximar-se assintòticamente à direita dos reencontros prováveis. A curva, porém, ia afastando-se regularmente, o que prova sem dúvida alguma a intervenção da faculdade PSI-GAMMA. CRESSAC, Visconde Bertrand de: "La Démonstration Expérimentale de la Telépathie", em "Sciences Métapsychiques", 1946, I, págs. 7 ss., e II, págs. 3 ss. — "Cahiers Métapsychiques", 1950, II, págs. 9 ss.; III, págs. 1 ss.; IV, págs. 4 ss. Resposta a diversas objeções, ibidem, 1951, V, págs. 7 ss.; VI, págs. 9 ss.

e uma oitava série com 430: um total, pois, de 5 617 tentativas (só contando as principais experiências e prescindindo das outras, de preparação, também significativas, até um total de 53 270). Os desenhos, original e imitação, eram entregues a árbitros especializados. Os resultados foram claramente positivos [17]. Voltaremos mais adiante a algumas destas experiências.

Merecem citar-se também, pela originalidade do método, as experiências do Dr. FISK com as chamadas "cartas-relógio". As primeiras experiências do Dr. FISK foram feitas segundo os métodos tradicionais da escola de RHINE. O Dr. FISK contou com a colaboração dos Drs. WEST e MITCHELL. Na procura de sujeitos especialmente dotados, convidou durante dois anos (1949-50) quantas pessoas quisessem realizar experiências de ESP da maneira mais familiar. Enviaram-lhe por correio os baralhos especiais, fôlhas para registro dos resultados e quantas instruções precisassem. Aprontaram-se para o trabalho 235 pessoas que se julgavam aptas. No final uma só, Sra. M. B., foi escolhida, destacada entre tôdas as demais [18].

Com a senhora M. B. continuou as experiências o Dr. MITCHELL, membro da S.P.R. Nas quatro primeiras séries de experiências, até um total de 400 tentativas, a senhora M. B. obteve uma média de 12 acertos sôbre 25 cartas: probabilidade de $1/5x10^{11}$. E, de repente, a faculdade psigâmica da senhora M. B. deixou de atuar, voltando ao nível da probabilidade nas experiências seguintes [19]. (PSI-GAMMA é incontrolável e inconstante.)

Depois destas experiências, e para determinar o chamado "efeito de deslocamento" o Dr. FISK comecou um tipo nôvo de experimentação, à base de "cartas-relógio".

17 — CARINGTON, W.: Uma série de artigos em "Proceedings of Society for Psychical Research", XXIV, págs. 3 ss.; XLII, págs. 173 ss.; XLIII, págs. 319 ss.; XLIV, pgs. 189 ss. e 223 ss.; XLVI, págs. 34 ss. e 227 ss.

18 — FISK, G. W.: "Home Testing ESP Experiments", em "Journal of Society for Psychical Research", 1951, XXXVI, págs. 369 ss. e 518 ss.

19 — MITCHELL, A. M. J.: "Home Testing ESP Experiments", em "Journal of Society for Psychical Research", 1953, XXXVII, págs. 115 ss.

Cada carta representava a esfera de um relógio e uma agulha indicava uma das doze horas. O baralho constava, pois, de 12 cartas diferentes, correspondentes a cada hora do relógio. 17 pessoas tentaram adivinhar a ordem aleatória em que se tinham colocado as cartas-relógio num pacote selado. Entre essas pessoas, só apareceu um sujeito "dotado" [20].

A probabilidade de obter o êxito alcançado pelo metagnomo senhor S. M. numa série de 240 tentativas está expressada pela fração 1/300 000.

Em experiências posteriores [21] de 20 sujeitos, 10 não obtiveram mais resultados do que o esperado pelo acaso, enquanto os outros 10 obtiveram o êxito expressado por uma possibilidade contra 6 000.

Temos citado só as experiências mais destacadas das pioneiras em diversos aspectos. Poderíamos citar milhares de outras experiências ou outros muitos métodos também plenamente científicos.

Valorização do método empregado

Ao estabelecer as condições científicas de experimentação, a Parapsicologia teve a preocupação de fazer consultas cuidadosas e submeter-se não só às exigências de tôda classe de cientistas, mas também de matemáticos qualificados e especialistas em estatística [22]. Estas duas armas vitoriosas,

20 — FISK, G. W., e MITCHELL, A. M. J.: "ESP Experiments in Clock-Cards", em "Journal of Society for Psychical Research", 1953, XXXVII, págs. 1 ss. e págs. 95 ss.

21 — WEST, O. J., e FISK, G. W.: "A dual Experiment ESP with Clock-Cards", em "Journal of Society for Psychical Research", 1953, XXXVII, págs. 185 ss.

22 — Sôbre os métodos estatísticos empregados em Parapsicologia, cfr. principalmente: RHINE, J. B.: "Extra-Sensory... Years", o. c., caps. II, VII, VIII e IX (devidos ao matemático da Universidade Duke, Dr. J. A. REENWOOD). FISCHER, R. A.: "Statistical Methods for Research Workers", nova edição, Londres, Oliver and Boyd, 1948. E em "Proceedings of Society for Psychical Research", 1924, XXXIV, págs. 181 ss. PRATT e BIRGE: "The Appraisal of Verbal Test Material", em "Journal of Parapsychology", 1948, XII, págs. 236 ss.

Sôbre o cálculo de probabilidades em casos espontâneos, cfr.: SALTMARSH e SOAL: "A Method of Estimating the Supranormal Contents of Mediumistic Communication", em "Proceedings of Society for Psychical Research", 1930, XXXIX, págs. 266 ss.

a estatística e as condições de experimentação, foram reconhecidas como absolutamente eficazes. Vejamos.

Aspecto estatístico

Fizeram-se famosas entre os adversários de PG as críticas que Georges Spencer BROWN fêz em emissões radiofônicas.

A crítica de BROWN sugere que a teoria das probabilidades, fundamentada sôbre a noção de distribuição casual, nem sempre se aplica à prática. As séries de resultados fornecidos pela roleta, os seletores eletrônicos e outros, nem sempre se conformam ao cálculo ideal de probabilidades.

Objeta também BROWN que o "superavit" sôbre o acaso obtido pelos metagnomos só apareceria quando se fazem enormes quantidades de provas, mas tal "superavit" passaria desapercebido na experimentação científica ordinária, que não faz tão grande número de experiências. Com grandes quantidades êsse aparente "superavit" dever-se-ia ùnicamente a "singularidades matemáticas".

Mas tais críticas não têm fundamento... A BROWN só lhe *poderíamos* conceder razão, como observa o Dr. SOAL [23], quando a probabilidade de obter por acaso semelhantes resultados é uma fração pequena: uma possibilidade sôbre 100 ou sôbre 200.

A crítica antes citada, de que só aparece o "superavit" em séries muito altas de provas, é francamente desconcertante. É precisamente então que o cálculo de probabilidades é de uma fôrça irrefutável, mesmo que o "superavit", em média, seja bastante pequeno: uma média de seis acertos, por exemplo, sôbre 25 cartas, em vez de 5 sôbre 25. Êste "superavit" aparentemente pequeno, em séries muito grandes só tem uma chance sôbre trilhões, isto é, não pode dever-se ao acaso.

23 — SOAL, S. G.: "L'ESP est-elle une singularité statistique?", trabalho apresentado ao I Colóquio Internacional de Parapsicologia, de Utrecht, e resumido por AMADOU, Robert, em: "La Science et le paranormal. Le 1.er Colloque International de Parapsychologie (Utrecht, 1953). Les entretiens de Saint-Paul-de-Vence (1954). Comptes rendus et rapports publiés et présentés par Robert AMADOU", Paris, Inst. Met. Int., 1955, págs. 101-112.

Talvez BROWN chame séries longas as que em Parapsicologia se chamam séries curtas, séries, por exemplo, de 200 provas. Em séries pequenas é evidente que se o metagnomo acerta, por exemplo 41 ou 42 vêzes em vez de 40 possíveis por acaso, o êxito é suspeito. Não provaria. Não se pode exigir que o ideal teórico do cálculo de probabilidades se adapte à prática tão estreitamente. Mas (novamente segundo SOAL), se em vez de acertar 40 cartas, acerta 55 ou 70 "o resultado não casual, mesmo num número de ensaios tão pequeno (200), é mais evidente do que na maioria das experiências realizadas em Biologia ou em Psicologia". Com efeito, o resultado de 77 sôbre 200, por exemplo, não possui mais do que uma chance sôbre 500 000 de ser obtido, se só o acaso entra em jôgo. Como êsse exemplo concreto entre as experiências do Dr. SOAL, poderíamos citar também experiências semelhantes de TYRRELL, MARTIN, STRIBIC, etc.

Noutros ramos da ciência admitem-se estatìsticamente como incontrovertíveis resultados muito menores: milhares de trabalhos publicam-se cada ano em livros e revistas que repousam numa possibilidade sôbre algumas centenas ou no máximo sôbre mil. Spencer BROWN não encontrou motivo para protestar. Os especialistas em estatística matemática têm provado que tal cálculo é absolutamente válido.

Spencer BROWN não pretendeu atacar certamente o valor científico do cálculo de probabilidades. Suas críticas jamais poderiam fazer frente às contracríticas dos especialistas em estatística. Acreditou, supomos nós, que os resultados obtidos em Parapsicologia eram outra coisa... Foi um cochilo do eminente colaborador na Universidade de Oxford para investigações estatísticas: "Quandoque bonus dormitat Homerus" ("também às vêzes cochila o bom Homero").

Mas os resultados obtidos em Parapsicologia eram outra coisa, muito diferente do que supôs BROWN.

Em 1937 o Congresso Internacional de Estatística Matemática, reunido em Indianópolis, estudou a fundo e aprovou sem reservas, os métodos estatísticos que se estavam empregando e iam empregar-se na investigação parapsicológica.

Um ano mais tarde, de nôvo se discutia a fundo o problema no Instituto de Estatística Matemática: o seu presidente, Dr. Burton H. CHAMP conclui, resumindo o sentir dos seus colegas: "As investigações do Dr. RHINE têm dois aspectos: o experimental e o matemático. E' evidente que nós, os matemáticos, não somos competentes para o aspecto experimental. Mas, com relação ao aspecto estatístico, nosso trabalho matemático concluiu que... a análise estatística é completamente válida. Se as investigações de RHINE devem ser lealmente atacadas, poderá ser em outro terreno, mas não no matemático" [24].

Aliás, os parapsicólogos modernos consideram e possuem outros argumentos experimentais em prol do valor de seus métodos de cálculo.

Modificadas as condições de experimentação, modificam-se os resultados. MARTIN, STRIBIC, TYRRELL, STEWART, SOAL, etc., comprovaram o fato nas suas experiências. Assim por exemplo o Dr. SOAL com seu sujeito, B. SHACKLETON, foi alternado, desde 1945 até 1949, experiências com agentes telepáticos e suprimindo o agente telepático. Foram feitas desta maneira 26 séries de 200 tentativas cada uma. Pois bem, Basil SHACKLETON, quando não havia agente telepático, isto é, quando ninguém olhava as cartas que êle devia adivinhar, obtinha uma média visìvelmente próxima à provável pelo acaso; no total, estando assinalados pelo cálculo de probabilidades 520 acertos, obteve 509: diferença, 25. Mas quando intervinha o agente telepático os resultados superavam nìtidamente o atribuível ao acaso: em vez de obter 520 acertos marcados pelo cálculo de probabilidades, obteve 707 acertos. Há uma chance sôbre 10^{19}: impossível dever-se ao acaso... Se os resultados obtidos se devessem a uma singularidade matemática como queria

24 — Os trabalhos apresentados ao Instituto de Estatística Matemática, foram publicados nas revistas de Parapsicologia: "Journal of Parapsychology", 1937, I, págs. 191 ss. e 305 ss. (aqui se encontram as conclusões formuladas pelo Presidente Sr .Burton H. CHAMP, que temos citado); ibidem, págs. 206 ss. (trabalho do Dr. GREENWOOD); 1938, II, págs. 247 ss. (trabalho do Dr. T. N. E. GREVILLE); 1949, I, págs. 4 ss. (trabalho do Dr. T. N. E. GREVILLE). "Revue Métapsychique", 1938, VI, pág. 361 ss. (trabalho do Dr. SOAL, resumido por WARCOLLIER).

BROWN, como é que seriam influenciados pela mudança das condições de experimentação? [25].

Continuando com as observações do Dr. SOAL: a mesma influência nos resultados se percebe quando se muda o tipo de metagnomo. Assim o Dr. B. M. HUMPHREY comprovou, em seis séries de experiências, que os sujeitos "expansivos", "extrovertidos", obtinham médias positivas na adivinhação de imagens contidas em envelopes fechados, e os sujeitos "compreensivos", "introvertidos" obtinham resultados negativos. As diferenças entre os resultados dos "extrovertidos" e dos "introvertidos" foram tão significativas que só tinham uma chance entre 300 000 de serem causadas pelo acaso. Explica-se que a personalidade tinha influxo na manifestação da faculdade parapsicológica, mas como se poderia explicar que uma simples singularidade matemática se acomodasse tão marcadamente aos dois temperamentos diversos?

Sem dúvida, influem os diversos agentes telepáticos: SHACKLETON obtinha êxitos constantemente com 3 agentes e fracasso constante com os outros 11 que experimentaram. O outro metagnomo do Dr. SOAL, a senhora STEWART, com as mesmas listas aleatórias empregadas com seu colega, obtinha êxito constante com 15 pessoas ensaiadas como agentes, e fracassava com as outras 15. Como explicar se fôsse tudo mera singularidade matemática?

Se tudo fôsse uma propriedade da distribuição estatística, como explicar que com metagnomos se obtenham êxitos empolgantes e a maioria das pessoas não ultrapassem o acaso? A estatística distingue entre as pessoas? Deve-se recordar que, em 1934-1939, S. G. SOAL submetia 160 pessoas a testes PG com cartas ZENER e verificou que os resultados de mais de 120 000 tentativas estavam em excelente acôrdo com o esperável pelo acaso. Ora, uma singularidade estatística não poderia certamente fazer diferença entre pessoas e, não obstante, duas daquelas 160 pessoas, precisamente as duas pessoas que afirmavam ter realizado fenômenos paranormais antes de serem testadas, obtinham em 1936 resultados muito elevados em relação à média provável.

25 — SOAL, S. G. (AMADOU, Robert): "La Science...", o. c., pág. 104.

E é ainda mais inexplicável, segundo a teoria de Spencer BROWN, que SHACKLETON e a senhora STEWART, testados de nôvo alguns anos mais tarde, tenham continuado ambos, semana após semana, ano após ano, superando as leis do acaso com razões críticas sempre crescentes. Se a teoria do senhor Spencer BROWN fôsse exata, seria de esperar que alguma vez tôdas as 158 outras pessoas, tivessem produzido semelhantes "milagres experimentais".

"Esta persistência dos resultados não imputáveis ao acaso que se descobre em algumas raras pessoas, é ilustrada pelo estudo de MARTIN e STRIBIC. Êstes experimentadores têm constatado que, sôbre 322 pessoas testadas, três sòmente continuavam a manifestar o efeito ESP num período de vários meses ou de anos" [26].

Poder-se-iam apresentar mais considerações, tiradas da análise das próprias experiências. O Dr. SOAL as apresenta na sua contracrítica à crítica precipitada do Dr. BROWN, tantas vêzes repetida sem conhecimento de causa.

Contraprovas experimentais

A Parapsicologia, como ciência experimental, acudiu em diversas ocasiões à contraprova experimental de que o cálculo de probabilidades empregado nas experiências que referimos é de absoluto valor.

O Dr. GREENWOOD, estatístico e matemático da Universidade DUKE, embaralhou e cortou trinta pacotes de 25 cartas e foi anotando os resultados até fazer uma lista de 5 000 000 de símbolos ZENER. Depois, foi comparando essa lista com outra lista de 500 000 respostas de 100 séries de experimentações de RHINE. Seria casual qualquer coincidência entre as 500 000 respostas dos sujeitos e a lista de 5 000 000, pôsto que esta lista não fôra proposta aos metagnomos. E, com efeito, segundo o cálculo de probabilidades, a média de coincidência devia ser ao redor de 5 em cada 25 cartas, e assim foi: as coincidências deram uma média de 4.9745. Por outra parte, se os sujeitos de experimentação tivessem atuado "psigâmicamente" nas experiências

26 — SOAL, S. G. (AMADOU, Robert): "La Science...", o. c., págs. 110 ss.

recolhidas na lista de 500 000, teria que aparecer uma clara diferença entre a lista de 5 000 000 e a de 500 000, comparadas ambas com as cartas "alvo". Houve, de fato, uma diferença de 2,008 sôbre cada 25 cartas. Desta maneira, confirmava-se a avaliação feita antes pelos estatísticos, que tinham marcado naquelas experiências um êxito ao redor de 2 (sôbre 5) para cada 25 cartas. As cartas, pois, tinham se comportado com perfeita precisão, segundo os pressupostos do cálculo de probabilidades [27].

Como se vê, êste trabalho do Dr. GREENWOOD é da máxima importância para acabar de uma vez por tôdas com as críticas. O trabalho de GREENWOOD confirma mais uma vez que a estatística é um sistema de contrôle de absoluta fôrça científica e que os resultados obtidos, de modo nenhum podem ser uma "singularidade matemática".

> Uma outra contraprova importante fizeram as Dras. MARTIN e STRIBIC. Seu excelente metagnomo, C. JENCKS, estava sentado de um dos lados de um painel. No outro lado se colocava o experimentador. Dez jogos de cartas baralhadas ZENER eram postas numa fileira. Um dêstes jogos ou pacotes, era então isolado dos outros e colocado junto ao painel no meio da borda inferior. O metagnomo JENCKS, que não havia visto nenhum dos pacotes, procurava nomear as cartas de alto a baixo (método DT [28]). Terminada esta prova retirava-se o pacote e colocava-se outro. Desta maneira foram isolados 110 pacotes [29].

O senhor JENCKS obteve uma média de 8.17 acertos sôbre 25 cartas em vez de 5 sôbre 25: um total de 349 acertos além do que se esperava pela matemática, isto dando uma razão crítica de 16.

Pois bem, comparando a resposta do sujeito em cada prova com as cartas dos outros 109 pacotes, a média de

27 — GREENWOOD, J. A.: "Analysis of a Large Chance Control Serie of ESP Data", em "Journal of Parapsychology", II, 1938, págs. 138-146.

28 — Método DT, i. é, "down through" em inglês, que significa "para abaixo e através".

29 — MARTIN, D. R., e STRIBIC, F. P.: "A Review of all University of Colorado Experiments on ESP", em "Journal of Parapsychology", IV, 1940. Cfr. também: SOAL, S. G. (AMADOU, Robert): "La Science...", o. c., págs. 108 s.

coincidência sôbre cada 25 cartas é de sòmente 5,02 (conforme ao acaso) enquanto que os acertos ou coincidências com respeito a cada pacote isolado foi, como dissemos, de uma média de 8,17. Esta diferença mostra evidentemente que é impossível aplicar-se aqui a "singular" teoria das "singularidades matemáticas" [30].

O doutor SOAL refere-nos sua própria contraprova experimental, tanto nas experiências com SHACKLETON como com a senhora STEWART. Os metagnomos superavam o acaso, muito notòriamente durante longas séries até 33 500 intentos, visando em cada série acertar a ordem da correspondente lista aleatória. Mas, aplicando êsses "palpites" não à lista proposta em cada prova, mas às outras listas aleatórias, não visadas então, o seu resultado é o esperado pelo acaso. Como se explicaria isto segundo as teorias de que tudo era uma "singularidade matemática"? Se houvesse qualquer "singularidade matemática" aplicável ao caso infalìvelmente se verificaria na contraprova.

O aspecto estatístico, pois, nas experiências parapsicológicas é completamente científico, é inabalável, como testemunham os especialistas em estatística matemática reunidos em congressos; como demonstram diversas considerações das mesmas experiências parapsicológicas; como, por fim, demonstram também as contraprovas experimentais feitas.

O aspecto experimental

O que se deve dizer do aspecto experimental pròpriamente dito, depreende-se claramente das precauções que se tomaram e que nós temos descrito sumarìssimamente. Mas também estas foram estudadas e aprovadas expressamente. Em agôsto de 1953, realizou-se na Universidade de Utrecht (Holanda) o Primeiro Colóquio Internacional de Parapsicologia, sob a presidência do Dr. H. H. H. PRICE, da Universidade de Oxford.

30 — Nestas experiências talvez não se exclua completamente a hiperestesia, embora esta seja muito pouco provável se consideramos que, além do painel separador, as cartas estavam colocadas em bloco; como não se misturariam qualquer tipo de "emanações" físicas provindas das cartas? Mas, aqui, o que nos interessa é o aspecto estatístico para o qual evidentemente não importa que se trate de hiperestesia ou de PG.

Especialistas de catorze países analisaram as condições de experimentação sob todos os pontos de vista. Teólogos, filósofos, físicos, químicos, médicos, psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, engenheiros, matemáticos, etc. Especialistas escolhidos participaram do Congresso ou enviaram suas comunicações e estudaram o problema com vivo interêsse.

O resultado da análise é bem exprimido pelas palavras do Dr. SCHAEFER, professor de Fisiologia e Diretor do Laboratório Fisiológico da Universidade de Heidelberg (Alemanha) que participou no colóquio: "As experiências de RHINE (e seus continuadores, acrescentamos nós) estabeleceram a existência dos fenômenos paranormais" [31] de conhecimento. O psicólogo de Cambridge, Dr. THOULESS, é ainda mais expressivo, ao manifestar a conclusão do Congresso: "As recentes experiências de RHINE, de seus colaboradores, de SOAL, de TYRRELL, W. CARINGTON... fazem desaparecer tôda dúvida... sôbre a realidade do fenômeno... As provas a favor da realidade do fenômeno (PSI-GAMMA) são agora tão decisivas que só a ignorância dos resultados experimentais pode explicar o ceticismo" [32].

Mais uma coisa devemos ter em conta: como veremos mais adiante, a emotividade, a importância dos objetos, afeição ou parentesco entre agente e percipiente, etc., são fatôres que influem muito em PSI-GAMMA. Pelo contrário, a frieza das experiências de laboratório, a banalidade do objeto desenho, cartas ZENER, etc.), as relações acadêmicas entre metagnomo e experimentador, dificultam a experimentação. Mas precisamente esta consideração dá maior valor aos resultados obtidos; se nessas condições tão sumamente desfavoráveis o resultado tem sido tão surpreendente, quanto maior seria se as condições de experimentação pudessem ser mais favoráveis à manifestação de PG!

31 — SCHAEFER, Hans: Relatório apresentado ao I Colóquio Internacional de Parapsicologia (Utrecht, 1953). Os relatórios do congresso foram publicados por: OSBORN, Edward e ZORAB, George, Edição da Universidade Real de Utrecht, Utrecht, 1954 (edição inglêsa). Nós usamos a edição francesa: AMADOU, Robert: "La Science...", o. c., na qual o relatório de SCHAEFER está nas págs. 23 ss.

32 — THOULESS, R. H.: Os seus comentários sôbre o Congresso de Utrecht foram publicados em: "British Journal of Parapsychology", 1942, XXXIII, julho, parte I.

Somemos agora os milhares de casos espontâneos recolhidos nos inquéritos e revistas científicas, as experiências no gabinete do médico magnetista ou hipnotista, bastantes observações e experiências dos metapsíquicos, os milhões de experiências dos parapsicólogos... Poucas verdades da Física ou da Biologia estarão tão demonstradas como que existe no homem uma faculdade de conhecimento diferente de quanto a ciência pode atribuir aos sentidos.

Esta faculdade tem sido cientìficamente demonstrada e cientìficamente reconhecida.

Como nome científico e oficial dessa faculdade de conhecimento paranormal, nova na ciência, pode se usar: "Percepção extra-sensorial" ou a sua sigla "ESP" mas, preferentemente, "PSI-GAMMA" ou a sua sigla "PG".

14 Psi-gamma e distância

PG ABRAÇA TODO MUNDO

Poucos metros são o mesmo que muitos quilômetros. — Experiências a distâncias intercontinentais. — E até Marte?

ACABAMOS de ver que o homem possui uma faculdade de conhecimento capaz de ultrapassar os limites do conhecimento sensorial. Da índole mesma de PSI-GAMMA surgiu a incógnita: esta faculdade estaria condicionada pela distância como os fenômenos físicos, ou não?

Os casos espontâneos

No exame consciencioso de milhares de casos espontâneos, os parapsicólogos da Duke não encontraram nenhuma vinculação entre a distância e o resultado psigâmico. Teremos ocasião de ver muitos casos espontâneos bem comprovados, em que os fenômenos psigâmicos, tanto à curta como à grande distância, dão resultados iguais. Agora reduzir-nos-emos a umas poucas experiências de laboratório.

Experiências isoladas

Experiências feitas à distância de poucos metros existiam em grande quantidade. Não aparecia diferença sistemática entre os resultados obtidos. Note-se que a média mais alta obtida experimentalmente na Parapsicologia, 18 acertos sôbre 25 cartas, num total de 1 850, nas experiências já referidas do Dr. RIESS, foi obtida a uma distância de

500 metros. Tornava-se, no entanto, preciso experimentar à distância de quilômetros.

SINCLAIR experimentou a 50 Km. entre agente e percipiente. A Sra. SINCLAIR deveria averiguar qual o desenho que tinha na mão seu marido ausente. Realizou 290 tentativas, com 65 êxitos completos, 155 êxitos parciais e só 70 fracassos. É assombrosa a semelhança, entre os desenhos originais de Upton SINCLAIR e as reproduções telepàticamente realizadas pela espôsa [1].

Já antes, os Drs. USHER e BURT experimentaram com êxito na distância entre Bristol e Londres e depois, de Braga a Londres, isto é, à distância de uns 180 e 380 quilômetros, respectivamente. As provas foram poucas: só 30. Os experimentadores compreenderam que os resultados eram significativos, mas reconheceram a dificuldade em avaliar matemàticamente a semelhança ou dissemelhança dos desenhos [2]. Mais tarde, W. CARINGTON, com os modernos sistemas estatísticos estabeleceu a possibilidade de 1 contra 178 [3]. Não muito significativa. Mas o interessante é que não houve diferença apreciável entre os resultados obtidos a 180 quilômetros e os obtidos a 380 quilômetros. Em outras experiências antigas não aparecem diferenças sistemáticas, nem comparadas entre si, nem com as experiências de PSI-GAMMA dos modernos parapsicólogos.

Experiências comparativas

São especialmente significativas as experiências comparativas dos parapsicólogos PEARCE-PRATT e TURNER-OWNBEY. A um metro de distância, o metagnomo Dr. PEARCE obteve uma média de 8 acertos para cada 25 cartas, num total de 900 intentos; a 100 m. de distância, sobe a 9 acertos em cada 25 cartas, sôbre um total de 750 intentos; a 250 m., sôbre um total de 1 100 intentos, a média desce a 7, e aumenta a 8 ao aproximar-se mais.

1 — SINCLAIR, Upton: "Mental Radio, does it work and how ", Los Angeles, 1929.

Estas experiências, realizadas por amadores, foram, porém, cientificamente analisadas: "The SINCLAIR Experiments Demonstrating Telepathy", em "B.S.P.R.", 1932, XVI, abril.

2 — USHER, F. L., e BURT, E. L.: "Quelques expériences de transmission de pensée à grande distance", em "A.S.P.", 1910, I.

3 — CARINGTON, Whately: "Telepathy, and Outline of its Facts, Theory and Implications", Londres, Methuen and Co., 1945. Nós citamos da tradução francesa de PLANIOL: "La Télépathie, faits, théories, implications", Paris, Payot, 1948, págs. 29 ss.

Por sua parte, a metagnoma senhorita TURNER consegue uma média de 8 acertos a 2 ou 3 m. de distância da agente, Srta. OWNBEY; e a 400 quilômetros, aumenta a média a 10 acertos entre cada 25 cartas, sôbre um total de 200 tentativas. Em experiências posteriores, verificou-se uma declinação paulatina, apesar de não se modificar a distância, que sempre fôra de 400 quilômetros [4]. Os declínios ou aumentos, modificando-se as distâncias, acomodam-se ao observado geralmente em experiências sem modificação das distâncias. É impossível estabelecer variações sistemáticas devidas à distância.

Vimos que um dos sujeitos do Dr. SOAL, Sra. STEWART, obteve êxitos altamente significativos a poucos metros de distância entre agente e percipiente. O mesmo metagnomo, Sra. STEWART, estando em Anvers (Bélgica), enquanto os experimentadores, Drs. SOAL e BATEMAN ficavam na Inglaterra, obteve em quase 1 000 provas tal êxito, que só haveria uma "chance" contra 100 bilhões de dever-se ao acaso. A mudança de lugar do agente ou do objeto-alvo, não modificou em nada o resultado das experiências [5].

Na Universidade de Harvard, o Dr. KAHN dirigiu um conjunto de 43 278 intentos com 100 sujeitos diferentes. Os sujeitos estavam separados dos objetos-alvo por distâncias que oscilavam entre 2 e 750 quilômetros. A razão crítica média foi de 3,14, equivalente a uma possibilidade sôbre 2 000. E, consideradas isoladamente as experiências feitas a maior distância, há uma chance sôbre o acaso de 1 para 10 000. Notemos que, nestas experiências, os resultados eram regis-

4 — RHINE, J. B.: "The Reach of the Mind", New York, Sloanes, 1948 (e Londres, L. Faber, 1948). Tradução espanhola: "El alcance de la Mente", Buenos Aires, Paidós, 1956. Citamos o resumo dessas experiências, que referimos no texto, da tradução por SUDRE. René: "La Double Puissance de l'Esprit", Paris, Payot, 1952, págs. 58 s.

5 — SOAL e BATEMAN, em "Jnl. S.P.R.", 1950, XXXV, págs. 257-270.

trados automàticamente por máquinas eletrônicas, para evitar-se tôda falha acidental ou intencional irresponsável [6].

Um grupo de investigadores do Tarkio College (Missouri) e da Universidade Duke, realizaram experiências com diversos sujeitos, espalhados por diversos lugares dos E.U.A.

> Os investigadores freqüentemente desconheciam os sujeitos com quem experimentavam. Eram enviadas as instruções pelo correio e pelo correio se recebiam as respostas. Os símbolos ZENER eram expostos a intervalos convencionados nos gabinetes dos investigadores. Os sujeitos deveriam tratar de averiguar (e anotar imediatamente) as cartas que julgassem que estavam expostas em cada momento [7].

Em todo êsse conjunto de experiências, que oscilavam de poucos metros até mil e mais quilômetros, os resultados se mostram independentes da distância, apreciàvelmente idênticos entre si e idênticos aos outros resultados obtidos em experiências de Laboratório. Mais ainda, até pareceria que a distância favorecia a percepção psigâmica, o que evidentemente pode dever-se a outros fatôres. Novas experiências na Duke confirmaram êsses resultados [8].

Em dois Continentes

Cabia, porém, a possibilidade de que, a distâncias ainda maiores, variassem os resultados. O Dr. CARINGTON, então, executou uma longa série de experiências com diversos sujeitos, espalhados por outras nações da Europa e em diversos pontos dos E.U.A. O resultado foi o mesmo. Notou-se, não obstante, que os sujeitos dos E. U. A., mais distantes, portanto, dos desenhos-alvo, que estavam na Inglaterra, obtiveram melhores resultados do que os sujeitos europeus [9]: talvez as circunstâncias de clima ou opinião, ou outros fatôres, influissem em prol dos sujeitos mais afastados.

6 — KAHN, David: "Studes in ESP, Experiments Utilizing an Electronic Scoring Device", em "Proceedings of American Society for Psychical Research", 1952, XXV, outubro.

7 — RHINE, J. B.: "The Effect of Distance in ESP Tests", em "Journal of Parapsychology", 1937, setembro, págs. 172 ss.

8 — RHINE, J. B.; PRATT, J. G.; SMITH, B. H.; STEWART, C. E., e GREENWOOD, J. A.: "Extra-Sensory Perception after sixty Years", New York, Holt, 1940, págs. 309 ss.

9 — CARINGTON, W.: "Experiments with Paranormal Cognition of Drawing", em "Journal of Parapsychology", 1940, IV, janeiro, págs. 1-129.

Alguns dos metagnomos que colaboraram nestas experiências eram os mesmos de experiências anteriores com o mesmo Dr. CARINGTON. Êste comparou os resultados obtidos com os que essas mesmas pessoas obtiveram antes. Não se encontrou diferença sistemática atribuível à distância.

Outra série de experiências a enorme distância foi dirigida pelo Dr. Carlo MARCHESI, em 1939. Por um lado o Dr. MARCHESI de seu Laboratório em Zagreb (Iugoslávia) procurava adivinhar as cartas do baralho ZENER que se expunham na Universidade Duke. Por outra parte, diversos metagnomos da Universidade Duke tratavam de averiguar as cartas que eram expostas pelo Dr. MARCHESI, em Zagreb. Apesar da enorme distância (6 500 quilômetros), os resultados foram altamente significativos. Esta vez os americanos foram muito inferiores, em conjunto, aos europeus, ao contrário do que sucedeu aos sujeitos de CARINGTON...

Em 1947, o Dr. MARCHESI realizou outra série de experiências do mesmo tipo, continuando as anteriores, interrompidas pela Segunda Guerra Mundial. Com esta nova série confirmaram-se plenamente os resultados anteriores [10].

PSI-GAMMA prescinde dos obstáculos

Não precisamos dizer, pois é conseqüência lógica do que foi dito, que os obstáculos físicos, tais como paredes, montanhas, etc., que possam interpor-se entre o sujeito e o objeto não dificultam o funcionamento da ESP. Assim, também, os vínculos físicos, fios por exemplo, ligando sujeito e objeto ou agente, não favorecem os resultados, a não ser que o sistema empregado seja uma espécie de cumberlandismo que favoreceria a comunicação hiperestésica, não a psigâmica.

PSI-GAMMA prescinde da distância

Concluímos, pois, com as mesmas palavras do Dr. RHINE: "Comparando os resultados obtidos a diferentes

10 — Citamos do resumo feito por RHINE, J. B.: "The Reach...", trad. franc.: "La Double...", o. c., pág. 61.

distâncias, desde alguns quilômetros (ou metros) até muitos milhares de quilômetros, tem-se a impressão nítida de que a distância e os obstáculos não têm nenhuma influência sôbre os resultados. A única coisa que parece influir no caso é a própria faculdade de percepção extra-sensorial do sujeito (ou a sua capacidade de *manifestação*) nas diversas circunstâncias" [11]. (Os parênteses são nossos.)

Além do âmbito da Terra?

Temo-nos referido sempre às diversas distâncias dentro dos limites da Terra. Não falamos de distâncias siderais. Os casos espontâneos de conhecimento paranormal tratam sempre de "algo" de nosso planêta. Nenhum dado admissível cientificamente tem sido proporcionado pelos metagnomos do que se passa em outros planêtas, descontando casos imaginários como o de Helena SMITH. Será que as distâncias superiores ao âmbito da Terra impossibilitam PSI-GAMMA?

PG, como todo poder humano, seria limitado, não infinito no seu próprio alcance dimensional. Possìvelmente, essa limitação na distância se deve também a que PSI-GAMMA é uma faculdade "existencial", isto é, nìtidamente humana, relacionando homens com homens, ou homens e objetos direta e mais ou menos ìntimamente ligados ao homem.

Mas ainda não se pode dar uma resposta com absoluta certeza experimental a respeito da distância "ilimitada". As experiências de laboratório a distâncias "ilimitadas são impossíveis, ao menos por agora. Esperemos que os GAGARIN, SHEPARD, TITOV, etc., nos permitam experimentar êste problema.

> *A relação da faculdade paranormal de conhecimento com as leis da distância, ao menos por agora, só pode ser formulada com uma restrição final: "PSI-GAMMA prescinde das leis da distância dentro (ao menos) do nosso planêta".*

11 — RHINE, J. B.: "The Reach...", trad. franc.: "La Double...", o. c., pág. 60.

Psi-gamma e tempo 15

CLASSIFICAÇÃO

> *Conhecimento do passado, problema insolúvel. — Conhecimento do presente, problema muito difícil. — Conhecimento do futuro, único problema viável.*

PSI-GAMMA com relação ao tempo pode ser dividida artificialmente e com fins práticos em: *SIMULCOGNIÇÃO, RETROCOGNIÇÃO* e *PRECOGNIÇÃO*.

SIMULCOGNIÇÃO é a faculdade de conhecer diretamente um acontecimento que, nesse mesmo instante, está sucedendo, existe ou está sendo pensado... A maioria das experiências e casos espontâneos que deixamos referidos no capítulo anterior, classificar-se-íam pràticamente como simulcognições. O objeto do conhecimento e o conhecimento são simultâneos.

RETROCOGNIÇÃO é o que se dá quando se conhece diretamente, em determinado momento, um acontecimento do passado. O objeto do conhecimento é anterior ao conhecimento.

PRECOGNIÇÃO é a faculdade de se conhecer diretamente, em determinado momento, o que sucederá no futuro. O objeto do conhecimento é posterior ao conhecimento.

Dizemos *"diretamente"* porque é evidente que não seria, por exemplo, precognição conhecer um acontecimento pre-

sente e, a partir dêle, deduzir por cálculo, por análise das causas que já se conhecem, o resultado futuro.

Dissemos também *"classificação artificial para fins práticos"* porque certamente a retrocognição é uma classificação prática mas em grande parte arbitrária: nunca se pode saber se uma suposta retrocognição o é de fato, ou não. E, embora com menos lógica, podemos dizer algo semelhante da simulcognição. Só a precognição se poderia, em certos casos, classificar cientìficamente como verdadeira precognição.

Com efeito, a retrocognição (ou pós-cognição) é, segundo me parece, um dos problemas mais difíceis, talvez insolúvel, apresentado à Parapsicologia no campo da experimentação paranormal. É certo que milhares de casos espontâneos e experiências de laboratório aduzidos pelos defensores da retrognição são de conhecimento paranormal. Também é certo que êsses conhecimentos paranormais *parecem* retrocognições. Mas no campo da experimentação, diretamente não podemos ir além disso: *"parecem"* retrocognições, *"talvez"* sejam realmente retrocognições, *"seria lógico"* que PSI-GAMMA pudesse conhecer o passado, se pode conhecer o presente e o futuro.

E, como nisto não sigo a maioria dos autores, vou fazer uma consideração lógica que me parece inegável. Vejamos. De duas uma: Ou êsses acontecimentos passados deixaram algum "vestígio" de si mesmos, ou não.

Êsses "vestígios" podem ser os efeitos, os restos, os livros que daquilo falam, ou o conhecimento talvez inconsciente (talvez só paranormal inconsciente), que daquilo, ou do mesmo "vestígio" tem na atualidade alguma pessoa, ou a lembrança, talvez só inconsciente, que guarda hoje quem foi testemunha daquilo, mesmo que só o conhecesse paranormalmente, etc.

Se deixaram "vestígios", como saber, em pleno rigor experimental, que o metagnomo averigua agora *diretamente* o passado e não o atual? Como saber se êle não "vê" apenas os "vestígios", e dêles, por talento do inconsciente, deduz o passado?

Talvez o mesmo metagnomo tenha sido contemporâneo do acontecimento. Como saber que é agora que conhece diretamente o passado e não que se deu então uma simulcognição, mesmo paranormal mas inconsciente, que só agora se manifesta? [1].

Ocorre a morte, a 1 000 km de distância, de uma pessoa amiga. Não temos notícias *normais* do fato. Passado algum tempo, vemos em sonho o morto que nos comunica a triste notícia. Pode simplesmente ser uma simulcognição paranormal com manifestação retardada. Ou uma simulcognição da notícia que outra pessoa tem atualmente daquela morte...

Voltemos às duas hipóteses. Na segunda hipótese, isto é, se o acontecimento não deixou nenhum "vestígio" de si, não fica nenhuma testemunha, nenhum contemporâneo, nenhum escrito que fale daquilo... Então, como poderemos saber que o conhecimento que o metagnomo tem agora daquele fato é verdadeiro? Se há comprovante, há "vestígio"; não havendo "vestígio", não há comprovante. E sem comprovante o caso não tem valor nenhum; pode ser mera alucinação...

Com máquinas que conservassem só em símbolos os "objetos-alvo" e que no futuro interpretariam os palpites dos metagnomos registrando automàticamente só "êxitos" e "fracassos", talvez algum dia possamos demostrar diretamente a retrocognição...

A retrocognição, porém, até hoje, não foi experimentalmente provada apodìticamente. Isto, porém, não é negar a retrocognição.

Alguma coisa parecida talvez pudesse ser dita, embora rebuscadamente, da simulcognição. Nunca poderíamos saber em pleno rigor científico se uma suposta simulcognição é de fato conhecimento de uma coisa que sucede nesse momento e não talvez manifestação de uma precognição tida em época anterior que "casualmente" se manifesta quando o fato está acontecendo... Muito rebuscado certamente...

---

1 — São freqüentes as sensações (ou mesmo fenômenos paranormais de conhecimento) absolutamente inconscientes que afloram ao consciente só após algum (ou muito) tempo. A êste respeito já vimos bastantes casos, por exemplo, quando tratamos da "pantomnésia".

Só contra a precognição, conhecimento direto do futuro, não se podem pôr objeções do ponto de vista da classificação; e só conhecemos êste caminho, hoje, para saber com rigor científico se PSI-GAMMA prescinde do tempo: prognostica-se para o futuro alguma coisa completamente *desligada* do presente, e, quando chegar aquêle futuro, poderemos comprovar aquêle prognóstico.

A divisão, pois, em simulcognição, retrocognição e precognição, só no que se refere à precognição foi até hoje susceptível de ser cientìficamente comprovada. Com respeito à simulcognição e mormente à retrocognição, tratar-se-ía sòmente de uma divisão "lógica e prática". Os casos paranormais que "parecem" simulcognições ou retrocognições são classificados na prática como tais.

A existência da simulcognição e da retrocognição, embora não foi ainda científica e apodìticamente provada, mas certamente são hipóteses muito lógicas, pois se a faculdade PG prescinde do tempo tanto que pode conhecer diretamente o futuro, lógicamente também poderia conhecer o presente e o passado. Pelo dito, e aliás, pelo seu maior interêsse, vamos estudar com especial destaque a precognição.

É evidente que se, em determinado caso, ignoramos se de fato conhecemos êsse futuro *diretamente* ou *só indiretamente*, tal conhecimento não deve ser clasificado como precognição, a não ser numa "classificação prática", como dizíamos da simulcognição e da retrocognição.

16 Pseudo-precogniçõe s-I

CAUSAS "NORMAIS" DAS PRECOGNIÇÕES APARENTES

Como se averigua o sexo da criança que vai nascer. — É possível profetizar "sim" e "não" ao mesmo tempo e errar ambas as coisas. — Suicídios e crimes devidos a falsos adivinhos.

NA literatura mais ou menos especializada, o fenômeno paranormal de conhecimento do futuro recebe vários nomes [1]. Preferimos os nomes *prognosis* ou *precognição* (*gnósis* em grego e *cognitio* em latim = conhecimento; *pró* e*pre* = antes) que simplesmente denotam o fato do conhecimento antecipado de um acontecimento futuro.

1 — Alguns dêstes nomes são pouco felizes. Falar, por exemplo, em *adivinhação* e *profecia* é pressupor antes de provado que *todos* êsses fenômenos são devidos a Deus ou deuses (adivinhação = a divinis, proveniente dos deuses) ou quaisquer outras entidades reveladoras do futuro (um dos significados etimológicos do têrmo "profecia" é: falar em nome de outro). O mesmo podemos dizer de *premonição* (pre=antes; monitio=aviso) que sugere alguém que avise. *Telestesia temporal,* ao contrário, sugere que a explicação do fenômeno seja uma excitação dos sentidos (tele=longe; estesia=sensação), hipótese que de nenhum modo pode admitir-se hoje para os fenômenos paranormais em geral e menos ainda para o conhecimento paranormal do futuro. O têrmo *pressentimento,* no conceito vulgar, sugere que se trataria de um fenômeno normal ou extraordinário-normal, não pròpriamente paranormal do futuro.

O problema

Tanto mais rigorosamente deve ser provada uma tese quanto mais inverossímil parece. E poucas coisas, em épocas de materialismo (quando ruía a Metapsíquica e nascia a Parapsicologia), pareciam tão inverossímeis como a precognição.

São muitos os fatôres que podem explicar o conhecimento do futuro sem que tal conhecimento seja verdadeira precognição.

Truques

A fraude (consciente ou inconsciente) deve ser sempre a primeira hipótese.

Um "mago" pode anunciar que sucederá o que êle, em seguida, se encarregará de fazer. Ou pode apresentar como profecia aquilo que se planeja realizar e de que êle se inteirou antes da notícia se espalhar.

Um notável exemplo de truque para garantir uma "profecia" foi dado por NOSTRADAMUS, o Jovem, filho do famosíssimo metagnomo Miguel de NOSTRADAMUS.

> Tinha NOSTRADAMUS, o Jovem, anunciado, no exercício de sua "profissão" de astrólogo, que a cidade de Pouzin seria pasto das chamas. Mas não previu que êle mesmo seria morto naquela ocasião. Aconteceu que SAINT-LUC, chefe das fôrças que cercavam a cidade, o surpreendeu em flagrante, pondo fogo a Pouzin para garantir sua profecia. Loucos ocultos e irresponsáveis...

Esperteza

É clássico o sistema de predizer o sexo da criança que vai nascer. Não falha nunca.

> Os pais consultam, confiados, êstes "magos". O "mago" começa por inteirar-se astutamente do que os pais querem: menino? Prognostica então, com tôda segurança, "menino", mas no seu livro de registros escreve "menina". Nascida a criança, se é de fato menino, os pais convertem-se logo em propagandistas do "mago". Se, pelo contrário, é menina e vão reclamar, o "mago" lhes apresenta o livro onde consta "menina". Os pais, ante a segurança e fama do esperto "mago" e a contundência da prova, lamentam o engano que padeceram e convertem-se em propagandistas não menos incondicionais.

Os grandes adivinhos recorrem (consciente ou inconscientemente) ao artifício de prognosticar com grande esperteza de estilo ambos os extremos contrários. Mas pode suceder, por inesperado que pareça, que resultem falsos ambos os prognósticos contrários.

> Miguel de NOSTRADAMUS fêz a Catarina de MÉDICIS o horóscopo de cada um dos seus 11 filhos.
>
> De CARLOS IX prognosticou que seu reinado se veria envolto em grandes guerras. Não era preciso ser vidente para prever, a curto prazo, guerras, pois os acontecimentos que se iam desenvolvendo anunciavam as guerras de religião a qualquer pessoa medianamente avisada. Mas NOSTRADAMUS fêz também o prognóstico contrário, influenciado talvez pelo ambiente de simpatia que despertou o gentil e jovem rei que cingiu a coroa aos dez anos de idade. Sem negar o pessimista horóscopo anterior, prognosticou em seguida que CARLOS IX seria um grande e afortunado rei até chegar à grandeza do seu homônimo CARLO MAGNO, sem nada dever-lhe em grandes fortuna e qualidades [2].

NOSTRADAMUS se equivocou em ambos os prognósticos: o reinado de CARLOS IX não teve tempo de ver-se cheio de espantosas guerras, embora tenha havido revoluções. E não emulou a CARLO MAGNO...: CARLOS IX morreu aos vinte anos de idade, sem ter realizado nada de notável. Teria sido afortunado ao menos psìquicamente? O jovem rei morreu de asco, horror e remorso, como resultado duma espantosa experiência de adivinhação:

> A pedido de sua mãe, a supersticiosa Catarina de MÉDICIS, o rei permitiu que um adivinho, monge apóstata, degolasse um menino e pusesse sôbre a sagrada mesa do

2 — BRANTÔME, "Oeuvres Complétes", Paris, Ed. Societé d'Histoire de France, tomo V, págs. 240-287.

altar a cabeça ensangüentada para realizar a adivinhação. Assegura-se que as últimas palavras de CARLOS IX foram: "Tirai essa cabeça, tirai essa cabeça".

Um prognóstico afirmando os dois extremos contrários e os dois falhos. De nada serviu a esperteza.

Golpes de astúcia como os citados são freqüentíssimos. Os "adivinhos" profissionais fazem longos "estudos" para especializar-se nêles.

Imprecisão do estilo

Na confecção das profecias, misturam-se freqüentemente generalidades que nada dizem, com dados mais ou menos concretos e pouco comprometedores, que dêem ao conjunto a aparência de prognósticos bem definidos.

Mestra na confecção e famosa na especialidade foi a Sra. de THÈBES. O seu estilo é sempre imitado pelos modernos cultivadores dos "vaticínios para o ano entrante".

Lê-se, por exemplo, num dos almanaques da Sra. THÈBES: "Durante a primeira parte de 1905 os soberanos farão falar de si mais do que de costume e pode ser que as soberanas não os imitem. Temo que no começo de 1905 nos vejamos açoitados por uma terrível guerra. Será um ano vermelho, seguindo o ano cinzento. A Inglaterra terá a sua parte de angústias. A Alemanha também terá tristezas. 1905 nos oferecerá a compensação de uma nova vitória no campo da ciência".

Como se vê, fora do anúncio vago de uma possível guerra que podia ser plenamente previsível (contra a Bélgica), nada de concreto foi dito: difícil será um ano em que essas generalidades não se cumpram perfeitamente.

Para prestigiar seu vaticínio, a vidente apresenta, mas sem se comprometer, dados mais ou menos concretos daquilo que ela deduz (talvez inconscientemente) da observação da situação:

Na segunda parte do ano, haverá perturbações intensas na Bélgica, o porvir é sombrio. Êste pequeno país porá mais fogo na Europa do que os famosos Balcãs.

Todo o mundo já "previa" isto antes que a senhora THÈBES o anunciasse. Ela, astutamente, nos deixa definitivamente sem saber se a guerra na Bélgica seria na primeira ou na segunda parte do ano, ou se de fato haveria guerra ou sòmente temor de guerra em situação perturbada.

Mas, de fato, sucedeu o que menos se esperava: não houve guerra com a Bélgica nem grandes perturbações, nem a Bélgica "pôs mais fogo na Europa do que os famosos Balcãs".

Noutros casos, a lógica se realiza mais ou menos, e então todo o vaticínio é considerado como um acêrto empolgante e inegável. O vidente é considerado como possuidor de podêres extraordinários.

Casualidades

São tantos os vaticínios que se fazem, que seria impossível errarem sempre. Não se consideram nunca os inumeráveis fracassos e só se pensa nos êxitos, sem pensar que, muitos dêles, são mera casualidade.

Que alguma vez a "revelação" coincida com a realidade, nada tem de estranho. O estranho seria se nunca coincidisse nem por casualidade. Mas para o "aprendiz de adivinho" o assunto não tem dúvida: esquece as "revelações" que não se realizaram e apresenta satisfeitíssimo as que coincidiram com a realidade [3].

Grande sensação de angústia experimentou uma espôsa em Montpellier, prognosticando a morte trágica e próxima de seu marido, soldado. O prognóstico se realizou com efeito poucos dias depois, na fronteira leste da França.

Magnífico, mas ninguém fala das horas de angústia anteriores e durante as quais a senhora teve o pressentimento da morte próxima do seu marido sem que se realizasse.

---

3 — Claro está que a casualidade não deve ser invocada quando a "precognição" é *bem* detalhada e se cumpre em todos seus detalhes *especificantes*, como perfeitamente tem esclarecido BERGSON, H.: "L'énergie spirituele", Paris, Alcan, 1924, pág. 74.

Mais ainda, essa mesma senhora teve também o pressentimento de que não veria mais seu filho. Êste acabava de partir para uma ausência bastante longa. Apesar de ser a senhora de avançada idade, o pressentimento não se realizou. Na família (a família do Dr. GRASSET) conta-se o pressentimento que a senhora teve da morte do espôso. Só o Dr. GRASSET contou os pressentimentos falhos dessa senhora e, especialmente, o de que não veria mais seu filho [4].

Paremnésia

Os mesmos casos que se contam, de êxito na precognição, muitas vêzes nem foram êxitos, se considerarmos bem os detalhes.

Poderíamos definir a paremnésia aplicando-a ao nosso assunto como lembrança das coincidências mínimas e esquecimento das divergências mais importantes.

> Ao monsenhor LANGÉNIEUX, quando tinha sete anos de idade disse uma mulher: "Menino, você será bispo e sagrará o rei".

Analisemos o prognóstico: prever que certos meninos serão padres não tem importância nenhuma. Se um dêsses meninos é notadamente inteligente, etc., não é muito difícil prognosticar com alguma probabilidade que chegará a ser bispo. O risco correr-se-ía anunciando que seria bispo de Tarbes, concretamente, ou ao menos que chegaria a arcebispo, pois o foi de Reims. Mas a adivinha não deu nenhum dêstes dados concretos.

Um detalhe arriscado há no vaticínio: "Você sagrará o rei". Se, por casualidade se tivesse cumprido, o vaticínio seria apresentado como empolgante. Mas Mns. LANGÉNIEUX não sagrou nenhum rei...

Apesar de tudo, o vaticínio é considerado como importante [5]. Na realidade só é importante como prova da paremnésia: acreditou-se que se realizou o vaticínio porque se realizou o detalhe menos importante dêle, esquecendo-se os outros detalhes, presentes ou ausentes, que realmente seriam os característicos.

Lendo-se muitos casos dos que se apresentam como "precognições", logo se percebe um fato típico, geral: as "precognições" escritas "post factum" parecem empolgantes; escritas, porém, ante factum", é necessária uma dose enorme de boa vontade, para ver nelas algum êxito, mesmo que tais "precognições" sejam depois contadas por pessoas fidedignas. Aplica-se, simplesmente, aqui uma lei de psicologia humana da que não é nada fácil livrar-se.

"É necessário examinar os relatos até o extremo. É importante suspeitar das paremnésias, que fazem acreditar, com tôda boa fé, que não se trata de um acontecimento diferente... Às vêzes, a alteração da memória é tão intensa que afirma haver tido uma premonição não havendo nada disso" [6].

Inibição

Deu-se grande importância ao caso do senhor JUTTET.

> Êle tinha dito: "Tenho mêdo dos automóveis. Tenho o pressentimento de que morrerei num acidente de automóvel". E assim foi [7].

Ora, para julgar o valor dêste fato, seria necessário, em primeiro lugar, pô-lo em confronto com o número imenso de pessoas que tiveram semelhantes pressentimentos com respeito ao automóvel, trem ou avião e que nunca se realizaram. Em segundo lugar devemos ter em conta o papel da inibição.

> A uma consulente minha "um espírito" (?) anunciara, entre outras coisas, que morreria a começos de 1964 em acidente automobilístico. A consulente, uma senhorita de 22 anos, A. M., de S. Paulo, ficava materialmente rígida, imóvel, cada vez que cruzava por diante de um automóvel.

4 — GRASSET, J.: "L'Occultisme hier et aujourd'hui. Le Merveilleux préscientifique", 2.ª ed., Montpellier, Coullet, 1908 (1.ª ed., Paris, Masson, 1907), págs. 335 e 338.

5 — "Echo de Merveilleux", 1904, pág. 451.

6 — RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.ª ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 456.

7 — "Echo de Merveilleux", 1905, pág. 377.

Felizmente consegui liberá-la de outros sintomas patológicos (achava-se "possuída pelos espíritos" (!?), falava línguas estrangeiras desconhecidas para ela, padecia fortes crises de angústia...), e assim consegui também que se sobrepusesse à inibição que quase fêz "conseguir" que a profecia se cumprisse. Já estamos a fins de 1964, novembro, com o que o mêdo desapareceu por completo da jovem, aliás, agora gozando de perfeita saúde.

Sugestão ou auto-sugestão

Uma velha lenda islândica explica-nos perfeitamente o caso das aparentes precognições que na realidade são sòmente sugestões para o futuro.

> Havia uma grande festa em honra de INGIMUND. Numa espécie de trono elevado e ricamente adornado estava uma adivinha para predizer o futuro dos homens presentes que quisessem aproximar-se dela para êste passatempo. De todos os homens presentes só INGIMUND e seu amigo INGJALD, precisamente por serem talvez os mais sugestionáveis e temerosos da adivinhação, conservaram-se afastados da adivinha.
>
> A adivinha perguntou porque INGIMUND não indagava seu futuro, sendo precisamente êle o homenageado naquela festa. Respondeu INGIMUND que não tinha empenho em saber seu futuro e que também não queria saber se as profecias dela dariam ou não certo. Mas a adivinha, talvez ressentida, prognosticou sem ser perguntada: "INGIMUND cultivará as abandonadas terras da Islândia, tornar-se-á célebre, morrerá velho. Os seus descendentes também serão famosos na Islândia".
>
> INGIMUND quase riu da loucura anunciada pela adivinha: iria êle abandonar suas produtivas e extensas terras para ir cultivar outras terras abandonadas e distantes? Houve uma acalorada discussão entre INGIMUND e a adivinha, não terminando em tragédia porque INGIMUND decidiu dominar-se, em atenção ao dono da casa.
>
> No ano seguinte INGIMUND começava a dar mostras de uma psiconeurose obsessivo-convulsiva, como resultado das palavras da adivinha. Após o seu casamento disse perante o rei: "estou muito contente com a minha sorte e é grande honra merecer a simpatia de Vossa Majestade. Mas não consigo tirar da cabeça uma profecia que me fizeram de que devo mudar de terra. Gostaria que essa profecia nunca se realizasse, pois não quero abandonar a minha pátria".
>
> Algum tempo depois, INGIMUND já não mais podia resistir. Sem motivo nenhum plausível estava convencido de que não poderia deixar de ir à Islândia para cumprir a profecia. Deu um grande banquete de despedida, explicando que partiria "não por vontade própria, mas pela dura e desagradável fôrça do destino". Dava liberdade a todos os seus súditos para seguí-lo ou não. Muitos o seguiram com suas famílias. A todos êles deve a Islândia a origem da sua agricultura.

A lenda encerra uma grande parte da realidade histórica. Em todo caso, na lenda se reflete bem como muitas profecias não são verdadeiramente conhecimento direto do futuro mas uma sugestão que chega a ser obsessão e depois convulsão obrigando a realizar o que não deveria ter-se realizado, se a profecia tivesse sido feita a uma pessoa menos impressionável, ou se vivesse em outro ambiente onde não se teria deixado arrastar pela crença generalizada na fôrça do destino.

Muitas adivinhações, horóscopos, destinos lidos nas linhas da mão, ou nos astros, ou nas cartas, realizam-se, não porque os adivinhos prognosticassem realmente o futuro, mas porque os consulentes (quase diríamos "as" consulentes) tôlamente deixaram-se arrastar a cumprir êles mesmos o prognosticado.

O destino não está feito, nós o fazemos.

Suicídios por auto-sugestão

> Denize BLANC era uma jovem de dezoito anos e de boa saúde. Insistia em que tirassem uma fotografia dela, pois morreria logo. Precognição?
>
> Estando ela um dia no seu aposento, fora se dá o sinal de alarme: "fogo! fogo!" Ao lado da casa, separado por um pequeno pátio, havia uma oficina de cestaria. É lá onde pegou o fogo, mas o extinguem logo e não causa danos sérios. O pânico, porém, de Denize é tão grande que se sente impressionada, perturbada. Tem que ficar de cama. Aos poucos

vai se debilitando, prêsa de uma enfermidade mal definida atribuída ao "terrível" susto de um incêndio insignificante... Após dois meses morre.

Não temos necessidade nenhuma de ver aqui um caso de precognição. O grito de alarme que ouvira foi a escusa que procurara o inconsciente para realizar o seu prognóstico. Nenhum detalhe significativo foi previsto. Aliás um alarme semelhante não causa tão grande pânico nem à mulher mais assustadiça, mas só a quem, inconscientemente, está a espera de qualquer escusa para ocasionar uma cena. Não houvesse incêndio, o mesmo teria acontecido por um menino que gritasse, por uma voz ouvida na rua, por um prato que caisse ao chão, por qualquer coisa...

Crimes por hetero-sugestão

Desgraçadamente, os quiromantes, astrólogos, adivinhos, cartomantes, etc., possuem um nível intelectual muitas vêzes não suficientemente elevado para dar-se conta das conseqüências que podem ter os seus prognósticos; não sabem, nem suspeitam, que duma simples sugestão pode depender a felicidade e até a vida dum ser humano. Com tanta ignorância como, às vêzes, boa fé, chegam até a predizer ano, mês, e dia da morte do consulente. A uma pessoa perfeitamente sadia anunciam também até da doença que morrerá. Resultado: por sugestão, o inconsciente, se é de pessoa sensitiva, pode ficar suficientemente inteirado e impressionado para provocar a doença anunciada e a morte no momento assinalado. Não é precognição, é crime, embora realizado às vêzes com absoluta boa intenção. E isto é pior, pois não é fácil castigar e corrigir. Os casos abundam.

É notável como o inconsciente do "mago" se esforça, às vêzes, por vencer a resistência que a realidade lhe oferece à realização do crime irresponsável.

A secretária do médium espírita W. STEAD era de saúde delicada, e de humor desagradável ao menos para STEAD.

Um dia o médium, pela escrita automática recebe uma mensagem "assinada por Júlia, seu espírito guia" (?!): "Tenha paciência, ela virá fazer-nos companhia no fim do ano". Isto era escrito em Janeiro. Davam, pois à secretária quase

um ano de vida. A predição foi repetida várias vêzes, sempre assinalando como data da morte da secretária o fim do ano. Em dezembro concretiza-se mais: "ela não virá para nós de uma maneira natural, mas será certamente no fim do ano. Julia". Passou-se, porém, o mês de dezembro sem que apesar da sua delicada saúde, morresse a secretária.

No dia dez de janeiro, fora já do prazo, a secretária teve que guardar o leito mais uma vez. O médium escreve então automàticamente: "Eu (Júlia) posso equivocar-me por alguns dias, mas tudo que tenho dito é verdade: dize-lhe adeus". O médium vai, com efeito, despedir-se. No ato, para explicar porque o faz, lê à sua secretária tôdas as mensagens: "Ela não virá para nós de uma maneira natural... Posso equivocar-me por alguns dias, mas tudo o que disse é verdade..." Dois dias depois a doente se joga pela janela, matando-se[8].

Precognição? O caso tem explicação natural muito lógica e fácil. Nada tem de estranho que o médium manifeste sua antipatia para com a secretária, escrevendo automàticamente um vaticínio anunciando a morte. Todos os dias, nos consultórios psiquiátricos, encontram-se em muitos pacientes dramatizações semelhantes em sonhos, por exemplo. É plenamente explicável também, psicològicamente, que STEAD vendo que passavam os meses sem que o vaticínio se cumprisse, dramatizasse o desejo inconsciente e irresponsável de provocar a morte: morrerá "não de uma maneira natural". Como por pura telepatia não se obteve êxito, o inconsciente de STEAD recorre em última instância ao expediente de ler para a doente as "mensagens recebidas do espírito de Júlia" (!?). Compreende-se que o psiquismo da doente, que aliás acreditava sinceramente no espiritismo, ficasse impressionado. "Não de uma maneira natural... Tudo é verdade..." E a doente se suicidou...

A êste e outros casos de morte devem-se acrescentar casos de menores, mas graves conseqüências, como doenças, acidentes, matrimônios infelizes, noivados frustrados, desesperos de almas, etc. Isso acontece, principalmente com gente crédula e sugestionável, muito numerosa, aliás, como demonstram as repetidas e assíduas consultas a adivinhos de qual-

8 — STEAD: "My experience in automatic writing", Borderland, 1894, tomo II, págs. 43 ss.

quer espécie. O "vidente" não se perturba com isso. Êle, ignorante dos danos que pode acarretar, continua suas "triunfantes" viagens de cidade em cidade, explorando e enriquecendo-se à custa dos infelizes e atormentados que a êle acodem.

Êstes irresponsáveis tiveram até o atrevimento de pôr-se contra a ciência, aconselhando doentes a não consultar médicos nem psicólogos, etc., e abandonar os tratamentos.

Há muitas causas "normais" de aparentes precognições.

Citamos algumas, talvez as principais entre as causas "normais": fraude, astúcia, imprecisão do estilo, casualidade, paremnésia, inibição, auto-sugestão e hetero-sugestão.

Neste capítulo prescindimos das causas extraordinário-normais e paranormais.

Pseudo-precognições-II 17

CAUSAS PARAPSICOLÓGICAS DAS PRECOGNIÇÕES APARENTES

A hiperestesia salva muitas vidas. — Os que vêem sua própria morte. — As pseudo-profecias de SÓCRATES. — PSI-GAMMA e a política. — Psicanálise das pseudo-precognições.

NO capítulo anterior vimos algumas explicações "normais" das aparentes precognições. Tais causas "normais" são evidentemente as mais freqüentes. Há, porém, muitos casos que não se explicam por essas causas "normais". São realmente precognições ou conhecimento direto do futuro? Devemos também ter presentes os fenômenos parapsicológicos extraordinário-normais e inclusive paranormais, que poderiam explicar muitas aparentes precognições.

Hiperestesia

O senhor Vicente SASSAROLI, diretor dum grupo de músicos na cidadezinha de Sartano, anunciou um dia que o local dos ensaios iria ruir. Era a casa do cônego BACHERINI. SASSAROLI, completamente convencido do que anunciara, insistiu para que um arquiteto competente examinasse a casa. Não se encontrou nada de anormal, e foi ridicularizada a estupidez e covardia de SASSAROLI. Um dia, SASSAROLI repetiu sua predição com certa solenidade. Riram-

se dêle, taxando-o de visionário. Mas logo que os músicos sairam à rua, depois do ensaio, a casa desmoronou. Há uma relação abundante e detalhada de testemunhas do fato 1.

SASSAROLI não podia determinar o ponto fraco da casa, nem sequer sabia que estava fraca em alguma parte. Simplesmente o inconsciente captava vibrações esquisitas, barulhinhos mínimos, os sintomas do próximo desmoronamento da casa, surgindo apenas no consciente uma idéia vaga de ameaça de desabamento, sem se concretizar o dia.

Para se entender êste e outros casos semelhantes, bastará lembrar que, por exemplo, cavalos salvaram a vida de seus donos porque se punham nervosíssimos até ter o dono que tirá-los do estábulo. Pouco depois afundava-se tôda a casa.

Tudo induz a crer que, em certos casos, vários animais tinham pressentido o terremoto que se avizinhava.

Muitos insetos e outros animais são tão sensíveis a mutações elétricas ou de qualquer gênero, que isso lhes permite tomar atitudes pelas quais os homens podem deduzir que se aproximam tais ou tais outros acidentes meteorológicos.

Há pessoas que sentem com bastante antecedência vir a chuva, mudança de tempo, etc.

Há muitas pessoas especialmente sensitivas. Casos de sensações inconscientes, de estímulos mínimos, são muito freqüentes, como indicamos ao falarmos da hiperestesia.

Compreende-se perfeitamente que, pelo simples fato de serem inconscientes as sensações que possibilitam o prognóstico, seja fácil atribuir êstes casos a faculdades paranormais ou ao influxo do sobrenatural...

Autoscopia

Certos indivíduos hipnotizados, anormais, etc., ou mais em geral certos sensitivos, têm a noção visual dos seus próprios órgãos internos. Uma sensação inconsciente e hiperestésica com alucinação visual. Fenômeno a que se chamou "autoscopia", visão de si mesmo (de scopeo = ver; autós = a si mesmo).

1 — FLAMMARION, C.: "La mort et son mystère", 3 vol., Paris; E. Flammarion, 1920-1921, pág. 536.

Mesmo os indivíduos normais sentem, ao menos inconscientemente, os menores sintomas dos seus órgãos. Nada de estranho, pois, que sob o fundamento da autoscopia pròpriamente dita (com alucinação visual) ou impròpriamente dita (só sensação inconsciente dos sintomas internos) possam alguns sensitivos prognosticar sua futura doença, que imperceptìvelmente já começa, ou a morte, da mesma forma que um médico poderia prognosticá-la se pudesse conhecer êsses mínimos dados que só o inconsciente capta hiperestèsicamente... Tais supostas precognições podem às vêzes ser empolgantes pelos detalhes.

O grande pintor Giovanni SEGANTINI, por exemplo, sentia mas só inconscientemente, os sintomas mórbidos da doença que começava, impossível ainda de ser percebida pelo médico. Isto lhe inspirou um quadro alegórico: Desenhou um alegre "chalet" num planalto admirável, para simbolizar a alegria, a saúde aparente. Mas diante do "chalet" o pintor desenhou um ataúde: a morte era a realidade que acultava aquela aparência...

Um dia, sonhou o pintor que êle próprio estava no ataúde, o mesmo ataúde, o mesmo "chalet", o mesmo planalto. O inconsciente intensificava seus avisos, que lamentàvelmente não foram compreendidos.

Com efeito, poucos dias depois, se declara uma peritonite aguda, que ocultamente vinha minando o pintor. Não houve remédio, era já demasiado tarde. Treze dias após o sonho, Giovanni SEGANTINI morria.

Eautoscopia

A visão alucinatória do próprio interior projetado no exterior chama-se "eautoscopia" (scopeo = ver; eautós = a mim mesmo).

O seguinte caso de eautoscopia é muito parecido ao que citamos de autoscopia.

O Sr. HURTINGTON, uma noite, apesar de sua boa saúde, vê em sonho seu próprio esqueleto, que de fora do seu corpo olha para êle fixamente, depois levanta o cobertor e se deita no seu próprio lugar, isto é, dentro do seu corpo... O Conde HURTINGTON sente que aquilo é anúncio

> do que se sucederá em breve, mas ri com a sua espôsa: Segundo o sonho, ela havia dormido essa noite ou dormiria após algum tempo com um esqueleto. Quinze dias depois o Conde HURTINGTON era enterrado. Ninguém poderia suspeitar isto no dia do sonho, dada a magnífica saúde aparente de que desfrutava o Conde, mas a espôsa nunca pôde tirar da cabeça o sonho do seu marido.

Para explicar o caso basta uma dramatização inconsciente dos sintomas de doença grave captados também inconscientemente. Não nos vemos obrigados a admitir por êsses casos a precognição autêntica.

Heteroscopia

É evidente que além da autoscopia e cautoscopia, devemos considerar também a heteroscopia como causa de muitas aparentes precognições. A heteroscopia é a visão alucinatória dos órgãos internos de outra pessoa (scopeo = ver; hetero = outro).

Os sintomas externos duma doença ainda normalmente imperceptíveis, mínimos, podem ser captados hiperestèsicamente por outra pessoa.

Há um fato curioso nos anais da Medicina que dá uma pequena idéia do que são essas aparentes precognições baseadas na hiperestesia. Tem-se podido, com efeito, alguma vez, descobrir por meio de ampliações em fotografias coloridas, pequenas erupções vermelhas no rosto de pessoas ligeiramente febris. A visão normal não descobriria absolutamente nada. Pouco depois se declaravam nessas pessoas as erupções da varíola ou do sarampo.

Com mais razão e acuidade do que a fotografia pode o inconsciente captar por heteroscopia (ou só por seu fundamento, a hiperestesia) sintomas da doença de outra pessoa, originando o que pode, erradamente, ser tomado por precognição paranormal.

Mais ainda: sabemos que tôda idéia, inclusive inconsciente, que ocupa o nosso cérebro se reflete em sinal externo... Assim, quando o nosso inconsciente capta os primeiros sintomas ou primeiros pródromos de uma doença, ou chega já, a partir daí, a deduzir êle mesmo a manifestação de uma

doença futura, essa idéia inconsciente tem seu reflexo fisiológico externo. Por hiperestesia indireta do pensamento, outra pessoa pode captar em nós os sintomas ou idéias da futura doença... Portanto, a partir da heteroscopia, real (com alucinação visual do órgão interno de outra pessoa) ou só em fundamento (hiperestesia, direta ou indireta, sem alucinação), pode-se chegar a uma precognição aparente.

Tornou-se famoso um caso determinado, por ter sucedido a um médico de absoluta seriedade científica e que, "ante factum", tomou as providências necessárias para garantir o caso.

> Era êste médico o Dr. de SEMYN, que viu, em sonho, que seu filhinho, de quatro anos, caía no fogão e morria carbonizado. Acordou horrorizado e, sem poder evitá-lo, correu ao quarto do filho. "Graças a Deus" — exclamou ao encontrar o filho dormindo plàcidamente —, "não é mais do que um sonho".
>
> O menino passou a noite e a manhã seguinte perfeitamente mas, ao meio-dia, foi tomado de febre altíssima. O pai, médico, horrorizou-se, compreendendo que seu nítido e estranho sonho fôra uma dramatização inconsciente, prognosticando a febre que agora padecia seu filho. Compreendeu que seu filho estava perdido, apesar de um colega chamado, assegurar que a doença não era grave. O pai estava convencido do desenlace fatal. Com efeito, a doença se agravou cada vez mais e o menino morreu de bronco-pneumonia generalizada [2].

Certos sintomas captados hiperestèsicamente pelo inconsciente do pai médico permitiriam o prognóstico, seja captando diretamente os sintomas, ou captando os sinais refletidos pelo inconsciente do próprio menino.

Os casos poderiam multiplicar-se. São numerosíssimos os recolhidos nas coleções e centros especializados.

Hiperestesia indireta do pensamento

Eis um caso concreto, clínico, embora não se dêem os nomes reais para guardar o segrêdo profissional.

---

2 — Citado por RICHET, Charles, "Traité de Métapsychique", 2.a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 465.

"A" se entrevista com "B" para discutir uma futura associação comercial. Fica muito favoràvelmente impressionado e decide tomar a "B" como sócio. Aquela noite tem o seguinte sonho: "Vejo "B" no escritório, repassando os livros e examinando os números para ocultar um desfalque que tinha dado, como desvio de grande quantia". Acorda, e como está acostumado a prestar atenção aos sonhos especiais, fica um pouco intrigado. Depois pensa que muitos sonhos são a expressão de nossos desejos irracionais segundo algumas teorias. O sonho, pensa, só indica o seu próprio caráter propenso à concorrência com matizes de hostilidade. Tenta convencer-se de que isso e nada mais é que o levou a pensar mal de seu sócio. E rejeita o seu sonho irracional.

Noutras ocasiões, em sonhos e acordado, sente suspeitas semelhantes. Rejeita-os de nôvo como irracionais; seu sócio, tudo o demonstra, é um modêlo de probidade. Assim, com repetidos sonhos e suspeitas de desfalque e de emenda nos livros, vão passando os anos. Até que, por fim, um dia descobre que "B" tinha desviado realmente enormes quantidades de dinheiro e que tinha ocultado a malversação com falsos assentos nos livros de contas.

A análise clínica dos sonhos e associações do inconsciente de "A" demonstrou que o inconsciente tinha percebido, já no primeiro encontro, facêtas suspeitas no caráter de "B", mas no consciente não só desaparecia esta impressão desfavorável, mas aparecia totalmente o contrário. No decorrer dos anos, no convívio contínuo com o sócio, foi manifestando-se em freqüentes avisos a hiperestesia indireta do pensamento [3].

Compreende-se que a hiperestesia indireta do pensamento, ao menos uma hiperestesia inconsciente, pode ser uma das mais importantes causas de aparentes precognições.

O talento do inconsciente

É evidente que poderíamos também falar em "talento do consciente" mas neste caso ninguém cairia no êrro de pensar que se tratara de precognição autêntica.

3 — FROMM, E.: "The forgotten language". Usamos a tradução espanhola de: CALÉS, Mario: "El lenguaje olvidado. Interpretación de los sueños, mitos y cuentos de hadas", Buenos Aires, Hachette, 1957, pág. 45.

Sabemos já (em alguns dos exemplos recentemente citados temos uma confirmação), que o inconsciente dramatiza com freqüência suas mensagens e que tem uma grande capacidade de dedução, um grande talento. Isto nos leva a uma das mais interessantes explicações da aparente precognição.

Em muitos casos, "predizer" significa só inferir inconscientemente o acontecimento futuro baseando-se no conhecimento do presente. "Predizer" é expôr a conseqüência dum raciocínio inconsciente mais ou menos complicado.

É por isso que nos livros de hipnotismo, por exemplo, previne-se freqüentemente o experimentador contra o que pode parecer precognição autêntica não o sendo [4].

As precognições aparentes mais propícias a superstições ou falsas interpretações são as que se referem aos efeitos que chamamos fortuitos. Prever uma morte como resultado de uma doença oculta admite-se com mais facilidade como fenômeno meramente natural; mas prever um acidente de automóvel, por exemplo, resulta mais inexplicável, por acreditar-se que o inconsciente não pode ter dados para suspeitar o que é casual, inesperado, repentino. Mas na realidade nem tudo o que chamamos fortuito é completamente fortuito.

LAPLACE afirmou no seu "Essai analitique sur les probabilités": "se houvesse uma inteligência que pudesse conhecer tôdas as fôrças de que a natureza está animada e a situação respectiva dos sêres que a compõem, se por outra parte essa inteligência fôsse suficientemente capaz para submeter todos êstes dados a análise..., nada haveria de incerto para ela, o porvir como o passado estariam abertos ao seu olhar".

Prescindindo do evidente exagêro desta afirmação, o certo é que as causas inteiramente livres e sucessos inteiramente imprevisíveis são em muito menor número do que suspeitamos. Por conseguinte, quem conhecesse todos os matizes dos caracteres, inclinações, hábitos, quem conhecesse perfeitamente tôda a Física, a Mecânica, etc., até o último detalhe, saberia

4 — Cfr., por ex., JAGOT, Paul Clément: "Méthode moderne scientifique de Magnétisme, Hipnotisme, Suggestion", Paris, Editions Dangles, s. d. Tradução espanhola: "Magnetismo, Hipnotismo, Sugestión", Barcelona, Iberia, s. d. Nós citamos da tradução portuguêsa: "Magnetismo, Hipnotismo, Sugestão", São Paulo, Mestre Jou, s. d., pág. 45.

quase com certeza como procederia em determinadas circunstâncias cada causa livre ou determinaria a possibilidade de cada acontecimento casual.

Mas, para que haja precognições aparentes, não se precisa conhecer tudo. O inconsciente, porém, conhece muito, pois não esquece nada do que consciente ou inconscientemente, normal, extraordinária ou paranormalmente penetrou no seu "fichário".

Em determinadas circunstâncias pode o inconsciente manejar inumeráveis dados dêsse "fichário", combiná-los, analisá-los e dar-nos uma dedução "insuspeitada" em forma de empolgante mas só aparente precognição.

Na história vemos prestigiosos casos de intuição, de precognição, que são apenas deduções inconscientes.

> Conta CÍCERO [5] que, depois da batalha de Delos, SÓCRATES e LAQUES fugiram através dos campos com alguns soldados. Chegados a uma encruzilhada, SÓCRATES disse de repente: "Não devemos continuar pelo caminho dêste lado; meu Gênio familiar me anuncia que por aí padeceremos alguma desgraça. LAQUES e alguns outros seguiram o conselho do "Gênio" que SÓCRATES acreditava freqüentemente ouvir. Os que seguiram pelo caminho oposto foram logo massacrados pela cavalaria inimiga.
>
> Noutra ocasião, estava SÓCRATES jantando num banquete com TIMARCO. Ora, TIMARCO, de acordo com FILEMON, pensava em assassinar aquela mesma noite um inimigo seu. O jantar prolongou-se bastante: chegou a hora marcada. TIMARCO levantou-se, rogando aos convivas que o desculpassem pois tinha que ausentar-se. SÓCRATES se interpôs, alegando que seu "Gênio" anunciava uma desgraça. Pouco depois TIMARCO tentou de nôvo sair. De nôvo SÓCRATES o impediu. Por fim TIMARCO burlou a vigilância de SÓCRATES, saindo sem ser percebido. Desta vez, o "Gênio" não avisou SÓCRATES da saída de TIMARCO...
>
> Presos antes de realizar o crime, tanto TIMARCO como FILEMON foram condenados à morte por cicuta. TIMARCO, antes de bebê-la, lamentava não ter obedecido ao "Gênio" de SÓCRATES...

5 — CICERO, Marco Tulio: "Opera omnia", tomo XIII: "De divinatione" (dividido em dois livros ou partes), Edic. Taur., 1831.

Existia de fato tal Gênio, que avisava a SÓCRATES do que aconteceria? Evidentemente que não. SÓCRATES, dados os escassos conhecimentos da época, não sabendo a que atribuir os resultados das rápidas elucubrações do seu inconsciente, acreditou que eram revelações dum Gênio, duma divindade...

No caso de TIMARCO, não era especialmente difícil compreender o processo: era a primeira vez que TIMARCO tentava cometer um crime. Em conseqüência, pouco dono de si mesmo, indicava com a agitação exterior a turbação do seu coração. SÓCRATES passava por um esperto fisionomista, estava acostumado a observar profundamente os acontecimentos e os homens. Um conviva que se levanta da mesa contra tôdas as normas de cortesia e com a agitação refletida no rosto, não podia passar despercebido a SÓCRATES.

Apesar da facilidade com que PLUTARCO aceita tudo o que é maravilhoso, não pode deixar de reconhecer, no livro que escreveu sôbre o Gênio familiar de SÓCRATES [6], que não havia no caso mais do que uma clara penetração, profundo conhecimento dos homens, inteligência absolutamente extraordinária. XENOFONTE [7] e mesmo o discípulo predileto de SÓCRATES, PLATÃO [8], estão de acôrdo. É curioso constatar como descrevem o inconsciente, tantos séculos antes de FREUD, embora não empregassem, claro está, a palavra "inconsciente".

Não é fácil que uma mesma pessoa tenha, com tanta freqüência como SÓCRATES, aparentes precognições e especialmente tão empolgantes e difíceis ao ponto de induzi-la a pensar que está sendo assistida por um Gênio (!).

Talentos como o de SÓCRATES só uma vez em vários séculos aparecem no mundo.

Não obstante, aparentes precognições isoladas, menos "inexplicáveis", podem ser relativamente freqüentes em determinadas pessoas. Uma ou duas dar-se-ão fàcilmente em quase tôdas as pessoas...

6 — PLUTARCO: "Vida de grandes homens", XX: "Sôbre o Gênio de Sócrates".

7 — XENOFONTE: "Apologia de Sócrates".

8 — PLATÃO: "Theageto".

É evidente que no caso de SÓCRATES não podemos excluir esporàdicamente algumas precognições devidas não só ao talento do inconsciente mas também à hiperestesia, etc., e inclusive a algum fenômeno paranormal isolado...

Possibilidades de outras causas

Está dito tudo a respeito das precognições aparentes? Para muitos metapsíquicos, sim. Escreve, por exemplo, o Dr. GRASSET: "não pode haver pressentimentos superiores aos baseados nos raciocínios inconscientes mais ou menos complicados. Nenhum caso publicado sob o nome de adivinhação ou profecia [9] me parece capaz de contradizer êste asserto" [10].

Nos tempos de GRASSET ainda não tinha avançado suficientemente a investigação psíquica... Hoje, a Parapsicologia tem demonstrado a existência de PG, faculdade que nos tempos de GRASSET, êle e muitos outros ainda não admitiam. A faculdade PSI-GAMMA não poderá explicar casos "superiores aos baseados nos raciocínios inconscientes?".

Simulcognição paranormal

> O jovem GALLET, estudante de Medicina em Lião, preparava no seu quarto os exames de doutorado. Eram onze da manhã. De repente, sentiu-se obsecionado por um pensamento que lhe impedia estudar.
>
> Era dia de eleições no Parlamento francês. GALLET quis rejeitar o pensamento que o assaltou e continuar estudando. Impossível. Surpreendido pela insistência e fôrça do pensamento que o perturbava, escreveu no seu caderno de notas de Anatomia: "O Sr. CASIMIR-PERIER é eleito Presidente da República por 451 votos". Mostrou, intrigado, o escrito ao colega, VARAY, que estudava no mesmo aposento. Depois do almôço, foi à aula da Universidade. No caminho encontrou dois colegas, BOUCHER e DELORME, que se riram: a candidatura de CASIMIR-PERIER não tinha

9 — Sem nos referirmos às profecias bíblicas e semelhantes que são manifestamente de outra ordem. Expressamente GRASSET faz esta ressalva.

10 — GRASSET, J., o.c., pág. 331.

> esperanças. Todos os prognósticos da França se dividiam entre os deputados BRISSON e DUPUY. Depois das aulas os quatro estudantes brincando com as pretensões de profeta de GALLET entraram no café para esperar o resultado das eleições. Qual não foi a surprêsa quando chegou a notícia! De 485 deputados votantes, 451 (número exato anunciado por GALLET) tinham votado no Sr. CASIMIR-PERIER contra tôdas as esperanças.

RICHET vê nestes casos uma verdadeira precognição da publicação da notícia, "incontestàvelmente um dos mais belos casos que possuímos" [11].

Mas, GALLET tinha sido possuído pela idéia do triunfo do deputado CASIMIR-PERIER com o número exato de votos às 11 da manhã do dia 27 de junho de 1894. Nesse momento já estavam bem definidas no Parlamento as tendências dos deputados. Portanto, é permitido diagnosticar o caso como de simulcognição.

O caso de GALLET se realizou durante a vigília, o que o faz muito mais notável. Durante o sonho, ou qualquer outro estado de maior inconsciência, os casos são mais freqüentes e podem alcançar detalhes mais importantes.

Eis outro exemplo, tradicionalmente catalogado como precognição autêntica (a nosso ver erradamente) e que se tornou muito célebre, pelas personagens que nêle intervieram.

> O Exmo. Sr. Joseph de LENYI, Bispo de Grossvarden, sonha uma manhã que vê sôbre a mesa de trabalho uma carta com bordas pretas em sinal de luto, com o timbre do Arquiduque ALBERTO, de quem o senhor Bispo tinha sido professor de húngaro. No sonho o Bispo crê abrir a carta e ver desenhada uma rua, da qual parte um pequeno desvio. Vê ainda o Arquiduque, sentado com a espôsa num automóvel. Um general os acompanha, e na frente, junto com o chofer, um oficial. Ao redor do automóvel, uma multidão enorme.
>
> De repente saem dentre a multidão dois jovens que disparam sôbre as altezas imperiais.
>
> O Bispo não vê mais o episódio, mas sonha que a carta está redigida nos seguintes têrmos: "Eminência, querido

11 — RICHET, Charles, o. c., págs. 495 s.

sr. LENYI: Comunico-vos que acabo de ser vítima com minha espôsa dum crime político em Sarajevo. Encomendamo-nos às vossas orações. Sarajevo, 2 de junho de 1914, às quatro horas da manhã". Neste momento acorda impressionado o senhor Bispo. Ainda não eram quatro e meia.

Tomou êle, então, a louvável precaução, em proveito da ciência, de escrever todos os dados e detalhes do seu sonho, reproduzindo até, o melhor possível, a forma das letras que lhe haviam aparecido na carta que sonhou como recebidas do Arquiduque.

Quando, às seis da manhã, chega o empregado, encontra o senhor Bispo tremendo e rezando o têrço. O Bispo manda chamar sua mãe e um hóspede e conta-lhes o estranho sonho. Durante o dia recebe um telegrama referindo o atentado.

Todos êstes detalhes foram escritos pelo próprio Bispo numa carta que escreveu a seu irmão, o padre jesuíta Eduardo LENYI, que os publicou.

O Dr. GRABINSKI investigou todos os detalhes apontados confirmando-os todos [12]. Monsenhor LENYI sonhou que dois jovens disparavam contra os arquiduques. Na realidade foram lançadas duas bombas de pequena potência. Mesmo assim, o caso é admirável e perfeitamente autenticado. Como se sabe, êste frustrado atentado e outro fatal pouco depois deram origem à Primeira Guerra Mundial.

Precognição da carta que haveria de receber como é tradicionalmente interpretado? Penso que esta interpretação é arriscada demais. Os detalhes todos garantem com evidência que se trata duma simulcognição telepática: Monsenhor LENYI capta todo o pensamento do arquiduque quando êste escrevia a carta, inclusive a angústia ou lembrança da cena do atentado e não só o breve comunicado, até o dado de dois jovens disparando simultâneamente, que era provàvelmente êrro do mesmo arquiduque que não percebera bem os fatos. O envelope de bordas pretas pode ser dramatização inconsciente por parte do arcebispo do perigo que houve de *morte*.

Esta explicação da precognição por meio da simulcognição é muito freqüente nos casos em que se deva exigir uma explicação paranormal.

12 — "Psychische Studien", 1918, XLIV, págs. 324 e 465.

A retrocognição

Consideramos a retrocognição como classificação prática. Mais ainda, englobamos neste item todo o conhecimento atual de "profecia" feita anteriormente. Além da retrocognição, incluímos, pois, também a pantomnésia ou lembrança arquivada do conhecimento anterior da "profecia" mesmo se esta "profecia" foi conhecida apenas inconsciente e paranormalmente.

Às vêzes, o mecanismo psicológico não aparece claro à primeira vista, mas um estudo experimentado pode mostrá-lo com facilidade. Para expormos com mais clareza a possível influência da "retrocognição", escolhemos de propósito um exemplo no qual o fundamento são precisamente certos acontecimentos anteriores, conservados por pantomnésia inconsciente.

Um jovem sonha que vê de certa altura numerosas cúpulas de uma cidade, tendo a sensação nítida de que é Kiev. Ao mesmo tempo tem a sensação de uma presença feminina atrás de si. Naquele tempo, êle não tinha a menor idéia de que poderia ir à Rússia.

Alguns anos mais tarde, um dos seus antigos colegas começa o estudo da língua russa para seguir a carreira diplomática e fala da Rússia ao jovem de modo que êle logo se interessa por êste país. Decidem ir lá juntos durante as férias. Lá, visitam diferentes cidades e chegam a Moscou. Em Moscou se desentendem e decidem continuar viagem separadamente. Enquanto um dêles se dirige para Nijni-Novgorod, o outro desce para Kiev.

Há já alguns dias que o jovem está em Kiev quando, vendo de um lugar alto o panorama da cidade, tem a impressão de reconhecer seu sonho. Constata então que desde a sua chegada a Kiev se fêz acompanhar por uma jovem, irmã de um colega de estudo, e que se encontrou sòzinho no resto do tempo.

O sonho pareceria precognição, pareceria conhecimento direto de um futuro sem nenhuma ligação com o presente, pôsto que foi tido quando nem se pensava em viagem à Rússia e menos ainda em panoramas com numerosas e características cúpulas de igrejas e ainda o caso da jovem que o acompanha e que agora está atrás dêle.

Mas uma análise clínica foi feita do caso, aparecendo o seguinte: O jovem apaixonara-se na sua infância por um romance intitulado "As Aventuras Extraordinárias de um Sábio Russo", adornado com numerosos desenhos de cúpulas, e de fotografias da heroína, uma jovem. Êste romance foi a sua primeira leitura e lembrou-se dessa leitura com insistência durante vários anos. Averiguou-se também que o jovem, na sua infância, fôra colecionador de selos e que recebera uma dessas estampilhas de correio carimbada em Kiev como presente de uma jovem com a qual êle brincava algumas vêzes e que era naquele momento sua melhor amiga. Todos êstes fatos explicam porque êle tivera aquêle sonho.

Assim se compreende como a representação mental de Kiev tinha para êle uma grande importância emotiva em conexão com uma figura feminina. Compreende-se também porque se deixou impressionar logo pela idéia de viajar à Rússia. Compreende-se porque preferiu separar-se de seu colega para ver Kiev que lhe interessava mais por impulso inconsciente do que Niini-Novgorod. Compreende-se porque no seu passeio pela cidade procurou um alto do qual pudesse ver o conjunto das cúpulas das igrejas. Um impulso inconsciente igualmente o levou a procurar a companhia da jovem cujo endereço conhecia e sem a qual poderia ter realizado seu turismo perfeitamente. Quanto ao reconhecimento dos lugares, o mesmo jovem assegurou depois destas comprovações que só era uma semelhança de conjunto [13].

A viagem, pois, procedera, como o sonho, das mesmas impressões arquivadas no inconsciente desde a infância.

É da máxima importância êste fator, que explica muitas aparentes precognições; como se vê, será sempre muito difícil determinar se tal ou qual proceder de uma pessoa, proceder que tenha sido prognosticado, não foi na realidade resultado de uma retrocognição ou da lembrança, ao menos inconsciente, da "profecia" a respeito, mesmo que a "profecia" tivesse sido conhecida só paranormal e inconscientemente.

Prognosticou-se porque anos depois haveria de realizar-se, ou se realizou por que anos antes tinha-se prognosticado? Por essa razão a experimentação parapsicológica da pre-

13 — ALLENDY, René: "Le probléme de la destinée", Paris, Gallimard, 1927, págs. 150 ss.

cognição pròpriamente tal, deve insistir (como veremos) em prognósticos de acontecimentos mecânicos, de sêres inanimados que não poderiam inverter o processo.

Outro caminho seria experimentar com um tipo de acontecimento em que interviessem muitas pessoas... A complexidade e multidão independente evitaria a influência do prognóstico, mas êste caminho, como se compreende, seria sumamente lento, difícil para a investigação, para o contrôle, etc.

Em conclusão

Como se vê, as explicações "normais" e parapsicológicas que tornam a precognição apenas aparente, são muitas. E estamos longe de haver enumerado tôdas as explicações possíveis. Os fenômenos parapsicológicos de efeitos mistos e físicos, de que não falamos neste livro, também poderiam ser aduzidos aqui como explicações de muitas pseudo-precognições.

Os melhores e mais equilibrados autores na época da Metapsíquica achavam que o homem só era capaz de pseudo-precognições, nunca de precognições autênticas. Em conseqüência, a Metapsíquica, a que se devem as melhores e mais abundantes coleções de "precognições", nunca, como veremos, tratou de experimentar a precognição verdadeira. Assim, o Dr. GRASSET, por exemplo, concluía: "Creio poder dizer que o dom da adivinhação ou profecia não tem sido cientìficamente estabelecido em ninguém, deixando de lado o sobrenatural; e isto é verdade para todos os estados de transe, de hipnose, etc. Nem o hipnotismo, nem o sonambulismo, nem a mediunidade desenvolvem ou fazem nascer esta faculdade em ninguém" [14].

A enumeração de causas de aparente precognição não prova precisamente que seja impossível a precognição verdadeira, mas ùnicamente que, *se não se demonstrar o contrário,* os casos devem ser interpretados como pseudo-precognições.

14 — GRASSET, J., o.c., pág. 333.

Por conseguinte, a negação por parte de muitos até da possibilidade de existir a precognição verdadeira, natural, não deve impedir (e de fato não impediu) a investigação.

Temos afirmado que muitas precognições são só aparentes; não negamos que possa existir no homem a precognição verdadeira. O que de fato já se provou, ou não, a respeito da precognição verdadeira pertence aos próximos capítulos.

São muitas as explicações parapsicológicas de aparentes precognições.

Citamos algumas, talvez as principais: hiperestesia direta, autoscopia e heteroscopia, hiperestesia indireta do pensamento, talento do inconsciente, pantomnésia, simulcognição paranormal, retrocognição...

Tendo presentes também as causas "normais" vistas no capítulo anterior e possíveis causas de efeitos mistos e físicos, compreender-se-á que, excluir num caso concreto tôdas as causas de aparente precognição, é sumamente difícil.

Mas, com isso, não negamos a possibilidade da verdadeira precognição como faculdade humana, faculdade que, como vimos, seria em todo caso de manifestação muito rara.

Precognição 18

CONHECIMENTO DIRETO DO FUTURO

A tragédia do "Titanic" estava prognosticada. — Empolgantes profecias de NOSTRADAMUS. — Tocando numa cadeira, sabe-se quem se sentará nela. — Um sábio inglês demonstra irrefutàvelmente o poder profético do homem. — Na Universidade realizam-se milhares de experiências e se comprova que o nosso inconsciente é profeta.

A DEFINIÇÃO de precognição formulada por RICHET em 1921 e geralmente repetida por parapsicólogos e metapsíquicos parece-nos suscetível de aperfeiçoamento. RICHET disse: "Precognição é a indicação, pelo sujeito, dum fato que ainda não se realizou e que nenhuma sagacidade, nenhuma perspicácia permitia prever" [1].

Na definição tradicional não se excluem claramente muitos casos de precognição aparente. Por exemplo, quando o metagnomo prognostica o futuro apesar de não conhecê-lo direta e paranormalmente, e depois provoca o fato prognosticado, mesmo paranormal e inconscientemente.

Precognição, no sentido estrito, é o conhecimento direto do futuro.

---

1 — RICHET, Charles, em "Revue Metapsychique", 1921, I, pág. 20.

A precognição espontânea de sucessos emotivos

Chamamos espontâneos àqueles casos de precognição realizados fora dos laboratórios de Parapsicologia. Nos últimos anos têm-se reconhecido milhares de casos espontâneos de conhecimento paranormal do futuro [2].

Evidentemente, muitos dêstes casos não resistem a uma análise séria; como vimos no capítulo anterior, não são precognições estritas. Mas outros casos espontâneos parecem, quando menos, sugestivos em prol da precognição autêntica. E assim como sempre houve adversários da precognição, assim houve também sempre, em todos os povos e épocas, a crença na precognição.

Tragédia

As tragédias ou mortes coletivas, naturalmente são mais emotivas em geral do que as mortes particulares e, pelo mesmo motivo, desequilibram mais, facilitando a manifestação da precognição.

> Como é sabido de todos, o famoso navio "Titanic" naufragou tràgicamente, na noite de 14 para 15 de abril de 1912.

2 — A principal coleção de casos espontâneos de precognição é formada pelos casos recolhidos e comprovados pela "Society for Psychical Research" (S.P.R.) de Londres e pela "sucursal" americana, embora nestas coleções não se recolham só casos de precognição mas em geral de qualquer tipo de PSI-GAMMA. Veja-se GURNEY, MYERS e PODMORE: "Phantasms of the Living", Londres, Trubner, 1891, dois volumes. Existe tradução francesa, mais divulgada, abreviada por: MARILLIER: "Les allucinations télépathiques", Paris, Alcan, 1891.

Essa magnífica coleção da S.P.R., está continuamente completando-se nas publicações periódicas da Sociedade: "PROCEEDINGS of the Society por Psychical Research" e "JOURNAL of the Society for Psychical Research", assim como nos correspondentes americanos: "PROCEEDINGS of the American Society for Psychical Research" e "JOURNAL of the American Society for Psychical Research".

Há também coleções de grande riqueza de autores que têm recolhido exclusivamente casos de precognição:

SALTMARSH, H. F.: "Foreknowledge", Londres, Bell, 1938.

ZORAB, G.: "Proscopie Het Rassel der Tockmst", Haia, Leopold, 1853.

BOZZANO, Ernesto: "Dei fenomeni premonitori", Roma, 1914. Trad. franc.: "Des phénoménes prémonitoires", Paris, A.S.P. (Annales des Sciences Psychiques), 1914.

> Pois bem, já desde o dia 23 do mês anterior, o Sr. J. O' CONNOR tinha reserva de passagem para si e família nesta viagem. Mas, uns dez dias antes da data assinalada para a saída do navio, O"CONNOR sonhou que "via o navio com a quilha ao ar e a bagagem e os passageiros flutuando ao redor".
>
> Entretanto, O'CONNOR, para não assustar seus familiares e amigos, não contou nada aos mesmos. Ora, o sonho se repetiu na noite seguinte. Ainda assim, O'CONNOR ocultou-o. Tendo, então, recebido notícias da América de que poderia retardar sua viagem porque não era urgente, decidiu prestar ouvido ao sonho e mandou cancelar sua reserva no "Titanic". Sòmente então contou o sonho a seus amigos, como explicação de porque não viajava. Não queria correr riscos, uma vez que a viagem não era urgente [3].

O caso foi referido pelo próprio protagonista à S. P. R. de Londres. Além disso, enviaram à mesma sociedade seu testemunho em carta assinada, três dos amigos a quem O' CONNOR contou, uma semana antes da partida do navio, os sonhos que tivera. O'CONNOR apresentou, aliás, como comprovantes, os passaportes e a reserva de passagens.

Terremoto

Os notáveis casos de prognósticos de tremor de terra com freqüência poderão explicar-se por hiperestesia. Há alguns casos, porém, que "sugerem" a existência da precognição. É famoso e bem comprovado o caso do Sr. LUSTENEU, um gentil-homem francês.

> Anunciou LUSTENEU a Lady Esther STANHOPE, em 1882, uma catástrofe sísmica em Alep e Antióquia. Pouco depois, em Alep, num banquete, o Sr. BARKER brincava com os senhores WOLFF, LESSEPS e MASEYK, cónsul da Dinamarca, a propósito de uma carta em que Lady STANHOPE pedia ao Sr. BARKER que não fôsse a Alep porque estava próxima a destruição da cidade. Todos riram. Alguns dias depois, um terrível terremoto destruía Alep e Antió-

3 — "Journal of Society for Psychical Research", 1912, XV, págs. 265-268.

quia, causando 60 000 mortes. O Sr. BARKER salvou a vida quase milagrosamente [4].

Uma dama da aristocracia romana, no dia 2 de dezembro de 1909 anunciou que viu em sonhos a cidade de Messina sacudida por um tremor de terra com invasão do mar, e que tinha sentido que êste cataclismo teria lugar no dia 8, 18 ou 28 do mesmo mês, sem que pudesse lembrar-se qual destas datas exatamente era a sonhada. Escreveu a êsse respeito uma carta ao rei da Italia pedindo-lhe que tomasse providências. O Dr. SANTI, contemporâneo que refere o caso afirma que tomou a precaução de corroborar o detalhe da carta escrita "ante eventum". Pois bem, Messina foi destruída por um terremoto no dia 28 de dezembro [5].

Concedemos que muitos casos de tremor de terra se têm prognosticado e não se realizaram... Mas os detalhes concretos de lugar e data não terão sido suficientemente significativos?

Precognição espontânea de acontecimentos intranscendentes

Em primeiro lugar, damos ao têrmo "espontânea" todo o seu possível alcance. Corre entre o grande público a idéia de que é no espiritismo ou em sessões de adivinhação, quiromancia, etc., que se dão com mais freqüência e precisão as precognições (ao menos aparentes). Isto é falso.

Os casos mais empolgantes e freqüentes são espontâneos. E não só por serem de fora do laboratório (neste sentido se toma a expressão "casos espontâneos" em Parapsicologia), mas também por surgirem completamente de improviso. Não é o homem que vai à procura da precognição, é a precognição que encontra o homem e o surpreende.

O próprio RICHET, o pai da Metapsíquica, que tanto apreciava a experimentação com "sujeitos" em "transe espírita" (embora rejeitasse o espiritismo), afirmava: "As premonições na hipnose e no espiritismo são menos freqüentes que as premonições casuais" [6]. E acrescenta em outro lugar: "As premonições acidentais são mais interessantes; são, em geral, mais notáveis e também mais numerosas do que as premonições experimentais... Chamo acidentais as premonições que se dão em sujeitos normais sem que haja tentativa nenhuma de experimentação" [7].

4 — HOWITT, William: "History of the supernatural", tomo II, pág. 26.

5 — BOZZANO, Ernesto, o. c., caso CCCXXXV.

As precognições espontâneas costumam, porém, dar-se em circunstâncias especiais, como durante o sono natural, ou em delírios causados pela febre, etc.

Analisando as coleções de precognições espontâneas, constata-se também, de imediato, que a precognição é mais fácil (ou menos difícil) e mais freqüente (ou menos rara) com referência a acontecimentos fortemente emocionantes: terremotos, suicídios, duelos, mortes, acidentes, ou impressionantes em sentido inverso: coroações de reis, bodas faustosas, vitórias após duras guerras. Os sucessos menos emocionantes não conseguem desequilibrar a qualquer "adivinho" para permitir que se manifeste PSI-GAMMA precognitiva... Contudo, há prognósticos detalhados de sucessos indiferentes, de acontecimentos intranscendentes ou de pouca importância. E é precisamente a pouca importância do prognosticado o que dá enorme importância ao prognóstico.

Por exemplo, a senhora Z. sonha que está no parque Richmond com a irmã. Lá, sôbre uma cadeira, encontram um medalhão de alfinête, de adôrno, que depois a sra. Z. dá à sua camareira. Ao amanhecer ela conta a outrem seu sonho. Horas depois, esquecida já, vai ao parque Richmond. E encontra na cadeira em que vai sentar-se um grande medalhão de alfinête igual ao que sonhara [8].

Como se compreenderá, o mais significativo dêste caso é precisamente a insignificância do que se prevê. Será simples simulcognição do medalhão já abandonado no banco? A senhora Z. seria levada ao parque por um impulso inconsciente? Mas como explicar então que o inconsciente soubesse que ninguém encontraria antes do que ela o medalhão? Ao menos é um caso "sugestivo".

6 — RICHET, Charles: "Traté de Métapsychique", 2.a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 467.

7 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., pág. 481.

8 — RICHET, Charles: "Traité...", o. c., pág. 515.

Também sonhando, a senhora JOHNSON vê-se saindo duma loja vazia com sensação de encontrar-se num país estrangeiro. Diante dela vê-se um enorme chapéu de palhaço... A senhora JOHNSON sabe que é especialmente "dotada", tendo o costume recomendável (do ponto de vista científico, mas em certos casos perigoso para a saúde) de anotar todos os seus sonhos, algo estranhos.

Pois bem, algum tempo depois a Sra. JOHNSON parte inopinadamente em viagem para a Riviera. Lá entra na loja de um florista. Fica surpreendida: aquela loja é conhecida para ela, apesar de nunca ter estado lá. De repente entra um senhor — era carnaval — que se inclina diante dela em grotesca reverência: sôbre a cabeça o chapéu vermelho de palhaço. Antes da entrada do bufão a loja estava vazia. Só então a Sra. JOHNSON lembrou o sonho que tinha anotado, cujos detalhes tinham-se realizado todos [9].

Detalhes, como se vê, completamente intranscendentes. Poderíamos multiplicar os exemplos de semelhantes casos em sonhos. Precognição autêntica?

O valor dos casos espontâneos

Evidentemente, contra todos os casos espontâneos pode-se objetar que entre a imensa quantidade de prognósticos é impossível que algum não se realize: é impossível errar sempre. Seria preciso demonstrar cientìficamente que não cabem outras explicações...

Uma coisa, porém, é certa. Têm-se recolhido milhares de casos espontâneos. Muitos dêles foram controlados, diríamos policialmente, por especialistas na observação do paranormal... Há casos que não "parece" possam explicar-se senão por uma faculdade estritamente precognitiva...

Sempre é necessária uma grande dose de desconfiança diante de qualquer suposta faculdade paranormal. Esta desconfiança, porém, deve diminuir algo, ou bastante, com respeito à precognição. Com efeito, a precognição não seria mais do que um aspecto de PSI-GAMMA que hoje está científica e absolutamente demonstrada.

---

9 — BOZZANO, Ernesto, o. c., caso CXXI.

PG prescinde dos obstáculos, mesmo das montanhas, que possam estar diante ou sôbre o objeto; PG prescinde da distância, ao menos dentro do nosso planêta, mesmo tratando-se de milhares de quilômetros; para PG dois, três atos, é igual do que um só ato, i. é, é simples, sem partes; PG é extrasensorial, etc. Numa palavra, PG é uma faculdade espiritual, segundo opinião unânime dos parapsicólogos de hoje (embora nós, neste livro, não nos tenhamos detido a demonstrar diretamente êste aspecto). O tempo, pelo contrário, é material... PG, por conseguinte, "deve" prescindir do tempo.

Claro está que são necessárias certas condições para que os casos espontâneos de precognição tenham alguma fôrça científica. Assinalamos três condições principais: os casos devem ser analisados por especialistas, bem comprovados e suficientemente numerosos.

"Analisados por especialistas", para não se confundirem os casos que seriam de precognição psigâmica com casos de outras faculdades não pròpriamente precognitivas.

"Bem comprovados", isto é, referidos por pessoas dignas de crédito, registrados preferentemente por escrito e "ante eventum", referidos pelos mesmos protagonistas ou testemunhas, etc. Muitos casos dos que se referem nas coleções científicas foram, aliás, comprovados "policialmente" especialmente por membros da "Society for Psychical Research".

E, por fim, *"suficientemente numerosos"*: em outras matérias poucos casos podem ser suficientes, não em Parapsicologia, onde são tantas e tão graves as dificuldades de observação e análise. Quando citamos um exemplo, é mesmo um exemplo entre muitos que se poderiam citar. O valor principal não reside no exemplo concreto, mas no fato de representar outros muitos.

Só com essas condições têm fôrça científica os casos espontâneos em prol de um aspecto (precognitivo) de uma faculdade já demonstrada cientìficamente (PSI-GAMMA).

Adivinhos "profissionais"

Esta classe de adivinhação constitui uma classificação intermediária entre os casos espontâneos e a experimentação. Não são experimentações de laboratório e poderiam

catalogar-se entre os casos espontâneos; mas tais adivinhos "profissionais" buscam provocar e controlar as precognições, o que seria um tipo de experimentação. Poderíamos citar milhões de casos... Como exemplo, bastará muito pouco.

NOSTRADAMUS e GUARICO ganharam ainda em vida reputação como adivinhos por acertos empolgantes, como, por exemplo, o prognóstico da morte de HENRIQUE II que ambos fizeram.

O célebre adivinho GUARICO "predisse-me — escrevia, incrédulo, o mesmo Rei — que eu morreria em duelo. Predisse que o Sr. de GUISA seria morto pelas costas e que um coice de cavalo esmagaria a cabeça de DÉSCARS. O Sr. de GUISA preocupou-se com aquela predição, como se lhe tivesse sido anunciado que era um covarde. DÉSCARS também não ficou satisfeito ao saber que teria de morrer de morte tão trágica... Não sei o que ocorrerá ao Sr. de GUISA e a DÉSCARS, mas não parece verdade que eu morra em duelo. Acabamos de fazer as pazes o Rei da Espanha e eu e embora não as tivéssemos feito, duvido muito que eu o mandasse chamar como o Rei, meu pai, mandou chamar a CARLOS V".

Além da carta do Rei, temos como testemunho a profecia mesma de GUARICO, impresa "ante eventum", em 1552.

O prognóstico realizou-se plenamente, no que se refere a de GUISA e a DÉSCARS [10].

Quanto ao rei HENRIQUE II, quando em 1555 apareceram as Centúrias de NOSTRADAMUS, encontrou-se uma quadra que imediatamente foi tomada como confirmação do prognóstico de GUARICO:

"O jovem leão ao velho tem de vencer
no campo de honra em duelo singular,
em gaiola de ouro seus olhos cravará.
Duas classes: uma. Depois a morte, morte cruel."
("Le lyon jeune le vieux surmontera
en champ bellique par singulier duelle,
dans cage d'or les yeux lui crévera.
Deux classes, une: puis mourir, mort cruelle.")

10 — GARÇON, Maurice, na revista "Histoire", Paris, Dezembro, 1953.

E, com efeito, houve um duelo singular: em conseqüência do tratado de Chateau-Cambresis, que pôs fim à guerra entre Espanha e França, organizaram-se grandes festas em Paris. Houve um grande torneio: uma classe de duelo.

"em champ bellique par singulier duelle.
Deux classes, une..."

No torneio, o Rei HENRIQUE II quis lutar contra o condestável MONTGOMERY. Segundo os comentaristas, tratava-se dos dois leões indicados por NOSTRADAMUS, o leão, signo astrológico de França e seu Rei, e o leão heráldico da Escócia sob cujo brasão combatia MONTGOMERY, então lugar-tenente da guarda escocesa na côrte de França.

"Le lyon jeunne le vieux surmontera."

No torneio, MONTGOMERY, o jovem leão, levado por seu ardor juvenil, golpeou com violência a couraça do Rei, o leão velho. A arma quebrou e um estilhaço de madeira penetrou pela viseira do elmo do Rei, que brilhava como ouro.

"dans cage d'or les yeux lui crévera".

Como conseqüência, morria pouco depois o rei HENRIQUE II.

"puis mourir, mort cruelle".

São prognósticos detalhados, por escrito, "ante eventum", com sete anos de antecedência o de GUARICO e com cinco o de NOSTRADAMUS [11].

NOSTRADAMUS fêz também outro prognóstico empolgante, completando uma vez mais um de GUARICO.

GUARICO tinha anunciado a Catarina de MÉDICIS que seria rainha, quando nada podia dar esperanças a tal prognóstico, pois o delfim, D. FRANCISCO, gozava de excelente saúde. O prognóstico se cumpriu, sendo o espôso de Catarina de MÉDICIS, HENRIQUE II, filho de FRANCISCO I, que herdou o trono [12].

NOSTRADAMUS anunciou mais: que Catarina não só seria rainha, mas que, além disso, veria feitos reis

11 — BRANTÔME: "Oevres completes", Paris, "Societé d'histoire de France", T.V., págs. 387 ss.
12 — BRANTÔME: "Oevres...", o. c., T.V., págs. 291 ss.

todos os seus filhos, menos LUIS, Duque de Orleans. E, com efeito, foram reis FRANCISCO II, CARLOS IX, HENRIQUE III e o senhor de Alençon, não pròpriamente Rei, mas senhor absoluto dos Países Baixos. Além disso, foram rainhas as filhas: ISABEL, casada com FELIPE II da Espanha em 1559 e MARGARIDA, casada com HENRIQUE de NAVARRA, depois HENRIQUE IV da França. LUIS, porém, segundo o prognóstico, nunca foi rei, morrendo muito jovem [13].

Casos semelhantes são bastantes. Poderíamos supor que os adivinhos "obrigaram" os acontecimentos, tão detalhados e complicados? Não seria supôr demais?

A crítica talvez só fôsse lógica com respeito à quadra de NOSTRADAMUS, que foi aplicada à morte de HENRIQUE II. Poderia ser "mérito" de interpretação, já que NOSTRADAMUS não disse que ela se referisse a HENRIQUE II e, de fato, o mais consciencioso e profundo intérprete moderno aplica esta quadra à Terceira Guerra Mundial que estaria prevista por NOSTRADAMUS (!?) [14].

A experimentação de laboratório

Apesar de estar já demonstrada PSI-GAMMA, a precognição pelo seu particular aspecto exigia uma experimentação específica.

A comissão que estudou e fêz experiências com numerosos sujeitos "magnetizados" (hipnotizados), concluiu pela existência da precognição. Mas a Academia de Medicina de Paris rejeitou, como sabemos, as conclusões e negou todo o valor às experiências da comissão!

Os metapsíquicos não experimentaram a precognição. Isto talvez se deva, como opina RHINE [15], ao fato de ser sempre considerado o problema da precognição como de âmbito religioso. Isto deteria os metapsíquicos, que fa-

13 — BRANTÔME: "Oevres...", o. c., T.V., págs. 294 ss.

14 — LIGEOIX de la COMBE Cdt.: "La troisième guerre mondiale. D'aprés les préditions de Nostradamus", Bordeaux. Imprimerie Samie, 1961-62, pág. 270. Inclinamo-nos a não aceitar esta interpretação, como exporemos no capítulo 19.

15 — RHINE, Joseph Banks, pref. e trad. de SUDRE, René: "La double puissance de l'esprit", Paris, Payot, 1953, pág. 68.

ziam alarde da separação entre ciência e religião. No fundo, sem dúvida, porque a precognição seria um argumento poderosíssimo de que há alguma coisa espiritual no homem, espiritualidade que os materialistas "científicos oficiais" de fins do século passado e começos do presente, de nenhum modo queriam admitir...

Mas, fôsse qual fôsse a causa da omissão, o fato é que a experimentação científica da precognição é uma realidade contemporânea.

Experiências qualitativas

O Dr. W. H. C. TENHAEFF, professor de Parapsicologia na Universidade de Utrecht, fêz experiências com o metagnomo Gerard CROISET.

O Sr. Gerard CROISET é um dos mais famosos metagnomos da atualidade. A sua fama nascera com fenômenos PSI-GAMMA de simulcognição pela técnica chamada criptestesia pragmática, psicometria parapsicológica, ou melhor, metagnomia táctil, isto é, tomando como ponto de inspiração objetos que tenham alguma relação com a pessoa sôbre a qual versa a "adivinhação". Em presença dos objetos, CROISET descreve com alguma freqüência seus "donos" com detalhes particulares: tal pessoa é sensível a objetos de lã, perdeu tal dedo da mão esquerda, tomou recentemente um susto com um carro de bois, tocou recentemente uma sonata de BEETHOVEN num piano horrìvelmente desafinado... As comprovações confirmam as afirmações de CROISET com muito mais freqüência do que permite o acaso.

Pois bem, com êste famoso sujeito, o Dr. TENHAEFF realizou 150 experiências de precognição pelo método chamado "cadeira vazia". Os resultados foram sempre positivos. Eis um exemplo:

Era o dia 17 de janeiro de 1952. Numa sala de Rotterdam deveria realizar-se uma reunião no dia 20 (três dias depois). Havia 30 lugares. Por acaso se escolheu o número 18 e se preguntou ao Sr. CROISET quem haveria de sentar-se naquela cadeira. "Depois de alguns instantes, o Sr. CROISET me disse — escreve o mesmo DR. TENHAEFF — que não recebia nenhuma impressão e pediu que indicasse

outra cadeira. Foi o que fiz. Revelou-me então CROISET que nesse lugar se sentaria uma senhora com cicatrizes no rosto, conseqüência dum acidente automobilístico durante uma temporada na Itália. Com relação à senhora, lembrou a "Sonata ao luar" ("sonata al chiaro di luna").

No dia 20 de janeiro, às 20,45 horas, verificou-se que dos 28 convidados à reunião só vieram 27 e que precisamente o assento 18 (no qual CROISET não tinha experimentado reação) ficou desocupado. No outro lugar pelo que se perguntara a CROISET sentou-se a senhora dum médico: tinha cicatrizes na face, resultado dum acidente de automóvel durante as férias na Itália (cicatrizes que a afetavam muito). O marido afirmou que, de fato, a "sonata ao luar" incomodava muito à senhora porque se associava a uma questão íntima da vida dela [16].

Também o Dr. Hans BENDER, professor do laboratório de Parapsicologia da Universidade de Friburgo (Suíça) fêz experiências semelhantes até um total de 450 com o mesmo percipiente.

Com o Dr. BENDER, uma vez o Sr. CROISET deu um formidável exemplo de precognição "em duas etapas":

Da senhora que se sentaria em determinada data futura numa cadeira, CROISET afirmou: "A pessoa que se sentará nesta cadeira fraturou um braço recentemente, porque quando acompanhava um entêrro dum amigo, caiu numa sepultura". As investigações demonstraram ser absolutamente falsos êstes dados. Porém, o fracaso durou apenas 4 dias, porque, após êsse tempo, a citada senhora foi realmente ao entêrro dum amigo, caiu numa sepultura e quebrou o braço [17].

16 — TENHAEFF, W.H.C., em "Tijdschift voor Parapsychologie", Haia, 1954.

Estas experiências do Dr. TENHAEFF, juntamente com outras idênticas (às quais em seguida aludiremos) dirigidas pelo Dr. BENDER, foram relatadas por êste último no Congresso de Utrecht: "Precognition in the qualitative experiment", relação n.º 38. Um resumo desta relação foi publicado por AMADOU, Robert: "La Science et le paranormal. Le I Colloque International de Parapsychologie (Utrecht, 1953). Les Entretiens de Saint-Paul-de-Vence (1954). Comptes rendus et rapports publiés et présentés par Robert Amadou", Paris, Instituto Met. Int., 1955, pág. 5.

Cfr. também a relação inglêsa do Congresso: OSBORN, Edward, e ZORAB, George, Utrecht, edições da University Royal, 1954.

O Sr. CROISET, pois, não só teria prognosticado quem se sentaria em determinada data futura numa cadeira, mas também teria preconhecido, como em segunda etapa, o que no futuro aconteceria com essa pessoa.

Experiências parecidas foram também realizadas pela "Sociedade Argentina de Parapsicologia" [18]. As experiências dos parapsicólogos argentinos foram realizadas com o perceptivo Conrado CASTIGLIONE, na sala do Teatro Buenos Aires.

Numa experiência concreta sôbre 45 dados obtiveram-se 37 acertos. Os detalhes de identificação, em geral, não eram generalidades aplicáveis a vários.

Já antes, na época da Metapsíquica, o Dr. OSTY realizara duas experiências de "cadeira vazia" com o Sr. FORTUNY. O êxito foi notável [19].

Mas, nos primeiros casos referidos, poder-se-ia supor que CROISET não conheceu o futuro, senão o presente: as pessoas convidadas. Depois, ainda, cabe supor que, no dia 20, o inconsciente de CROISET fizesse que algum convidado (ou êste sugestionado inconsciente e telepàticamente pela profecia feita), terminasse por deixar vazia a cadeira 18 e pelo mesmo motivo noutra cadeira prevista se sentasse a espôsa do médico. Esta inversão do processo é sempre objetável nas experiências que têm por objeto ações humanas.

Semelhantes explicações caberiam para os outros casos citados e outras experiências parecidas realizadas nos Estados Unidos e Inglaterra.

17 — BENDER, H.: "Parapsychologie, ihre Ergebnisse und Probleme", Bremen, 1954, págs. 31 ss. Cfr. também a nota anterior.

18 — MUSSO, J. Ricardo: "En los límites de la Psicología. Desde el Espiritismo hasta la Parapsicología", Buenos Aires, Periplo, 1954, págs. 317-320.

19 — OSTY, Eugène: "Pascal Fortuny", Paris, Alcan, 1962, págs. 102 e 135.

Para observações anteriores: OSTY, Eugène: "La conaissance supranormale" Paris, Alcan, 2.a ed. revisada, 1925.

É sumamente interessante e ilustrativa a excelente análise sôbre os fenômenos de FORTUNY, embora não se trate sempre de fenômeno precognitivo, realizada por: MOUTIER, F., em "Revue Métapsychique", 1935, fevereiro, págs. 138 ss.

Estas experiências, mormente se reunidas tôdas, impressionam certamente, fazem pensar, mas não são totalmente incontestáveis.

Experiências quantitativas

Havia, pois, que experimentar tomando como objeto sêres inanimados nos quais não se pode supor que, "sugestionados", invertam o processo...

O Dr. S. G. SOAL realizou uma série de tentativas com 160 metagnomos a partir de 1934. Tratava-se, na mente de SOAL, de experiências de simulcognição paranormal sôbre objetos inanimados como "contrôle".

> O "sujeito" tratava de adivinhar para qual das cartas dum baralho especial estava olhando outra pessoa, em determinado momento, num quarto vizinho. Para garantir o acaso na escolha da carta que deveria olhar-se em cada momento, usou-se um método engenhoso: numa taça havia peças ou pedras de 5 côres diferentes. Cada côr indicava o lugar de onde se deveria pegar a carta a pensar.

Os resultados, porém, não superam o atribuível ao acaso segundo o cálculo de probabilidades.

Mas essas experiências se tornaram significativas em prol da precognição. Com efeito: o Dr. SOAL comprovou que dos 160 sujeitos, dois, a Sra. STEWART e o Sr. Basil SHACKLETON, tinham acertado com muita freqüência, não a carta que em determinado momento se olhava, mas a que deveria olhar-se no momento seguinte, carta que ainda não estava escolhida pela sorte. Aplicado o cálculo de probabilidades a êste curioso "efeito de deslocamento", comprovou-se que os acertos superavam muito significativamente o que se esperava pelo acaso.

SOAL analisou o "deslocamento" por sugestão do Dr. CARINGTON que tinha observado nas próprias experiências o mesmo deslocamento precognitivo. Idêntico deslocamento obteve posteriormente o Dr. Charles E. STUART.

Mas nessas experiências de SOAL e semelhantes, poder-se-ia pensar em outras explicações sem necessidade completa de recorrer à precognição pròpriamente dita. Por exemplo, cabe supor que o experimentador, ao pegar a peça

indicadora da carta que haveria de olhar, era guiado inconscientemente por simulcognição do prognóstico dado já pelo sujeito. Seria, de nôvo, inversão do processo apesar do "contrôle" inanimado.

Esta hipótese, como em casos semelhantes, oferece várias dificuldades, entre outras a de atribuir o mérito principal do conhecimento psigâmico ao experimentador (alhures reconhecido como mau metagnomo), tirando mérito do destacado metagnomo. Contudo, tôda hipótese não precognitiva deve ter-se em conta...

Experiências irrefutáveis

Após êstes resultados "demonstrativos" obtidos sem pretendê-lo, o Dr. SOAL quis continuar experimentando diretamente a precognição. Procurou os dois metagnomos que tinham obtido êxito. Só poderia continuar experimentando o Sr. Basil SHACKLETON.

B. SHACKLETON, fotógrafo de profissão, não se tinha dado conta de seus "dotes" até a idade de 23 anos, quando acertou "de um modo raro" os ganhadores numa corrida de cavalos.

A manifestação especial da capacidade para o conhecimento paranormal de B. SHACKLETON deve-se, sem dúvida, ao menos em parte, a seu delicado estado de saúde. Na época das experiências o Sr. Basil SHACKLETON acabava de se aposentar por doença.

É notável, por outra parte, a total falta de entusiasmo pelas experiências parapsicológicas que demonstrou sempre êste notável metagnomo. Qualificava as experiências de "monótonas, aborrecidas, e sem finalidade nenhuma". Isto, acreditamos, pode dar mais valor aos resultados obtidos, pois cabe esperar que com menos "inibição" teria obtido ainda melhores êxitos.

A partir de janeiro de 1941, SOAL inaugurou outra série de experiências importantíssimas com Basil SHACKLETON. Por sua excepcional importância deveremos deter-nos mais na exposição destas experiências.

> Experimentou-se com um baralho todo especial: os símbolos tradicionais do baralho ZENER foram substituídos pelos desenhos de um leão, zebra, girafa, elefante e pelicano,

com a finalidade de dar mais interêsse aos símbolos, de cuja insipidez se queixava o sujeito.

As cartas eram "baralhadas" para cada experiência. O sistema de "baralhar" era bem original, procurando garantir o acaso plenamente. O Dr. SOAL escrevia numa ordem completamente aleatória (servindo-se de dados, por exemplo) os algarismos de 1 até 5 (tantos quantos símbolos diferentes tinha o baralho), formando uma lista de 50 números (tantos quantas tentativas se faziam em cada prova).

A lista se fixava diante da senhora GOLDNEY e se renovava para cada experiência. Além da lista de 50 números a senhora GOLDNEY tinha entre as mãos 5 cartões numerados de 1 até 5.

Por outra parte, diante do agente se colocavam as cartas viradas para baixo, de modo que não se podiam ver seus desenhos. Estas cartas estavam colocadas ao acaso em cinco repartições ou pequenos compartimentos. O agente e a senhora GOLDNEY sentavam-se frente a frente, mas não podiam ver-se por estar entre êles, sôbre a mesa, um painel separador. A Sra. GOLDNEY ignorava as cartas que havia em cada compartimento dos 5 que estavam diante do agente.

Durante a experiência, a Sra. GOLDNEY apresentava ao agente por uma abertura "ad hoc" do painel um cartão dos numerados de um até cinco. Não apresentava um cartão qualquer, mas o que correspondia para cada tentativa, segundo a ordem da lista de 50 algarismos.

O agente, pela sua parte, logo que via o número do cartão que se lhe apresentava, pegava uma carta da repartição correspondente ao número do cartão e durante alguns instantes ficava olhando aquela carta. Depois a recolocava no seu lugar. O percipiente, Sr. Basil SHACKLETON, estava numa outra sala, controlado pelo mesmo Dr. SOAL.

Pois bem, o Sr. SHACKLETON não devia "adivinhar" a carta que a cada momento olhava e pensava o agente, mas a carta que olharia e pensaria no *momento seguinte*.

O sistema de "baralhar" como se vê era tão original como complicado, mas garantia a casualidade na designação do desenho que deveria ser pensado pelo agente.

O êxito foi rotundo. Fizeram-se 3 789 tentativas. A precognição foi tão constante que a possibilidade de obter tais

resultados pelo acaso deu uma razão crítica, segundo o cálculo de probabilidades, de 13,2, isto é, uma probabilidade de 1 sôbre a unidade seguida de 35 zeros.

Acelerando o ritmo da experiência, em lugar de adivinhar a carta do momento seguinte, acertava a que deveria escolher-se duas tentativas mais adiante [20].

Críticas e contra-críticas

Estas experiências de SOAL são consideradas como decisivas, demonstrando a precognição apodìticamente: tal é a opinião geral dos parapsicólogos e de quantos outros cientistas têm estudado o assunto.

Certamente, qualquer outra explicação diferente da precognição é sumamente improvável, até ridícula. Com efeito, o mecanismo que precisaria o metagnomo para deduzir, só por simulcognição, a carta que haveria de pensar-se no momento seguinte é complicado demais e ilógico. O metagnomo deveria conhecer por simulcognição o número seguinte na lista de 50, deveria também conhecer em que forma o cartão numerado correspondia com o compartimento em que se achava a carta e, por fim, saber que cartas havia em cada compartimento. Tudo isto seria por conhecimento da mesma realidade externa [21].

Não é lógica tal objeção neste caso, pois Basil SHACKLETON era telepático e não clarividente. Com efeito:

> Numa série de experiências se suprimia o agente telepático, isto é, o agente, Srta. R. E., não olhava a carta mas só a apontava com o dedo, sem virá-la.

---

20 — SOAL, S.G.: "The experimental situation in Psychical Research", Londres, S.P.R., 1947.

Para a relação detalhada das experiências:

SOAL, S.G. e GOLDNEY, D.M.: "Experiments in precognitive telepathy", em "Proceedings of the S.P.R., XLV, págs. 165 ss. e XLVII, págs. 21 ss. Cfr. também a carta de SOAL-GOLDNEY publicada em "Journal of Parapsychology", Dezembro, 1944, pág. 318; assim como na pág. 321: "Comments on Soal and Goldney", e nas páginas 311-315: "A note on negative devition".

21 — O conhecimento da realidade externa chama-se, em Parapsicologia, "clarividência"; o conhecimento paranormal dos pensamentos ou atos psíquicos alheios chama-se "telepatia", como estudaremos no capítulo 20.

Então B. SHACKLETON não obtinha resultado nem em simulcognição nem em precognição.

> Noutra ocasião foi-se alternando aleatòriamente o sistema de olhar o agente a carta e o de só apontar com o dedo sem olhá-la.

Basil SHACKLETON obteve resultados significativos quando se olhava a carta, acertando precognitivamente, não a carta que se olhava em cada momento, mas a que deveria olhar-se no momento seguinte (ou dois momentos posteriores, acelerando o ritmo de experimentação); em compensação, não superou o acaso quando deveria acertar as cartas que só se apontavam com o dedo, sem conhecê-las o agente telepático.

> Em março de 1941, substituiram-se as cartas que levavam o desenho dos 5 animais por cartas com só as iniciais dos mesmos; para o agente telepático era a mesma coisa, com as iniciais saberia em que animais deveria pensar. Basil SHACKLETON não foi advertido até depois de preenchidas 4 fôlhas de registro.

Os resultados não foram afetados. Basil SHACKLETON captava pois o *pensamento* futuro do agente, não as cartas mesmas, as iniciais neste caso.

> Outra inovação foi que o agente pensasse nos animais dos quais só se lhe apresentava um símbolo: tromba (por elefante), juba (por leão), bico (por pelicano), listras (por zebra), e pescoço (por girafa).

SHACKLETON nem se apercebeu; os resultados continuaram idênticos (exceto numa primeira série em que os resultados foram nulos, fato que evidentemente pode depender de outros fatôres) [22].

22 — Além da bibliografia do próprio SOAL citada na nota 21, cfr.: HUMPHREY, Betty: "Soal and Goldney precognitive telepathy experiments", em "Journal of the American S.P.R.", 1944, setembro, págs. 139 ss., tradução francesa pelas Sra. CLARY e Srta. GALINIER: "Experiences de télépathie precognitive", em "La Métapsichique 1940-1946", Paris, P.U.F., s.d. (1947), págs. 133 ss.

RHINE, J. B. e HUMPHREY, B. H.: "Position effécts in the cognitive telepathy. Experiments of Soal and Goldney", em "Journal of Parapsychology", VIII, 1944, setembro, págs. 187 ss.

Uma outra confirmação feita posteriormente: Denys PARSON utilizou uma máquina destinada a excluir tôda a captação de *pensamento;* Basil SHACKLETON não obteve resultado sôbre o acaso em 882 intentos [23].

Evidentemente Basil SHACKLETON estava condicionado a captar *pensamentos* futuros (telepatia precognitiva), não a conhecer a *realidade externa* nem futura nem presente (clarividência). A crítica, pois, de que os resultados poder-se-íam explicar por simulcognição clarividente vai contra os resultados experimentais.

Poder-se-ía contestar estas famosíssimas experiências sob o ponto de vista da telepatia? Basil SHACKLETON poderia captar no subconscietne da Sra. GOLDNEY o número seguinte da lista de 50 ou o colocado dois lugares mais adiante nas experiências a ritmo mais rápido: A Sra. GOLDNEY, ao procurar um número na lista de 50 veria também, embora não reflexamente, o número seguinte ou ainda outro posterior e assim poderia, nela, conhecê-lo B. SHACKLETON. O Dr. SOAL, por sua parte, já que êle próprio tinha confeccionado a lista de 50 números, certamente que a conservaria no inconsciente por pantomnésia. Nêle também a poderia captar Basil SHACKLETON. Além disso deveria conhecer também na mente dos experimentadores que os números da lista se relacionavam com os cartões, deveria captar a correspondência dos cartões numerados com os compartimentos e, no agente, teria que conhecer de antemão as cartas correspondentes a cada compartimento.

Apesar do complicado desta crítica, SOAL e GOLDNEY a enfrentaram, introduzindo uma importante modificação nas experiências.

> Baseando-se no método das primeiras experiências realizadas pelo mesmo SOAL antes da Segunda Guerra Mundial, como já indicamos, nestas novas experiências recorreram também ao arbítrio de substituir a lista de 50 números por um saco ou recipiente onde houvesse grande quantidade de pedras, discos ou fichinhas de 5 côres diferentes. Cada côr indicaria o número escolhido. As fichinhas eram bem misturadas e se tiravam uma a uma ao acaso.

23 — SOAL, S. G. e GOLDNEY, D. M., em "Journal of Parapsychology", VIII, 1944, junho.

> Na maior parte destas experiências era a mesma Sra. GOLDNEY quem pegava e mostrava as pedras coloridas ao agente. Expressa-se assim: "Eu arranjava o saco, de tal sorte que os números fôssem fàcilmente acessíveis, depois colocava alternativamente cada mão e mostrava um número na abertura do painel com u'a mão, enquanto que a outra mão se *afundava no saco* para pegar o número seguinte. De tempo em tempo, eu parava para sacudir ràpidamente o saco, durante bastante tempo e sempre pegava o número *de todos os cantos*, acima e em baixo, a fim de evitar a saída dos mesmos números... Os resultados parecem indicar que Basil SHACKLETON conhecia qual seria a carta seguinte, mesmo *antes de que o algarismo* que a assinalaria tivesse sido pêgo."

Note-se que, por várias passagens das atas, inclusive no texto que citamos pelas frases que grifamos, a Sra. GOLDNEY não pegava o número seguinte (sòmente sacudia, removia as pedras), até passado o momento destinado ao intento anterior. Se u'a mão já tivesse pêgo a pedra "seguinte" enquanto a outra mostrava a pedra "anterior", não se teria evitado a clarividência simulcognitiva. Magníficos experimentadores, como SOAL e GOLDNEY, não iam cair nesta falha tão ingênua, precisamente em experiências feitas para destruir contra-hipóteses de simulcognição, apesar de que tôda clarividência deveria desprezar-se em tais experiências com B. SHACKLETON, que era claramente um telepata.

Nestas mesmas experiências com números no saco, há também o fator importantíssimo da aceleração no ritmo. Êste fator exclui tôda a possibilidade de simulcognição, e inclusive se exclui essa "ingênua" crítica de que talvez já estaria a Sra. GOLDNEY pegando o número seguinte...

> Habitualmente, as experiências se produziam a um ritmo de dois segundos e meio para cada tentativa. Agora, durante quase três meses, se experimentou à máxima velocidade possível na complicada técnica: um segundo para cada intento (exatamente um segundo e um quarto de segundo). E SHACKLETON acertava não a carta que se pensaria no segundo seguinte, mas a carta que se pensaria dois segundos mais tarde (exatamente dois segundos e meio).

Aqui é manifestamente impossível que GOLDNEY já estivesse em contato com a pedra correspondente a dois intentos mais tarde, pôsto que ia alternando as mãos.

Os resultados de tôdas estas experiências foram idênticos aos obtidos quando se fazia a experiência com a lista dos 50 números. Evidentemente, pois, Basil SHACKLETON captava diretamente o futuro e não os mecanismos interpostos. Era precognição e não simulcognição.

Atribuir o êxito dêstes novos métodos de experimentação a um processo inverso, isto é, pensar que GOLDNEY seria guiada inconscientemente na escolha da pedra pelo conhecimento simulcognitivo ou retrocognitivo do prognóstico já feito por SHACKLETON, é uma hipótese ridícula: como, de repente, uma pessoa reconhecidamente não metagnoma, iria igualar, numa experiência tão difícil, um dos melhores metagnomos que já encontraram os parapsicólogos?

Idêntica a esta crítica seria a de supor que Basil SHACKLETON dirigiria GOLDNEY por um efeito psicocinético (PK) ou qualquer outro modo de influenciar a atuação da Sra. GOLDNEY. Devo dizer, em primeiro lugar, que esta contra-hipótese que, de fato, alguns parapsicólogos sugeriram a SOAL e GOLDNEY, vai contra tudo o que sabemos da influência noutras pessoas (sugestão telepática, subjugação telepsíquica, faculdade PK influindo em sêres animados...). Porque, na realidade, o processo dessa possível influência não parece que seja no sentido que a crítica supõe. Não é o metagnomo (feiticeiro, etc.) quem me sugere, subjuga, movimenta meus órgãos...; seria o meu mesmo inconsciente que captaria o pensamento, melhor diríamos o desejo ou o sentimento grandemente emotivo do "mago". Meu próprio inconsciente é o fator principal. Eu mesmo deveria ser metagnomo. Portanto, esta crítica se reduz a uma mera modificação verbal da crítica anterior e a resposta poderia ser a mesma: não se compreende como a Sra. GOLDNEY, reconhecidamente má metagnoma, poderia igualar, e menos ainda regularmente durante meses, os resultados magníficos de um dos melhores metagnomos do mundo.

SOAL e GOLDNEY fizeram também experiências dessas contra-hipóteses. Trataram intencionalmente de inverter o processo:

SEM VALOR COMERCIAL

> SHACKLETON se esforçaria por influenciar a Sra. GOLDNEY na escolha dos números, ou a Sra. GOLDNEY trataria de acomodar-se aos desejos de Basil SHACKLETON. Nestas experiências, todos os outros participantes permaneciam nos seus postos habituais. Algumas vêzes, Basil SHACKLETON pensava numa cifra seguindo a ordem da lista de 50 números, outras vêzes assinalava com o dedo, à livre escolha, uma pedra colorida. A Sra. GOLDNEY deveria escolher ou tirar do saco o mesmo número.

Pois bem, nunca obtiveram resultado positivo, nem na escolha do número em questão nem com deslocamentos ao algarismo seguinte. Tudo correu perfeitamente segundo as leis do acaso...

Como se vê, não se pode fugir à explicação por precognição nas experiências de SOAL-GOLDNEY com Basil SHACKLETON, nem procurar explicações complicadas...

Além disto, em Parapsicologia, tanto nos casos espontâneos como nos experimentais, parece claro que o alvo ou objeto da faculdade PSI ou melhor, o que pode se *manifestar*, nunca é tão complexo e complicado como as contra-hipóteses reclamariam.

A precognição pròpriamente dita é, pois, a única explicação admissível nestas experiências.

A precognição de desenhos

Fizemos alusão antes ao efeito de deslocamento precognitivo observado por outros experimentadores. Penso que neste sentido as experiências à base de desenhos realizadas pelo Dr. CARINGTON, são muito dignas de destaque.

> O Dr. CARINGTON escolhia, ao acaso, um número duma tabela. Depois, abria um dicionário na página correspondente ao dito número e nela tomava a primeira palavra capaz de fornecer, razoàvelmente, objeto para um desenho. Os "sujeitos" residentes a quilômetros de distância procuravam averiguar psigâmicamente e reproduzir êsses desenhos. Originais e reproduções eram entregues a diversos árbitros especializados. Em vários sujeitos observou-se significativamente o deslocamento precognitivo: desenhavam não o desenho já escolhido, mas o próximo, que não tinha ainda sido desenhado nem sequer escolhido [24].

Com o sistema usado pelo Dr. CARINGTON, qualquer outra explicação diferente da precognição se torna impossível.

No resultado do cálculo de probabilidades, qualquer influência de preferência na escolha dos desenhos no dicionário, ou de severidade ou de indulgência por parte dos juízes, foi expressamente evitada, por um método peculiar de cálculo de probabilidades cuja justificação matemática se deve ao especialista em estatística Dr. STEVENS.

O Dr. SOAL fêz uma crítica sumamente severa destas experiências. Deduz que o deslocamento precognitivo nas experiências de CARINGTON não chega a ser *segura e completamente* significativo, do ponto de vista estatístico. É possível. No entanto, como disse muito bem o Dr. J. WEST, os trabalhos de CARINGTON, se não são apodíticos, ao menos têm enorme fôrça em prol da precognição [25].

Duke começa as pesquisas

Os primeiros passos no Laboratório de Parapsicologia da Universidade Duke em Durham (N. C., E.U.A.) foram lentos e difíceis. Só após grandes esforços de engenho e longas horas de medição, chegaram a encontrar o sistema perfeito de experimentação.

A investigação partiu dum êrro. Depois de ter demonstrado que PSI-GAMMA prescinde da distância, o Dr. RHINE e alguns dos seus colaboradores pensaram que, em conseqüência, prescindia também do tempo. Porque — diziam êles — EINSTEIN demonstrou que o tempo é uma quarta dimensão do espaço. Mas a doutrina do espaço-tempo na teoria da relatividade de EINSTEIN é um formalismo matemático, que pouco tem a ver com o espaço e tempo reais. Mas êste êrro de

---

24 — CARINGTON, Whately: "Telepathy, an outline of its facts, theory and implications", London. Methuen and Co., 1945. Nós utilizamos a tradução franc. de PLANIOL: "La télépathie, faits théories, implications", Paris, Payot, 1948, págs. 46 ss. Para a descrição detalhada das experiências: "Proceedings of the Society for Psychical Research", XLII, págs. 173 ss. e 227 ss. "Proceedings of the American Society for Psychical Research", XXIV, págs. 3 ss.

25 — WEST, J.: "Psychical Research Today", Londres, Duckworth, 1954, pág. 109.

interpretação animou a RHINE e a seus colaboradores, que se lançaram com entusiasmo e constância admiráveis à confirmação experimental de que a precognição existia.

Outros colaboradores foram melhor encaminhados ao pensarem que, pôsto que PG é extrasensorial, espiritual, *tem* que prescindir do tempo, já que o tempo é dependente da matéria.

Baralhando à mão

> A primeira série de experiências foi uma simples modificação das experiências de simulcognição psigâmica. Em vez de dizer a ordem em que estavam as cartas do baralho ZENER, o metagnomo tinha que prognosticar a ordem em que ficariam depois de serem baralhadas conscienciosamente.

Os resultados foram satisfatórios. A possibilidade de obtê-los por acaso era de 1 contra 1 400 000.

Poder-se-ia perguntar até que ponto a percepção simulcognitiva por parte do experimentador dos prognósticos já formulados pelo metagnomo poderia influir no baralhamento das cartas. Mas, como já dissemos, não se compreende como um experimentador reconhecidamente mau metagnomo haveria de levar o principal mérito dos acertos, negando-o ao metagnomo destacado. Mais difícil de compreender é como êste conhecimento inconsciente poderia influir no modo de baralhar, a fim de que as cartas se acomodassem à ordem prestabelecida pelo metagnomo. Como se vê, a objeção que a si mesmos se puseram os investigadores, era complicada demais. Contudo, fizeram a contraprova:

> Instituíram uma série de experiências em que o sujeito deveria procurar baralhar as cartas com a intenção de que ficassem como num outro baralho que êle não tinha visto e que, por percepção simulcognitiva poderia conhecer.

Os resultados não superaram o acaso [26]. As primitivas experiências de precognição tinham, pois, valor.

Mas Duke queria afastar plenamente, se fôsse possível, até a *possibilidade* de crítica.

26 — RHINE, J. B.: "Experiments bearing on the Precognition Hypotesis", em "Journal of Parapsychology", II, 1938, págs. 38 ss. e 119 ss.

Era necessário abandonar o sistema de baralhar as cartas com a mão. A lógica exigia baralhar mecânicamente.

As máquinas fora da Duke

Um notável conjunto de experiências com a colaboração da máquina realizou-se fora do âmbito da Universidade Duke. Foram as realizadas na Inglaterra pelo Dr. TYRREL, presidente da "Society for Psychical Research" de Londres.

Para evitar qualquer outro tipo de PSI-GAMMA não puramente precognitiva, o Dr. TYRREL excogitou um método engenhosíssimo.

> Numa máquina completamente automática havia um dispositivo de cinco caixinhas. Posta a máquina a funcionar, uma luz se acendia, após algum tempo, numa das cinco caixinhas. Ninguém por vias normais podia saber que caixinha seria iluminada, visto que um misturador automático ia modificando a ordem. Deve ter-se em conta que a máquina era posta em funcionamento apertando-se qualquer dos cinco botões diferentes. O Dr. TYRREL apertava ora um, ora outro dos cinco botões ao acaso. Segundo fôsse apertado um ou outro botão, variava a mistura causada pelo aparelho misturador. Numa palavra, as lâmpadas se acendiam numa "ordem" completamente desordenada, complicadíssima, imprevisível. Entre o momento em que a máquina começava a funcionar e o acender-se a lâmpada, havia tempo de sobra para que o sujeito levantasse a tampa da caixinha que êle julgasse seria iluminada. Um aparelho automático registrava os erros e fracassos, mas de nenhuma maneira a "ordem" em que as lâmpadas se acendiam.

Após algumas séries de experiências infrutíferas em procura de "metagnomo" [27], a Srta. JOHNSON obteve êxito notabilíssimo num conjunto de 4 200 tentativas. O resultado deu uma proporção, com respeito ao acaso, de 1 sôbre 100 000 000 000 [28].

27 — TYRREL, G. N. M., em "Journal of Society for Psychical Research", XX, págs. 294 ss.

28 — TYRREL, G. N. M., em "Journal of Parapsychology", II, 1938, Junho.

Para a relação detalhada das experiências: "Proceedings of the Society for Psychical Research", XLIV, 1937, parte 147, págs. 99 ss.

Que se poderia objetar? Será que estas experiências não garantem que o homem pode conhecer paranormal e diretamente o futuro?

É preciso reconhecer que as objeções que se fizeram a si mesmos os parapsicólogos estão muito perto do ridículo: o Dr. TYRREL, na escolha do botão a apertar, guiar-se-ia, apesar de não ser metagnomo, por simulcognição do prognóstico que já *estaria pensando* fazer a Srta. JOHNSON. Mas para poder apertar o botão certo teria que conhecer, êle, não metagnomo, todo o complicado movimento do aparelho modificador da "ordem" em que se deveriam acender as lâmpadas!

O aparelho modificador era complicadíssimo: como TYRREL ou a Srta. JOHNSON poderiam conhecê-lo por simulcognição, assim como seu complicado funcionamento? Estas objeções estão contra as características que se conhecem da faculdade PSI-GAMMA. PSI-GAMMA, como já indicamos, *manifesta* o conhecimento de coisas particulares, concretas, dados simples, não coisas complexas e desenvolvimentos complicados.

Parece, pois, necessário admitir que se averiguava por precognição diretamente a lâmpada que se acenderia; não parece possível que se manifestasse por simulcognição a série de conhecimentos complicados e entrelaçados entre si que supõem as objeções apresentadas.

As máquinas na Duke

Na Universidade Duke realizaram-se 4 séries independentes de experiências, também com o auxílio da mecânica. A primeira série de experiências foi dirigida por C. E. STUART; a segunda pela Srta. Lois HUTCHINSON; a terceira pelos Drs. J. C. PRATT e Betty M. MURPHY, e a quarta pelo mesmo RHINE com a ajuda de E. P. GIBSON.

> Utilizou-se todo o baralho ZENER (25 cartas). Para cada prova as cartas eram baralhadas por "braços mecânicos" especialmente arquitetados para esta finalidade. Os metagnomos deveriam prognosticar por escrito, antes de começar a funcionar as máquinas, a ordem em que ficariam as cartas depois que os "braços mecânicos" as tivessem baralhado detidamente [29].

Pois bem, os resultados das experiências, de nôvo, indicaram sôbre base bem firme a existência da precognição; cabe objeção alguma?

Êste conjunto de milhares de experiências com máquinas na Inglaterra (TYRREL) e E.U.A. (RHINE e seus colaboradores), terminou em 1940. Era um fato demonstrado que a faculdade PSI-GAMMA prescinde do tempo: certos metagnomos podem conhecer o futuro paranormalmente, diretamente o futuro.

Já fazia tempo que os cientistas não parapsicólogos não faziam objeções com conhecimento de causa. Os parapsicólogos, porém, não se deram por contentes ainda. Queriam tirar todo possível ceticismo, ainda ridículo ou apaixonado. As objeções foram procuradas pelos próprios parapsicólogos com mais entusiasmo que o que tinham empregado na demonstração.

Contra as experiências com máquinas objetaram que talvez os metagnomos influíssem e dirigissem "com a fôrça do seu pensamento" as máquinas mesmas ou os movimentos das cartas apesar do impulso da máquina. Tudo se deveria à chamada psicoquinese, telequinésia ou, mais modernamente, PSI-KAPPA. Mas dirigir uma máquina ou as cartas em movimento com tanta precisão...!? Onde haveria base, experimental ou dos casos espontâneos, para supor tal precisão nas manifestações PK?

Havia, porém, que eliminar também êste subterfúgio.

---

29 — RHINE, J. B.: "Experiments of the Precognition" em "Journal of Parapsychology", V, 1941, págs. 1 ss. Não sei com que fundamento Robert AMADOU ("La Parapsichologie", o. c., pág. 227) afirma que estas experiências não foram estatìsticamente significativas. O próprio RHINE, nos artigos antes citados afirma o contrário e expressamente o repete em "La double puissance de l'esprit", o. c., pág. 73: "Toutes quatre (refere-se às quatro experiências de que falamos) donnèrent des résultats significatifs". AMADOU acrescenta no lugar citado: "Et aucun succès n'a été de nouveau enregistré à Duke de précognition". Como veremos imediatamente, posteriormente houve na Duke mais experiências de precognição e foram demonstrativas. Esta última afirmação, pois, sugere que a afirmação anterior foi talvez também uma falsa informação.

Experimentação com o clima

Aquela nova objeção era difícil de solucionar. RHINE e seus colaboradores, após madura reflexão, adotaram em 1941 o sistema seguinte:

> Escolhia-se, por exemplo com dados, uma data futura, suficientemente distante para evitar uma previsão normal a respeito dela. As temperaturas máxima e mínima daquela data futura, segundo fôssem indicadas pelos jornais, seriam as que determinariam em última instância a ordem das cartas. Para isso, primeiramente se misturariam as cartas mecânicamente e depois se dariam ao pacote cortes de acôrdo com as ditas temperaturas.
>
> Para as experiências escolhiam-se sujeitos ingênuos: crianças e adolescentes. Mostravam-se-lhes os símbolos do baralho ZENER. Entregava-se-lhes uma fôlha com 25 espaços em coluna (tantos espaços como cartas compõem o baralho). Dizia-se-lhes que mais adiante seriam escritos símbolos à direita destas colunas. Êles deveriam escrever à esquerda os símbolos como pensassem que mais adiante seriam escritos à direita. Não se lhes dizia nada sôbre o método que seria empregado para estabelecer a ordem nos símbolos que após 10, 12 ou mais dias seriam escritos à direita.

Escolhendo-se os sujeitos por razão da ingenuidade principalmente, e só em segundo têrmo por razão da capacidade psigâmica, tinha-se a vantagem de que êles não discutiriam o método nem o considerariam absurdo. Assim se evitava que a inibição por preconceitos influisse nos resultados. Repetidas vêzes se tinha comprovado a influência deletéria, inibitória, do preconceito. Mas esta vantagem vinha acompanhada duma desvantagem: não se dispunha de metagnomos excepcionais. RHINE, porém, e seus colaboradores consideravam esta desvantagem só relativa: se obtinham algum êxito, seria mais significativo por tratar-se de metagnomos pouco escolhidos. Aprofundando nesta consideração, fizeram questão de não procurar sujeitos notadamente de qualidades paranormais, bastando que fôssem ligeiramente "dotados".

Sôbre estas bases fizeram duas séries de experiências dirigidas pelo mesmo Dr. RHINE a primeira, e a segunda pela Dra. HUMPHREY, então ainda estudante. Os resultados não foram empolgantes, tratando-se de sujeitos quase "normais". Mas a chamada "co-variação das taxas de emergência" demonstrou, em ambas as séries de experiências, a existência da precognição [30]. Segundo o cálculo de probabilidades o acaso estava determinado em cada uma das séries de experiências pela fração 1/500.

Contra esta confirmação da precognição, cabe algum ceticismo? Ùnicamente, talvez, que os resultados estatísticos não foram muito elevados, embora significativos. Em Biologia ou Química, uma possibilidade sôbre 200 já é considerada como cientificamente não devida ao acaso...

Contra uma objeção fantástica

Mas os parapsicólogos da Universidade Duke, no contínuo anseio de encontrar métodos cada vez mais apodíticos de experimentação, fizeram-se a si mesmos uma objeção que parece até indigna da seriedade científica duma Universidade. Quiseram fazer frente à objeção fantástica de que os "ingênuos" sujeitos não escolhidos entre os melhores, ou talvez os experimentadores mesmos reconhecidamente não metagnomos, poderiam influir sôbre os aparelhos registradores de temperatura! [31].

De fato, o Dr. CHARI prefere em todos os casos a explicação por PK à precognição, e aduz em prol da sua tese vários outros autores [32]. Claro está que não nos convencem. Nem se vê como seria menos inverossímil a precognição do que uma faculdade PK tão notável e inteligente como teria que ser a PK defendida por CHARI e seus partidários. Não seria ruim uma demonstração tão fácil de um PK tão notável...! Como não compreendem êstes autores que se nunca se têm

30 — RHINE, Joseph Banks: "Evidence of precognition in covariation of salience ratios", em "Journal of Parapsychology", VI, 1942, págs 111 ss. HUMPHREY, B. M., e RHINE, J. B.: "A confirmatory study of salience in precognition tests", em "Journal of Parapsychology", VI, 1942, págs. 192 ss.

A medida empregada no cálculo de probabilidades nêste caso, chamada "co-variação das taxas de emergência", descreve-se também nesses trabalhos.

31 — RHINE, J. B.: "Precognition reconsidered" em "Journal of Parapsychology", IX, 1945, págs. 264 ss.

32 — CHARI, C.T.K.: "A note on precognition", em "Journal of Society for Psychical Research", 1952, págs. 46 ss.

obtido experiências tão significativas quando se pretendia experimentar PK é porque, de fato, a manifestação de PSI-GAMMA precognitiva é ao menos mais freqüente do que a manifestação de PSI-KAPPA?

A objeção, em todo caso, de influir sôbre a temperatura e aliás tão inteligentemente, tão controladamente é, como se vê, absolutamente fantástica, poderíamos dizer absurda no mais completo sentido da palavra. Mas a Universidade Duke queria uma demonstração totalmente irrefutável até para os mais céticos e imaginativos adversários.

E fizeram frente a essa objeção.

> Ao sistema de cortar o baralho (depois de ser misturado pelas máquinas), de acôrdo com as temperaturas duma distante data futura, ainda se agrega uma complicação enorme, uma espécie de intransponível barreira intelectual. As cifras das temperaturas, antes de serem aplicadas ao corte do maço de cartas, serviam de base para complicadas operações de altas matemáticas que deviam ser efetuadas por máquinas de calcular. A operação mesma, complicadíssima e longa, efetuava-se de acôrdo com regras fixas, de modo que o experimentador não era livre para escolher os cálculos que inconsciente e paranormalmente julgasse convirem em cada caso (!). Quando, finalmente, as máquinas de calcular davam os resultados das operações, tinha-se produzido entre a leitura da temperatura e os cortes no baralho uma barreira intelectual completamente sôbre-humana. Tôda possibilidade de PSI-KAPPA ou PSI-GAMMA diferente da precognição mesma ficava completamente excluída.

Com êste sistema começaram longas séries de experiências. Pois bem, "a proporção de acertos (precognitivos) não tem sido alterada pela agregação destas medidas de precaução" [33].

33 — RHINE, J. B.: "New world of the mind", New York, W. Sloane, 1957. Nós utilizamos a tradução de Dora Jonisky de KREIMAN: "El nuevo mundo de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1958, pág. 95. Em recente carta da Dra. Dorothy H. POPE, do laboratório de RHINE, tivemos confirmação dos êxitos recém-obtidos na continuação dessas experiências.

Conhecimento direto do futuro

Notemos o especial significado das experiências de precognição: apesar das complicações interpostas e da intransponível barreira intelectual, os resultados são apreciàvelmente idênticas sem se encontrar diferenças sistemáticas *atribuíveis a essas complicações.* Isto acontece porque PSI-GAMMA atinge diretamente o objeto (as cartas) que se lhe propõe para "adivinhar" e não as barreiras nem os passos intermédios. Quando os objetos são simples como as cartas do baralho ZENER, os êxitos são numerosos e precisos. À medida que o objeto se complica, por exemplo nas provas com desenhos do Dr. CARINGTON, o conhecimento psigâmico obtido vai diminuindo em número e precisão. Portanto, quando o objeto é sumamente complicado (como seria por exemplo o mecanismo e funcionamento das máquinas, inclusive do Dr. TYRREL, ou a "barreira" que acabamos de descrever) não se pode conhecer no seu conjunto ou êste conhecimento não se pode manifestar. Após esta consideração, podemos concluir sem temor de errar: PSI-GAMMA pode conhecer diretamente um objeto futuro: há precognição no estrito sentido da palavra.

A grande fôrça, ou a máxima fôrça da demonstração está no conjunto das experiências e casos espontâneos bem analisados. Às vêzes supúnhamos críticas forçadas, às vêzes quase absurdas. Depois da demonstração científica da precognição, não é lógico acudir a explicações forçadas, inverossímeis, complicadíssimas.

Conclusão

Hoje em dia a precognição é um fato indiscutível. Nenhum parapsicólogo, nem cientista algum com conhecimento de causa pode propor a menor objeção à precognição. No capítulo em que expúnhamos as observações parapsicológicas sôbre PSI-GAMMA em geral, aduzíamos o testemunho da Ciência que se referia também à precognição.

Os sistemas empregados na experimentação, do ponto de vista estatístico, foram analisados por especialistas em estatística matemática, especialmente no Congresso Internacional de Indianópolis e no "Instituto Internacional de Estatística Matemática".

O aspecto parapsicológico mais diretamente experimental (condições, contrôle, legitimidade das conseqüências, etc.) foi estudado por destacadas personalidades de todos os ramos do saber no "I Colóquio Internacional" de Utrecht. Não precisamos repetir aqui os testemunhos.

Igualmente o aspecto filosófico foi estudado no Congresso de Saint-Paul-de-Vence (1954) numa comissão especial, "Filosofia e Parapsicologia" sob a presidência dos Drs. H. H. PRICE da Universidade de Oxford e do conhecido filósofo católico Gabriel MARCEL. Entre as destacadas personalidades de oito países estava também o excelente filósofo e teólogo Rvdo. Pe. Aloys WIESINGER, cisterciense austríaco. Os filósofos ficaram todos de acôrdo em que não se podia pôr objeção à realidade da demonstração da precognição verdadeira. A precognição verdadeira é um fato [34].

Poucas verdades da Química, da Física ou de outras matérias estarão tão bem demonstradas como a verdade de que existe a precognição parapsicológica.

> *Há casos espontâneos que não parece possível que se possam explicar senão por uma faculdade paranormal de conhecimento direto do futuro.*
>
> *E, o que é mais importante, fizeram-se milhares de experiências de laboratório cientìficamente arquitetadas que demonstram sem nenhum gênero de dúvida que de fato existe no homem esta faculdade.*
>
> *A Ciência internacional examinou de todos os pontos de vista os resultados obtidos, manifestando em sucessivos Congressos que de fato está cientìficamente demonstrada a existência, no homem, da faculdade paranormal de conhecimento direto do futuro.*

34 — Um resumo dos trabalhos e conferências desta comissão de Filosofia poder-se-á encontrar em: AMADOU, Robert: "La science et le paranormal...", o. c., págs. 257-264.

19 O prazo existencial

OS LIMITES TEMPORAIS DO CONHECIMENTO EXTRA-SENSORIAL

As maravilhas do oráculo de Delfos. — Empolgante história dos livros sibilinos. — Os papas segundo a profecia de São MALAQUIAS. — O grande profeta NOSTRADAMUS. — A Terceira Guerra Mundial. — A data do fim do mundo.

DA retrocognição, se é que existe, como parece mais lógico, e da precognição que certamente existe, se deduz evidentemente que PSI-GAMMA vence a barreira do tempo. É de se compreender, no entanto, a curiosidade geral sôbre se a maior ou menor distância no tempo influem na atuação da faculdade psigâmica.

Para responder experimentalmente a esta pergunta, a precognição é caminho mais viável do que a retrocognição, como já sabemos.

Resultados em laboratórios

A senhorita HUTCHINSON, doutôra da Universidade Duke, fêz experiências comparativas de precognição com antecipações desde um até dez dias. Os resultados pareceram demonstrar que a diferença de tempo influía em

PSI: os sujeitos obtiveram resultados melhores quando prognosticavam com poucos dias de antecipação e, à medida que o intervalo aumentava, os resultados diminuíam. Mas o Dr. RHINE comprovou um êrro no método da experimentação: a Dra. HUTCHINSON, para animar seus sujeitos, comunicava-lhes os resultados das experiências o mais cedo possível. Isto poderia ocasionar que os metagnomos tivessem mais interêsse nas experiências com poucos dias de intervalo, e que perdessem tôda a curiosidade se o intervalo entre o prognóstico e a constatação dos resultados se distanciava vários dias. A diferença de interêsse podia explicar os resultados melhor que as diferenças de tempo.

Por conseguinte, o Dr. RHINE, com a colaboração da Dra. HUMPHREY começou outra dupla série de experiências, nas quais os resultados não se comunicavam aos sujeitos até terminar o prazo mais longo. Estabeleceu-se a comparação entre os prognósticos com dois dias de antecedência e os de dez dias. Desta vez os resultados foram sensìvelmente semelhantes.

Numa segunda dupla série os metagnomos não sabiam que experiências pertenciam ao prazo mais curto e quais ao prazo mais longo. Os resultados de nôvo foram idênticos, mais ainda, até um pouquinho superiores os resultados dos prognósticos com dez dias de antecedência [1]

As diferenças de tempo nas experiências citadas e em outras semelhantes não tinham influências sistemáticas nos resultados.

Casos espontâneos

Analisaram-se também os casos espontâneos, com idêntica conclusão. Prescindindo dos casos que podem explicar-se por outras causas não especìficamente precognitivas e levando também em conta as circunstâncias excitantes, diferença de interêsse, etc., comprova-se, com efeito, que as precognições com dias ou meses de antecedência são tão numerosas quanto as feitas horas ou minutos antes da realização dos fatos. E umas e outras tendo em conta os fatôres extrínsecos antes indicados, são igualmente detalhadas, nítidas, etc.

1 — RHINE, Joseph Banks: "The reach of the mind", New York, W. Sloane, 1948 e Londres, L. Fabel, 1948. Nós citamos da tradução francesa por SUDRE, René: "La double puissance de l'esprit", Paris, Payot, 1953, págs. 75 ss. Conhecemos também a edição italiana com prefácio do excelente parapsicólogo SERVADIO, Emìlio: "I poteri dello spirito", Roma, Astrolabio, 1949, e a edição espanhola: "El alcance de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1956.

Conclusão precipitada?

Do fato mesmo da precognição, das experiências de laboratório e da análise dos casos espontâneos, deduziu a maioria dos parapsicólogos que "o tempo não influi na percepção extra-sensorial", "PSI-GAMMA prescinde do tempo", "a ESP não é influenciada pela maior ou menor distância no tempo do fato preconhecido", ou fórmulas semelhantes.

Acho que, do exposto, se deduz que PSI-GAMMA pode conhecer o que sucederá amanhã, com a mesma "facilidade" com que pode conhecer o que sucederá depois de dois meses. Mas, será que pode conhecer com igual "facilidade", ou mesmo será que pode conhecer o que sucederá por exemplo depois de cinco séculos?

Quando falávamos da distância na ESP esclarecìamos: "a faculdade PSI-GAMMA prescinde da distância (ao menos) *dentro dos limites do nosso planêta*". Não teremos que fazer uma ressalva semelhante, falando do tempo. À primeira vista aparece uma clara distinção entre o que poderíamos chamar "prazo curto" ou "existencial" (mais ou menos dois séculos ou 5 gerações incluindo o que o metagnomo conhece *diretamente* do passado e do futuro) e o "longo prazo" (claramente mais de dois séculos).

Comecemos por analisar os casos espontâneos, o que aproveitaremos para ampliar a visão panorâmica da "adivinhação" na história.

Na antigüidade remota

Sabemos que, nas civilizações antigas se atribuía a certas pessoas o poder "sobrenatural" da "adivinhação". Mas em todo o acervo de "adivinhações" da mais remota antigüidade, nada há que sugira uma possível faculdade *huma-*

na de precognição a longo prazo. A quase totalidade dos dados que possuímos são gerais, sem relatórios concretos. Seguramente, inclusive, a maioria dessas "adivinhações" não se referiam ao futuro. As poucas relações que possuímos de precognições fora do contexto nìtidamente religioso (profetas bíblicos), são a curto prazo como, por exemplo, os sonhos "premonitórios" do FARAÓ, de JOSÉ e dos colegas de cárcere, etc.

Época clássica

A mesma confiança foi depositada na "adivinhação", durante a culta idade clássica greco-romana. Muitos escritores e testemunhos históricos nos falam dessa classe de fenômenos.

A fé nos "adivinhos" era tão profunda que, sem consultá-los, os podêres públicos não se atreviam a empreender uma guerra, uma colonização, qualquer ação importante. Organizavam-se esplêndidas embaixadas com suntuosos presentes a Dodona, a Delfos ou a qualquer dos famosos santuários onde os "deuses" falavam por meio dos oráculos ao povo. A adivinhação era mais apreciada que qualquer outra ciência. Os adivinhos guiavam os exércitos: foram famosos CALCAS, MELÂMPIOS, TIRÉSIAS, ARISTANDRO de Telmeses ("adivinho" nada menos que de ALEXANDRE Magno), etc. Os príncipes estrangeiros iam consultar os oráculos nacionais da Grécia.

A pitonisa de Delfos

O oráculo sem dúvida mais famoso foi o de Delfos, cidade da Grécia. Era dedicado a APOLO, o deus da "adivinhação".

Na parte posterior do templo encontrava-se a bôca dum abismo, da qual subia na primavera uma corrente de ar gelado e narcotizante; sôbre o abismo, na estreita abertura, estava instalado uma trípode de ferro com um assento. Nêle sentava-se a sacerdotisa a quem chamavam Pítia.

Do nome Pítia proveio o nome pitonisa que depois se generalizou para designar tôda classe de "adivinhas".

A Pítia era cuidadosamente escolhida. No princípio só havia uma, mas quando as consultas aumentaram, acrescentara-se mais uma e até duas. Procuravam-se entre as famílias pobres e deviam ter vivido em plena ignorância. Além disso se escolhiam entre as mulheres que sofriam doenças nervosas, preferentemente histéricas ou neuróticas que com facilidade padecessem convulsões e proferissem gritos incontrolados e incoerentes.

A Pítia mascava fôlhas de loureiro e bebia água gelada na fonte de Castália que brotava ao pé do rochedo Nimpea, perto do templo. Coroada de louros era conduzida ao templo e colocada na trípode sôbre a abertura do abismo. Com a sua propensão doentia, influenciada pelas emanações de gás fria e embriagadora, começava a agitar-se, revirava os olhos, lançava olhares como possuída pelo pânico. Um forte tremor percorria-lhe todo o corpo, lançava gritos estridentes, perdia totalmente os sentidos. E, entre as convulsões, proferia vozes ou sons incoerentes, que interpretados pelos sacerdotes do tempo ("prophetes"), constituíam os oráculos ou vaticínios.

Após ter pronunciado suficiente número de palavras ou proferido sons ininteligíveis, a Pítia era retirada da trípode e conduzida a uma cela. Durante alguns dias procurava restabelecer-se do terrível acesso provocado pelas emanações. Segundo testemunha LUCANO, o resultado dêsse ministério costumava ser uma morte prematura.

Mais adiante, contra tôda esperança, deixou para sempre de brotar o vapor nefítico na primavera. O Conselho teve que treinar as Pítias para fingirem as antigas convulsões e espasmos.

Foi o comêço do fim. Por outra parte, os partidarismos políticos, e os interêsses econômicos de Delfos motivaram com freqüência, desavenças e represálias.

Com o motivo das "guerras santas" os generais fócios FILOMENO, ONOMARCO e FALERO, saquearam o tesouro do templo. Mais tarde o rei FILIPE de Macedônia apoderou-se do patronato do oráculo, fazendo com que se ditassem os oráculos a seu gôsto. SILA e NERO levaram, pouco depois, os restos do que fôra riquíssimo tesouro. CONSTANTINO, o Grande, saqueou finalmente o já esgotado templo. Por fim, TEODÓSIO, o Grande, em fins do século IV, o

declarou oficialmente extinto e fechado. Lá se levanta hoje a mísera aldeia de Castri [2]. Eis a história da mais perfeita organização de "adivinhação". Os modernos "magos" devem contentar-se em agir individualmente e às ocultas.

Os livros sibilinos

As Sibilas ou a Sibila não são sêres reais. São a personificação dos deuses pagãos inspiradores dos oráculos, assim como as Musas ou a Musa são a personificação da inspiração artística.

A inspiração profética, o transe em que caíam as pitonisas, chamava-se "mania" que, etimològicamente, significa "furor". Inclusive entre os cristãos, alcançou grande prestígio a "divina mântica" dos pagãos, especialmente os livros proféticos chamados "livros sibilinos".

> Segundo a lenda, o rei TARQUÍNIO de Roma, por volta do ano 500 a. C., recebeu um dia a visita de uma misteriosa mulher. A mulher ofereceu ao rei 9 livros que continham o futuro de Roma, mas o preço era exorbitante e o rei os recusou. Pela segunda vez a mulher ofereceu, pelo mesmo preço, agora só seis dos nove livros, tendo queimado os outros três. Recusou o rei de nôvo. A mulher queimou mais três livros, oferecendo só os três livros restantes pelo mesmo preço que no comêço pedira pelos nove. O rei, impressionado pelo estranho proceder, comprou os três livros restantes pagando o enorme prêço estabelecido.

De fato houve três livros sibilinos. Mas os três pereceram num incêndio no ano 83 antes de Cristo. Os romanos tentaram reconstruir os livros sibilinos. Enviaram mensageiros aos lugares de origem das pitonisas que tinham proferido aquêles oráculos. Foram recolhidos fragmentos ou trechos sem crítica, formando-se uma coleção de mil versos. No ano 73

2 — GÖTLE: "Das delphisch Orakel in seinem politisch-religiösen und sittichen Einfluss auf die Alte Welt", Leipzig, 1839. MOMMSEN, A.: "Delphika", Leipzig, 1878. FOUCART, P.: "Mémoire sur les ruines et l'histoire de Delphes" em "Missions scientifiques", Paris, 1865. PONTOW: "Beitrage zur topographie von Delphi", Berlim, 1889. HOMOLLE (com muitos colaboradores): "Fouilles de Delphes", Paris, École française d'Athènes, 1892-1901.

a.C. depositou-se esta coleção no reconstruído templo Capitolino. Quinze intérpretes ("quindecimviri") foram nomeados oficialmente para interpretá-los em nome do Estado nas circunstâncias necessárias.

O imperador AUGUSTO mandou depois revisá-los, pois corria o rumor de que se tinham introduzido nêles interpolações "post factum", a fim de garantir as interpretações que se tinham dado. Os livros assim revisados, foram então depositados no templo de APOLO, no Palatino.

Entre o público, porém, circularam sempre as mais variadas coleções, com muitas emendas e interpolações. Por fim, no século VI da nossa era, sob o imperador JUSTINIANO, fêz-se uma ordenação definitiva. O investigador, desconhecido, recolheu 4 232 versos. O seu manuscrito foi publicado na imprensa em 1545 [3] e depois reproduzido em Paris no ano de 1566. Filólogos competentes dedicaram-se a fazer edições críticas [4].

Crítica da mântica pagã

De todo o imenso acervo de adivinhações da época clássica, do ponto de vista da precognição a longo prazo, a única coisa que poderia entrar em questão é a dos livros sibilinos. Todo o restante da mântica na época clássica que se refira ao futuro, são espertezas, como a quase totalidade das adivinhações de Delfos, ou não se conserva, ou são dados excessivamente gerais para podermos fazer um juízo. Em todo caso, se trataria de precognição a prazo curto.

Nos livros sibilinos estaria contido não só o futuro de Roma, como acreditavam os pagãos, mas, segundo alguns, também o futuro do mundo inteiro até a consumação dos séculos.

3 — BETULEYO, Sixto, Basilea, 1545.

4 — As melhores são as de: S. GALLAEUS, Amsterdam, Galland, 1689 (8 livros que então se conheciam; os restantes livros, até 14, foram descobertos mais tarde na biblioteca de Milão pelo cardeal MAIA: "Sibyllae liber XIV cum livro VI et octavi parte", 1817, e "Collectio scriptorum veterum", 1825-1828: livros VII até XIII). ALEXANDRE, Paris, 1840. FRIEDLIEB, J. H., Leipzig, 1852. Também são boas as duas edições de DIDOT (1841 e 1846) e a edição de B. BADT em 1878.

Dos três livros sibilinos originais hoje conservamos (ou deveríamos conservar) 14! Faltam os livros IX e X que talvez nunca tenham existido; dos livros IV, VI, VII e XII só apareceram fragmentos.

O mais importante de todos é o livro III, que *talvez* date do século II antes de CRISTO, anterior portanto ao incêndio no qual pereceram os livros sibilinos originários. Contém 829 versos em dáctilos latinos. Fala da história bíblica da tôrre de Babel, gloria-se das grandezas de Israel e amaldiçoa a idolatria no seu estilo "profético". Acreditam alguns autores que continham algum elemento messiânico e pretendem demonstrar que VIRGÍLIO tirou daí os versos da Égloga VI na qual, segundo parece, anuncia o MESSIAS.

Será que há, em tudo isto, algo de precognição a longo prazo?

Esta Sibila, certamente não seria a dos livros originais do século V antes de CRISTO: todos os filólogos estão de acôrdo em que êste livro, se não é posterior a CRISTO, quando muito seria do século II antes de CRISTO, concretamente, do tempo dos MACABEUS, i. é, da segunda metade do século II antes de CRISTO. Tudo, por conseguinte, provàvelmente dentro do prazo curto ou "existencial".[5]

Em segundo lugar, a opinião geral hoje é de que todos êstes elementos judaicos foram uma hábil interpolação dos judeus de Alexandria para servir-se das Sibilas nas suas discussões com os pagãos[6].

Em todo caso, não se trataria de precognição a longo prazo, nem sequer precognição, porque os elementos judaizantes do terceiro livro sibilino nada acrescentam ao que já dizia a Bíblia. Por conseguinte, em último têrmo, bastaria uma *simulcognição* das profecias bíblicas escritas ou da tradição judaica para que a Sibila pudesse "prognosticar".

5 — EWALD: "Entstehung, Inhalt und Werth der Sibyll", Bücher, Götingen, 1960. BOUCHÉ-LECLERQ: "Histoire de la divination dans l'Antiquité", Paris, 1879-1882, Tomo II, págs. 133 ss.

6 — Além dos autores citados na nota anterior, Cfr.: B. BADT: "De oraculis sibyllinis...", Breslau, 1869.

Nos livros VI e VII a alusão a CRISTO é claríssima, existindo até um hino a JESUS. E, no livro VII (versos 217-430), aparece o nome "JESUS CRISTO" com tôdas as suas letras em forma de acróstico (isto é, com cada letra da palavra JESUS CRISTO iniciando outras tantas estrofes seguidas). Fala-se da Encarnação, Redenção e Ressurreição com bastante clareza. Afirma-se que, graças à intervenção da Virgem, se concediam ao mundo sete séculos. O fim do mundo, pois, supondo que a profecia fôsse original da Sibila do século V antes de CRISTO, deveria ter sido já no século segundo depois de CRISTO!

Precognição a longo prazo? Hoje, com os modernos estudos e descobertas, todos os eruditos estão de acôrdo em que essas aparentes profecias cristãs são hábeis interpolações e modificações feitas pelos primeiros cristãos. Falsificando os livros sibilinos, pensaram alguns cristãos que poderiam vencer a enorme resistência que ofereciam os pagãos ao Cristianismo[7].

Aliás, em todo caso, os livros sibilinos em que aparecem elementos cristãos, datam de épocas muito imediatas e até contemporâneas do aparecimento do cristianismo. Por conseguinte, seriam precognições a muito curto prazo, simulcognições e até retrocognições.

Primeiros séculos do cristianismo

O cristianismo, desde o começo, apesar do "respeito" tributado aos livros sibilinos dos pagãos, adotou clara posição contra inúmeras superstições que se introduziam entre os cristãos, e mormente contra a prática da metagnomia[8].

7 — Sôbre êste ponto particular das interpolações dos cristãos, cfr., além dos autores já citados: PARMENEDER no "Dicionário Enciclopédico de Teologia Católica", de Welzer e Welte.

8 — De agora em diante preferimos abandonar o têrmo "adivinhação" (= proveniente dos deuses). Êste têrmo estava bem empregado ao falarmos da época pagã, pois os pagãos atribuiam êste fenômeno aos deuses, geralmente. Nas épocas posteriores, porém, o prodígio foi mais geralmente atribuído a revelações de diversas entidades como demônios, almas dos mortos, maatmas, etc.; inclusive, foi atribuído a sêres imaginários, independentes: fadas, gnomos, ondinas, elementares... Todos êstes sêres foram o resíduo da divinização

Talvez as mais famosas sessões de metagnomia fôssem as da heresia montanista. Era a continuação com formas aparentes de cristianismo, das pitonisas e sibilas dos pagãos.

No século III, FILÓSTRATO, na apologia que fêz de APOLÔNIO de Tiana consagrou-o como o mais admirável profeta.[9] Com aquêle panegírico, conseguiu-se que APOLÔNIO de Tiana fôsse colocado junto de ABRAÃO e de JESUS CRISTO (!), na capela privada de Júlia MÂNEA, mãe do imperador Alexandre SEVERO [10].

Não há dúvida de que APOLÔNIO de Tiana foi simplesmente um filósofo e "moralizador", morto no ano 97, e que nada tinha do profeta. As profecias que lhe atribui FILÓSTRATO foram integralmente inventadas [11].

No século IV, talvez o mais famoso astrólogo fôsse PRISCILIANO, bispo herege de Ávila, na Espanha.

Da metagnomia nos primeiros séculos do cristianismo nada podemos tirar em prol da precognição a longo prazo. Os metagnomos daqueles tempos e as pessoas que os consultavam só se interessavam, ao que parece, pela metagnomia mais prática e imediatista.

Idade Média e Renascimento

Na Idade Média há uma verdadeira epidemia de feiticeiros, bruxas, endemoninhados que enchiam o ambiente de mistério e prodígio. Entre êsses prodígios destacava-se a metagnomia.

ção pagã dos astros, elementos e leis da natureza. Tais erros ainda perduram em muitos ambientes.

Adotaremos o têrmo "metagnomo" e "metagnomia", isto é, conhecimento além do normal, paranormal. Ainda não se tem adotado oficialmente um têrmo técnico para designar o "sujeito", o "percipiente", a pessoa mesma que tem o conhecimento *paranormal*. Penso que o têrmo "metagnomo" é o mais indicado. O têrmo "sensitivo" reservar-se-ia para a pessoa que experimenta fenômenos *extraordinário-normais*, já que são devidos aos sentidos, principalmente.

9 — PHILÓSTRATUS: "De vita Apollonii", Londres, 1860.

10 — REVILLE: "Le Christ paien du IIIe. siècle", Paris, 1865.

11 — CHASSANG, M.: "Le merveilleux dans l'antiquité. Apollonius de Tyane, sa vie, ses voyages, ses prodiges par Philostrate, et ses lettres", Paris, 1862. FIEPPEL: "Le roman d'Appollone de Tyane", em "Revue Contemporaine", 1860.

Não diminuiu no Renascimento o interêsse pela "magia".

Alcançaram fama universal as "profecias" de MALAQUIAS e NOSTRADAMUS, indubitàvelmente os mais representativos, depois dos clássicos até hoje. Seus escritos contêm muitos prognósticos a longo prazo. Por isso, e por serem os mais importantes, nos deteremos especialmente nêles.

A profecia de MALAQUIAS

A célebre profecia de MALAQUIAS se atribui ao santo bispo irlandês São MALAQUIAS, falecido aos 2 de novembro de 1148. Porém, não foi publicada até 1595. Foi um monge beneditino, Arnoldo WION, de Douai, quem a incluiu numa obra em latim [12]. Não diz onde a tinha encontrado, onde ficavam os originais, que provas tinha de que fôsse, na realidade, de São MALAQUIAS... Simplesmente diz: São MALAQUIAS "passa por ter escrito alguns opúsculos, mas dêle não conheço mais do que uma profecia sôbre os soberanos pontífices. Como é breve e não foi ainda impressa, a reproduzo aqui para satisfazer o desejo de muitos". Isto é quanto se nos diz sôbre as origens da profecia de São MALAQUIAS.

A profecia de MALAQUIAS compreende um total de 111 lemas, correspondentes a outros tantos Papas a partir de CELESTINO II, que reinou de 1143 até 1144.

WION afirma que a profecia foi escrita antes do primeiro papado designado com lema, isto é, antes de 1143. Mas é claro que foi escrita muito depois, pelo ano 1595, ano da publicação da "profecia". É apócrifa.

Com tôda evidência aparece a ingenuidade com que se fizeram os lemas para os Papas que já tinham reinado antes de 1595.

> O Papa HONÓRIO IV, por exemplo, tinha no escudo de armas uma rosa sustentada por dois leões. O lema em conseqüência diz: "Ex rosa leonina". BONIFÁCIO VIII tinha por nome de batismo "BENEDICTO" e no seu escudo de armas havia ondas; o lema foi: "Ex undarum benedictione". Os BÓRGIA tinham no seu escudo um boi; o primeiro dos

12 — WION, Arnoldo: "Lignum vitae, ornamentum et decor Ecclesiae", Veneza, 1595.

Papas Bórgia, CALIXTO III, foi designado com as palavras: "Bos pascens" e seu sobrinho, ALEXANDRE VI, por "Bos albanus in portu".

E assim os demais Papas. Só se fala em nomes (de família, de batismo, ou do título cardinalício) e do escudo de armas. Ainda em Pontificados tão ilustres como os de INOCÊNCIO III, NICOLAU V, LEÃO X, não se faz a mínima alusão a fatos do seu pontificado.

É também significativo como o farsante autor da "profecia" copia os erros a respeito dos Papas, proveniente de um historiador do seu tempo.

Assim, por exemplo, nos lemas do pseudo-MALAQUIAS, não aparecem mais do que dois antipapas. E isto porque o historiador PANVINIRI (ou PANVÍNIO) só nomeia dois antipapas. O mesmo historiador tinha escrito que EUGÊNIO IV pertencia à ordem dos Celestinos, o que era falso pois não foi celestino mas agostiniano. Na "profecia" aparece o êrro: "Lupa celestina". PANVINIO tinha afirmado que JOÃO XXII era filho dum sapateiro chamado OSSA. Na realidade o pai de JOÃO XXII não era sapateiro nem se chamava OSSA: simplesmente pertencia à família DUESSE (ou D'EUESSE). Na "profecia" se diz: "de suture Osseo" (do sapateiro OSSA).

Como se vê, é evidente que o autor da "profecia" se serviu da história de PANVÍNIO, e fica bem claro que a "profecia" é apócrifa; é muito posterior à data que se lhe atribuía, pois não podem atribuir-se a São MALAQUIAS os erros dum historiador que havia de viver quatrocentos anos depois, precisamente pela época na qual se publicou a "profecia".

Aos Papas anteriores a 1595 se dá sempre um lema compôsto, como vimos, do nome (nome de batismo ou da família ou cardinalício ou de ordem religiosa...) e do escudo. Dados fáceis de serem conhecidos pelo autor de 1595. A partir de 1595, porém, tudo muda: a "profecia", da época da publicação em diante, vai às tontas. Em estilo autênticamente sibilino, os lemas geralmente não têm relação nenhuma com os nomes nem com os escudos. Para interpretar êstes lemas da segunda parte, os comentaristas partidários da autenticidade da "profecia" têm que fazer enormes malabarismos de

inteligência. O pseudo MALAQUIAS nem sequer a prazo curto era metagnomo.

"Undosus vir" é o lema para LEÃO XI. Não reinou senão 21 dias. Nem no nome nem no escudo há nada que corresponda ao lema. Mas não faltaram comentaristas que lograssem explicar o lema. Êsse Papa suou muito quando se dirigia a São João de Latrão num dia de muito calor. Uma corrente de ar frio passou ràpidamente. Como resultado do resfriado, pouco depois morria o velho pontífice. Foi precisamente a transpiração a que previu "MALAQUIAS": "Undosus vir": (varão aquoso ou com ondas!).

BENEDICTO XIV, o grande Papa do século XVIII, sábio e erudito de primeira linha, acreditado canonista, foi em tudo o oposto do lema que lhe corresponde: "Animal rurale". Mas os comentaristas até encontraram duas explicações desta vez. Assim como Santo TOMÁS de Aquino foi chamado "o boi de Sicília", assim BENEDICTO XIV mereceu o lema de "Animal do campo". Outra explicação: diz a Escritura que chegará um dia em que o homem não reconhecerá seu Criador e será como os animais do campo. A isso alude "MALAQUIAS": o pontificado de BENEDICTO XIV coincidiu com o Enciclopedismo, século de incredulidade! Embora BENEDICTO XIV só vivesse 8 anos dêsse século...

LEÃO XII é designado como "canis et coluber". Para um comentarista o "cachorro" indica vigilância, a "serpente" a prudência: é o menos que se pode esperar de um Papa! Para outro comentarista, LEÃO XII era muito amigo de um cachorrinho muito inteligente: compreende-se que "MALAQUIAS" previsse alguma luta do cachorrinho com uma serpente...!

Em fim, poderíamos multiplicar os exemplos. Aparece claro como é fácil encontrar não uma, mas várias explicações para cada um dêsses lemas, que parecem dizer muita coisa e que na realidade não dizem nada.

Além do estilo sibilino uma outra consideração se impõe na análise das precognições a longo prazo: a casualidade. É um dos fatos que têm contribuído muito à duração do prestígio dos pseudo-profetas, quando não se consideram as coisas serenamente.

"MALAQUIAS", disse de PIO VI que seria "Peregrinus apostolicus", e com efeito, PIO VI realizou uma viagem desacostumada num Papa: foi a Viena para entrevistar-se com o imperador JOSÉ II, que se intrometia demais nos assuntos eclesiásticos. Mais ainda, como se sabe, PIO VI foi levado prisioneiro por BERTHIER para o outro lado dos Alpes. Extenuado da viagem, aos 82 anos, chegou a Valence para morrer no dia 29 de agôsto de 1799, precisamente quando o Diretório acabava de decretar que o Papa fôsse levado a Dijon: "Peregrino apostólico".

Outro *acêrto* assombroso se referia ao Papa seguinte.

PIO VII foi chamado na "profecia", "Aquila rapax". Com efeito, NAPOLEÃO, imperador das conquistas, era uma "águia rapace" e mais rapace por ter roubado o próprio Papa levando-o prisioneiro para Grenoble. Depois, passou de nôvo os Alpes, para Savona, onde o deixou confinado anos inteiros. Por fim o levaram para Fontainebleau. NAPOLEÃO queria instalar o papado em Paris. Só com a queda do império o Papa voltou a Roma. Por êsses dados os intérpretes ficam muito satisfeitos com o lema "Aquila rapax".

Em realidade, o lema teria que ser aplicado a NAPOLEÃO e não ao Papa cativo, que de "Aquila rapax" não tinha nada.

Mais ainda. Quase por entretenimento temos trocado, ao acaso, todos os lemas dos Papas do segundo período, e até temos aplicado todos os lemas a um mesmo Papa escolhido também ao acaso. Os acertos de interpretações são igualmente freqüentes e fáceis: é a grande vantagem do estilo sibilino, quando o estilo sibilino está feito por um "mago" de categoria.

PIO XII, por exemplo, pode perfeitamente ser chamado "Varão religioso" igual ou melhor do que PIO VIII; pode ser chamado também "Fogo ardente" como PIO X pelo zêlo apostólico, ou pela guerra terrível que presenciou (pois os intérpretes dão ambas explicações tratando de São PIO X); como LEÃO XIII, também PIO XII pode ser chamado "Luz no céu" pelas grandes Encíclicas; "Religião devastada", melhor do que BENEDICTO XV porque no seu tempo a cristandade se digladiava com milhões de cadáveres.

Se PIO XI, por fazer frente ao nazismo e ao comunismo incipiente foi chamado "Fé intrépida", com não menos intrepidez os combateu PIO XII. Também pode ser chamado, como JOÃO XXIII, pelas suas legações quando cardeal "Pastor et nauta", e "Peregrinus apostolicus" como PIO VI e "Aquila rapax" como Pio VII, pelas sublimes alturas da sua doutrina em tão abundantes encíclicas e alocuções, etc.

Ao contrário, o lema de PIO XII, "Pastor angelicus", acomoda-se melhor talvez a JOÃO XXIII pela sua paternidade e bondade, e a São PIO X...

Enfim, todos os lemas para cada Papa e todos os Papas para cada lema. De tôdas as formas a casualidade e um pouco de habilidade na interpretação oferecem acertos igualmente empolgantes [13].

---

13 — A bibliografia, pró e contra, é amplíssima. Só citamos as principais obras que temos usado.

Em defesa da profecia: GERMANO, Giovanni: "Addizione apologetico-istorica alla predizione circa i Romani Pontifici", Nápoles, 1675. GRAFF, Petrus: "Disquisitio historica de successionibus Pontificum romanorum, secundum seriem praenotationum Malachiae, hyberno adscriptam", Marburgi 1677. G. MOLLER, Daniel: "Dissertatio historica de Malachia, propheta pontificio", Altorf, 1706. KRÜGER, Theodorus: "Commentatio historica secundum vaticinia Malaquiae archiepiscopi Armaghani, a dubiis Claudii Francisci Menestrierii, Carrierii aliorumque vindicata", Wittemberg, 1723.

Impugnando a "profecia": MENESTRIER, Claude François: "Refutation des prophéties faussement attribuées à S. MALACHIE sur les elections des Papes", Paris, 1689; obra muito recomendável. CARRIERE Franciscus: "Historia chronologica Pontificum romanorum cum praesignatione futurorum ex S. Malachia", Lyon, 1602, 1663, 1694; Veneza, 1697.

De caráter mais geral, isto é, não diretamente polêmico, são as seguintes obras entre as mais notáveis: CUCHERAT, F.: "La prophétie de la succession des Papes depuis le XII siècle jusqu'à la fin du monde: son auteur, son authenticité et son explication", Grenoble, 1873. MAITRE, Jos.: "La prophétie des Papes attribuée à S. Malachie", Paris, 1902. THURSTON, S. J., Herbert: "The so called Prophecy of Saint Malachy", Londres, The War and the Prophets, 1915. NOE, De la Tour de (tradução espanhola da 20.a ed. francesa, por Bra. Fe. Pbo.): "El fin del mundo después de los diez Papas futuros, de Ignis ardens a Petrus secundus", Toulouse, 1895. PIJOAN, Rafael: "El siglo XX y el fin del mundo, según la profecía de San Malaquias", Barcelona ,1914.

E se isto pode dizer-se da "profecia" do pseudo-MALAQUIAS, a mais concreta de tôdas as profecias a longo prazo, por referir-se sempre a personagens determinadas, que não se poderá dizer das "profecias" nas quais não se determinam as personagens, ou as datas, ou os lugares?

Em conclusão: a "profecia de Malaquias" não é autêntica metagnomia a longo prazo e nem sequer a prazo curto. É farsa.

NOSTRADAMUS

O mais célebre dos metagnomos de todos os tempos foi NOSTRADAMUS. Era de ascendência judaica, tanto por via materna como por via paterna, da família de ISACAR. Em conseqüência do edito de LUÍS XI ameaçando confiscar os bens dos judeus da Provença se não se convertessem ao cristianismo, os antepassados de NOSTRADAMUS se fizeram batizar. Foi então quando trocaram os nomes judeus pelos de NOTRE-DAME os antepassados paternos, e SAINT REMY (do lugar onde habitavam) os antepassados maternos.

Na vila de Saint Remy nasceu Miguel NOSTRADAMUS, o grande metagnomo, no ano de 1503, numa quinta-feira, 14 de dezembro, perto do meio-dia (a exatidão dos dados se deve ao mesmo NOSTRADAMUS, pelo cuidado que pôs depois em averiguá-lo afim de fazer seu próprio horóscopo). Era filho de Jacob NOSTRADAMUS, notário do lugar, e de Renata SAINT REMY.

Recebeu o gôsto pela astronomia de seu bisavô materno, assim como o gôsto pelas matemáticas e a medicina o herdou dos seus avós.

NOSTRADAMUS guardou algum tempo seus livros de profecias, as Centúrias, sem querer publicá-las, por mêdo de que o atrevimento da matéria lhe suscitasse maledicências e calúnias. Por fim, instado pelos admiradores, as deu a conhecer manuscritas em 1555, "número perfeito" que pressagiava êxito [14].

14 — Em 1555 publicou 7 Centúrias com o título "Almanache". Em 1558 acrescentou mais 3 Centúrias. Outras frações foram acrescentando-se em diversas datas. Pròpriamente só foram editadas em 1611: "Texte original et complet des prophéties de Michel Nostradamus, de 1600 a l'an 2000", Amsterdam, Jean Janson, Ed., 1611; livro reeditado em 1678 e que se conserva na Biblioteca Nacional de Paris. As datas 1600 até o ano 2000 são interpretações do editor. Há muitíssimas edições posteriores, traduções e comentários.

15 — CHAVIGNY, Jean Aimes: "Bref discours sur la vie du Mr. M. Notredame...", Lyon, Roussin, 1594. HAITZE: "Vie de M. Nostradamus", Aix, 1712. JAUVERT: "Vie de Nostradamus", Amsterdam, 1656. TRONG de Condoulet: "Abrégé de la vie de M. Nostradamus", s.d. BARESTE: "Nostradamus", Paris, 1842.

As Centúrias, no ambiente misterioso e supersticioso da época, logo alcançaram o mais rotundo êxito, não só na França, mas também no estrangeiro. Foi considerado e estimado como o astrólogo mais sábio de todos os tempos. Plebeus e nobres rivalizavam em honrá-lo.

Um ano após a publicação das Centúrias, a fama de NOSTRADAMUS chegou aos ouvidos do rei HENRIQUE II, que o mandou chamar, conversou com êle longamente e o cumulou de presentes.

Quando CATARINA de Médicis conduzia uma de suas filhas à fronteira de Espanha para ser recebida lá como rainha, desviou o itinerário para passar por Salon-de-Crau e consultar NOSTRADAMUS. O jovem rei CARLOS IX, que no ano anterior (1563) tinha sido declarado maior de idade, deu a NOSTRADAMUS as maiores mostras de afeto, e nomeou-o médico e conselheiro real (títulos só honoríficos). NOSTRADAMUS estava já muito envelhecido e débil.

Dois anos após a visita do rei, "afligido pelo artritismo e pela gôta", prognosticava a sua morte próxima, escrevendo misteriosamente nas Efemérides de João STADIUS: "Hic prope mors est" (Está próxima a morte). Um mês mais tarde, e horas antes de morrer, teve o seu último diagnóstico do futuro ao dizer para seu amigo Jean-Aimes de CLAVIGNY, doutor em Direito e Teologia: "Não me verá com vida a saída do sol". Com efeito, pouco antes do amanhecer morria Miguel NOSTRADAMUS [15].

Ainda hoje, na Igreja de Cordelliers, em Salon-de-Crau, pode ler-se o seguinte epitáfio que traduzimos do latim: "Aqui repousam os ossos de Miguel NOSTRADAMUS, cuja pena quase divina tem sido julgada por todos digna de transmitir aos homens os acontecimentos futuros de tôda a terra segundo os influxos dos astros. Faleceu em Salon-de-Crau,

Provença, no ano da graça de 1566, no dia 2 de julho, aos sessenta e dois anos, seis meses e dezessete dias. Ó sucessores, não toqueis suas cinzas, zelosos do seu repouso".

Precognições a longo prazo? Como dissemos, referimo-nos especialmente a NOSTRADAMUS, como antes a MALAQUIAS por serem os mais importantes. As observações, porém, são a modo de exemplos concretos, devendo-se aplicar a tôdas as demais "profecias" a longo prazo. Tôdas as precognições a longo prazo têm características semelhantes, e diferentes das autênticas precognições a curto prazo. É essencial o estilo genérico, obscuro, como nos livros sibilinos.

NOSTRADAMUS escreve, por exemplo: "Pais e mães mortos, lutos infinitos, mulheres em luto, pestilência enorme. O grande já não é mais, todo o mundo termina".

Prediz o fim do mundo? Uma grande guerra? Nestes versos os intérpretes viram uma profecia da catástrofe de Courrières. Eis como se interpretam, no prodígio de engenho as palavras de NOSTRADAMUS:

"A palavra luto ("deuil") duas vêzes empregada, é um jôgo de palavras: quer dizer que haverá um grande luto nas margens do "Deule", rio que passa a um quilômetro de Courrières. A "pestilência enorme" indica que haverá muitos cadáveres. "O grande não é mais" se refere a LOBET, que concluiu seu mandato. "Todo o mundo termina" é a Câmara (!!) que terminou também seu mandato.

Ora, como se vê, êstes versos podem aplicar-se, com mais facilidade inclusive, também à guerra russo-japonêsa, à guerra dos Setenta, à catástrofe de Martinica, à perda do "Lutin" ou a explosão do "Iena", para nomear só algumas das catástrofes que sucederam mais ou menos na mesma época que a de Courières. E se quiséssemos incluir outra época? O mais consciencioso intérprete moderno, LIGEOIX de la COMBE o aplica à Terceira Guera Mundial!

Analisamos um recente comentário das Centúrias [16], publicado em 1947. Segundo êste intérprete que, aliás, escolhe

16 — XX: "Texte original des Prophéties de Michel Nostradamus", Paris, 1947.

as estrofes que lhe parecem mais fáceis e deixa as demais, o período 1933-1955 foi especialmente interessante para NOSTRADAMUS.

Para a primeira metade do período, isto é, de 1933 até 1947, NOSTRADAMUS tinha previsto a guerra civil espanhola; previu HITLER, MUSSOLINI, o primeiro fracasso da Sociedade das Nações; predisse a queda da terceira República francesa, a guerra sino-japonêsa, a abdicação de EDUARDO VIII; a Segunda Guerra Mundial estava também prevista com tôda clareza, e o armistício de 1940 e o regime do marechal PETAIN. Com idêntica clareza estava prevista a resistência inglêsa, a campanha da Itália, a queda de MUSSOLINI, o govêrno de DE GAULLE em Londres, os bombardeios, a morte de ROOSEVELT, o fim do govêrno de Vichy, a chegada de DE GAULLE à França...

As pessoas que leram o livro no ano da publicação, 1947, devem ter ficado impressionadas por tantas "predições" cumpridas. Aceitariam pouco menos que como evidentes os prognósticos que se faziam para os anos seguintes até 1955. Em 1964, podemos criticar o que o comentarista, escrevendo em 1947, esperava até 1955.

Evidentemente, o comentarista põe, para esta segunda parte do período, uma série de generalidades, visto que nem êle mesmo podia interpretar "as mais claras" palavras de NOSTRADAMUS:

"Continuação da crise econômica", "dificuldades para as subsistências", "confusão na política"...

Como se vê, generalidades infalíveis. Outras coisas não tão gerais, apesar de parecerem prováveis quando o comentarista escrevia, resultaram plenamente falhas: "o final do socialismo", "extermínio do comunismo", "final da república francesa". Tudo antes de 1955! NOSTRADAMUS teria vaticinado também, com tôda clareza e infalibilidade, a respeito do papado:

A PIO XII sucederia um Papa jovem (JOÃO XXIII subiu ao trono pontifício com 77 anos). Êste Papa jovem fugiria de Roma e se refugiaria em Avignon. Então os revolucionários nomeariam nôvo Papa, mas o jovem e verdadeiro Papa voltaria a Roma, protegido pelas armas francesas.

Todo o mundo temia a Terceira Guerra Mundial... A descrição que dela faz NOSTRADAMUS é muito concreta e detalhada segundo o comentarista que escrevia em 1947.

> A Rússia, aliada aos muçulmanos, começaria por atacar a Itália. Depois, a França deveria ser invadida duas vêzes. A destruição de Paris seria total. Depois, viria a invasão da Espanha. Barcelona (Espanha) e Marselha (França) seriam ocupadas pelas fôrças muçulmanas. Surgiria, porém, um grande chefe francês que, aliando-se com as fôrças recrutadas pelo Papa, dos E.U.A. e da Espanha faria fugir os inimigos até o Oriente Médio...

Esta terrível guerra, mais terrível que tôdas as anteriores, deveria terminar em 1954!

A Terceira Guerra Mundial

Falando da Terceira Guerra Mundial, não podemos deixar de destacar um intérprete contemporâneo, extraordinário modêlo de método e tenacidade para desvendar o mistério das profecias de NOSTRADAMUS. Estamo-nos referindo ao comandante LIGEOIX de la COMBE.

Êste investigador trabalhou ativamente durante 10 anos sôbre as profecias de NOSTRADAMUS. O resultado do trabalho exaustivo acaba de ser publicado num elegante volume de 500 páginas.

Do livro só se fizeram 100 exemplares que foram entregues às melhores bibliotecas, sociedades parapsicológicas e alguns parapsicólogos particulares, para a conservação da obra até que a época supostamente visada por NOSTRADAMUS tenha passado. O livro não poderá ser entregue ao público. As conseqüências *poderiam* ser fatais e de influência imprevisível na vida e até nos destinos de algumas nações... [17].

17 — Devo agradecer ao autor, em meu próprio nome e no dos meus leitores, o presente de vários exemplares do seu precioso livro e por ter-me autorizado a fazer algumas públicas referências ao conteúdo do mesmo. Esta autorização é mais de agradecer por ser a única outorgada.

Pois bem, LIGEOIX começa por provar sem contestação possível que as Centúrias de NOSTRADAMUS ou se referem só à Terceira Guerra Mundial ou não se referem a nada... Sòmente quatro décadas a partir de 1960, isto é, preparativos, desenrolar e conseqüências da Terceira Guerra Mundial estariam visados por NOSTRADAMUS. Se as Centúrias de NOSTRADAMUS não se referíssem à Terceira Guerra Mundial sòmente, não deveriam ser tidas em conta para nada; não haveria precognição de nenhuma classe.

Mas o mesmo NOSTRADAMUS afirmava que eram profecias da história do mundo até o ano 3797, como veremos! Um êrro de interpretação do próprio NOSTRADAMUS? (O consciente do metagnomo não tem porque ser o melhor intérprete das precognições do seu inconsciente...).

O trabalho de LIGEOIX de la COMBE parece-nos da maior importância científica.

Deve-se destacar em primeiro lugar o acêrto de ter-se entregue aos investigadores o livro antes dos acontecimentos que estariam anunciados. Desta maneira se exclui a possibilidade de atribuir os acertos, se os houver, à interpretação "post factum".

Além disso, a interpretação de LIGEOIX não recorre, como tôdas as até hoje apresentadas "ante eventum", a generalidades e interpretações quase tão sibilinas como as Centúrias mesmas. Não. A interpretação de LIGEOIX é assombrosamente clara, concreta até o extremo: lugares, nomes, datas, episódios nìtidamente descritos... Tudo num trabalho "exegético" perfeito, aliás permitindo perfeitamente a comprovação na leitura. O livro está disposto em duas colunas e em duas tintas, à esquerda e em vermelho as expressões de NOSTRADAMUS, à direita e em prêto a interpretação de LIGEOIX, e em letra pequena ao pé de cada quadra as razões "exegéticas" pelas quais se dá tal interpretação, sendo precisamente nestas razões apresentadas que aparece claramente o enorme trabalho e valor científico da interpretação de LIGEOIX.

O livro de LIGEOIX é uma completa refutação científica das interpretações anteriores de todos os que quiseram ver mil acertos, aplicando as expressões das Centúrias

a qualquer acontecimento da história. Seriam resultado do estilo sibilino, disquisições dos intérpretes, sem valor objetivo nenhum.

Não é possível, naturalmente, fazer nenhuma antecipação dos acontecimentos que se prognosticariam, além de por outras razões óbvias, por razões científicas. Deve-se pretender só a investigação científica sem outras metas, políticas ou de outra qualquer espécie, e para êste trabalho o melhor é esperar os acontecimentos. Está reservado aos parapsicólogos do século XXI comprovar se de fato o prognosticado foi realizado ou não. Se os prognósticos não se realizarem, então se deverá considerar como desaparecido perante a ciência o mito "NOSTRADAMUS, metagnomo a longo prazo".

Pessoalmente acreditamos num retundo fracasso de NOSTRADAMUS. A análise das Centúrias nos dá uma impressão tão nítida de meras ou quase meras elucubrações, de fantasmagorias do inconsciente, que não esperamos nada de precognição autêntica. Maravilhoso talento do inconsciente, isto sim, verdadeiramente maravilhoso estilo sibilino, que poderíamos chamar "paranormal" no mais admirável sentido da expressão. Mas não precognições a longo prazo. Enfim, no século XXI se discutirá o assunto com conhecimento de causa [18].

O fim do mundo

Numa ocasião NOSTRADAMUS falou com clareza em prognósticos a longo prazo. O mesmo prognóstico, e também claro fêz "MALAQUIAS". Ambos os vaticínios claros (até certo ponto), se referem ao fim do mundo.

> A "profecia" do pseudo-MALAQUIAS põe apos o atual pontificado de PAULO VI, "Flos Florum", os seguintes lemas: "De medietate lunae", "De labore solis", "De gloria olivae"

18 — Para a crítica dos prognósticos de NOSTRADAMUS, em geral, Cfr. além das obras já citadas: ADELUNG: "Historia de la locura humana" (tradução espanhola), Leipzig, 1785. BOUYS: "Nouvelles considérations sur les Sibylles et les Prophétes et particuliérement sur Nostradamus", Paris, 1806. LEROUX: "La clef de Nostradamus", Paris, 1710.

> e finalmente "Petrus romanus". Após êste lema, a "profecia" se encerra com estas palavras: "...PEDRO de Roma apascentará suas ovelhas em meio de muitas tribulações; depois a cidade das sete colinas (Roma) será destruída e o terrível juiz julgará seu povo".

Por conseguinte, de PAULO VI até o juizo final só há quatro Papas; o fim do mundo, pois, não andará muito longe do ano 2000, segundo o pseudo-MALAQUIAS.

Talvez influenciados pelo prognóstico de "MALAQUIAS" a maioria dos intérpretes de NOSTRADAMUS asseguram que nas Centúrias também se prognostica o fim do mundo para a mesma época, ou mais concretamente para o ano 1999.

O mesmo NOSTRADAMUS, porém, contesta essa interpretação. Não nas Centúrias, mas numa apresentação que delas faz, NOSTRADAMUS diz expressamente: "...tenho composto livros de profecias, cada um dos quais contém cem quadras de profecias astrológicas as quais quis empalmar um pouco escuramente e são vaticínios perpétuos que vão de agora até o ano 3797" [19]. Os intérpretes não conheciam estas palavras de NOSTRADAMUS que durante muito tempo permaneceram em manuscrito. Essas palavras evidentemente significam que segundo NOSTRADAMUS o mundo chegará pelo menos até o ano 3797.

Como vemos os dois "profetas" mais célebres de "a longo prazo", estão em franco desacôrdo nos prognósticos claros, e em desacôrdo com infinidade de outras "profecias" segundo as quais o mundo já deveria ter acabado muitas vêzes.

Talvez as mais célebres datas, marcadas para o fim do mundo, tenham sido o ano 999, o dia 13 de outubro de 1736 e o ano 1881.

> Em 999 milhares de peregrinos foram para Jerusalém onde esperavam ver o Juízo Final. Queriam que o Juiz Divino os encontrasse esperando lá o seu Advento. Muitíssimos venderam todos os seus bens antes de partir e distri-

19 NICOULLAUD, Charles: "Nostradamus et ses prophéties", Paris, Perrin, 1914, pág. 69.

buiram logo o dinheiro da venda em esmolas. Muitas casas ruiram porque estando iminente o fim de tôdas as coisas teria sido loucura repará-las...

Mas o mundo continuou "rodando"...

No dia 13 de outubro de 1736, uma multidão enorme abandonou Londres para poder, da campina vizinha, observar a destruição da cidade.

Recentemente aconteceu um caso parecido na Itália, caso de que falaram todos os jornais do mundo.

Durante o reinado de HENRIQUE VIII (1509-1547), época em que se dizia que viveu a Madre SHIPTON, apareceram umas profecias atribuídas a ela. A fama das profecias percorreu o mundo no século seguinte [20]. As profecias corriam de bôca em bôca e eram recolhidas em milhares de edições diferentes com interpolações, modificações, etc. [21].

A data marcada para o fim do mundo, pelas profecias da suposta Madre SHIPTON, era o ano de 1881. A medida que se ia aproximando essa data, o nervosismo aumentava entre muitas pessoas supersticiosas e crédulas.

Por sorte, oito anos antes da data marcada para o cataclismo, se descobriu que muitas das edições das profecias da Madre SHIPTON tinham sido modificadas e a data do fim do mundo era uma dessas interpolações evidentes [22]. Ainda no comêço do ano "fatal" apareceu um livrinho com aguda crítica ridicularizando a profecia. Mostrava quantas outras profecias já se tinham feito marcando data para o fim do mundo "sem que o mundo se desse por inteirado, continuando a girar pelo espaço..." [23].

Para os adivinhos, não tem importância que nem o próprio JESUS CRISTO estivesse autorizado a revelar-nos o fim do mundo:

20 — HEAD, Richard: "Histoire de la Vie et des Prophéties de Mère Shipton", Paris, 1641.

21 — Uma edição que parece mais crítica é: "Prophesies of Mother Shipton", Londres, 1662.

22 — HERING, Daniel W.: "Foibles and Fallacies of Science", 4.a ed., New York, 1932 (1.a ed., 1924), pág. 218.

23 — HARRISON, William H.: "Mother Shipton Investigated", Londres, 1881.

— "Mestre, quando acontecerá isto?... JESUS respondeu:

— Vêde que não sejais enganados. Muitos virão em meu nome dizendo: Sou eu e o tempo está próximo. Não sigais após êles!" [24].

— "Dize-nos quando hão de suceder estas coisas?... JESUS pôs-se então a dizer-lhes:

— Cuidado que ninguém vos engane..." [25].

— "Quanto àquele dia e àquela hora *ninguém o sabe*, nem mesmo os anjos do céu, mas sòmente o Pai" [26].

Alguns manuscritos trazem ainda "nem mesmo o Filho" no sentido de que *nem CRISTO* na sua qualidade de *MESSIAS* enviado por Deus estava autorizado a revelar o dia do fim do mundo. Quanto menos os "magos" e falsos Cristos...!

Ainda aquêles "magos" que não consideram JESUS CRISTO como Deus deveriam ter mais respeito por quem consideram como o mais poderoso "mago" que já houve.

Como se vê, de tôda a Idade Média nada há que sugira a precognição a longo prazo, se prescindimos de NOSTRADAMUS em *possibilidade remota, muito remota mesmo...!*

Idade Moderna e contemporânea

Começaremos por citar os famosíssimos profetas das Cevennes.

O edito de Nantes dera certa liberdade aos protestantes na França. A posterior revogação do edito foi acolhida pelos protestantes com grande revolta. O protesto se converteu em exaltação e a exaltação degenerou em numerosos surtos de histeria. Quando os protestantes se reuniam à noite, no campo, era comum que alguma mulher caísse sùbitamente retorcendo-se pelo chão, tremendo, e pondo-se a pregar histèricamente e a fazer "profecias". Logo, outras pessoas, principalmente mulheres, seguiam o exemplo, psìquicamente

24 — LUCAS, XXI, 7-9.

25 — MARCOS, XIII, 4-5.

26 — MATEUS, XXIV, 36.

contagiadas. As reuniões terminavam numa orgia de tremores, convulsões, gritos... e "profecias". Tudo isto sucedia principalmente nas Cevennes, onde os protestantes eram mais numerosos e onde chegaram até a levantar-se em armas contra a revogação do edito.

O Mal. de VILLARS que em nome do govêrno foi às Cevennes para reprimir a revolta armada, expressa-se assim: "Vi coisas nas quais não teria acreditado, caso não tivessem passado sob meus olhos: uma cidade inteira, na qual tôdas as mulheres e tôdas as môças, sem exceção, pareciam possuídas do diabo, tendo tremores e fazendo profecias pelas ruas".

"Êsses possessos acreditavam que, pelo espírito, podiam perceber à distância os seus perseguidores, lendo-lhes os pensamentos e desmascarando os traidores. O profeta mais célebre dentre êles foi uma môça de 16 para 17 anos, que recebeu o nome de PASTORA DE CLET e que se tornou objeto de romaria, até para gente vinda de muito longe. Em vez de apresentar convulsões, parecia antes adormecida. Nesse estado, era de absoluta insensibilidade, nenhuma excitação, nenhuma dor, nenhuma tortura seria capaz de fazê-la estremecer. Falava em francês muito correto e exprimia-se também em latim proferindo, segundo diziam, orações admiráveis. Quando saía do estado sonambúlico, não se lembrava de nada do que havia dito ou feito, afirmando que havia dormido" [27].

Nem é preciso dizer que muitas dessas profecias não se confirmaram. E muitas delas não eram autênticas precognições. Em todo caso se referiam a um futuro imediato, a prazo bem curto.

São freqüentes ainda os almanaques e horóscopos, que gozaram de tanto prestígio nos fins do século passado e começos do presente. Todos os anos alguém que se considera bom metagnomo publica os prognósticos para o ano seguinte. Foi famosíssima a Sra. de THÈBES. Até os cientistas se consideraram na obrigação de estudar as qualidades da grande metagnoma" [28].

27 — Citado por SILVA MELLO, o.c., pág. 437.

Celebraram-se congressos dos profissionais das predições. O primeiro congresso de que temos notícia, celebrou-se já em maio de 1906, em Londres, no Exter Hall, e na mesma época houve um truste de tiradores de sorte, na província de Bari, em Molfetta.

No congresso de Londres, a maioria dos metagnomos decidiu que o mundo terminaria no dia 3 de maio de 1929. Os menos pessimistas, em alarmante minoria, determinaram, ao contrário, que acabaria o mundo no dia 9 de abril de 1931.

O truste de tiradores de sorte, por sua parte, terminou com a intervenção da polícia, que desvendou nesta ocasião 134 trapaças das quais tinha denúncia. Um verdadeiro museu foi feito com os objetos confiscados aos participantes do truste: cartas de baralho, limões espetados com agulhas, fitas pretas, barrilzinhos de alcatrão ou de poeira, garrafas de álcool, ervas de todo gênero, cabelos, unhas de homens e de animais. Enfim, inumeráveis objetos "misteriosos" e esquisitos [29].

Em tôdas as grandes cidades do mundo houve e há infinidade de prognosticadores do futuro, mais ou menos permitidos ou controlados pela polícia. Sòmente em Paris, no ano de 1960, existiam mais de 14 000 "adivinhos" fichados pela polícia. Só os metagnomos que se declaram ocultistas (prescindindo, pois, de tôdas as outras espécies: espíritas, teósofos, etc.) realizam em Paris uma média de 50 000 consultas diárias, ganhando por volta de 100 000 dólares diários. Isto apesar dos "adivinhos" estarem proibidos pela lei na França.

Tenho revisado milhares das principais precognições de metagnomos "profissionais" e outros casos espontâneos. Como já dissemos, a principal coleção é formada pelos casos (entre os quais há muitos de precognições) recolhidos e comprovados pela "Society for Psychical Research" (S.P.R.), de Londres e da "sucursal" americana. Há também

28 — Veja-se, por exemplo, a revista: "Echo du Merveilleux" 1901, págs. 447 ss.

29 — "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 259 ss.

coleções de grande riqueza de outros autores que se têm esforçado por reunir só casos de precognição.

Pois bem, não tenho encontrado nenhum caso que sugira a precognição parapsicológica a longo prazo. Todos os casos com "possível" explicação "extraordinária" de que tenho notícia são de precognições a prazo curto. Os modernos e contemporâneos têm pouquíssimas precognições a longo prazo. Interessam-se por precognições próximas e utilitárias. Aliás, as precognições a longo prazo dos contemporâneos, — ainda que não fôssem sibilinas, — como comprová-las?

Conclusão

Tendo presente tôda a história da "adivinhação" espontânea, achamos que na tese parapsicológica "PG prescinde do tempo", se deve incluir a restrição "dentro dum prazo curto". Só assim essa tese poderá ser corroborada pelos casos espontâneos de precognição desde a mais remota antigüidade até os nossos dias. Êste prazo curto nunca excede dois séculos, pouco mais ou menos, somando-se a retrognição e a precognição.

Nenhuma experiência de laboratório

A Parapsicologia tem demonstrado que PG pode conhecer o futuro. Mas as experiências científicas não nos autorizam a formular, sem restrições, "PG prescinde do tempo". As primeiras experiências parapsicológicas começaram em 1934; portanto, não houve tempo de experimentar a longo prazo. Ainda que os metapsíquicos tivessem experimentado a precognição (o que não fizeram), também não teriam passado ainda o prazo curto: a Metapsíquica nasceu em 1882.

Confirmações

Tratando da relação PG-tempo, só falamos até agora do tempo futuro. É porque, como já dissemos, a retrocognição (ou postcognição) não passa de uma classificação lógica e prática...

Contudo, as possíveis retrocognições confirmam a nossa tese de que PG parece prescindir do tempo só dentro dos limites que chamamos "a prazo curto".

O Dr. OSTY, com efeito, analisou milhares de casos espontâneos e experiências científicas, comprovando que as "retrocognições" só se aprofundam num passado relativamente muito próximo [30]. É uma excelente confirmação de nossa tese.

O Dr. OSTY não só analisou as "retrocognições", mas comprovou também que "o maior ou menor tempo (futuro) *até a morte* de uma pessoa não influi absolutamente nos dados que sôbre ela pode obter um clarividente" [31]. Poderíamos formular a mesma verdade de outro ponto de vista: o inconsciente de uma pessoa pode conhecer tudo o que suceder a essa pessoa, desde o nascimento até a morte. Um metagnomo poderia captar nessa pessoa qualquer acontecimento dentre aquilo que ela inconscientemente conhece.

Desta maneira o prazo curto assinalado por OSTY, na realidade coincide com o prazo de cinco gerações que nós assinalamos: mais ou menos dois séculos. Uma pessoa poderia captar no inconsciente do avô tudo o que sucedeu com êle desde que êle nasceu e essa mesma pessoa poderia captar no inconscinte dos netos tudo o que sucederá a êles, até êles morrerem. Para tudo isto, bastaria que essa pessoa coexistisse durante algum tempo com o avô e os netos. Evidentemente, falamos em avô e netos para representar as diversas gerações ou períodos de tempo.

O Dr. MURPHY comprovou que o objeto do conhecimento paranormal jamais é algo "indiferente, mas sempre está intimamente ligado a *uma pessoa viva*" [32].

---

30 — OSTY, Eugène: "La connaissance supra-normale", 2.a ed., Paris, Alcan, 1925 (1.a ed. em 1923).

31 — OSTY, Eugène, em "Revue Métapsychique", VI, 1936.

32 — MURPHY, Gardner: "Telepathy and Clairvoyance", em "The Journal of Parapsychology", X, 1946, março, págs. 35 ss.

Temos encontrado casos de conhecimento paranormal de coisas "relacionadas indiferentemente", permita-se-nos a expressão [33]. As palavras de MURPHY ("*intimamente* ligado a alguma pessoa") não devem ser estritamente interpretadas. Pode bastar uma relação nada íntima, como simplesmente ter ouvido falar do fato, tê-lo visto alguma vez inconscientemente. Deve tratar-se, porém, como sublinha MURPHY, de uma pessoa *viva*.

As observações do Dr. MURPHY, pois, confirmam o que já antes considerávamos: suposta a coexistência durante algum tempo, com o avô e os netos (ou coetâneos dêles), o prazo curto, "existencial", alcançado por um metagnomo poderia abarcar cinco gerações, mais ou menos dois séculos [34].

Como veremos no próximo capítulo, todo conhecimento psigâmico *parece* que nos vem através do conteúdo mental de outra pessoa, conteúdo que pode ser absolutamente inconsciente e inclusive precognitivo. Ao menos, para que PG possa chegar à realidade física, é necessário que essa realidade física esteja relacionada com uma pessoa. É necessário que uma pessoa "ilumine" o objeto físico do conhecimento paranormal. Essa tese confirma de nôvo o prazo curto ou existencial de mais ou menos dois séculos, cinco gerações.

Os ocultistas não possuem métodos científicos. Permita-se-nos, porém, citar o que durante séculos observaram. Um dos representantes mais destacados da escola neo-ocultista, Eliphas LEVI afirma: "a alma do homem pode, de uma só intuição no círculo de luz astral em que cada qual se movimenta, abarcar tudo o que a um homem sucedeu desde seu nascimento e tudo que lhe sucederá até o momento da morte...". Prescindindo da roupagem imaginária com que os

33 — Cfr. no capítulo 18 o ítem "precognição espontânea de acontecimentos intranscendentes".

34 — Seria mais amplo o prazo curto em épocas antigas, quando os homens viviam mais de cem anos e até mais de novecentos, segundo expressões da Bíblia? Talvez, no entanto, essas expressões da Bíblia só querem dizer que a vida dessas pessoas foi cheia de méritos. Ou outras interpretações...

ocultistas vestiram as suas doutrinas, vemos que também êles estão de acôrdo em afirmar que PG só prescinde do tempo, tanto nas retrocognições como nas precognições, dentro do prazo curto de mais ou menos 5 gerações. O metagnomo captaria "no círculo de luz astral" do avô "tudo o que lhe sucedera desde o nascimento", e assim também captaria no "círculo de luz astral" do neto (ou qualquer pessoa coetânea do neto) "tudo o que lhe sucederá até a morte". Cinco gerações.

Quando falávamos da distância em PG, terminávamos com estas palavras: "PG prescinde da distância ao menos dentro do nosso planêta". Esta delimitação na distância é também uma possível confirmação ao menos lógica da limitação que defendemos com respeito ao tempo. O maior ou menor "afastamento" no tempo é uma espécie de "distância".

Não nos interessa aqui o conhecimento *indireto,* isto é, através dos conhecimentos "culturais". Está claro que, por êste conhecimento indireto, se poderíam saber coisas muito afastadas no tempo, sem limites de nenhuma classe. Desde que haja alguma pessoa que saiba, por exemplo por tê-lo estudado, o que sucedeu há 3 ou 10 séculos, um metagnomo poderia captar por simulcognição na mente desta pessoa aquêle fato antiquíssimo. Igualmente de restos arqueológicos se podería deduzir alguma coisa antiquíssima.

Tendo isto presente não deixariam de estar dentro do prazo curto os conhecimentos manifestados em certas experiências como as de CALLIGARIS, onde o sujeito, em contato com uma página, desenho, fotografia, manuscrito, de pessoas antiquíssimas (HORÁCIO, VIRGÍLIO, etc.) se teria pôsto a falar dessas pessoas ou teria "visto" seu rosto ou "ouvido" sua voz... Tudo isto, ainda que o experimentador não saiba a que pessoas se referem os objetos "estímulo" [35]. Na realidade não se conheceria diretamente o passado anti-

35 — CALLIGARIS, Giuseppe: "Le Catene del corpo e dello spirito. Le Meravigle della Metafisiologia", Brescia, Giulio Vannini, 1944, pág. 240.

quíssimo, mas as idéias (verdadeiras ou simples suposições) que daquela pessoa antiga tem o mesmo sujeito ou o experimentador ou alguma pessoa viva. Não é conhecimento do passado, mas do presente.

Tanto pela análise dos casos espontâneos como por comprovações e estudos de laboratório, a relação entre PG e o tempo só pode ser formulada com uma restrição final: PG prescinde do tempo, mas só dentro do prazo curto ou "existencial", isto é, pouco mais ou menos dois séculos entre retro- e precognição.

3.ª PARTE

Fenômenos Telepáticos

Telepatia e clarividência 20

UM DESAFIO À INVESTIGAÇÃO

O apriorismo dos cientistas antigos. — Os modernos trabalham frenèticamente em vão. — Curioso modo de passar nas sabatinas, empregado por São João BOSCO. — Lê o telegrama antes de recebê-lo. — Um ataúde entre cinco mortos.

ENTRE inumeráveis casos semelhantes citamos, a modo de exemplo, um tomado ao acaso entre os recolhidos e comprovados pela "Society for Psychical Research" (S. P. R.) de Londres [1]:

> Uma menina de dez anos vai por uma vereda lendo um livro de Geometria. De repente tudo que a rodeia se desvanece para ela e aparece claramente sua mãe que parece morta, jazendo sôbre o chão de um quarto que não era usado na sua casa. A visão é nítida e detalhada: a menina percebe um lenço bordado de renda que está no pavimento, a pouca distância da mãe. Tão real era a aparição que, logo que

1 — GURNEY, E.; MYERS, W. H., e PODMORE, F.: "Phantasms of the living", 2 volumes, Londres, Trubner, 1886-7. Tradução francesa, resumida, por MARILLIER: "Les Hallucinations Télépathiques", Paris, Alcan, 1891.

desaparece, a menina, em lugar de voltar para casa, corre em procura de um médico.

A menina não pode dar muitos detalhes ao médico, porque a mãe, na realidade, estava em perfeito estado de saúde e naquele momento, deveria estar ausente de casa. Mas lhe conta a visão e o convence a ir com ela até a casa. O médico vai, mais para tranqüilizar a menina do que por outra coisa.

Chegam correndo e encontram o pai na porta, muito tranqüilo. O pai estranha a chegada do médico, tão apressado, e pergunta o que se passa. "É a mamãe", responde a menina e conduz pai e médico ao quarto abandonado. Lá, exatamente como tinha visto e descrito a menina, encontram a mãe, deitada no chão, o lenço de renda perto. A pobre senhora tinha sofrido um ataque cardíaco. O médico declara que, se não tivesse chegado imediatamente, o desenlace teria sido fatal.

Supomos que o caso tenha sido bem observado. Seria autêntico conhecimento psigâmico. Foi clarividência ou telepatia?

Clarividência é o conhecimento psigâmico de coisas objetivas, *físicas*: no caso, a menina teria "visto", à distância, a realidade mesma do quarto abandonado, a mãe desfalecida, o lenço de renda no chão... Em contraposição à clarividência está a telepatia. A telepatia consiste em conhecer não diretamente a realidade física, mas o conteúdo de um ato *psíquico*, subjetivo: os pensamentos, imaginações, sentimentos ou desejos duma pessoa. A menina teria conhecido o pensamento (consciente ou inconciente) que a mãe tinha do seu estado, lugar em que estava, etc. Conhecimento diretamente do ato psíquico, e só indiretamente da realidade física objeto dêste pensamento.

A clarividência é designada hoje, à proposta do Dr. RHINE, com a sigla PC (pura clarividência), e a telepatia com a sigla PT (pura telepatia). Ambas as siglas foram oficializadas no "Colóquio Internacional de Utrecht".

É muito freqüente ver confundidas a clarividência e a telepatia nos livros dos não especialistas. Outros autores, ao contrário, sempre fazem questão de distinguir.

O primeiro a usar a palavra "telepatia" foi, ao que parece, o Dr. W. H. MYERS em 1883, quando observava os casos de conhecimento de aparência paranormal recolhidos pela S.P.R. de Londres e publicados no livro citado.

Telepatia significa, a rigor, etimològicamente, "sofrimento à distância": MYERS comprovou que era por ocasião de acontecimentos tristes que, com mais freqüência sucedia o conhecimento de aparência paranormal. Mas logo a palavra "telepatia" se tomou no sentido mais geral de "sensação à distância, percepção à distância".

Prevalecera, quase que inconscientemente, o conceito de que a telepatia era a percepção à distância do *pensamento* de outra pessoa. O Dr. MYERS a definia assim: "a transmissão de impressões de qualquer gênero entre um *cérebro* e outro, independentemente de tôda a via sensorial reconhecida".

Já alguns autores da época da Metapsíquica chegaram expressamente ao conceito de telepatia como conhecimento do pensamento; por exemplo, o Dr. Charles RICHET [2], o mais famoso metapsíquico.

Mas claro está que a expressão de RICHET, assim como as de outros muitos autores mais ou menos especialistas, de que a telepatia fazia só referência ao pensamento não é exata. Seria reduzir demais o âmbito da telepatia. Seria telepatia qualquer conteúdo dos atos do espírito de uma pessoa, diretamente conhecido por via paranormal, como pensamentos, imagens, sofrimentos, lembranças, estado de espírito, etc. É por isso que pouco antes definíamos a telepatia como "a percepção paranormal do conteúdo de um *ato psíquico*". A transmissão do *pensamento* ou a adivinhação do *pensamento* é só um aspecto da telepatia, não abrangendo todos os tipos de telepatia.

A telepatia e o vulgo

Em todos os tempos existiu crença de que o homem, ou certos homens, tinham o poder de conhecer os mais profundos segredos dos seus semelhantes, de conhecer os atos

2 — RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 791.

internos do espírito humano. Com explicações "naturais" ou "sobrenaturais" o certo é que todos reconheciam em certos homens o fenômeno.

A telepatia e a metapsíquica

A tentativa de experimentar cientìficamente a chamada telepatia e fenômenos afins é, como sabemos, muito recente. As experiências de cunho científico mais antigas que se conservam, datam da época do hipnotismo (mesmerismo). Certos experimentadores, já na época do mesmerismo descobriram, com efeito, que parte dos sujeitos davam respostas a perguntas ainda não formuladas mas que se pensavam formular. Logo, sem mais comprovações, atribuíram êstes fenômenos à telepatia. Na realidade poderia dever-se também, por exemplo, à hiperestesia indireta do pensamento.

Chegou-se mais adiante a pensar que a telepatia era um estado ou grau da hipnose.

Partindo desta hipótese, fizeram-se muitas experiências de "telepatia" com hipnotizados. São exemplo disso as realizadas pelo Dr. E. AZAM (telepatia de idéias) e, sobretudo, as realizadas pelos Drs. Pierre JANET, o eminente psiquiatra da Sorbonne e Edmond GURNEY, da Universidade de Cambridge (telepatia de sensações).

Também com hipnotizados, já recentemente, o Dr. Henry SIDGWIC e senhora fizeram uma longa série de experiências na mesma Universidade de Cambridge.

> O hipnotizador olhava um número de dois algarismos, tirado ao acaso, enquanto o hipnotizado, noutro aposento, tratava de adivinhar o dito número (através do pensamento do agente).

Os acertos superaram significativamente o cálculo das probabilidades. A tôdas estas experiências e a outras muitas já nos temos referido.

RICHET parece que foi o primeiro a experimentar a "telepatia" sem concurso de hipnotismo.

Depois de RICHET, como já vimos, se fizeram numerosíssimas experiências sem se servir da hipnose. Os resultados eram também altamente significativos, segundo o cálculo de probabilidades. A maior parte dessas experiências se realizaram na Inglaterra, algumas na América, e um número considerável na Europa continental, principalmente na França; mas também Suécia, Polônia, Alemanha, Rússia enviaram relações de experiências que não duvidaram em qualificar de "telepáticas".

O método geralmente empregado era à base de baralhos de jôgo ou à base de números. O experimentador ia olhando cartas ou números e o percipiente tratava de averiguar-lhe o *pensamento*. Algumas destas experiências se realizaram estando experimentador e percipiente em quartos diferentes, para evitar todo influxo sensorial. Êste método tinha a vantagem de se poder usar a matemática no cálculo de probabilidades.

Houve também experiências com métodos diferentes. Por exemplo, Oliver LODGE, professor de Física na Universidade de Liverpool, com a ajuda de vários colaboradores, realizou experiências de "telepatia" servindo-se de desenhos. Nenhum método adquiriu o monopólio.

À medida que se iam divulgando êstes problemas, crescia no grande público o interêsse pela "telepatia". Entre os sujeitos mais bem dotados, tanto aparecia um menino de 12 anos como uma velha de 70; entre os experimentadores, obtinham tanto êxito um camponês simples como um catedrático de Universidade, embora, como é de supor, o contrôle e por conseguinte o valor científico não fôsse o mesmo.

O apriorismo em prol da telepatia

Mas tudo isto provou realmente a telepatia, PT, conhecimento do pensamento ou conteúdo de um ato psíquico? Por incrível que pareça, nunca pensaram os investigadores na possibilidade de PC (clarividência), nas experiências que faziam para provar a telepatia. No espírito dos investigadores a possibilidade de PC era uma possibilidade longínqua que podia ser negligenciada. Como vários dêstes investigadores, e outros muitos teóricos da questão eram mestres na ciência americana e européia, ninguém se atreveu a pôr em dúvida a legitimidade da experimentação como telepatia pura: "Difìcilmente se encontrará — diz RHINE — um exemplo melhor da influência sutil que o apriorismo pode

exercer no juízo crítico. Se a preferência pela clarividência houvesse sido mais forte, o mesmo gênero de experiências teria servido, igualmente bem, para demonstrá-la" [3].

Em tôdas as experiências havia uma carta, um desenho, um objeto, além do agente que olhava. É verdade que se aconselhava ao percipiente que procurasse captar os *pensamentos* do agente; mas tinham argumento para afirmar com certeza que o sujeito captava o pensamento e não o objeto mesmo?

Uma falha na investigação moderna

Depois de 50 anos de experiências "telepáticas", era necessário começar de nôvo.

Façamos a análise das principais experiências de PT na nova época, começando pelas realizadas na Universidade Duke.

> Empregavam-se símbolos do baralho ZENER, mas sem se usarem as cartas: só se pensava nos símbolos. Nem havia anotação dos símbolos escolhidos mentalmente. Só quando o sujeito tinha prognosticado e escrito o seu prognóstico, o experimentador escrevia o símbolo que tinha pensado para poder aplicar depois ao conjunto o cálculo de probabilidades. O agente era antes treinado em pensar nos diversos símbolos numa ordem impossível de ser calculada normalmente: inventaram-se sistemas simples de "baralhar" mentalmente, evitando-se os hábitos pessoais, repetições características, etc.
>
> No começo se realizaram estas experiências estando agente e percipiente num mesmo local, mas depois se continuaram, instalando-se sucessivamente em diferentes quartos do mesmo edifício, depois em diferentes edifícios e, por fim, em locais muito distantes entre si.

Visavam nessas experiências, além de evitar a hiperestesia, estudar também o influxo da distância. Os resultados foram pràticamente idênticos em tôdas as experiências,

3 — RHINE, J. B.: "The Reach of the Mind", Londres, L. Faber, 1948; citamos da tradução francesa por SUDRE, René: "La double Puissance de l'Esprit", Paris, Payot, 1952, pág. 49. Há também tradução espanhola: "El alcance de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1956.

superando o acaso, segundo o cálculo de probabilidades, muito significativamente [4].

RHINE acreditou que assim se provava PT.

Pode admitir-se como a explicação mais provável e verossímil; mas nunca como prova definitiva de PT. Pensou RHINE que, escrevendo o símbolo depois de ter-se "comprometido" o sujeito, PT ficava garantida; mas não podia o sujeito prognosticar por PC *precognitiva* sôbre a anotação posterior do experimentador?

Em 1946 se publicaram novas séries de experiências, engenhosíssimas, realizadas pela Dra. Elisabeth MAC MAHAN visando também a prova crucial de PT.

> A fim de evitar a clarividência precognitiva, falha das experiências antes citadas da Universidade Duke, agora se compôs um código para significar as cartas. O código foi composto duma maneira completamente subjetiva. Nem se escreveu nem se falou dessa correspondência código-carta. "Ouvir" extra-sensorialmente (clariaudiência), seria um tipo do que entendemos por PC. Convinha, porém, para garantir o contrôle, que outra pessoa conhecesse também o código: foi êle comunicado à Dra. Gertrud SCHMEIDLER, fazendo alusão a lembranças comuns de caráter subjetivo. Assim, segundo se pensou, no caso de que o percipiente, por conhecimento paranormal, averiguasse o símbolo do código e seu significado, o conhecimento do significado só poderia ser telepático.
>
> A Srta. MAC MAHAN pensava uma carta ZENER. O percipiente fazia seu "diagnóstico" e o escrevia, para poder aplicar-se depois o cálculo de probabilidades; a Srta. MAC MAHAN, porém, não escrevia a carta que tinha pensado, mas só o símbolo do seu código.

Terminada a longa série, a Dra. SCHMEIDLER comprovava também os resultados, que não superaram o cálculo de probabilidades!!! [5]. Claro está que seria ilógico ver neste fato uma demonstração de que não existe PT.

E se os resultados tivessem sido significativos? Seriam-no só de PSI-GAMMA e não de PT, pois não se tinha evi-

4 — RHINE (SUDRE, tradutor), o. c., pág. 50.

5 — MAC MAHAN, Elisabeth: "Telepathic Experiments", em "Journal of Parapsychology", X, 1946, págs. 224 ss.

tado com todo rigor a clarividência: certamente, o sujeito só poderia conhecer as cartas pensadas (ou em último têrmo, o significado dos símbolos do código) por PT; mas fica uma dificuldade embora menos provável: a experimentadora não poderia guiar-se nos seus pensamentos por clarividência precognitiva do prognóstico do sujeito? Passaria ela a ser percipiente e o percipiente passaria a ser agente: uma inversão da direção de PSI-GAMMA. A objeção é pouco lógica, mas impede considerar o método empregado como incontestável.

Experiências excepcionais

As mais famosas experiências de "telepatia" (precognitiva) são as realizadas pelos Drs. S. G. SOAL e J. L. GOLDNEY [6].

> O sujeito, Basil SHACKLETON, identificava a carta e anotava seu prognóstico antes de que o experimentador extraísse dentre um grande número, uma ficha colorida. Segundo a côr da ficha, o experimentador deveria pensar uma ou outra carta do baralho.

Escolher a carta a pensar por meio de fichas coloridas favorece o acaso, e além disso, segundo os inventores do método, excluiria a clarividência: sendo o simbolismo de cada côr conhecido só mentalmente pelo experimentador e desconhecido pelo percipiente, ainda que êsse averiguasse por clarividência precognitiva a côr da ficha, o prognóstico da carta só poderia fazê-lo por telepatia. Com esta longa série de experiências, os Drs. SOAL e GOLDNEY acreditaram ter demonstrado PT.

Apesar de algumas contraprovas que se fizeram, como já indicamos ao falar destas experiências no capítulo dezoito, poderíamos insistir na possibilidade, menos lógica, de uma inversão do processo PSI-GAMMA: o experimentador, ao escolher a ficha, poderia guiar-se por clarividência precognitiva do prognóstico que o sujeito escreveria depois ou da própria comprovação dos resultados obtidos. Precognição, sim; telepatia talvez não.

---

6 — SOAL, S. G. e GOLDNEY, J. L.: "Experiments in Precognitive Telepathy" em "Proceedings of Society for Psychical Research", XLVII, 1943, págs. 21-150.

É verdade, como já no capítulo anterior deixamos indicado, que Basil SHACKLETON era abertamente "telepático" e não "clarividente", isto é, em experiências nas quais se excluía o agente, não obtinha resultado além do acaso.

O mesmo fato tem-se observado em outros metagnomos, como, por exemplo, na senhora Eileen J. GARRET, atual presidente da "Parapsychological Fondation" de New York, antes de perder a faculdade de manifestação de fenômenos parapsicológicos.

Mas claro está que êste fato em pleno rigor não significa que não intervenha a clarividência... Pode o fato ser explicado por outras causas como, por exemplo, que determinados metagnomos estão condicionados ao tipo de experiências de *aspecto* PT e não ao de PC, ou ainda a outros fatôres, como ser a experimentação de *aspecto* PT mais emotiva, mais existencial, por razão da presença do agente, etc.

Uma dificuldade insolúvel

Mas, ainda que não suponhamos inversões de processos, ainda que o percipiente (e não só o agente) escrevesse seus prognósticos num código só conhecido por êle, ainda que não se escrevesse nada; ainda, enfim, que se tomassem as precauções mais engenhosas já imaginadas, não conheço nem posso imaginar um sistema de experimentação plenamente demonstrativo de PT. Sempre haverá uma dificuldade que impossibilitará, acreditamos, a exclusão da possibilidade de PC nas experiências de PSI-GAMMA: os movimentos ou sinais reflexos são essa dificuldade.

Todo pensamento humano, por íntimo, por abstrato que seja, tem sempre uma tradução fisiológica inclusive externa, suscetíveis portanto de serem captados por PC. Será possível excluir nas experiências o conhecimento por PC desta realidade *física?* Essa realidade física, êsses sinais fisiológicos seriam captados por clarividência. Interpretados depois reflexa e inconscientemente, originariam no receptor as idéias correspondentes às do agente que motivaram tais sinais, de modo análogo a como são captados por hiperestesia indireta as idéias, imagens, pensamentos de qualquer pessoa que esteja em presença dum bom sensitivo. Se, por hiperestesia indireta (sôbre os sinais fisiológi-

cos involuntários e inconscientes), alguns sensitivos podem captar até com *certa regularidade* inclusive os mais insignificantes pensamentos das pessoas presentes, nada poderá estranhar que *às vêzes* possa haver conhecimento PSI-GAMMA tendo por objeto-base êsses mesmo sinais reflexos.

É de suma importância que se atendam êsses pequenos índices sensoriais, capazes de explicar (em todos os casos) por PC os conhecimentos psigâmicos de aparente PT. "A realidade dos movimentos reflexos involuntários e inconscientes correspondentes a *todos* os atos internos ou de consciência, deve ser admitida por todos, pois têm sido muito bem demonstrada pela Psicologia Experimental" [7].

E mesmo que algum experimentador de PT não quisesse admitir para determinados casos a existência dêstes movimentos e sinais, ao menos deverá admitir a *possibilidade* dêles. Só demonstrando cientificamente a ausência de tais reflexos fisiológicos em determinadas ocasiões, se poderia excluir a possibilidade de PC em determinadas experiências que se apresentassem em prol de PT. E isto certamente ninguém o fêz, por mais decidido partidário que seja de PT.

Esta é a razão principal (não a única) pela qual julgo muito difícil, provàvelmente impossível, a demonstração plenamente satisfatória de PT.

Quando RHINE se defendia dos ataques que contra as experiências de PC lhe dirigiram vários parapsicólogos, êle mesmo atacou a possibilidade de demonstrar PT [8]. Os argumentos de RHINE contra PT foram rebatidos com mais ou menos verdade pelos partidários dessa modalidade de PG: PARSONS, GOLDNEY, TYRREL, SOAL, THOULESS, CARINGTON, WEST e MURPHY foram os pioneiros da discussão [9]. Mas ninguém ainda apresentou o modo de excluir a possibilidade da explicação por PC à base dos sinais inconscientes correspondentes às idéias nas experiências em que se pretendia demonstrar PT.

7 — "Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana", Madrid-Barcelona, Espasa-Calpe, artigo "Telepatia", pág. 577.

8 — RHINE, J. B.: "Telepathy and Clairvoyance reconsidered", em "Journal of Parapsychology", X, 1946, setembro.

9 — Um resumo dos argumentos dos parapsicólogos citados pode ver-se em "Journal of Parapsychology", X, 1946, março, págs. 36 ss.

Os sinais inconscientes são algo físico, externo, sensível; portanto, o seu conhecimento paranormal deve ser considerado, evidentemente, clarividência, como consideramos clarividência o conhecimento de qualquer outro sinal ou objeto diferente do próprio pensamento ou ato psíquico. Ninguém consideraria telepatia o conhecimento paranormal de um amplo gesto com o qual alguém acompanhasse seu pensamento. Se do gesto diretamente conhecido, o percipiente deduz a idéia que motivou aquêle gesto, o fenômeno não deixará de ser por isso clarividência para converter-se em telepatia. O mesmo devemos, pois, dizer a respeito dos sinais inconscientes e involuntários, "gestos" mínimos com que acompanhamos as nossas idéias.

E claro está que, admitida a possibilidade de conhecer uma coisa física como os sinais reflexos, aparecerá bem mais lógica a possibilidade de se conhecerem outras coisas físicas, i. é, aparecerá lógica a existência de PC em geral.

Robert AMADOU criticou RHINE quando êste pensou que PC era mais freqüente do que PT. Mais adiante, Robert AMADOU escreveu: "A telepatia está perfeitamente comprovada. A clarividência não o está" [10]. Acreditamos, pelas razões expostas, que Robert AMADOU se precipitou um pouco.

Como explicação da sua afirmação, AMADOU acrescenta: "A pessoa humana é seguramente o objeto mais comum e, talvez, o objeto único da função paranormal. Por meio dela e através dela, tal como ela os sente e os interpreta, é que o percipiente, na maioria dos casos, senão em todos, toma conhecimento dos acontecimentos objetivos". Estou conforme com essas palavras de AMADOU no sentido de que PSI-GAMA é nìtidamente "existencial", humana, que relaciona vivos com vivos, ou com *coisas* relacionadas com os vivos, como já frisei no capítulo anterior. Mas isto não significa que PSI-GAMMA seja necessàriamente PT.

10 — AMADOU, Robert: "La Parapsychologie", Paris, Denöel, 1954, pág. 218. Há tradução espanhola: "La Parapsicología", Buenos Aires, Paidós, 1957.

Casos espontâneos de clarividência

PC tem seus próprios "argumentos". Em primeiro lugar, os casos espontâneos que *sugerem* PC talvez sejam tão freqüentes quanto os que *sugerem* PT. Tomamos ao acaso alguns exemplos, sem que sejam os mais significativos.

São João BOSCO foi um metagnomo notável. Em duas ocasiões, sendo ainda menino, sonhou o ditado que o professor lhe haveria de fazer no dia seguinte. A primeira vez, ao suspeitar do que se tratava, pulou da cama e escreveu o que, sonhando, tinha lido. Como era latim e não estava certo da ortografia, levou o texto a um sacerdote para ser revisado. Assim pôde ir à aula com a "sabatina" feita de antemão.

Noutra ocasião, o professor preparou o ditado na véspera. O pequeno BOSCO, aquela noite sonhou que o lia e, acordando emocionado, escreveu-o de princípio a fim com todos os detalhes. No dia seguinte, o professor, por falta de tempo ditou só a metade. Ao corrigir as composições, ficou o professor pasmado ao comprovar que João BOSCO tinha escrito não só a parte ditada senão também, e com exatidão, a outra parte que pensava ditar. BOSCO lhe teria subtraído o caderno? A conduta de João, não permitia tal suspeita. Chamado a dar explicações respondeu simplesmente dizendo que sonhara com o texto [11].

A rigor, se poderia dizer que João BOSCO sonhou, não a página do caderno ou do livro, mas o que o professor retinha na memória. Por pantomnésia o trecho estaria inteiro no inconsciente do professor. Mas esta explicação, possível evidentemente, *parece* mais complicada do que PC.

O Dr. THOULET, professor da Faculdade de Ciências de Nancy, sendo ainda estudante estava na Itália ajudando a um engenheiro, francês também. A mulher do engenheiro tinha ficado em Toulon. Certa noite, o Dr. THOULET acorda de repente; com bastante nitidez, vê diante de si um telegrama imaginário que até pôde ler. O Dr. THOULET vai ao quarto contíguo que é o do engenheiro e lhe diz: "Você acaba de ter uma filha: o telegrama diz..." e começa a ler o telegrama; porém, depois de lidas as primeiras palavras, vão elas se apagando até tornar impossível a leitura completa. Ainda pôde distinguir nitidamente e descrever *característicos desenhos do papel* imaginário em que se lia. Em seguida desaparece tudo.

Algum tempo depois o engenheiro recebia um telegrama com a grata notícia. As primeiras palavras eram com efeito as lidas por THOULET imaginàriamente, e o que é mais importante, os *desenhos característicos do papel* no qual vinha o telegrama eram os vistos e descritos na alucinação. "Não tenho nenhuma prova material a fornecer — escreve o Dr. THOULET —. Se alguém me contasse esta história eu não acreditaria, não obstante me vejo obrigado a convencer-me a mim mesmo de que é verdadeira" [12].

Como se vê, êste caso torna muito inverossímeis as explicações por PT. Poder-se-ía pensar, a rigor, que as palavras fôssem lidas sôbre o pensamento da espôsa ao ditá-las. Mas, e os *desenhos* do telegrama? O papel, no qual se imprimiu a mensagem na Itália, não era conhecido pela espôsa, na França (a não ser por precognição telepática da leitura que faria o marido!). Será que foi sugestão telepática motivada pelo agente de correios? Poderia ser, mas evidentemente esta explicação é muito menos verossímil do que PC, dado que o agente de correios não parecia ter vinculação emotiva nenhuma com o Dr. THOULET nem com o engenheiro. Isto torna mais inverossímil uma relação telepática entre êles. Será, pois, mais lógica a clarividência?

Durante a guerra da Espanha, uma família sofreu, um dia, uma dessas inspeções, tão freqüentes, que realizavam os comunistas em Madrid. Levaram prêso o chefe da casa, um jovem casado. Todos tiveram o pressentimento de que o fuzilariam, porém não podiam estar seguros, porque alguns, em casos idênticos, eram levados a trabalhos forçados e não à morte. A família avisou imediatamente ao pai do jovem prêso. Quando o pai chegou ao povoado em que residiam, disse, ao entrar em casa: "Já sei porque me chamastes. Sim, não dissimuleis. Mataram meu filho". Os de casa o ignoravam. O pai insistiu: "Sim, fuzilaram-no. Eu o vi em sonhos com outros cinco fuzilados. Êle era o único que

11 — FIERRO, Rodolfo, S. D. B.: "Biografía y escritos de San Juan Bosco", Madrid, B. A. C., 1954, pág. 57.

12 — "Annales des Sciences Psychiques", I, 1891, janeiro.

> tinha ataúde". Alarmada a família fêz averiguações. Com efeito: tinham-no fuzilado com outros cinco; êle era o único que recebeu ataúde porque um tio da vítima, ao saber que iam matá-lo, fêz levar um ataúde para seu sobrinho. O padre jesuíta que descreve o caso, estava naquela casa [13].

PT ou PC? PT parece improvável: a família não sabia de nada. O tio não sabia que havia outros cinco fuzilados. A vítima poderia saber que ia ser fuzilada, ainda que tivesse sido fuzilada, pois, entre a descarga e a morte real, há algum tempo; mas como poderia transmitir o fato de estar no ataúde e, especialmente, de que os outros fuzilados não tinham ataúde? O caso *sugere* verdadeiramente, e com fôrça, PC: o pai viu por PSI-GAMMA clarividente a realidade de seu filho fuzilado e enterrado com ataúde entre outros cinco cadáveres sem ataúde.

Poder-se-íam citar inúmeros casos semelhantes e melhores, em prol de PC.

Experiências metapsíquicas

Na hipnose, são relativamente freqüentes experiências que, embora também não de modo definitivo, *sugerem* com energia tratar-se de experiências de PC e não de PT. Já MESMER comprovou vários casos que parecem de PC. "Graças à sua sensibilidade interna, escreve, o sonâmbulo pode ver o passado e o porvir."

> MESMER conta como uma das suas doentes, em sono "mesmérico" (hipnótico) vê um cachorro que tinha perdido e pelo qual tinha muito carinho. Estando em sono hipnótico, a doente chama sua doméstica e a manda buscar imediatamente o guarda que está na esquina da rua. Quando chegar lá deve a criada pedir ao guarda que a acompanhe até determinada rua, a um quarto de hora de distância. Lá encontrarão uma senhora levando um cachorro, que o guarda deverá reclamar. E' o cachorro perdido. Com efeito, tudo se realizou como a sonâmbula tinha previsto.

13 — MESEGUER, S. J., Pedro: "El secreto de los sueños. Psicología, Metapsíquica, Teología", Coleção "Psicologia, Medicina, Pastoral", vol. XI, Madrid, Razón y Fé, 1956, págs. 144 ss.

Parece mais verossímil explicar por PC o fato de encontrar o agente, descrever a rua e a distância, o fato de que passaria uma senhora levando o cachorro perdido, etc. [14]

Os sucessores de MESMER, apesar do nome que deram ao fenômeno, confirmam a explicação por PC ao experimentar o que chamavam "*viagens* telepáticas", às quais já temos aludido. Realizaram experiências científicas fazendo que um sujeito hipnotizado se projetasse mentalmente em *lugares* afastados, contando o que lá sucedia, acontecimentos que depois eram comprovados.

Como os dados obtidos eram desconhecidos de todos os presentes, as experiências podem ser atribuídas à clarividência e não à telepatia. Claro que uma explicação telepática dêste fenômeno não fica plenamente excluída. Simplesmente afirmamos que "sugerem" PC e não PT.

Experiências decisivas?

As experiências com máquinas são freqüentemente *sugestivas* em prol de PC. Por exemplo, as de precognição do Dr. TIRREL descritas no capítulo 18. Mas...: Estando já acesa uma lampadinha, o psiquismo da Srta. JOHNSON poderia conhecê-lo por hiperestesia. As experiências poderiam ser, pois, de precognição do *ato psíquico*, e não precognição da *realidade física*... Precognição, sim; PC talvez não.

A rigor, PC é sumamente difícil de se demonstrar apoditicamente. Entre as experiências de PSI-GAMMA, e de precognição em particular, há muitas que *sugerem* PC. Mas uma demonstração crucial, definitiva, de PC...

Para obter uma evidência convincente de PC, seria necessário obter resultados significativos com um material de experimentação de natureza desconhecida de todos no mundo; não apenas haveria de sê-lo no momento da experiência, mas também deveria manter-se desconhecido até passar o prazo curto, no qual PG prescinde do tempo. De outra maneira não fica excluída a PT precognitiva... Ora, como fazer e comprovar semelhantes experiências? A

14 — Citado por RHINE: "La double...", o.c., pág. 35.

demonstração definitiva, evidentemente, não foi possível, pelo menos até o momento.

Há, sim, séries de experiências que sugerem fortemente a existência de PC e que, com a mesma energia, fazem sumamente inverossímil, no caso, PT.

Em primeiro lugar, queremos advertir que parece pouco lógico explicar por precognição telepática qualquer fato que possa explicar-se por clarividência simulcognitiva. A manifestação de precognição parece mais difícil, mais rara do que a simulcognição. Embora não apodítica, a explicação por simulcognição clarividente sempre será mais lógica do que a explicação por precognição telepática.

As experiências mais sugestivas em prol de PC talvez sejam as do tipo chamado "teste de emparelhamento" ("matching test"), das quais já contamos alguns exemplos em capítulos anteriores. Entre elas queremos destacar agora, por via de exemplo, as experiências realizadas por PRATT-WOODRUFF:

> Um baralho ZENER era misturado. O experimentador o mantinha, sem olhar as cartas, detrás de um painel. O metagnomo, do outro lado do painel, ia apontando um dos cinco símbolos de ZENER postos diante de si, visando acertar a ordem em que estavam colocadas as cartas do baralho, que êle não via. A medida que êle dava os seus palpites, o investigador, não via o símbolo assinalado pelo metagnomo, só vendo o lugar assinalado, ia colocando as cartas do baralho sem olhá-las no lugar correspondente ao apontado pelo metagnomo [15].

Nestas condições, se o sujeito procurasse prognosticar por telepatia precognitiva, adiantando-se ao momento em que o experimentador viria consultar o baralho visado, perceberia que, nesse momento, já estava comprometido, sua resposta já estava dada e "controlada". Experiências dêste tipo se fizeram muitas, como já sugerimos no capítulo 18.

Outros argumentos

O já várias vêzes citado DR. CALLIGARIS, após as suas inumeráveis experiências, afirma que todo o nosso mundo

15 — Cfr. um magnífico resumo destas experiências feito por AMADOU, Robert, o.c., pág. 171.

(portanto PC, ao menos em grande parte) é conhecido pelo nosso inconsciente e que alguns dêstes conhecimentos em determinadas circunstâncias (dotados, emotividade...) podem surgir à consciência ou projetar-se reflexamente na pele: "Tudo quanto existe na natureza pode ser visìvelmente projetado sôbre o corpo humano porque na sua subconsciência está representado", "no nosso subconsciente está projetado e depositado todo o universo; disso estou convencido e sustento firmemente" [16]. "A antena ultrapotente, que é o corpo do homem, reflete tudo, o que está perto e o que está longe, tudo o que se vê e o que não se vê" [17].

Sem chegar a tanto como "tudo quanto existe", parecida teoria (tudo o relacionado, "iluminado" pelo homem), sorriu sempre a muitos investigadores, tanto antigos como modernos; o nosso inconsciente possui, ao menos, um número de dados muito maior do que é possível pensar, dados que só em determinadas circunstâncias surgirão à tona.

E, já postos no plano das teorias, é defendida por muitos a teoria de que as faculdades paranormais, ou melhor, a manifestação das faculdades paranormais, é o resíduo do extraordinário poder que possuía a natureza humana quando foi criada, poder que desfrutaria no "Paraíso Terrestre". A natureza caída que hoje temos, não pode manifestar êste poder (a não ser em muito pequena escala) sem que "arrebente" o organismo; mas o poder aí estaria, no inconsciente, atuando contìnuamente. Ora, quantos admitam esta teoria (em outro tomo exporemos os poderosos argumentos que militam a seu favor, sendo esta a teoria hoje pràticamente unânime entre os parapsicólogos que estudaram o problema com suficiente conhecimento de causa) deverão, em conseqüência, admitir PC, pois nada nessa teoria sugere que a faculdade de conhecimento extra-sensorial haveria de limitar-se aos atos *psíquicos* do homem.

Também a seu devido tempo deveremos estudar os diversos tipos da faculdade PK, a faculdade de atuação do

16 — CALLIGARIS, Giuseppe: "Le Meraviglie della Metafisiologie", Brescia, G. Vannini, 1944, págs. 112 ss.

17 — CALLIGARIS, Giuseppe: "L'Universo representato sul corpo dell'uomo", Bréscia, G. Vannini, 1945, pág. 247. A respeito do mesmo assunto se pode ler também do mesmo autor: "Telepatia e Radioonde cerebrali", Milano, Hoepli, 1934.

psiquismo sôbre a matéria. Ora, admitindo a psico-quinese (PSI-KAPPA) dever-se-á admitir PC: evidentemente, se o psiquismo pode atingir os objetos até o ponto de movimentá-los, etc., mais fàcilmente os poderá atingir para conhecê-los.

Conseqüentemente, PC, em contraposição a PT, pode ser considerada, se não um fato científico, pois não possuímos uma demonstração inteiramente definitiva, pelo menos uma teoria verdadeiramente provável.

Em outras palavras: é um fato certamente provado que PSI-GAMMA atua às vêzes como se fôsse PC, o que, para uma classificação prática do caso, nos basta. Êsse aspecto prático é o que mais nos interessa.

PT e PC frente à frente

Vimos que PT não parece que possa ser demonstrada nunca. PC, porém, talvez sim. O Dr. Hélio R. SANTOS, do Rio de Janeiro, planejou um método de experimentação a base de máquinas automáticas, tanto para marcar os objetos alvo, como para interpretar os "palpites" dos metagnomos, como para expressar a porcentagem de coincidios. O "Instituto Brasileiro de Parapsicologia" está interessado neste método, com a colaboração do Dr. Hélio R. SANTOS.

Na Universidade Duke contìnuamente se comparavam os resultados de aparente PC e de aparente PT. O sujeito que dava resultados sensacionais em PC era passado em nova série de experiências para PT. Em 8 dos 9 metagnomos excepcionais escolhidos pela Duke, o êxito foi o mesmo, examinando-se o conjunto de cada tipo de experiências. O sujeito número 9, uma senhora, deu sempre melhores resultados em PT do que em PC. A diferença, porém, parece ter uma explicação extrínseca: esta senhora manifestou repetidas vêzes que preferia trabalhar com uma pessoa, um agente, para procurar averiguar seu pensamento, porque lhe era muito monótono tratar de averiguar frias e mortas cartas de baralho; aliás, sempre tinha experimentado íntima repugnância pelos jogos de cartas.

Prescindindo desta senhora, ainda as flutuações de dias particulares eram iguais em cada tipo de experiências:

no dia em que um sujeito não "estava disposto" para PC também não o estava para PT, ou vice-versa. O efeito das drogas era o mesmo nos dois casos. Um sedativo, como o amital, fêz descer muito os resultados de PC, e se constatou mais adiante que o mesmo sucedia para PT. Pelo contrário, a cafeína teve um efeito favorável para ambos os tipos de experiências.

Os dois tipos de experiências alcançaram o recorde. Na prova de PC, apareceu um metagnomo excepcional que deu, uma vez, no meio de uma série de experiências menos notáveis, 25 acertos em 25 intentos: resultado completamente extraordinário. Pois bem, noutra ocasião, outro metagnomo notável alcançou o mesmo recorde em experiências que sugerem PT: 25 acertos em 25 intentos.

Mais ainda: as aparentes PC e PT, atuando conjuntamente, não conseguem mais do que separadamente. Os resultados, nas séries de experiências de aparente PC, são os mesmos que os de aparente PT e os mesmos da combinação de ambas as faculdades [18].

Já vimos como a maioria das experiências que os antigos metapsíquicos acreditavam que fôssem de PT, na realidade eram de PC e PT conjuntamente, pois se tratava de averiguar cartas reais, além de pensadas. As experiências modernas de tipo PC e PT por separado são eqüivalentes nos resultados a êsse combinado de PC e PT dos metapsíquicos.

Não eram, pois, necessárias novas comprovações, mas se fizeram modernamente séries de experiências comparativas entre as formas aparentemente puras e a ambígua.

Nesse sentido, talvez as mais importantes séries sejam as realizadas pela Dra. Margaret PEGRAM [19]. Empregou como metagnomos um grupo de meninos. Foi alternando os diversos tipos de experiências. Obteve uma boa quantidade de resultados significativos, que foram pràticamente idênticos para os três tipos de experiências. Somando os resultados de tôdas as séries de cada tipo, a soma total é pràticamente igual para os três tipos. Sendo soma de mi-

18 — RHINE, J. B.: "La double...", o. c., págs. 50-52.

19 — Citado por RHINE, J. B.: "La double...", o.c. pág. 52.

lhares, a diferença é de dezenas ou unidades. Isto é, não há diferença apreciável, segundo o cálculo de probabilidades.

Ainda que absurdamente quiséssemos dar valor a essas mínimas diferenças, paradoxalmente provariam que não há diferença de possibilidades cognoscitivas entre PC e PT. Com efeito, a soma menor é a de "clarividência", depois vem a de "conjunto" e a maior soma é a de "telepatia". Ora, êste resultado seria totalmente absurdo se PC e PT fôssem diferentes nas suas possibilidades, pois então a soma maior deveria ser o combinado, maior pelo dôbro ou ao menos por notável vantagem. A única coisa que seria provada por esta diferença é que o tipo PT resultou em alguns meninos algo mais interessante (ou menos desinteressante) do que o tipo PC, o que é bem lógico. Por esta mesma razão e, em geral, por ser mais emotiva, se explicaria que pareçam mais freqüentes os casos espontâneos de aparente PT.

Como acabamos de ver, a divisão de PSI-GAMMA em PC e PT é meramente relativa à classificação prática, sem que tenhamos fundamento absolutamente demonstrativo. O caso experimental ou espontâneo que pareça conhecimento direto da realidade *física*, será classificado como PC; ao contrário, classificaremos como PT o caso que à primeira vista pareça conhecimento direto da atividade *psíquica* de outra pessoa.

> *A divisão de PSI-GAMMA em clarividência (PC) e telepatia (PT) é uma divisão prática, para classificar os casos que apresentem um dêsses aspectos.*
>
> *Mas a demonstração científica de que exista PT e PC como tais não está feita e talvez não se possa fazer nunca.*
>
> *Com RICHET podemos resumir dizendo "que parece mais prudente não adotar outra hipótese a não ser a de... que se pode* saber o que existe, *seja um pensamento ou seja um objeto"* [20].

20 — RICHET, Charles, o.c., pág. 240.

21 Divisões de telepatia

CLASSIFICAÇÕES PRÁTICAS

A TELEPATIA tem várias divisões práticas. A nomenclatura empregada nestas divisões práticas não foi, ao menos por agora, oficializada. E também não há unanimidade de interpretação entre os autores que empregam a mesma nomenclatura. Nós adotamos a nomenclatura mais lógica ou mais freqüente entre os autores.

Chamamos a atenção sôbre as três últimas divisões práticas da telepatia, três divisões importantíssimas, tradicionalmente descuidadas ou pouco conhecidas. Empregamos para elas siglas novas.

Evidentemente, não esgotamos o tema. Pomos só as divisões que consideramos mais importantes:

a) **"Adivinhação do pensamento":** Quando o sujeito pretende, quer, *"se esforça"* por captar o conteúdo de um ato psíquico *consciente* de outra pessoa. Esta *parece* não intervir no fenômeno.

b) **"Transmissão do pensamento":** Quando *parece* haver atividade de ambos os participantes. O agente *"trabalha"* para transmitir seus pensamentos ou conteúdo do ato psíquico ao percipiente e êste *"se esforça"* por captar o que lhe querem transmitir. É também no âmbito do *consciente*.

c) **"Telepatia sôbre o inconsciente excitado" (TIE).** Suponhamos, por exemplo, que eu, ao estudar português, tratei de aprender simultâneamente as palavras "caneta" e "relógio". Ambas as palavras ficaram associadas no meu

inconsciente. Quando, posteriormente, queira numa experiência transmitir a um metagnomo a palavra "caneta", é possível que o metagnomo capte "relógio". Ao pensar a palavra "caneta", excitei no meu inconsciente a palavra "relógio" que, no meu inconsciente, está associada à palavra "caneta". Não teria sido uma experiência de transmissão de pensamento, e sim uma experiência de telepatia sôbre o inconscente excitado, neste caso por associação de idéias no inconsciente.

d) A **"sugestão telepática" (ST):** Sugerir paranormalmente a outra pessoa, idéias, sentimentos, etc. O percipiente capta *"espontâneamente"* a idéia ou o sentimento... Na pessoa que parece agente há um desejo consciente ou inconsciente ou inclusive interpretativo de comunicar-se com o percipiente.

e) O fenômeno PG, mais temido (sem razão), é o classificado como **subjugação telepsíquica" ou HT (Hipnose Telepática).** É um domínio, às vêzes despótico, à distância, sôbre a mente e, através dela, às vêzes também sôbre o corpo, a sensibilidade ou mesmo a vida de outra pessoa. É como uma hipnose paranormal podendo ser, como a hipnose, de diversos tipos, graus e eficiências. A subjugação telepsíquica é a mais empolgante e "misteriosa" causa (não a única) dêsse fenômeno popularmente chamado feitiço, coisa feita, mau olhado, malefício...

Pode ser negativa (para o mal), positiva (para o bem, curandeirismo) ou indiferente.

Da "adivinhação do pensamento" e da "transmissão do pensamento" temos visto já numerosos casos espontâneos e mormente experiências de laboratório nos capítulos anteriores. Não dedicaremos a êstes dois tipos de telepatia nenhum capítulo especial.

Também não falaremos neste volume do feitiço por ter outras várias causas que não se enquadram dentro de PG. A própria "subjugação telepsíquica" ou HT é fenômeno misto, pois, freqüentemente, é em parte, ou ao menos está intimamente relacionado, com os fenômenos de efeitos físicos (PSI-KAPPA). Neste tomo tratamos ùnicamente dos fenômenos de efeitos psíquicos.

TIE espontânea 22

PSI-GAMMA PERSCRUTA OS MAIS OCULTOS SEGREDOS

Perguntam sôbre o presente e averiguam o passado. — Crianças prodigiosas que respondem às mais difíceis questões. — Telepatia por procuração ou intermediário. — Uma extraordinária médium espírita, extraordinàriamente anti-espírita.

UMA senhorita me consultava muito impressionada porque, numa sessão espírita à qual seu pai tinha assistido, a médium lhe revelou coisas a respeito da infância dêle, coisas de que êle já não se lembrava mais e que depois comprovou serem verdadeiras.

Disse-lhe simplesmente que não se tratava de modo algum de comunicações dos espíritos e sim de *telepatia*, faculdade bem natural e humana. A senhorita não podia compreender que fôsse telepatia e protestou: "Mas meu pai não se lembrava daquilo!".

Êste conceito errado de que só há telepatia sôbre o *consciente* está muito estendido. Muitos sabem que a telepatia é uma realidade e não uma "crendice", mas ignoram que precisamente a "telepatia sôbre o *inconsciente* excitado" é muito mais freqüente que a adivinhação ou a transmissão do pensamento *consciente*.

Em rigor científico, eu não deveria ter dito à senhorita que se tratava de telepatia e sim de hiperestesia indireta das idéias excitadas no inconsciente do pai. Mas, agora, trataremos como se fôssem uma mesma coisa a telepatia e a hiperestesia indireta, ambas sôbre o inconsciente excitado. O efeito é o mesmo. O leitor avisado sabe já perfeitamente que se trata de telepatia sôbre o inconsciente excitado (TIE) quando há percepção extra-sensorial, e que, ao contrário, será hiperestesia sôbre o inconsciente excitado (HIE) quando a percepção é sensorial, a partir dos reflexos fisiológicos causados pela excitação no inconsciente de alguma idéia, sentimento, etc. Quando falarmos em TIE, entenderemos, de agora em diante, tanto *telepatia* como *hiperestesia indireta,* ambas sôbre o *inconsciente excitado.*

O mecanismo interno da telepatia sôbre o inconsciente, ou TIE, seria o seguinte: o consciente da pessoa que parece agente (ou qualquer outro fator ou circunstância) reaviva, ilumina, excita uma idéia ou conteúdo psíquico do próprio inconsciente. O inconsciente de outra pessoa, o perceptor, capta essa idéia.

As lições dos casos espontâneos

A "TIE" parece mais fácil e freqüente do que a adivinhação do pensamento consciente. Já FLOURNOY, estudando as coleções de casos de "adivinhação", verificou que as idéias reveladas com mais freqüência pelos "médiuns" são as que estão em estado latente ou evanescente no espírito dos presentes à sessão.

Após consultar um médium ou outro "adivinho", muitas pessoas manifestam, mais com admiração do que com decepção, que o "mago" nada lhes tinha dito sôbre o que realmente as preocupava e acêrca do que perguntaram, revelando-lhes, entretanto, outros fatos mais ou menos relacionados com o tema consultado, fatos nos quais não cogitavam [1].

Analisadas tôdas essas relações, vê-se que estamos diante de casos do tipo de telepatia sôbre o inconsciente excitado: as perguntas do consulente, as circunstâncias da consulta ou da sessão, etc., aparecem sumamente aptas para provocar na mente do consulente a associação inconsciente de idéias, avivando assim as vivências adormecidas e até talvez esquecidas mas conservadas por pantomnésia. Essas vivências são as que o "mago" revela.

1 — FLOURNOY, Th.: "Esprits et Médiums", Genebra, Kundig, 1911.

Analisemos um caso, a modo de explicação do mecanismo do fenômeno.

> O Dr. RHINE foi consultado sôbre o seguinte caso: Uma senhora tinha saído para passar o fim de semana com uns amigos que viviam no campo, a várias milhas de distância. O marido ficou em casa, ligeiramente indisposto. A senhora, já ao cair da tarde, experimentou de repente um impulso incoercível de voltar para casa. Os amigos se opunham: a hora era desapropriada. A senhora, aliás, não podia dar nenhuma explicação racional de seu súbito e absurdo desejo. Só experimentava a impressão geral de que algo não ia bem com o marido. Voltou. Ao chegar encontrou a casa em chamas, devido, segundo se investigou, a uma faísca que tinha pulado da lareira. O marido dormia no andar superior totalmente alheio ao que sucedia. Tivesse demorado a senhora, e o acidente teria sido fatal [2].

Tudo indica que devemos classificar êste caso como TIE, telepatia sôbre o inconsciente excitado: o pequeno cheiro, barulho, etc., do incêndio que começava no andar térreo, sendo captado mais ou menos hiperestèsicamente, excitou o inconsciente do homem adormecido. A idéia do espôso inconscientemente excitado pelo perigo foi captada pela espôsa, preocupada, que pôde chegar a tempo de evitar a catástrofe.

Casos semelhantes ao referido, nos quais a excitação do inconsciente foi provocada por pequenos cheiros, dará ensejo, como veremos no próximo capítulo, à experimentação do fenômeno.

2 — RHINE, Joseph Banks: "New World of the Mind", New York, W. Sloane, 1937. Utilizamos a tradução espanhola de Dora Joninsky de KREIMEN: "El Nuevo Mundo de la Mente", Buenos Aires, Paidós, 1958, pág. 20.

A nebulosidade, a sensação indefinível experimentada pela receptora, é característica freqüente, especialmente na recepção em estado de vigília. É o inconsciente que capta a mensagem e não é fácil em pessoas normais que essa percepção inconsciente suba até o consciente. Por isso a necessidade, em muitos casos, de alguns dos sistemas de manifestação: escrita automática, pêndulo, mesa giratória... Em sonhos, porém, e em outros estados nos quais está mais "aberta a porta" do inconsciente, como no transe, hipnose, histeria, delírio, etc., pode alcançar-se uma claridade quase fotografia na alucinação correspondente à percepção da mensagem telepática.

TIE a três

Na telepatia sôbre o inconsciente freqüentemente aparece o mecanismo "em L" ou "a três". Não se averiguam diretamente os pensamentos de uma pessoa, mas podem ser averiguados através de outra terceira pessoa intermediária: os meus pensamentos podem ser descobertos não só diretamente em mim, mas captados no inconsciente de outra pessoa, de minha família por exemplo, mesmo que êste familiar nunca tenha conhecido conscientemente êsses meus pensamentos, mas só inconscientemente. Expondo o mesmo conceito de outro modo: o percipiente capta em meu inconsciente idéias que eu captei inconscientemente em outra pessoa ou na realidade física.

> Foi notabilíssimo o sensitivo suéco Emanuel SWEDENBORG. Em estado absolutamente normal, ao menos aparentemente, em vigília, enquanto jantava com um industrial, SWEDENBORG anuncia a seu anfitrão que a fábrica se estava incendiando. Comprovou-se imediatamente que o aviso era exato e oportuno [3].

Probabilíssimamente, foi o próprio industrial quem captou inconscientemente o sinistro: a desgraça interessava a êle, não a SWEDENBORG; os amigos do industrial que assistiam ao incêndio tinham o pensamento voltado para o industrial, não para SWEDENBORG, etc. Parece muito razoável que a percepção clarividente ou telepática fôsse realizada pelo inconsciente do industrial. Todos temos no inconsciente a faculdade PG (embora a *manifestação* seja difícil).

3 — Citado por RHINE, J. B., o. c., pág. 21.

A faculdade psigâmica do industrial captou o fato, o aviso, mas não sendo metagnomo, a percepção psigâmica ficou no inconsciente: Foi lá que a captou SWEDENBORG que, sendo sumamente "dotado", a passou para o consciente.

No caso, possìvelmente não será exato dizer telepatia a três, devendo-se dizer hiperestesia indireta sôbre o inconsciente telepàticamente excitado. Mas como já dissemos, neste trabalho consideramos tais fenômenos conjuntamente.

Nos sensitivos ou metagnomos que podemos chamar profissionais (adivinhos, médiuns, etc.), esta explicação por telepatia (hiperestesia) a três parece bastante freqüente.

Como dizia René WARCOLLIER [4] "é muito provável que todos os... que tenham experimentado com sujeitos clarividentes (metagnomos, diríamos melhor) estão obrigados a reconhecer que muitos dêstes entram com extrema facilidade em relação psíquica com pessoas mais ou menos distantes, *mormente se estas são conhecidas do experimentador*": TIE (ou HIE) "em L".

Um dos casos mais espetaculares que se contam de TEOBALDO, um dos mal chamados endemoninhados de Ilfurt, é precisamente um exemplo simples de telepatia (ou hiperestesia) "a três" ou "em L".

> Um dia, quando várias pessoas se encontravam no aposento, TEOBALDO começou a fazer o gesto de quem puxa a corda de um sino, como tocando a defuntos.
>
> — Por quem tocas a defuntos? — perguntaram.
>
> — Por Gregório KUNEGEL — respondeu TEOBALDO sem hesitar.
>
> A filha de KUNEGEL estava presente e, espavorida, gritou:
>
> — Trapaceiro! Meu pai está passando bem e trabalha de pedreiro na construção do seminário-menor.

4 — WARCOLLIER, René: "Polypsychisme spontané", em "La Métapsychique 1940-1946", Paris, P. U. F., s. d. (1947), pág. 66.

— Estava muito bem, mas deves saber que caiu e, se não o crês, vá comprová-lo.

A pobre môça correu ao lugar e teve que constatar que seu pai caíra de um andaime e quebrara a coluna vertebral. Ninguém ainda em Ilfurt sabia a desgraça quando TEOBALDO a anunciara [5].

Como se poderá compreender, o fenômeno não se deve ao demônio... Foi a rapariga quem captou paranormalmente a desgraça do pai. A môça e não diretamente TEOBALDO, dado que era a ela que interessava o fato, de uma forma verdadeiramente "existencial" [6]. Mas, não sendo a jovem boa metagnoma, a "mensagem telepática" ficou inconsciente, sendo no inconsciente excitado da jovem onde TEOBALDO captou a mensagem por hiperestesia indireta sôbre o inconsciente excitado.

Evidentemente, se o autor da mensagem tivesse sido o demônio, como querem os partidários desta interpretação sobrenatural, o demônio deveria saber que não se tratava de morte, não havia por que tocar a defuntos... Êsse êrro acidental seria lógico em fenômenos parapsicológicos, mas inexplicável no demônio...

TEOBALDO e os contemporâneos dêle, no ambiente de demonologia em que viviam, dramatizaram as manifestações parapsicológicas como devidas ao demônio. Vivessem na atual América Latina, especialmente no Brasil, e as teriam dramatizado como devidas ao espírito do morto. Mas aqui o pai não morrera...

Espiritismo e telepatia

A TIE (ou HIE) presta-se muito a interpretações supersticiosas.

5 — Utilizamos a tradução italiana: SUTTER, Pablo: "Il diavolo. Le sue parole, i suoi atti nei due indemoniati di Ilfurt (Alsazia) secondo documenti storici", Torino, 1935, págs. 60-61. Existe também tradução espanhola: "El diablo", Barcelona, 1925.

6 — O fenômeno paranormal na jovem é o classificado como "sugestão telepática" talvez o fenômeno paranormal mais freqüente. Descrevê-lo-emos amplamente nos capítulos 24, 25 e 26.

Um dos mais famosos médiuns do Brasil é CHICO XAVIER. Certo espírita desejava homenagear D. PEDRO II, mas não comunicou a ninguém a sua idéia. No mesmo dia que tivera a singular idéia, encontra-se com CHICO XAVIER. O médium escreve uma mensagem, na qual D. PEDRO II agradece a homenagem projetada [7].

Noutra ocasião, CHICO XAVIER assina uma mensagem com o nome de Abel GOMES. Na mensagem, "o morto" nomeia três pessoas presentes à sessão, parentes dêle, e alude a coisas só dessas pessoas conhecidas, coisas que ninguém então pensava [8].

"Como seria telepatia, *se ninguém pensava naquilo?*". Precisamente por isso o fenômeno é mais fácil. Embora naquele momento não pensassem conscientemente nem em D. PEDRO II nem no parente recentemente falecido, as circunstâncias (presença de um famoso médium, ambiente de evocação dos mortos...) lògicamente excitaram no inconsciente daquelas pessoas tais idéias; CHICO XAVIER, inconscientemente, as captou por TIE e as revelou por psicografia. A psicografia facilita a manifestação do fenômeno porque tudo fica no âmbito do inconsciente. Só vendo o escrito o consciente o conhece.

Uma médium espírita extraordinária

Muitos médiuns chegam fàcilmente a um desequilíbrio psicológico pronunciado de modo que apareçam entre êles bons metagnomos. O médium espírita mais famoso em fenômenos de conhecimento, entre os observados pelos metapsíquicos, foi a norte-americana Eleonora PIPER.

"Entre os médiuns... do ponto de vista subjetivo (isto é, de efeitos psíquicos) com manifestações de criptestesia (=PG) intensa, podemos afirmar que o mais poderoso foi certamente a Sra. PIPER", escreve RICHET [9] e acrescenta

7 — IMBASSAÍ, Carlos, em "O Reformador", revista da Federação Espírita Brasileira (FEB), 1944, novembro.

8 — IMBASSAÍ, Carlos, ibidem.

9 — RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 166.

em outro lugar: "A Sra. PIPER, superior a todos os médiuns... é, sem contestação possível, de todos os médiuns, a que tem dado as provas mais numerosas, as mais estranhas e as mais decisivas" (de conhecimento parapsicológico) [10]. Os parênteses são nossos.

A fôrça principal dos fenômenos da Sra. PIPER está no grande número.

Sábios eminentes, embora da antiga escola metapsíquica, observaram a Sra. PIPER. Especial valor deve conceder-se ao testemunho do Dr. HUDGSON [11], da Society for Psychical Research que, como se sabe, foi um dos que desmascararam as fraudes de BLAVATSKI, fundadora do Teosofismo. HISLOP, W. JAMES, RICHET, etc., usaram também o contrôle possível naquela época. Outros muitos metapsíquicos analisaram as atas das experiências realizadas com a Sra. PIPER, ficando todos convencidos das suas qualidades parapsicológicas [12].

> O Sr. Vernon BRIGG, que tinha estado em Honolulu, interrogou a Sra. PIPER a respeito de KALUA, jovenzinho indígena que êle tinha trazido consigo à América. PIPER responde com estas palavras na língua original das ilhas Kawai: "Aloka" (saudações) e "Lei" (grinalda de flôres). Esta xenoglossia "paucis verbis" tem o detalhe caraterístico de revelar a notória afeição do pequeno KALUA pela confecção de grinaldas de flôres. O sr. BRIGG pergunta também em que ilha morou o pequeno KALUA. A Sra. PIPER responde: "Tawai"; automàticamente, porém, escreve "Kawai": os indígenas pronunciam "Tawai", mas se escreve "Kawai" [13].

Fenômeno claramente classificável como telepatia (ou hiperestesia) sôbre o inconsciente excitado. Essas palavras

10 — RICHET, Charles, o.c., pág. 175.

11 — JAMES, William, e HUDGSON, Richard, coleção e tradução por SUDRE, René: "Études et réflexions d'un psychiste", Paris, Payot, 1924, pág. 43.

12 — SIDWICK, Sra. de, resume maravilhosamente e põe excelente bibliografia sôbre tôdas as experiências feitas com a Sra. PIPER, em "Proceedings of the Society for Psychical Research", XXVIII, 1915, parte 71.

13 — HISLOP, J. H.: "Science and a Future Life", Borton, 1905, pág. 179.

e êsses dados estavam no inconsciente de BRIGG relacionadas com KALUA, por quem perguntou.

> A Sra. BLODGETT interroga a Sra. PIPER. Esta assegura, na inconsciência do transe, que está possuída pelo espírito (!?) de Hannah WILD, falecida há dez anos, irmã da Sra. BLODGETT, a consulente. Ora. Hannah WILD tinha deixado entre seus papéis uma carta que ninguém tinha lido. Nada, absolutamente nada do conteúdo desta carta foi manifestado pela médium, apesar de ser interrogada a respeito. Em compensação, inúmeras lembranças da Sra. BLODGETT a respeito da irmã falecida foram ditas pela médium com notável precisão [14].

Como se vê, não conseguiu desvendar mais do que estava no inconsciente da pessoa viva. O que só a morta conhecia, permaneceu desconhecido, embora a médium em transe assegurasse que era a mesma morta quem falava. Claro está que, por outros fenômenos paranormais (PC, precognição telepática de quando abririam o envelope, etc.), se poderia averiguar o conteúdo da carta; a Sra. PIPER, porém, estava especializada em telepatia ou hiperestesia sôbre o inconsciente excitado, não em outros fenômenos. As especializações entre sensitivos e metagnomos são freqüentes.

A Sra. PIPER dá geralmente dados a propósito de lembranças antigas da pessoa que a consulta. Freqüentemente são necessárias longas averiguações para compreender que tais dados foram tirados do inconsciente pantomnésico do consulente:

> O Dr. HISLOP, por exemplo, pede dados sôbre seu pai. A Sra. PIPER diz onde seu pai tinha deixado seus óculos ao morrer, fala dum boné de ponto, dum canivete de cabo escuro com o qual o pai tinha o costume de limpar as unhas, menciona diversos bastões que êle possuía: um bastão com um anel, outro com um inseto dourado (uma figura

14 — SAGE, M.: "Madame Piper et la Société anglo-americaine pour les recherches psychiques", 4.a ed., Paris, Leymarie, 1902. Quem não puder consultar os relatórios originais das experiências com a Sra. PIPER, encontrará nesta obra, de fácil leitura, um bom resumo e bastante completo.

de escaravelho), mais um outro com o cabo curvado até que quebrou. Da maior parte dêstes detalhes o Dr. HISLOP não se lembrava [15].

Mas, sem dúvida, que os conheceu, tendo assistido à morte do seu pai (teve por conseguinte que ver onde êle tinha deixado os óculos antes de morrer), e sendo os outros detalhes tão característicos e habituais no proceder paterno. HISLOP não se lembrava conscientemente, mas evidentemente tudo aquilo tinha que estar no inconsciente por pantomnésia.

LODGE, que também experimentou com PIPER, reconheceu (antes de que o rude golpe não superado da morte de seu filho lhe debilitasse o senso crítico e o fizesse aderir à teoria espírita) que, evidentemente, os conhecimentos extraordinários obtidos por PIPER em estado de transe, são, geralmente, do conhecimento de alguma pessoa presente à sessão, embora, não raro, já completamente esquecidos. Caso tão certo é que, às vêzes, foi muito difícil obter a confirmação posterior de que aquêles fatos tinham sido alguma vez conhecidos por aquela pessoa.

As experiências de LODGE foram engenhosas, *enviando* às vêzes a PIPER pessoas sob falsos nomes. Essas experiências vêm mais uma vez confirmar que a Sra. PIPER, na realidade, era hiperestésica, (hiperestesia indireta sôbre o inconsciente excitado), pois os conhecimentos que manifestava eram os que estavam no inconsciente das pessoas *presentes* e não das ausentes, como poderia ter acontecido se ela fôsse paranormal e não só hiperestésica. A mesma freqüência, aliás, do fenômeno está já a indicar que era só hiperestesia e não PSI-GAMMA.

Eis um caso dos dirigidos por LODGE, entre muitos que nos refere num de seus livros [16].

> Um médico de Liverpool foi apresentado, sob o nome de Dr. JONES. A Sra. PIPER, sem mais dados, lhe fala duma de suas filhas, chamada DAISY. Diz que "ela é encantadora, mas está doente. Com a menina há uma mulher chamada KATE que o senhor chama de KITTY". Na realidade, DAISY não estava doente, era surda. Kate era aia dos filhos do doutor, e êste, de fato, costumava chamá-la Kitty.

15 — MANGIN, Marcel: "La vie aprés la mort", em "Annales des Sciences Psychiques", XII, 1902, págs. 218 ss.

16 — LODGE, Sir Oliver: "La Survivance humaine", Paris, Alcan, 1912.

Hiperestesia sôbre a contínua preocupação subconsciente dum pai que tem uma filhinha encantadora, que é surda, assistida por uma aia dedicada, à qual o doutor está muito agradecido.

Análise de PIPER

A mesma Sra. PIPER que foi espírita durante muitos anos, no fim, vendo as experiências que com ela se faziam, refletiu e declarou: "eu não disse jamais nada, durante o meu estado hipnótico, que não pudesse estar latente na minha memória ou na memória da pessoa que se me aproximava com a intenção de comunicar-se com o além, ou então na memória de algum dos assistentes; enfim, na memória de alguma pessoa viva em alguma parte do mundo". E, durante a reação que estas palavras suscitaram, a Sra. PIPER insiste: "não acredito que os espíritos dos mortos falem por meu intermédio, quando estou em estado de transe... A telepatia me parece mais plausível e a mais justa solução do problema" [17].

Como já indicamos, uma grande parte, a quase totalidade ou talvez todos os fenômenos de conhecimento realizados pela Sra. PIPER, devem ser classificados como de hiperestesia indireta sôbre o inconsciente excitado, com exclusão de outros fenômenos parapsicológicos.

Ela mesma, como vimos, auto-analisando-se, afirma que tudo quanto percebe está na memória inconsciente de alguém. Êsse alguém, salvo casos difíceis de comprovar, sempre é alguma pessoa *presente*.

Durante anos se mostra dotada para descrever fatos ou dados sôbre a vida e caráter das pessoas que lhe *apresentam*, ainda que antes nunca tivesse visto essas pes-

17 — Estas declarações, assim como tôda classe de referências a respeito das mesmas, foram publicadas por VESME, C. de, em "Revue des Études Psychiques", 1901, novembro, págs. 354 ss.

soas. Mas, submetida a testes que seriam PC, ou TIE (sôbre pessoas *ausentes*), ou precognição, fracassa com absoluta regularidade durante todos os anos que foi controlada pelos metapsíquicos: jamais, por exemplo, soube averiguar o conteúdo de um envelope, se a pessoa que o escrevera estava ausente.

Nada paranormal em Eleonora PIPER, embora no inconsciente dos consulentes ela captase às vêzes dados que o consulente tinha captado paranormalmente, mas inconscientemente: tratar-se-ia neste caso do que chamamos percepção "a três", sendo telepatia entre o consulente e terceira pessoa ou coisa, e só hiperestesia entre o consulente e PIPER.

Devemos ressaltar estas considerações porque as julgamos de importância para a reta inteligência da maioria dos metagnomos: na quase totalidade das adivinhações de médiuns, adivinos profissionais, radiestesistas, quiromantes, enfim de tôdas as pessoas que se dedicam à "adivinhação", trata-se por parte delas de simples *hiperestesia* indireta sôbre o inconsciente excitado dos consulentes, adivinhando nos consulentes o que êles inconscientemente conhecem por meios normais, extraordinários ou paranormais. O conhecimento paranormal e inconsciente nestes últimos casos dá-se só no consulente, só para êle tal conhecimento é emotivo.

Esta reta compreensão do fenômeno da telepatia (ou hiperestesia) "a três" é muito importante também para a compreensão do fator "existencial" que várias vêzes temos assinalado como importante em PG.

Desta maneira se explica também a regularidade, maior ou menor, de tais adivinhações: ordinàriamente não é PG no "adivinho" e sim sòmente *hiperestesia* indireta sôbre o inconsciente excitado. A *atuação só inconsciente* de PG pode ser regular e constante, mas não a *manifestação*. A *manifestação* da hiperestesia é que pode ser "regular" em determinadas pessoas.

Análise interna da TIE

Incluímos na TIE tanto o fenômeno paranormal como o hiperestésico.

Por razões de método, a análise dos aspectos mais profundos, das últimas causas dos fenômenos parapsicológicos, deixamo-la para quando falemos das teorias em outro tomo. Por agora, faremos apenas algumas considerações a respeito dos aspectos mais superficiais que intervêm na classificação prática TIE, tal como se pode deduzir do estudo das causas espontâneas.

O fenômeno evidentemente está ligado, em muitíssimas ocasiões, com a pantomnésia. Os dados que se arquivam no inconsciente são excitados por diversas causas, e esta excitação possibilita que sejam captados pelo metagnomo ou sensitivo.

Uma das mais freqüentes causas de excitação do inconsciente é a associação de idéias. A maioria dos casos que citamos podem servir de exemplo para confirmá-lo. Trata-se de averiguar uma coisa e na realidade se averigua outra que está inconscientemente associada a ela. A idéia consciente excita a idéia inconsciente à qual está associada.

Dentro da associação de idéias, no mais amplo sentido da mesma, devemos dar importância, para a excitação inconsciente, à emotividade. Isso porque devemos ter em conta, em primeiro lugar, que a associação de idéias é de muito mais alcance do que pode parecer. O nosso psiquismo, é indivisível, "uno", com uma unidade perfeita, simples, sem partes. É lógico até à evidência, portanto, que qualquer atuação do psiquismo, é de todo o psiquismo, qualquer idéia consciente está pois indissolùvelmente unida, radicalmente, a tôdas as outras idéias arquivadas no inconsciente. Cada ato particular do psiquismo está unido a *todo* o psiquismo.

Mais ainda, cada ato particular do psiquismo está unido a todo o homem psíquico e físico pois a união entre alma e corpo não é como de compartimentos isolados, mas substancial, na expressão dos filósofos, isto é, formando uma unidade perfeita, inseparada. Estas verdades da Psicologia Racional, filosófica, têm sido recentemente confirmadas também empìricamente pela Psicologia Experimental e a Fisiologia como já vimos ao falarmos da hiperestesia no capítulo 6. Assim, por exemplo, CHAUCHARD escreve: "quando atendemos a um signo sensorial de certa natureza, quan-

do a nossa atenção se dirige para determinado movimento, não sòmente o fazemos com a nossa consciência, mas também *com todo nosso inconsciente.* Além da imagem consciente do corpo está a representação cortical inconsciente de *todo o organismo;* a lembrança que se fixará no instante presente não o fará ùnicamente na organização cortical do campo consciente, mas em tôda a crosta inconsciente, constituindo um *certo equilíbrio de todo o organismo.* A lembrança surgirá depois, tanto por reflexos condicionados inconscientes, como pelos reflexos conscientes. Assim, o cérebro humano dirige não sòmente o comportamento exterior e o psiquismo, mas também dirige o equilíbrio orgânico" (mais exato seria dizer que o cérebro *é dirigido* pelo psiquismo, ou ao menos que atuam conjuntamente o cérebro como parte secundária sendo o psiquismo a parte principal dêsse conjunto). (Os grifos e parênteses são nossos.)

"E inversamente, sem que o conheça a consciência, o visceral está presente no centro do psíquico e o psíquico no centro do visceral, através de inumeráveis relações víscerocorticais e cortico-viscerais" [18].

Pois bem, suposta esta união, podemos dizer que todo ato de consciência excita tôdas as outras idéias que a pessoa possui no inconsciente. Na seleção para a manifestação por TIE, são fatôres principais a conexão e a emotividade; isto quer dizer que aquelas idéias que estão mais vinculadas, mais estreitamente associadas, ou que são mais emotivas, "vivas", serão as que nesse momento ficam mais excitadas ou como que iluminadas no inconsciente, de modo que possam ser percebidas por TIE (ou HIE).

Já vimos que, segundo o Dr. CALLIGARIS (que tem a simpatia de muitos autores, em várias teorias e especialmente nesta) tudo o que acontece na nossa terra, tudo o que é humano ou tem relação com os homens, está sendo contìnuamente captado por nosso inconsciente e pode ser refletido na pele (e, como que por ressonância, repercutir

18 — CHAUCHARD, Paul: "La Médecine psychosomatique", Coleção "Que sais-je", Paris, Presses Universitaires de France, 1958 (1.a ed. 1955). Nós citamos da tradução espanhola por NOVICK, Ernesto José: "La medicina psicosomática", Buenos Aires, Paidós, 1960, pág. 45.

na pele de outra pessoa presente). Em cada caso poderão *manifestar-se* aquêles dados que, por associação ou emotividade, sejam mais excitados.

Às vêzes, a excitação se deverá simplesmente a alguma percepção emotiva recente. Quem inconscientemente acaba de inteirar-se de que, por exemplo, a centenas de quilômetros de distância, está ardendo uma propriedade sua, evidentemente sofre uma excitação inconsciente, excitação que possibilita a um bom "dotado" a atuação da TIE (ou HIE) "a três".

A importância, aliás lógica, de ambos os fatôres, associação e emotividade, além da maior frequência da TIE (ou HIE), já a suspeitou FREUD. No seu livro "New Introductory Lectures on Psychoanalysis" [19], depois de analisar todos os casos chegados a seu conhecimento, conclui que as idéias que provàvelmente assumem atividade telepática na mente do agente, são, ou as idéias preconscientes por associação (isto é, as que, por razão da sua ligação com as idéias que nesse momento ocupam o consciente, estão "perto" do consciente), ou as idéias inconscientes afetivamente carregadas, pensamentos ou complexos reprimidos e disfarçados no inconsciente, precisamente por sua forte carga afetiva. FREUD, porém, exagera pensando que só há adivinhação sôbre o inconsciente.

De que maneira passará a idéia excitada do agente ao percipiente? Como já temos afirmado, a maior parte das vêzes o "consulente" está em presença do sensitivo. A excitação do inconsciente tem sua repercussão fisiológica externa, e é esta repercussão fisiológica que o sensitivo capta por hiperestesia indireta do pensamento inconsciente, do mesmo modo, (certamente bastante "misterioso" e complexo) como explicávamos ao tratar da hiperestesia indireta do pensamento consciente (capítulos 5 e especialmente 6, 7 e 8).

Outras vêzes, mais raras, a percepção de parte do metagnomo será paranormal, extrasensorial, espiritual, e

19 — FREUD, S.: "New Introductory Lectures on Psychoanalysis", Londres, Hogarth Press; Tradução espanhola: "Nuevas aportaciones al psicoanalisis", Madrid, Biblioteca Nueva, 1948.

pode também ter sido paranormalmente recebida pelo inconsciente do consulente a notícia que vai ser revelada. Como se dá esta percepção extra-sensorial é assunto que deixamos, como dissemos, para quando falemos das teorias explicatórias de PG em geral.

Da observação e análise dos casos espontâneos pode-se deduzir, portanto, que:

"Adivinhar" as idéias excitadas no inconsciente de outra pessoa é mais fácil e freqüente do que adivinhar as idéias conscientes.

A excitação no inconsciente pode dever-se a associação de idéias, emotividade, percepção inconsciente mesmo paranormal, etc.

A captação por parte do percipiente pode ser paranormal, embora freqüentemente seja só hiperestesia indireta do pensamento. Sendo, porém, o aspecto externo do fenômeno idêntico, ambos os tipos de captação são reunidos por nós na classificação TIE (ou HIE) "Telepatia (ou Hiperestesia) sôbre o Inconsciente Excitado".

A TIE freqüentemente é "a três" ou em "L" isto é, quando se capta numa pessoa o que esta pessoa captou em outra ou na realidade física.

TIE experimental 23

A PARAPSICOLOGIA DESVENDA O MISTÉRIO

O fracasso dos metapsíquicos foi um completo êxito. — Um jesuíta revela e reproduz o "misterioso prodígio". — As angústias de um cirurgião. — Experiências no Rio de Janeiro.

OS metapsíquicos não suspeitaram a freqüência da telepatia sôbre o *inconsciente* excitado (TIE). Dizíamos que êste tipo de telepatia parece mais fácil e freqüente do que a adivinhação ou transmissão do pensamento *consciente.* Analisando as séries de experiências de transmissão de pensamento com bons sujeitos, encontramos muitas, julgadas pelos metapsíquicos como fracassos, que, na realidade, demonstram a telepatia sôbre o *inconsciente* excitado.

No "Journal of Society for Psychical Research", por exemplo, refere-se a seguinte experiência: O transmissor pensa no nome "Maria", a pessoa que lhe escreveu uma carta recebida naquela manhã. O percipiente, porém, escreve "João". A prova é considerada como fracasso. Ora, poucas linhas mais abaixo o experimentador conta, sem que saiba tirar partido do fato, que naquela manhã tinha recebido duas cartas, uma de Maria e *outra de João.*

A experiência, pois, não foi fracasso. O nome "Maria", uma das pessoas de quem tinha recebido a carta naquela manhã, excitou no inconsciente por associação de idéias o nome da outra pessoa de quem também tinha recebido carta naquela manhã. Não se captou o consciente, mas só o inconsciente "iluminado" por associação de idéias. É mais fácil.

> O Pe. HEREDIA tratou um dia de fazer uma experiência de transmissão do pensamento (consciente). Tratava-se de transmitir o nome da marca de cigarros que naquele momento estava a fumar. Com tôda a intensidade consciente pensava: "Restina, Restina...". O percipiente escreve automàticamente: "La", nada mais. O padre pensou que a experiência tivesse falhado. Mas ao voltar para casa e ao tomar outro cigarro para fumar, nota com surprêsa que o nome completo da marca era *"La Restina"* [1].

O percipiente não captou o consciente, "Restina", mas sòmente "La". O artigo o padre tinha esquecido, mas estava associado no inconsciente ao substantivo.

Da menina ILGA K. de Trapene (Lituânia), retardada mental, já vimos em outro capítulo que era uma magnífica sensitiva, averiguando hiperestèsicamente muitas coisas que na sua presença pensava a mãe. Foi publicado um livro com as experiências que com ela realizaram professôres de Medicina [2].

> O Dr. NEUREITER tomou o lugar da mãe. Com grande concentração começou a ler *mentalmente* um trecho dum poema. A menina ILGA, porém, não descobriu nada. Mas acontece que o Dr. NEUREITER, enquanto se esforçava por transmitir as palavras do poema, observou, de passagem, uma palavra, que filològicamente o intrigou. Pois bem esta palavra, na qual o doutor reparou como entre parênteses, foi precisamente a única que a menina captou.

1 — HEREDIA, S. J., Carlos Maria: "Los Fraudes Espíritas y los fenómenos metapsíquicos", 5.a ed., Montevidéu, Mosca, 1945, pág. 357. Existe tradução portuguêsa: "As fraudes espíritas e os fenômenos metapsíquicos", Petrópolis (RJ), Vozes, 1958.

2 — NEUREITER, Ferdinand von: "Wissen um fremdes Wissen auf unbekanntem Wege erworben", Gotha, 1935.

Fracasso na hiperestesia ou transmissão do consciente; êxito, porém, na hiperestesia sôbre o inconsciente excitado, fenômeno mais fácil.

> O Dr. KLEINBERGER escondeu um objeto sob uma almofada. Quando chegou a menina, tratou de transmitir-lhe o lugar preciso onde se achava o objeto. ILGA disse: "O relógio está debaixo da almofada", mas como havia várias na sala, foi levantando uma almofada após a outra até encontrar o relógio.

Não tinha, pois, captado o pensamento consciente (o lugar preciso onde estava escondido o objeto) mas captou a idéia primitiva que já se não pensava: "escondamos o relógio sob uma almofada", isto é, captou a idéia excitada no inconsciente.

TIE e transmissão de pensamento

> Em 10 de outubro de 1928, WARCOLLIER e BESTERMANN experimentam com a metagnoma senhora K., que antes nunca tinham visto. Tratava-se de que ela descobrisse o nome da espôsa de René WARCOLLIER: Germaine. A metagnoma fita os olhos de WARCOLLIER e escreve primeiro C, depois K, por fim se corrige e escreve certa a primeira letra do nome da espôsa, G, mas não consegue continuar.
>
> A senhora K. diz que WARCOLLIER não serve para transmissor de pensamento, que prefere tentar com BESTERMANN. Fazem então sair da sala a metagnoma e, então, WARCOLLIER diz muito baixinho a BESTERMANN o nome da espôsa, Germaine. Entra a metagnoma e fita os olhos de BESTERMANN. Após uns instante escreve: "Genriette". Foi grande a surprêsa dos experimentadores: A primeira letra G e talvez a segunda correspondiam ao nome Germaine da espôsa de WARCOLLIER, mas o curioso é que as outras letras, NRIETTE, correspondiam ao nome da espôsa de BESTERMANN, nome no qual ninguém pensava então [3].

3 — WARCOLLIER, René: "Théorie du polypsychisme", em "La Métapsychique", Paris, "Institut Metapsychique International", número extraordinário de 1940-1946, págs. 54 ss.

Os experimentadores viram que tinha acontecido alguma coisa "rara" dentro do âmbito da telepatia. O que na realidade sucedeu foi uma mistura de TIE (ou HIE), experiência que não se intentava fazer mas que, sendo mais fácil, surgiu espontâneamente, com um pouquinho de transmissão do pensamento consciente, experiência que se tratava fazer e para a qual a metagnoma se esforçava. Evidentemente, BESTERMANN, ao pensar no nome da espôsa de WARCOLLIER, excitou no seu inconsciente o nome da sua própria espôsa: Henriette.

A verdadeira explicação duma experiência discutida

A *telepatia* sôbre o inconsciente excitado, como todo fenômeno PG, evidentemente prescinde da distância. Assim hoje podemos explicar perfeitamente o caso, tão discutido nos começos do século, da grande metagnoma Anna BRIOU. Estavam em pleno apogeu as experiências de criptoscopia (com as quais queriam demonstrar a visão, autêntica visão, através dos corpos opacos). Os sábios andavam à procura de uma prova crucial desta qualidade, na qual acreditavam. Não diferenciavam bem os campos, e estavam sendo enganados por outros fenômenos que nada tinham a ver com a visão através dos corpos opacos.

Em 1897, o Dr. FERROUL falou ao Dr. GRASSET de Anna BRIOU, como uma metagnoma das mais dotadas. O Dr. GRASSET decidiu comprovar por si mesmo aquêles elogios.

> Escreve o mesmo Dr. GRASSET: "Quando voltei de Narbonne a Montpellier não tinha dito nada de minhas intenções ao Dr. FERROUL, que ficava em Narbonne com o sujeito. Escrevi numa fôlha as seguintes palavras: *Le ciel profond reflète en étoiles nos larmes car nous pleurons ce soir de nous sentir trop vivre.* Aqui uma palavra russa, uma palavra alemã, uma palavra grega. Depois, Montpellier, 28 octobre 1897. O papel, dobrado em dois (o escrito ficava na parte interior), foi completamente envolto numa fôlha de papel de estanho dobrado nas bordas. O conjunto foi metido num envelope comum, de luto (tarjado), e depois de fechado o envelope, ainda passei (pela parte gomada) um alfinête que, penetrando em parte no envelope, saia de nôvo, formando assim uma fechadura. Cobri as pontas que saíam do alfinête com um amplo sêlo de cêra prêta sôbre a qual pus, como carimbo, o escudo da família (carimbo pessoal)... Êste envelope fechado, juntamente com uma carta, foi pôsto noutro envelope maior, e enviado tudo pelo correio ao Dr. FERROUL, em Narbonne". Os parênteses são nossos.
>
> Dois dias mais tarde o Dr. GRASSET recebe carta do Dr. FERROUL, na qual lhe comunica como tinha lido a carta a êle dirigida sem abrir o envelope prêto pequeno que se incluía para a experiência. Quando o Dr. FERROUL foi procurar o extraordinário sujeito, Anna BRIOU, para convidá-la a fazer a experiência às quatro horas, a mulher disse que não precisava estar em presença do envelope, que podia ler através dos corpos opacos a muita distância. Ora, "o domicílio dessa mulher — escreve o Dr. FERROUL — estava distante do meu trezentos metros, no mínimo... Apoiados os dois sôbre a borda da mesa passei minha mão perto dos olhos do sujeito (um tipo de pragmática) e eis o que êle me disse:
>
> — Você abriu o envelope.
>
> — Sim, mas a carta que você tem que ler está embaixo dêsse envelope, noutro envelope fechado.
>
> — Aquêle de bordas pretas?
>
> — Sim, lê".

Até aqui tudo pode ser simplesmente, por parte de Anna, hiperestesia indireta do pensamento do Dr. FERROUL. Mas Anna BRIOU acrescentou:

> — "Há um papel de estanho... Eis o que está escrito: Le ciel profond reflète en étoiles nos larmes car nous pleurons le (em vez de "ce") soir de nous sentir (omite "trop") vivre. Depois há letras assim... Ela me mostra a ponta do dedo, um centímetro pouco mais ou menos: D. E. K... Depois um nome que não sei, em letras menores... Depois: Montpellier, 28 octobre 1897.
>
> Eis, querido mestre — termina o Dr. FERROUL — o relatório da experiência... Durou, quando muito, um minuto e meio. Incluo na carta seu envelope. Dr. FERROUL". Os parênteses são nossos.

O Dr. GRASSET comenta: "Compreender-se-á minha admiração. O envelope fechado volta intacto... O êxito

é completo. Creio que existe a leitura (ou visão) através dos corpos opacos, e inclusive à distância..." [4].

Essa experiência não fundamenta a conclusão do Dr. GRASSET entendida ao pé da letra, como se tratando de visão autêntica, criptoscopia fisiológica; trata-se de TIE, como veremos logo mais.

Dois meses mais tarde, em dezembro de 1897, a Academia de Ciências e Letras de Montpellier nomeou uma comissão científica para estudar o caso Anna BRIOU.

> A experiência foi dupla: num envelope, colocou-se, em plena escuridão, um papel escolhido ao acaso entre vários, com diversas palavras sem conexão nenhuma. Outro papel com uma frase, escolhido também ao acaso entre vários similares, é pôsto numa caixa, juntamente com uma placa fotográfica, que delataria a fraude se a caixa fôsse aberta. Aliás, a caixa estava selada. Os experimentadores não sabiam o conteúdo nem do envelope nem da caixa. Não deveriam, além disso, deixá-la em nenhum momento. Êles mesmos a levariam a Narbonne.
>
> No primeiro caso, Anna não forneceu senão indicações julgadas absolutamente erradas. No segundo caso, ela conseguiu indicar mais exatamente algo do conteúdo da caixa, embora de uma maneira incompleta. Mas a caixa foi, por diversas circunstâncias, abandonada pelos experimentadores sem vigilância. Quando depois da experiência foi examinada pelos membros da comissão comprovaram-se traços evidentes da fraude: selamentos rasgados e recompostos, placa fotográfica impressionada pela luz [5].

Nas polêmicas, por ocasião do caso Anna BRIOU, a comissão científica nega que a visão através dos corpos opacos tenha sido realizada alguma vez em Anna BRIOU. O Dr. DARIEX defende como provável algum tipo de telepatia na experiência dos Drs. GRASSET-FERROUL [6]. O Pe. Dr. Lucien ROURE nega no sujeito tanto a criptoscopia como a telepatia. Baseia-se em que, se a telepatia ou a criptoscopia existissem em Anna BRIOU, ela não teria falhado, nem recorrido ao truque nas experiências com a comissão científica [7].

4 — GRASSET, J.: "Une expérience de lecture à travers les corps opaques", em "Semaine Medicale", Dezembro, 1891, N.º 56, págs. 443 ss.; "A. S. P.", 1896, págs. 196 ss.; 1897, págs. 326 ss.; "Revue Spirite", Janeiro, 1898.

5 — Bureau de Semaine Medicale: "Rapport de la Commission de l'Académie des Sciences et Lettres de Montpellier sur la vue à travers les corps opaques", Paris, 1898.

Hoje, penso que se pode esclarecer muito êste discutido caso. Evidentemente, não se trata de criptoscopia, autêntica visão retiniana, através duma caixa fechada, ou de um envelope protegido com papel de estanho e apesar dos diversos obstáculos interpostos ou a 300 metros de distância. Nada provou tal visão, como já sabemos. A conseqüência, pois, tirada pelo Dr. GRASSET, não tem fundamento real.

Mas nenhuma crítica se fêz, nem se pode fazer diretamente, contra a experiência mesma dos Drs. GRASSET e FERROUL. Que demonstra essa experiência magnífica?: quando Anna BRIOU revelou, à distância, o que estava escrito dentro do envelope do Dr. GRASSET, não leu o escrito por criptoscopia mas o inconsciente do Dr. GRASSET. "Inconsciente" porque, evidentemente, o Dr. GRASSET, ignorando o momento da experiência, estava ocupado em outras atividades; de nenhuma maneira estava êle pensando em transmitir, pois êle mesmo esperava uma experiência de criptoscopia e não de telepatia. Mas o inconsciente estaria "em vigília", esperando o resultado da prova. A telepatia sôbre o inconsciente excitado prescinde da distância, podia pois muito bem realizar-se à distância de Narbonne até Montpellier.

Sendo, por outra parte, todo fenômeno PSI-GAMMA irregular, inconstante, incontrolável, é lógico que algumas vêzes tivesse êxito Anna BRIOU e outras não. Mas todo bom metagnomo é impulsionado à fraude, quando o fenômeno "não sai", fraude inconsciente ou irresponsável: naquelas condições por não poder agir a TIE, na que estava especializada, é lógico que não tendo êxito perante a Comissão Científica nas provas decisivas Anna BRIOU se visse impul-

6 — DARIEX, em "Annales des Sciences Psychiques", Janeiro, 1898.

7 — ROURE, S. J., Lucien: "Le merveilleux spirite", 7.a ed., Paris, Beauchense, 1931, pág. 173.

sionada convulsivamente ao truque. Todo metagnomo pode ser um magnífico modêlo de honestidade na sua vida privada, e não obstante será com freqüência um falsário quando em "transe".

O caso Anna BRIOU, por conseguinte, tão discutido no comêço do século, é hoje abertamente uma experiência a mais em prol da telepatia sôbre o inconsciente excitado, de TIE a longa distância. A experiência dos Drs. GRASSET e FERROUL estava perfeitamente controlada. E assim outras com a mesma metagnoma.

Outros pseudo-fracassos

Por exemplo, as experiências realizadas com a colaboração da Srta. Clarissa MILES, pela Dra. RAMSDEN. A mesma doutôra era a percipiente.

> Concentra-se a Srta. MILES na frase "a vida futura e tôdas as coisas espirituais". A Dra. RAMSDEN capta preferentemente símbolos de espiritualidade ou coisas relacionadas de tôda ordem: "uma calêndula, um cisne, um símbolo maçônico, os três triângulos entrelaçados, um par de asas de anjos, uma ponte, uma flor de lis...".

Não se capta a idéia que a agente tem no consciente, mas as idéias que no inconsciente estão associadas com a idéia de coisas espirituais e vida futura.

> Noutra prova a Srta. MILES pensa num relógio. A Dra. RAMSDEN crê ver um medalhão. Comprovou-se que, na experiência anterior, procurara-se transmitir a idéia de um medalhão.

Houve uma associação inconsciente? O intento de transmitir "relógio" como que iluminou a outra idéia a transmitir, o medalhão, idéia que repousava no inconsciente.

> Trata-se de transmitir "um raio de sol sôbre o oratório". A Dra. RAMSDEN descreve: "Lá está o sol com seus raios. No meio dêles aparece uma coisa que dá voltas... como uma roda. Duas coisas que parecem fundir-se numa, vejo como um moinho de vento... sôbre uma colina onde se faz sombra e o vento sopra com fôrça. Há nuvens escuras. Agora chega a crucifixão. Vejo as três cruzes à esquerda da colina, a cruz central está inclinada para a direita fazendo sombra. Vento e tempestade. Estou segura de que é isto... Enxergo com pouca nitidez, são idéias vagas mas a impressão que sinto é muito forte" [8].

Como se vê é lógico que fôssem excitadas no inconsciente da agente as cenas do Calvário pela idéia consciente do oratório e do crucifixo nêle existente. O raio de luz que bate no oratório é lógico que se associe no inconsciente com o sol. Mais ainda: depois da experiência se comprovou que, embora não pensasse nela, durante a experiência a agente via no horizonte uma ventoinha girando. Sol, cenas do Calvário, ventoinha girando... são evidentemente idéias vivas no inconsciente da agente ao tempo em que o consciente pensava no raio de luz batendo no oratório. A percipiente captou só o inconsciente. Uma experiência considerada como fracasso, era na realidade um êxito notável em prol da telepatia sôbre o inconsciente excitado.

> Noutro dia, concretamente a 27 de outubro, das 4 até às 6 horas da tarde, a Srta. MILES procura pensar o mais continuamente possível nos óculos estranhos que leva um senhor sentado ao lado. Uma hora mais tarde, quando a Srta. MILES está tratando de transmitir outra coisa, a Dra. RAMSDEN capta então a imagem dos estranhos óculos [9].

Uma vez mais não é captada a idéia consciente, mas a idéia que uma hora antes se tratava de transmitir e que agora repousa no inconsciente excitado pela tentativa de transmitir.

Como se vê, em tôdas estas experiências como em outras muitas tidas como fracassos, há na realidade um notável êxito a respeito do fenômeno psigâmico que chamamos TIE.

Origem da experimentação direta

O Pe. HEREDIA instituíu uma série de experiências qualitativas muito significativas. O sábio jesuíta espanhol (residia no México), dedicou quase tôda a vida ao estudo,

8 — RAMSDEN, Hernine, em "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 272 ss.

9 — RAMSDEN, H., em "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 656 ss.

observação, discussão e experimentação dos fenômenos de aparência paranormal. Em 1922, publicou nos E.U.A., os primeiros resultados das suas investigações [10]. "Depois, redobramos os nossos estudos — escreve êle mesmo — consultamos inúmeros autores, e tratamos a matéria (da telepatia sôbre o inconsciente excitado, segundo nossa nomenclatura) com as pessoas que nos E.U.A., se têm dedicado com mais empenho ao estudo dos fenômenos metapsíquicos, completando as nossas investigações com repetidas experiências, a nosso juízo bastante satisfatórias" [11]. HEREDIA descobriu e empregou um sistema de provocar experiências, concretamente do fenômeno que agora estudamos de telepatia (ou hiperestesia) sôbre o inconsciente excitado. O Pe. HEREDIA deve figurar entre os pioneiros da investigação parapsicológica, especialmente no campo da TIE (ou HIE).

O Pe. HEREDIA tinha estudado experimentalmente a influência do olfato na memória: certos odores fortes causam freqüentemente amnésia; ao contrário, outros fortalecem a memória e, o que é mais interessante para os fins visados por HEREDIA, é notabilíssima a influência dos odores para reavivar lembranças esquecidas. Os odores têm também fôrça tôda especial para provocar associação de idéias.

Com esta base o Pe. HEREDIA pensou que produzindo um cheiro muito suave, capaz de ser percebido só hiperestèsicamente ou em sensação inconsciente, poderia provocar a associação de idéias só no inconsciente. Assim, ficaria facilitada a experimentação do que chamamos TIE (no caso, HIE).

> A primeira experiência surgiu quase por casualidade. Foi em Boston. Um amigo, interessado pela Metapsíquica, pediu ao padre que lhe permitisse assistir a uma experiência de psicografia (escrita automática) que realizava com um notável sensitivo. Antes, porém, de ir ter com o sensitivo, foram jantar num restaurante. Terminada a janta, notando

10 — HEREDIA, S. J., C. M.: "Spiritism and Common Sense", 1922, tradução portuguêsa: "O espiritismo e o Bom Senso", Petrópolis (R.J.), Vozes, 1938.

11 — HEREDIA, S. J., Carlos Maria: "Los fraudes...", o. c., pág. 324.

> que lhes tinham servido um prato temperado com alho, foram a uma farmácia lavar a bôca com "listerina". Só depois foram a casa do sensitivo para as experiências. O sensitivo, de inteira confiança, depois de uns escritos automáticos em inglês, começou de repente a desenhar automàticamente: enquanto conversava com os assistentes, deixava ao inconsciente a mão esquerda que segurava o lápis.
>
> Desenhou um grupo de mulheres... O amigo do Pe. HEREDIA ficou admiradíssimo! Aquêle desenho tinha sido visto por êle alguma vez... Pediu, então, ao Pe. HEREDIA, que lhe permitisse levar consigo aquêle desenho.
>
> No dia seguinte, o amigo chegou emocionadíssimo, trazendo um livro, juntamente com o desenho automático. O desenho era uma exata reprodução duma vinheta do livro. "Veja, padre, êste livro conta a história do homem sem polegares das Mil e Uma Noites... Conta-se que o espôso da favorita da sultana ZOBEIDA assistiu a um grande banquete no qual serviram, entre outros pratos, um preparado com alho. Julgando-o saboroso, o recém-casado comeu grande quantidade dêle e, ao terminar o banquete, esqueceu de lavar as mãos e enxugar a bôca... Ao ir ter com a espôsa, esta, em vingança da falta de educação e do pouco asseio do seu mal-cheiroso marido, mandou que lhe cortassem os polegares depois de havê-lo açoitado pessoalmente. Êste açoitamento é o que a gravura do livro e o desenho automático representam".

A explicação do fenômeno nos é fornecida pelo Pe. HEREDIA com as palavras do amigo: "Não se lembra que ontem à noite jantamos um guisado com alho e fomos depois fazer bochechos? Pois isto deve ter-me excitado na memória inconsciente essa história que eu tinha lido anos atrás, e devo ter sido eu quem, inconscientemente, a transmití por telepatia..." [12].

Tinha-se realizado, sem pretendê-lo diretamente, uma experiência sumamente interessante de TIE. (Repetimos: tôdas estas experiências de HEREDIA que neste capítulo descreveremos são mais exatamente hiperestesia indireta sôbre o inconsciente excitado). O percipiente tinha captado inconscientemente a imagem da gravura no inconsciente do

12 — HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o. c., págs. 334 ss.

observador e tinha-a manifestado pelo desenho automático. A imagem estava tão funda no inconsciente do observador que só depois de um demorado processo mental durante o sono noturno conseguiu êle, no dia seguinte, lembrar onde tinha visto aquêle desenho e porque estava êle relacionado com o cheiro do alho.

Outra experiência também não pretendida diretamente, confirmou ao Pe. HEREDIA que andava na pista da "telepatia sôbre o inconsciente excitado" (nomenclatura nossa). Foi muito tempo depois.

> Tratava-se também de experiências de escrita automática. Entre vários escritos em inglês, veio um em espanhol: "El Aguila de Oro, Luis G. PÉREZ CANO". O Pe. HEREDIA ao ler o que se escrevera automàticamente, ficou pasmado.
>
> "Havia na cidade do México, minha pátria, uma famosa casa de comestíveis chamada EL AGUILA DE ORO... O dono era Luis PÉREZ CANO... Eu conhecia bem esta casa porque, quando criança, ia lá com meu pai de oito em oito dias para comprar um barrilzinho de azeitonas de Sevilha... Ora, entre os assistentes à experiência não havia nenhum que tivesse estado no México, incapazes, pois, de conhecerem aquela antiga casa de comestíveis nem o seu falecido proprietário; também não havia quem falasse espanhol, sendo todos norte-americanos. Forçosamente fui eu o transmissor; mas que impressão terei recebido que veio causar-me um desequilíbrio no inconsciente, excitando aquelas antigas imagens, já completamente esquecidas?...
>
> Ao terminar as experiências, a dona da casa convidou-nos a passar à sala de jantar... Mal chegara à porta da sala de jantar quando a senhora disse: tem o senhor aqui azeitonas de Sevilha... Quisemos fazer-lhe uma surprêsa e meu espôso comprou SPANISH OLIVES num armazém espanhol em Perle Street (New York)... aqui estão. E mostrava um barrilzinho, em tudo parecido com os que, no seu armazém EL AGUILA DE ORO, vendia antigamente na cidade de México o Sr. Luis G. PÉREZ CANO...".

O mesmo HEREDIA explica: "O cheiro (normalmente) imperceptível (à distância em que estavam), mas perfeitamente característico das azeitonas de Sevilha (captado hi-

perestèsicamente pelo inconsciente) havia-me excitado na memória (inconsciente) aquela antiga lembrança e, por telepatia, eu a tinha transmitido ao perceptor que a tornou consciente por meio da escrita automática" [13]. Os parênteses são nossos.

A experimentação direta

HEREDIA decidiu fazer experiências diretas do fenômeno. "Como se sabe, os diversos cigarros fabricados nos E.U.A., têm gôsto especial (flavour) conforme a marca, o que é devido a diversas substâncias que são misturadas ao fumo com o intuito de que o consumidor, acostumando-se com o gôsto especial, não compre outras marcas diferentes. Sabendo isto, ocorreu-nos fazer a seguinte experiência".

> "Compramos cinco maços de cigarros de marcas diferentes que antes nunca tínhamos fumado, e fumamos um a um em diversas ocasiões, repetindo ao mesmo tempo o nome da marca com o fito de que o gôsto e o cheiro especial de cada cigarro ficassem na nossa memória associados ao nome da marca... Guardamos depois um cigarro de cada classe envolto em papéis iguais e numerados, anotando à parte o nome da marca correspondente ao número do envoltório de cada um.
>
> Teriam passado uns três meses e já nos tínhamos esquecido dos cigarros, quando encontramos um sensitivo notável. Quisemos então realizar a experiência. Tomamos pois o cigarro com o número três no envoltório e começamos a fumá-lo, não tendo a menor idéia do nome da marca. Passou-se um bom lapso de tempo. Restando uma pontinha (do cigarro), o sensitivo escreveu automàticamente e com tôda clareza ROY TAN. Repetimos que não tinhamos a menor idéia do nome da marca do cigarro que estávamos fumando. Recorremos logo ao memorandum que tínhamos na carteira, e encontramos: número três, Roy Tan" [14].

---

13 — HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o.c., págs. 347 ss.

14 — HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o.c., págs. 358 s.

Outras experiências parecidas realizou o Pe. HEREDIA com bons sensitivos, obtendo resultados positivos em mais de 70%.

Claro está que não só com odores se pode excitar o inconsciente. Eis outra experiência diferente realizada perante 500 pessoas em Nova Orleans.

> "Tínhamos marcado num papel, o nome espanhol de uma erva desconhecida nos E.U.A., *Beldroega*, juntamente com a sua tradução em inglês *(Purslane)*. Vários meses depois tínhamos esquecido completamente o nome inglês da rara erva". Numa conferência pública "a mais de trinta pessoas que se julgavam especialmente sensitivas, foi fornecido papel e lápis". Então, o padre pensou em espanhol na palavra "Beldroega", sem dizê-la.
>
> Após algum tempo, levantou-se um jovem dizendo: "Sem saber o que escrevia, escrevi uma palavra que não conheço" e entregou-lhe o papel, no qual, com traços muitos claros, vinha escrita a palavra *Purslane*. De tal modo estava esquecida no consciente do Pe. HEREDIA a tradução inglêsa da palavra espanhola proposta, que teve que recorrer ao memorandum para confirmar se aquela era a verdadeira tradução [15].

O pensamento consciente da palavra espanhola excitara, por associação no inconsciente, a tradução inglêsa. O pensamento inconsciente excitado foi captado por telepatia (hiperestesia).

As experiências durante o "transe"

> O Pe. HEREDIA sabia que, determinado dia, devia assistir às suas experiências um certo cirurgião com mais de 50 anos de prática. HEREDIA deitou, antecipadamente, algumas gôtas, muito poucas, de éter e clorofórmio no chão. Passados alguns minutos, o cheiro era, para o consciente, totalmente imperceptível. Quando, algum tempo depois, chegou o cirurgião e começaram as experiências, o sensitivo, que tinha caído em "transe" hipnótico, começou a falar: descrevia um quarto bem estreito, tendo no centro uma mesa sôbre a qual dois homens colocavam um doente que se queixava. Como a luz não fôsse suficiente, um dos assistentes, com um

15 — HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o. c., págs. 359 s.

> instrumento de cirurgia na mão, mandou que colocassem a mesa mais perto de uma janela alta e não muito grande. Um jovem bastante pálido, loiro, de bigode, põe sôbre o rosto do enfêrmo um pano e começa a deitar-lhe umas gôtas até que o enfermo parece adormecido. Faz o cirurgião uma incisão abdominal e o enfêrmo dá sinais de dor. Mais clorofórmio, diz o operador. O jovem derrama mais líquido do que é devido... O doente parece asfixiar-se. O cirurgião tem que deixar a operação e tomar umas tenazes, introduzi-las na bôca do enfêrmo para puxar-lhe a língua... Ouvem-se gritos... chamando a Pierre. Entra um homem de idade e toma o lugar do jovem pálido que administrara o clorofórmio. Ao sair, o jovem, nervosíssimo, assegura que nunca mais administrará clorofórmio para ninguém.
>
> Antes mesmo de voltar a si o percipiente, o velho cirurgião exclamou impressionadíssimo: "Isto é admirável. O perceptor fez a descrição exata do que me sucedeu na França, ha mais de 50 anos, a primeira e última vez que ministrei clorofórmio. Daquele dia em diante nunca mais o fiz, embora tenha feito milhares de operações. Aquela impressão foi terrível para mim. Não sei como o perceptor pôde fazer uma descrição tão detalhada e tão minuciosa... Já fazia muitos anos que não me lembrava daquilo" [16].

Mais uma experiência admirável:

> Em outra ocasião, prevendo a presença de um especialista em diabetes, deitaram antecipadamente no chão umas gôtas de acetona. É sabido que os diabéticos em último gráu emitem um hálito como de acetona resultado do envenenamento do sangue. O resultado foi admirável. O perceptor, também esta vez em "transe", escreveu automàticamente uma fórmula de remédio para os diabéticos que o especialista tinha usado muitos anos antes. A fórmula era conhecida só dêle, sendo preparação própria dêle. Tendo deixado de usá-la havia muito tempo, tinha-a esquecido completamente. Só quando a viu escrita se lembrou dela novamente [17].

Outras muitas experiências análogas fêz o Pe. HEREDIA. Bastam porém as já descritas. Como se vê, em tôdas

16 — HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o. c., págs. 349 s.
17 — HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o. c., pág. 350.

elas se prova a TIE (HIE). Não se captou o pensamento consciente e sim o pensamento excitado no inconsciente por associações provocadas pelos cheiros hiperestèsicamente captados.

Experiências de TIE "em L"

Há também experiências em que aparece muito claro o conhecimento "a três" ou "em L". As experiências que vou descrever creio que foram mal interpretadas pelos experimentadores que as realizaram. Escolho-as como exemplo porque se fizeram no Brasil onde escrevo. Entre elas seleciono as que, por vários fatôres, são mais importantes.

No dia 3 de junho de 1958, o Dr. Osmard Andrade de FARIA realizava umas experiências no Hospital Central dos Marítimos do Rio de Janeiro, dentro de um curso de hipnose médica. O caso seguinte ("o mais importante de quantos já vi" — escreve o mesmo Dr. FARIA) foi testemunhado por 23 doutôres em medicina [18]:

> O sujeito, em hipnose, foi o Dr. Milton Segala PAULETO, "dotado". Sugere-se ao sujeito que êle é agora o Sr. DOMINGOS, 42 anos, residente em Rezende. Imediatamente, o sujeito aperta vivamente as pálpebras, esfrega os olhos com os dedos e entra em grande agitação seguida de um pranto copioso. Foi impressionante o seu sofrimento a ponto de todo o auditório levantar-se e pedir ao hipnotizador que retirasse a sugestão. O médico que tinha fornecido ao hipnotizador o nome do doente, confirma o diagnóstico: cegueira por atrofia do nervo óptico, informando que o doente vivia naqueles dias realmente momentos de agitação e inadaptação à realidade. Mas pensa que a crise do doente não é tão forte como a apresentada pelo hipnotizado.

18 — Drs. Lia ASSIS, Camilo CASTRO, Cunha CAMPOS, Afonso LIGÓRIO, Francisco Martins KRAUSE, Luís de Souza MATTOS, José RIOS, Hélcio RODRIGUES, Moacyr VENTURA, Aladir SANTOS, Luís Antônio NOVAIS, Luís Carlos Ribeiro NUNES, Shingiro NAKAHISHI, Emílio NIEMEYER, Licínio CARDOSO, J. I. Costa SANTOS, Edir GODINHO, Agenor CONRADO, Jorge DUARTE, Juércia BRANDÃO, Henrique GARROFE Jr., Roberto Rodrigues GONÇALVES e Airton Geraldo BARRETO, além do doutor que fêz de sujeito e do Dr. FARIA que dirigia a experiência. A outras experiências assistiram mais alguns doutôres.

> Tal demonstração teve lugar numa têrça-feira aproximadamente às 22 horas. Pois bem, algum tempo depois, o doutor que tinha fornecido o nome do seu paciente, escrevia ao hipnotizador, Dr. Osmard Andrade de FARIA, comunicando-lhe que, precisamente no dia da experiência, ao redor das 22 horas, o Sr. DOMINGOS dava entrada na Sta. Casa de Rezende, atacado de uma forte nevralgia ocular [19].

O caso como se vê, é, com tôda probabilidade, mais um exemplo de telepatia (hiperestesia) sôbre o inconsciente excitado, das que chamamos "a três" ou "em L". O médico que forneceu o nome do doente que o preocupava, captava psigâmicamente, mas só inconscientemente, a crise dolorosa que nesse momento o doente sofria. Evidentemente, o doente tinha seu pensamento pôsto no médico ausente cuja ciência buscava para o alívio da crise. A relação psíquica médico-doente é evidente, muito mais "existencial" do que a relação sujeito-doente. Não sendo o médico um bom metagnomo, a comunicação paranormal se manteve no inconsciente. O hipnotizado leu por TIE (HIE) o que tinha captado o doutor inconscientemente.

A experiência seguinte é ainda mais curiosa. Casos semelhantes, espontâneos, são relativamente freqüentes.

> O Dr. Sílvio Roberto BARBOSA de Oliveira hipnotiza ao Dr. Ulisses MENDONÇA, regular sensitivo, no consultório do Dr. Tarcísio Martins RIBEIRO, que também assiste à experiência. Fornece-se ao hipnotizado o nome da doente Luciane Q. FARIA, 4 meses de idade, residente no Rio de Janeiro. O hipnotizado diagnostica: "Pé direito torto". Como o experimentador sabia que a doente tinha, em realidade, tortos ambos os pés, não só o direito, insiste para que o hipnotizado verifique o pé esquerdo. O hipnotizado insiste: "não, só está torto o direito; o esquerdo está normal". A experiência foi considerada como de meio fracasso. Mas no dia seguinte, com grande surprêsa, ouviram do pai da menina: "ela está passando bem, felizmente. O pé esquerdo já está completamente normal. Apenas o direito, devido a acidentes contínuos com os aparelhos gessados, continua defeituoso" [20].

19 — FARIA, Osmard Andrade de: "Hipnose e Letargia", Rio de Janeiro, Ateneu, 1949, págs. 232 ss.

20 — FARIA, O. A., o.c., pág. 234.

Parapsicològicamente analisadas estas e semelhantes experiências devem, lògicamente, ser catalogadas em classificação prática, como TIE "em L", mais exatamente como HIE: hiperestesia sôbre percepção paranormal inconsciente. A comunicação inconsciente paranormal (salvo nos casos em que pode bastar o talento do inconsciente, etc.) dá-se entre médico e doente. A comunicação entre sensitivo e médico é só hiperestésica. Nessas e semelhantes experiências não se trata, como pensavam os experimentadores, de telepatia entre sujeito e doente.

A TIE (ou HIE), simples ou "a três", tem sido corroborada experimentalmente.

No tempo da Metapsíquica foram rejeitadas inúmeras experiências como nulas, sendo na realidade excelentes provas da telepatia (ou hiperestesia indireta) do inconsciente excitado, fenômeno mais "recôndito" no qual os metapsíquicos não pensavam suficientemente.

Foi HEREDIA quem desvendou abertamente e experimentou com mais nitidez êste interessante fenômeno.

Inclusive modernamente, se têm realizado muitas experiências que provam a TIE (ou HIE), embora raramente os experimentadores se tenham dado conta desta realidade.

ST espontânea-I 24

APARIÇÕES DOS MORTOS OU FENÔMENO PARAPSICOLÓGICO?

Os mortos comunicam-se com os vivos? — Inumeráveis fantasmas de vivos e mortos. — Durante a agonia está mais viva a Sugestão Telepática. — A ST por procuração. — Aparições dos "mortos" antes de morrerem.

SEM descuidar por completo a análise de outros aspectos da sugestão telepática, neste capítulo faremos considerações especiais sôbre a interpretação da "aparição dos mortos" por ST, fundamentando-nos nos casos espontâneos.

O nome sugestão telepática, ST, indica mais ou menos bem o aparente mecanismo desta função psigâmica. Trata-se da sugestão paranormal de idéias (ou sentimentos, etc.) a outra pessoa. A pessoa que parece agente tem desejo de comunicar-se com o percipiente.

Ao desejo de comunicar-se à distância o Dr. Jules BOIS chamou "telebulia".

Obnubilação no agente

Estando em estado normal ambos participantes, agente e percipiente, a ST é raríssima. Um pouco menos raros são

os casos de ST se o agente está em estado "especial", apesar do percipiente estar normal.

> Durante a Primeira Guerra Mundial, um menino de três anos e meio deteve-se um dia de repente, quando brincava, como se tivesse sido sacudido por uma súbita inspiração, e exclamou:
>
> — "Meu pai se afoga, caiu num poço e não pode ver."
>
> Aparição de um morto? Os parentes do menino ficaram muito espantados. As cartas que recebiam do pai não confirmavam o triste comunicado. Mas ao regressar o pai da França, ficou comprovado que, precisamente naquele dia 7 de novembro de 1918, em que o menino captou o fato, o pai tinha sido atacado com gases na trincheira e, como resultado, tinha ficado cego durante três semanas [1].

O caso parece ter todos os requisitos para ser classificado como de ST: é lógico supor que o pai da criança, no desespêro de acreditar-se cego, pensasse no filhinho, a quem não poderia mais ver. Êste pensamento, durante a inconsciência da asfixia na trincheira, atuaria como a telebulia necessária no fenômeno psíquico que classificamos como ST.

Fui consultado sôbre o seguinte caso:

> Uma jovem, em Campinas (S. Paulo), acorda de súbito e verifica no relógio de cabeceira serem 6,35 da manhã.
>
> Ao sentar na cama vê no espelho do guarda-roupa refletida a imagem de seu noivo, que deveria estar então a 300 quilômetros.
>
> Verificou-se que o môço sofrera um acidente de caminhão, sendo quase atropelado. Seu relógio quebrara-se no momento do acidente; marcava exatamente 6,35 da manhã.

Um caso de ST percebido durante o sono e projetado depois, quando em vigília, ou que fêz acordar a percipiente projetando-se então a percepção inconsciente sôbre o espelho (as superfícies lisas e brilhantes, água, espelhos, bolas de cristal, etc., facilitam a projeção da percepção inconsciente).

1 — RHINE, Joseph Banks: "New Frontiers of the Mind", New York, Sloanes, 1937; Citamos da tradução espanhola por KREIMAN, Dora Joninsky de: "El nuevo mundo de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1958, pág. 21.

Durante a "agonia" sem morte

> A Srta. MAY, lendo uma tarde no seu quarto, tem a sensação súbita de que alguém entra no aposento. Não enxerga nada, mas de repente sente um longo e terno beijo sôbre a fronte. A Srta. MAY levanta a cabeça e vê detrás da cadeira seu noivo, ainda inclinado para abraçá-la. Depois, tudo desaparece. Ela teve tempo de distinguir tôda a figura dêle, o alto porte, largura de tórax... Aquêle mesmo dia, longe de lá, o Sr. LICHFIELD, o noivo, era vítima de um acidente de cavalo.

Aparição do morto? O Sr. LICHFIELD não morrera. Ficou várias horas inconsciente. Durante a "agonia" disse: "minha pequena MAY, que eu não morra sem voltar a ver-te" (eis a telebulia). Como resultado do acidente, ficou durante vários dias entre a vida e a morte, mas, ao fim, se restabeleceu e depois casou com a Srta. MAY [2].

> Uma senhora escreve de manhã numa agenda, a 15 de março: "Noite dêste dia"; conta, a seguir, como tinha visto a cabeça e o peito de um homem destacando-se, como que dentro de uma nuvem. Ela escreve: "Era o Cap. W.". O capitão estava então em Nova Zelândia e havia prometido (telebulia) à senhora que lhe apareceria se chegasse a morrer antes que ela. A aparição coincide exatamente com o momento de um violentíssimo acidente automobilístico, sofrido pelo capitão. Ficou longo tempo sem conhecimento, mas não morreu [3].

Caso semelhantes, apesar do percipiente estar em vigília, não são tão raros. A ST aconteceu no que poderíamos considerar "agonia" do agente, não sendo pròpriamente isso ùnicamente porque não se chegou à morte.

2 — "Dicionário de Ciências Ocultas", Colección Esotérica Universal, Buenos Aires, Cayni, 1949, pág. 337.

3 — GURNEY, E.; MYERS, F. W., and PODMORE, F.: "Phantasms of the Living", 2 volumes, Londres, Trubner, 1886-7. Tradução francesa, resumida por MARILLIER: "Les Hallucinations Télépathiques", Paris, Alcan, 1891, pág. 184.

Comunicam-se os mortos com os vivos?

Temos referido casos nos quais o "agente" não morre. São mais numerosos, como veremos, os casos em que certas pessoas chegam ao conhecimento da *morte* do ser querido. Morre o "agente". Às vêzes, o conhecimento sobrevem bastante tempo depois da morte do "agente"... A ST foi antes ou depois da morte? Haveria comunicação fácil dos "desencarnados" com os vivos?

Para quem conhece filosofia esta comunicação supera as fôrças materiais. Faria Deus tantos milagres em prol das almas dos mortos? Seria intervenção do mesmo Deus? Mas neste tomo só consideramos o problema do ponto de vista fenomenológico. Do ponto de vista da análise dos casos espontâneos, qual é a resposta da Parapsicologia?

A primeira resposta já está dada. O mesmo fenômeno existe entre vivos, durante a inconsciência ou "agonia" sem morte. Não há necessidade de atribuí-lo a fôrças do "além".

Numerosas aparições de "mortos"

> Em 1886, sob a autoridade de Henry SIDWICK, na Inglaterra; de Williams JAMES, nos E.U.A., e Leon MARILLIER na França, Bélgica e Suiça, se difundiu pela imprensa o seguinte questionário: "De 1.o de janeiro de 1871 até hoje, ocorreu ao senhor o fato de experimentar a impressão nítida de ver um ser humano e de ser tocado por êle, sem que se possa relacionar essa impressão com nenhuma causa externa (normal)? Nessas condições escutou uma voz humana? Sòmente nos referimos a impressões experimentadas, quando o senhor estava completamente acordado" (Percepção em vigília, únicos casos de que até agora falamos, apesar de serem menos freqüentes).
>
> Em 1 500 000 exemplares de jornais apareceu a pergunta, sòmente na Inglaterra (prescindimos das outras nações, porque para exemplo basta uma). Calculam-se em 300 000 os inglêses cientes da pergunta. Houve 5 705 respostas afirmativas na Inglaterra.

O Dr. GURNEY começou por estabelecer a diferença entre alucinações por sugestão telepática e meramente subjetivas. A alucinação subjetiva é coisa de doentes, de patologia; quem as padece, experimenta-as em geral com freqüência, e são muito tenazes: muitos doentes vivem com suas personagens imaginárias. Ao contrário, nas alucinações por sugestões telepáticas os sujeitos gozavam ao menos de relativa boa saúde (24 pessoas ligeiramente doentes sôbre 409 casos investigados); o fenômeno foi excepcional e geralmente único na vida do sujeito, sendo ainda fugaz duração de poucos segundos a poucos minutos como máximo.

Pois bem, das respostas dignas de se ter em conta, de acôrdo com o rígido critério da "Society for Psychical Research" (relatos de primeira mão, alucinações visuais correspondentes comprovadamente à realidade de um fato imprevisível, etc.) 21 tratavam da percepção alucinatória da morte por acidente de um ser querido. Ora, tendo em conta a taxa de mortalidade na Inglaterra naquela época, segundo o cálculo de probabilidades, para cada uma dessas alucinações "verdadeiras", deveriam ter sucedido 16 590 alucinações falsas! Por conseguinte, os casos que militam em prol duma sugestão telepática com conteúdo de morte de uma pessoa querida, superam nìtidamente o que se poderia esperar pelo acaso [4].

Durante a agonia do agente

> A Sra. BISHOP, viajando pelas montanhas Rochosas, travou íntima amizade com um mestiço chamado Jim MOUNTAIN. "Numa conversa êle me disse — escreve a mesma Sra. BISHOP — "Eu irei ver-te, quando morrer". Dez anos mais tarde, estando em Interlagos, de manhã, escrevendo no meu leito (em vigília), por volta das seis horas, vejo a MOUNTAIN diante de mim, seus olhos estavam fixos sôbre mim... êle me diz em voz baixa mas muito distinta: "Eu vim, como tinha prometido". Depois, êle me fêz um aceno com a mão e me disse: "Adeus". A Sra. KER, que estava no mes-

4 — GURNEY, E.; MYERS, F. W., and PODMORE, F.: "Phantasms of the Living", 2 volumes, Londres, Trubner, 1886-7. Servimo-nos do resumo das conclusões tiradas por GURNEY, realizado por: CASTELLAN, Yvonne, original: "La Métapsychique", da coleção "Que sais-Je", vol. 671, Paris, Press Universitaires de France, 1955. Citamos da tradução espanhola de DUVAL, Carlos A.: "La metapsiquica", "Biblioteca del Hombre Contemporáneo", Vol. 49, Buenos Aires, Paidós, 1960.

mo quarto e eu, tomamos nota do acontecimento, escrevendo a data e a hora. A notícia da morte de Jim MOUNTAIN nos chegou mais tarde" [5].

No caso, há um dado muito significativo: O registro do falecimento de Jim MOUNTAIN indica que êle morreu em "Fort Collins" (Colorado) naquele mesmo dia (7 de setembro) *às três horas da tarde,* hora que corresponde *às dez horas da manhã* em Interlagos. Ora, a Sra. BISHOP diz, e tomou nota, que viu a MOUNTAIN *às seis da manhã.* Por conseguinte a mensagem foi captada quatro horas antes da morte de MOUNTAIN. A ST, que neste caso terminaria em morte, realizou-se durante a agonia, não foi comunicação do morto... Tem-se comprovado bastantes vêzes esta diferença de horário.

A telebulia por outra parte aparece clara, pois o Sr. MOUNTAIN tinha prometido visitar, "depois de morto", a Sra. BISHOP. Lógico, portanto, que durante a agonia pensasse, consciente ou inconscientemente, na promessa feita. Só que a promessa se realizou por sugestão telepática antes dêle morrer...

Eis, pois, outra resposta da Parapsicologia: a maior freqüência de ST com mensagem de morte deve-se a que a agonia (ou inclusive o estado que medeia entre a morte aparente e a real) é um estado "mais especial" do que qualquer outro estado de obnubilação e mesmo agonia sem morte: deixa em mais liberdade a alma (ou a faculdade PSI, etc.) para realizar o fenômeno. Mas o fenômeno é humano, existencial, dêste mundo.

Obnubilação também do percipiente

Se além do estado muito "especial" do agente, o estado do percipiente é também de inconsciência ou ao menos de certa obnubilação da consciência, o fenômeno fica muito facilitado, é muito mais freqüente.

A Sra. RICHARDSON, na Índia, sonha que seu marido, major general que lutava a 150 quilômetros de lá, durante a campanha de 1848 (assédio de Moultan), cai gravemente ferido. Ouve a voz do espôso que diz: "Tire esta aliança do meu dedo para mandá-la à minha mulher". Pouco mais ou menos à mesma hora, às 21 horas, o general, gravemente ferido, rogava ao major LOYD, a quem entregava o comando: "Tire esta aliança do meu dedo e envie-a à minha mulher". Mas o gen. RICHARDSON, contra o que êle próprio esperava, sobreviveu ao ferimento [6].

5 — RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.ª ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 372.

É mais fácil e freqüente a ST, estando ambos os participantes em estado especial. Se, além disso, o conteúdo telepático é "morto" (mesmo que seja êrro), as condições para os fenômenos são ideais. Especialmente a emotividade tem sido comprovada como de especial importância na manifestação dos fenômenos parapsicológicos. Nada tão emotivo como a morte de um ser querido.

Foi precisamente nestes casos, que os antigos metapsíquicos se basearam para defender, como irrefutável, o conhecimento paranormal. Os metapsíquicos descobriram que os casos ST de "morte", estando o percipiente "dormindo" e o agente em agonia, superavam em muito o acaso segundo o cálculo de probabilidades.

No inquérito antes aludido, realizado na Inglaterra, E.U.A., França, Bélgica e Suíça, sôbre o qual se trabalhou desde 1883 até 1890 perguntava-se também: "Depois de primeiro de janeiro de 1874 *sonhou* você alguma vez com a morte duma pessoa querida? Impressionou-se com êste sonho? Ficou-lhe esta impressão penosa durante uma hora, ao menos, depois de ter-se levantado?" Pois bem, as mensagens captadas em sonho referentes a mortes foram muitas. Dos 668 casos selecionados, com o rigor da "Society for Psychical Research", e descritos na obra de GURNEY antes citada, 339 eram sôbre morte por acidente de um ser querido.

Ora, as estatísticas de morte por acidente na população masculina (únicos casos analisados) davam então na Inglaterra uma proporção só de 5%. Segundo o cálculo de probabilidades, tornam-se totalmente incompreensíveis tantas coincidências entre sonho e morte por mero acaso.

6 — GURNEY..., o. c., trad. franc., pág. 144.

Recentemente, Whately CARINGTON fêz um inquérito semelhante. Pediu sòmente casos nos quais os sonhos (estamos falando de casos com obnubilação da consciência também no percipiente), coincidiram com um fato real imprevisível.

Escreve CARINGTON: "Se eu sonho que meu primo Jorge toma, no desjejum, um ôvo com presunto e êste sonho resulta comprovado, nem por isso deveremos tê-lo por telepático pois êsse desjejum, pelo menos na Inglaterra, é demasiado previsível. Mas, nos casos imprevisíveis, podemos supor que a mente do agente enviou uma mensagem à mente de quem sonha. Ora, no conjunto dos sonhos, os sonhos sôbre a morte estão em proporção muito pequena... O inquérito tem demonstrado que a coincidência com a morte tem sido 24 vêzes mais freqüente do que se poderia esperar segundo o cálculo de probabilidades" [7].

Terminada a Segunda Guerra Mundial, uma mulher da Flórida acordou uma noite superexcitada, gritando e chorando. Tinha visto em sonhos seu filho cair dum avião incendiado. O marido não logrou convencê-la de que se tratava dum pesadelo sem fundamento, pois a guerra tinha terminado e, aliás, o filho não servia nas fôrças aéreas. Chamou-se ao médico, que deu um calmante à senhora. No dia seguinte recebeu-se uma animadora carta do filho: manifestava satisfação pela vitória e anunciava a sua rápida volta à casa. A mãe ficou tranqüila. Mas, cinco noites depois, repetiu-se o mesmo sonho, e desta vez a visão foi tão clara, o convencimento tão profundo, que o sedativo administrado pelo médico foi ineficaz. Tão absurdo pareceu o sonho e o comportamento da mãe que foi internada num hospital de psicopatas. No dia seguinte ao segundo pesadelo, chegou a notícia oficial: o jovem tinha sido repatriado do Extremo Oriente, num avião que se incendiara e caira na mesma noite em que a mãe tivera o primeiro sonho. Não perceberam que a carta recebida depois era de data anterior... [8].

Todos êsses casos são classificados como de sugestão telepática. No caso concreto referido, é lógico supor a telebulia: o soldado está voltando para casa, para abraçar a mãe, depois de uma prolongada ausência e tantos perigos na guerra e, de repente, o ensejado momento se frustra porque o avião se incendeia e está caindo sem esperança de salvação. Tais são as idéias que lògicamente enchiam o consciente ou inconsciente da vítima.

7 — CARINGTON, Whately, tradução francesa de PLANIOL: "La Télepathie, faits, theories, implications", Paris, Payot, 1948.

8 — RHINE, o. c., trad. espanhola, págs. 102 ss.

Que a ST se realiza durante a agonia (ou mesmo durante a morte aparente) aparece claro em muitíssimos casos:

Miss JONES, enfermeira que prestava serviços de noite, dormia durante o dia. Uma tarde, quando dormia, ouviu muito distintamente que a chamavam pelo nome que tinha em família: "Margarida, Margarida!" (e não Miss JONES). A impressão foi tão nítida que acordou e saiu ao corredor, para ver quem a chamava. Não havia ninguém. Olhou o relógio. Eram cinco e meia da tarde. Poucos minutos antes ouvira a voz.

Durante o jantar perguntou quem a tinha chamado, pouco antes das 5,30 e estiveram brincando com ela por êsse motivo.

Naquela noite recebeu um telegrama que lhe anunciava que inesperadamente tinha falecido sua sobrinha, também Margarida, com a qual era unida por especial afeto. Foi à casa de seus irmãos. Ao lhe contarem a morte da menina disseram-lhe que pouco antes de morrer, ela chamava: "Margarida, Margarida!", o que motivou um comentário dos pais sôbre se chamaria a sua querida tia ou se dizia seu próprio nome [9].

O Pe. FIELD, dormindo, ouve que o chamam: "Harry, Harry!". Reconhece com absoluta nitidez a voz da sua mãe. Nessa mesma hora, em Londres, a mãe do Pe. FIELD repetia ao morrer: "Harry, Harry!" e não Henry como tinha por costume [10].

Que diferença essencial há entre êstes casos, nos quais o agente chega a morrer e aquêles outros, anteriormente citados, nos quais o agente sobrevive? Ùnicamente que é mais especial o estado do agente e também mais emotiva a mensagem. O fenômeno, porém, é dêste mundo.

9 — EHRENWALD, Jan: "Telepathic and Medical Psychology", Londres, 1947, págs. 85 ss.

10 — "Annales des Sciences Psychiques", 1892, pág. 175.

A ST e a precognição

A ST é um fenômeno psigâmico. Por conseguinte prescinde das leis do tempo, dentro de certos limites como já vimos.

> O Sr. SAVÉLLI (de Costa, na Córsega) passa, com um amigo, diante duma casa da qual parecem sair gritos e lamentações. Depois, tudo passa... O Sr. SAVÉLLI e seu amigo percebem que não acontece nada. Mas sua admiração foi maior no dia seguinte: passando pelo mesmo endereço, ouvem os mesmos gritos e gemidos. Mas desta vez eram reais. Um menino, prêsa de crupe, acabava de morrer, com o conseqüente desespêro da mãe [11].

Êste caso, analisado nos relatos originais, aparece como caso de precognição causado pela sugestão telepática: a mãe que perde um filhinho atacado de crupe, pede auxílio, possível ou absurdo, a quem quer que seja. Esta telebulia basta para provocar, na forte emoção das circunstâncias, a sugestão telepática, captada por alguns caminhantes próximos. A percepção foi precognitiva.

No caso citado (entre outros que se poderiam citar) o agente era a mãe. Que diferença haveria se o agente tivesse sido o filho? Estes casos explicam outros semelhantes ao seguinte:

> Em 1963 uma senhora, quando costurava meio adormecida, teve de repente a impressão de assistir a um acidente. Seu marido aparecia atropelado por um carro de praça em São Paulo. A senhora observou nitidamente o corpo do espôso, o sangue correndo sôbre os paralelepípedos, o carro; leu o número da placa, presenciou a conversa do policial com o motorista, ouviu o nome dêste... Logo tudo desapareceu. Fôra uma alucinação: seu espôso estava lá com ela lendo tranqüilamente o jornal.
>
> Dois meses mais tarde, porém, acontecia o acidente com todos os detalhes previstos [12].

11 — FLAMMARION, C.: "La mort et son mystère", 3 vols., Paris, E. Flammarion, 1920-22, V. I, pág. 114. Trad. portuguêsa: "A morte e o seu mistério", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1955, os 3 vols.), V. I, págs. 94 s.

12 — O caso me foi referido pela interessada e família em São José dos Campos. Não tendo tomado nota do fato imediatamente, talvez algum *pequeno* detalhe tenha sido modificado.

O acidentado, talvez já durante a morte aparente, tinha a telebulia evidente de comunicar o acidente à espôsa. Só que a percepção foi precognitiva. PG prescinde do tempo.

A ST e a retrocognição

Se a faculdade PSI-GAMMA do homem pode "adiantar-se" aos fatos, mais fácil será que se atrase não havendo inibição para a manifestação da retrocognição. O fenômeno, que na prática classificamos como retrocognição, é muito mais numeroso na sua manifestação do que a precognição.

> A Sra. PAGET, por exemplo, às 22 horas, desce à cozinha e de repente vê seu irmão Miles que entra e se dirige a ela, sentando-se perto. Tinha o uniforme de marinheiro, e um pouco de água brilhava sôbre a sua camisa e capacete. Ela supõe que a chuva o tivesse molhado e grita: "Miles, de onde é que você vem?". Êle responde, com sua voz habitual, mas muito depressa e excitado: "Por amor de Deus, não digas que eu estou aqui". E desaparece... "Cheia de pânico, escrevi a data numa fôlha de papel".
>
> Miles, naquele dia, sofreu um acidente no pôrto de Melbourne. As datas coincidem; tendo, porém, em conta a diferença de longitude, a aparição se verificou com um atraso de 10 horas sôbre a hora do acidente.

Comunicação de um morto? Não houve morte. Três meses mais tarde Miles volta à casa e conta a irmã que quase se tinha afogado no pôrto de Melbourne e que tinha ficado sem conhecimento [13].

A irmã o viu inclusive ainda molhado. No acidente, Miles, ao menos inconscientemente, pensaria na única parenta, desejaria voltar para junto dela. Por associação de idéias inconscientes, acreditar-se-ia surpreendido como fugitivo do serviço militar: "Por favor não digas a ninguém que eu estou aqui". Os pensamentos inconscientes do "afogado" constituem a telebulia.

O caso e outros semelhantes, *sem morte*, explicam aquêles em que pareceria que a mensagem provinha do *morto*:

13 — GURNEY, o. c., trad. franc., pág. 317.

trata-se de "retrocognições", ou manifestação retardada de uma sugestão telepática. "Retardada": no caso citado, Miles não ficou dez horas desacordado, molhado...

Pode ser interessante, com respeito à relação tempo-ST, citar as palavras de RICHET que, por sua vez, cita MYERS: "O tempo de latência entre o acontecimento mesmo e a monição (percepção) é variável. Fr. MYERS supõe que a impressão telepática é imediata (nesses casos de aparente retrocognição), mas que esta impressão fica latente no espírito do percipiente, não emerge na sua consciência senão após certo intervalo. Traçando-se a curva, segundo o tempo, da freqüência das aparições depois da morte, constatar-se-á que seu número vai em decréscimo, ràpidamente, até resultar quase nulo, ao têrmo de alguns dias".

E, no que respeita às precognições, ao menos aparentes, "em quase todos êsses casos (deixa pois, como se vê, uma porta aberta para autênticas precognições em alguns casos) nos quais o fantasma precedeu à morte, é porque houve doença... E então a agonia com seu coma, suas convulsões, antes da parada definitiva do coração, isto é, antes da morte, pode ocasionar a comunicação telepática precedendo, em conseqüência, (o fantasma) à morte".

Tanto RICHET como MYERS destacam o problema da precognição de acidentes. Fazem notar que, "nos casos de acidentes, a visão é quase sempre consecutiva à morte"; simulcognição simples ou simulcognição com latência por algum tempo da mensagem recebida. Esta comprovação era, aliás, de esperar porque, evidentemente, nos acidentes não há doença prévia. Não obstante, os citados autores entre os casos de antecipação do fantasma à morte por acidente, aludem expressamente a um caso com explicação sob precognição autêntica [14].

Aparições por procuração

Muitas vêzes, a alucinação de aparição pode inspirar-se não na própria pessoa que aparece, mas numa terceira pes-

14 — RICHET, o. c., págs. 330 ss.

soa. É o inconsciente do perceptor quem se encarrega de dramatizar a notícia, como se se tratasse da aparição dum "espírito desencarnado".

> A condêssa TOUTSCHKOFF, espôsa de um general russo, sonha que seu pai, vivo, vem até ela trazendo pela mão o neto mais velho, filho da condêssa, e que lhe diz: "A tua felicidade terminou. Teu marido caiu em Borodino". Êsse sonho se repete três vêzes. Ela, sem se preocupar porque seu marido está em casa, mas algo intrigada, pergunta a seu espôso onde fica Borodino. O general não conhece o nome dêste povoado que, aliás, não encontraram no mapa.
>
> Alguns meses após, o general parte para a guerra. E, com efeito, um dia, entra o pai da condêssa levando pela mão seu filho maior e lhe comunica, após alguns rodeios, a triste notícia: "A tua felicidade terminou. Teu marido caiu em Borodino" [15].

Trata-se duma precognição do momento em que o pai da condêssa se aproximaria, pensando como comunicar-lhe a notícia. O fenômeno psigâmico foi evidentemente com relação ao pai da condêssa e não ao morto. Em muitos outros casos, o inconsciente dramatiza a notícia indireta, apresentando-a como notícia direta provinda do "desencarnado", sem que o "jôgo" do inconsciente apareça tão claro como no caso citado.

> O Pe. DONTAZ, vigário de Domdidier, na Suíça, quando ainda tinha 18 anos, sonhou duas vêzes seguidas que via sua irmã à morte; isso, de fato, acontecia.

Era sugestão telepática direta provinda da moribunda? Se tudo tivesse ficado aí, pareceria que sim. Mas...:

> Houve depois um sonho mais completo: apareceu-lhe o pai, vivo, e lhe disse: "Tua irmã Josefina está morrendo; mas tua mãe não sabe disto". Na manhã seguinte, quando o jovem se dirigia ao Liceu, recebeu um telegrama do

15 — BOZZANO, Ernesto: "Dei fenomeni premonitori", Roma, 1914. Tradução francesa: "Des phénomènes prémonitoires", Paris, A. S. P., 1914, caso LXX.

pai, que lhe dizia: "Sua irmã Josefina está morrendo em Paris. Tua mãe não sabe disto" [16].

O exemplo é muito significativo. Mostra firmemente que a primeira visão da irmã morrendo não foi causada diretamente pela moribunda, mas pelo pai, ao escrever as tristes palavras do telegrama. Quando, pela terceira vez, o jovem capta a triste notícia, a percepção telepática mais nítida e completa evita o engano de tomar a notícia como proveniente da moribunda, aparecendo o verdadeiro agente, o pai. A "porta" de passagem do inconsciente ao consciente foi abrindo-se aos poucos.

Muitas notícias da morte de uma pessoa (ou qualquer outra mensagem), dramatizada como vinda do espírito dos mortos, na realidade provêm telepàticamente duma pessoa viva, sem que o percipiente chegue a perceber que se trata de mensagem por "procuração". Compreende-se que, sendo a notícia da morte tão emotiva, seja mais freqüente do que outras mensagens.

Os "adornos" na ST

Tanto o agente como o percipiente podem "adornar", associar à mensagem outros elementos. Neste sentido pode ser muito expressivo o seguinte caso, de cuja autenticidade é difícil duvidar:

> O Dr. Mittchell S. WEIR, de Filadélfia, estava já dormindo, certa noite, quando foi acordado pela campainha da porta de entrada. Levanta-se, abre a porta e encontra uma menina desolada que lhe diz: "Minha mãe está muito doente, doutor. Rogo-lhe que venha, por favor".
>
> Era uma noite de inverno, a neve caia a turbilhões e soprava um vento gracial. O doutor se agasalha e segue a menina. Encontra a mãe gravemente doente de pneumonia. Depois de prodigar-lhe seus cuidados, antes de despedir-se felicita a mãe pela filha tão inteligente e corajosa que tem. Responde a mulher: "Minha filha morreu, há já um mês. Suas botas e seu sobretudo estão neste armário".

16 — FLAMMARION, Camille: "La mort et son mystère", 3.o Vol. Paris, E. Flammarion, 1920-21, pág. 192. Tradução inglêsa: "Death and its Mystery; Before Death", Century, 1921.

> Abrindo o armário, o doutor vê as roupas que vestia a menina que o chamara. Estavam sêcas e à temperatura ambiente: não podiam ter estado uns minutos antes expostas à neve e ao ar gelado da noite [17].

Aparece clara a telebulia, talvez só inconsciente, da viúva que se encontra gravemente doente e sòzinha: "Se ao menos estivesse aqui a minha filhinha para ir chamar o médico...!"

De fato o médico captou esta telebulia, perfeitamente dramatizada e completada.

A mensagem telepática, no caso, gozou de boas condições pela emotividade e pelo estado psicofisiológico todo especial da agente, assim como pelo sono do percipiente. Devemos levar em conta também que o inconsciente do médico teria já ficado de sôbreaviso, ao se deitar, com receio de que algum doente precisasse de seus auxílios profissionais justamente numa noite tão desagradável como aquela...

O doutor comprovou na volta da casa da doente que não existiam as pegadas da menina na neve. A espôsa e empregada não ouviram a campainha (os efeitos físicos são raros, trata-se, em geral, ùnicamente de projeção alucinatória). O mesmo devemos dizer das roupas: nem saíram do armário, nem foram materializadas! Tudo foi dramatização inconsciente da mãe doente completada pelo inconsciente do doutor. Um pastor protestante contava-me que quando êle vivia nos E.U.A., foi protagonista de um caso quase idêntico. Cruzou-se com um policial noturno... Ao voltar de atender o doente, o pastor perguntou ao policial. O policial vira passar o pastor falando sòzinho! Só o pastor vira a "aparição", não estava esta de fato materializada. Casos semelhantes são relativamente freqüentes.

Salvo *raríssimas* exceções, as aparições dos "mortos" são fenômenos naturais. No livro dedicado às teorias, estudaremos expressamente os argumentos e provas experimentais de que não há comunicação entre vivos e mortos, mas só entre vivos (e só entre mortos?). Seria preciso provar o

17 — CHERRIE, C. K.: "Dark Trails, Adventures of a Naturalist", caso reproduzido em "Reader's Digest", julho, 1938, pág. 40.

SEMINÁRIO CONCÓRDIA

contrário, positiva e evidentemente, em algum caso concreto e raríssimo, um caso entre muitos milhões. Nos dois próximos capítulos já não aludiremos mais ao êrro de interpretar sobrenaturalmente os casos de ST.

Pela sugestão telepática (ST), não raramente se realiza de modo paranormal o desejo (telebulia) de comunicação entre o agente e o percipiente, especialmente quando o consciente está "obnubilado".

A ST, mal interpretada, tem contribuído muito para a superstição espírita, pois os casos que comunicam alguma morte são especialmente freqüentes.

As comunicações de mortes não se devem na realidade aos "desencarnados", mas a outros fatôres: a ST é facilitada pela maior emotividade e pela agonia ou estado entre a morte aparente e a real; a ST pode, por precognição, adiantar-se à morte e é mais freqüente a ST retrocognitiva; outras vêzes pode ser ST antiga captada inconscientemente, que só algum tempo após a morte do ser querido surge ao consciente do percipiente; a notícia pode provir, sem que o percipiente se dê conta sempre, de uma terceira pessoa; etc.

O inconsciente tanto do agente como do percipiente pode dramatizar magistralmente o conteúdo telepático.

ST espontânea - II 25

SUGESTÕES TELEPÁTICAS SUBMETIDAS À ANÁLISE

Um sonho salva realmente a vida de uma jovem. — Socorro mútuo a quilômetros de distância. — O mesmo "fantasma" aparece ao mesmo tempo em diversos lugares. — "Falando do diabo...", ditado científico.

No capítulo anterior vimos casos de ST preferencialmente em mortes. São os casos mais numerosos. Paralelamente ao grupo anterior devemos mencionar outros que, na análise dos casos espontâneos, logo chamam a atenção.

A telebulia interpretativa

Não é necessário que a telebulia seja consciente e reflexa. Pode ser até inconsciente e interpretativa. Vê-se tal coisa claramente, em casos como o seguinte, entre outros muitos:

> Um soldado de aviação está retido no hospital por uma afecção pulmonar. Uma noite, a febre causa-lhe um acesso de sonambulismo. Sem deixar de dormir, êle se levanta e caminha até o pátio, onde acorda. Ia sonhando que viajava num avião. Voando, chegava até Scleishein, onde encontrara de sentinela um seu amigo. Sonhou que o amigo, ao vê-lo, começara a tremer de horror.

— Não me reconheces? — pergunta o aviador.

— Ah! Ês tu, José! — responde o amigo —. Que vens fazer aqui?

O aviador doente escreveu, então, ao seu amigo sentinela, cruzando-se a carta com outra que o sentinela havia escrito ao aviador. No carimbo postal havia a mesma data para ambas as cartas. O sentinela contava, na sua mensagem, como viu claramente e ouviu distintamente a voz de seu amigo que lhe perguntava: "Não me reconheces?" [1].

O sentinela tomou a alucinação telepática causada pelo doente que sonhava como se fôsse visita autêntica, até que a figura do aviador se esvaísse. Pela sua parte, o sentinela, no estado de pânico, fêz sugestão telepática ao amigo doente.

Uma sugestão telepática mútua: uma conversa "telefônica" sem telefone, por ST pela simples telebulia, interpretativa, de dirigir cada um o seu pensamento, ou palavra, ao amigo distante. Não precisamos nestes casos supor efeitos físicos. Basta a projeção alucinatória do captado pelo psiquismo.

Em 1854 o pastor protestante NEWHAM, então estudante em Oxford, sonha que está passando uns dias na casa da família da sua noiva. Sonha que, estando êle no quarto que costumavam reservar para êle, ouve os passos de sua noiva no alto da escada. Corre para ela e a abraça. Nesse momento acorda. Na manhã seguinte escreve uma carta à noiva contando-lhe o sonho. Uma carta da noiva se cruza com a dêle contando-lhe como ela, naquela noite, às dez horas, no alto da escada, sentiu com tôda "realidade" como era abraçada por êle [2].

A simples telebulia, "interpretativa", de pensar a noiva no jovem estudante quando se aproxima do quarto que se reservava para êle, provocaria por ST o início do

1 — "Psychike Studien", número XLIV, pág. 350.

2 — HART, Hornell: "La projection de l'esp", trabalho apresentado no I Congresso Internacional de Utrecht e resumido por AMADOU, Robert: "La science et le paranormal. Le I Coloque International de Parapsychologie (Utrecht, 1953). Les entretiens de Saint-Paul-de-Vence (1954). Comptes rendus et rapports publiés et présentés par Robert Amadou", Paris, Institut Métapsychique International, 1955.

sonho do estudante. O sonho dêste corresponde ao momento real em que ela caminha perto daquele quarto no alto da escada. O noivo, pela sua parte, acrescentaria o desejo (realizado no sonho) de abraçá-la, sonho que por ST resulta alucinação, com visos de realidade para a noiva.

Casos semelhantes são relativamente freqüentes.

ST entre o animal e o homem?

Parece que certos animais, à distância, perceberiam mensagens provindas dos seus donos, mormente quando os donos passam por circunstâncias extremamente críticas.

Sem dúvida, todos têm ouvido falar, ou têm talvez presenciado algum dêsses numerosos casos em que os cães emitem um estranho e lúgubre uivo quando seu dono está a morrer, ainda que a morte do dono suceda num longínquo hospital. Que há de objetivo no fundo dêsses casos de observação popular?

Existem casos interessantíssimos e bastante abundantes nos quais nenhum dos presentes sabia sequer da doença do ser querido, e foi precisamente a conduta do cachorro que os levou a suspeitar da morte.

O aviador Mario GALLI, por exemplo, tinha um cão pastor, Wamar, particularmente esperto. Quando o aviador foi para a guerra da Etiópia, deixou o animal em Turim. Passou algum tempo. Um dia, de repente, o cachorro começou a se mostrar muito nervoso, farejando o ar com intensidade. Logo saiu correndo, subiu ao quarto do dono e acocorou-se ao pé da cama. Foi impossível tirá-lo dali. Não aceitou mais comida. Acudiu-se ao veterinário, em remédio para a situação, mas sem resultado. Lá morreu o cachorro de inanição e tristeza. Pouco depois chegava a notícia de que, precisamente aos 27 de junho de 1936, o dia em que o cachorro começara aquela estranha conduta, o avião do Cap. GALLI era atingido em combate, causando a morte do aviador.

O caso foi muito bem observado e investigado, com informe detalhadíssimo, pela professôra Rosa CAGGERO [3].

3 — Citado por OMEZ, O. P., Réginald: "Peut-on communiquer avec les morts?", Paris, Fayard, 1955, págs. 94 ss.

O caso, que é apenas um entre muitos, pode ser classificado como Sugestão Telepática. Parece, com efeito, lógico supor que o Cap. GALLI, no momento da morte ou acidente, pensasse na sua família. Essa telebulia ou essa vontade, ao menos inconsciente, de comunicar a desgraça aos sêres queridos foi captada paranormalmente em casa.

Foi comunicação direta GALLI-cachorro? Os casos apresentados nunca provaram definitivamente a ST entre animais e homens. É mais possível que o cachorro captasse só por *hiperestesia* sôbre as pessoas da família do aviador alguma consequência da sugestão telepática entre GALLI e seus familiares captada inconscientemente por êstes.

Que farejava o cão no ar? Não precisamos supor um efeito físico. No caso basta uma simples manifestação reflexa do cão (resultado, não meio de percepção) ou, quando muito, meio de comunicação hiperestésica (não psigâmica) dos familiares para o cão.

Por enquanto, *nos inclinamos* decididamente a pensar que com os animais só haveria *hiperestesia* reservando-se o paranormal *extra-sensorial*, só para o homem. Casos como o citado, ou a orientação de certos animais, ou animais "inteligentes", etc., apresentados em prol de PG nos animais, têm muitos pontos fracos.

ST salvadora

> Um pastor protestante, ausente de sua cidade, sonha que vê um incêndio e um de seus filhos em meio das chamas. Acordando, não pôde evitar o impulso violento de voltar. Ainda durante a viagem do pastor, declara-se o incêndio na sua casa. O pastor chega justamente a tempo de socorrer o filho, que no meio da confusão tinha sido esquecido pelos criados numa situação bem perigosa [4].

ST salvadora por precognição. Êstes casos em demanda de auxílio são relativamente freqüentes.

4 — DALE OWEN, Robert: "Footfalls on the Boundary of another World", Londres, 1861, págs. 99, 109.

A telebulia nestes casos é evidente: o inconsciente não deseja mais, nessas circunstâncias, do que pedir auxílio.

ST salvadora e mútua

> Um jovem viajava num submarino. O comandante ordena imersão de manhã, imediatamente depois do café. Tinha-se decidido ficar em imersão até às dez da noite.
>
> À exceção de um só homem que ficava de guarda, a tripulação, depois de uma noite de trabalho, adormeceu. Um marinheiro sonhou que muitas mulheres, numa fábrica de munições, estavam enchendo cartuchos com explosivo. Em sonho, via sua irmã dormindo numa repartição, em cuja porta, através dos vidros, via-se o letreiro "Inspetor". De repente, uma grande língua de fogo pareceu lamber todo o piso, depois ouvindo-se uma explosão. O marinheiro acordou como se tivesse sido sacudido.
>
> Sentindo-se meio desfalecido, olhou o relógio: eram dez horas, hora na qual já deveriam estar emergindo. Viu então que o homem de guarda estava dormindo. Com grande esfôrço, conseguiu acordar três colegas que, como êle, estavam quase asfixiados pelas emanações de petróleo e falta de oxigênio. Os quatro conseguiram fazer subir o submarino à superfície. Ao subirem, viram que já era dia. Eram 10 da manhã, não da noite. Tinham passado mais de 24 horas submersos. O comandante admite que os quatro marinheiros tinham salvo a vida de todos.
>
> De retôrno à base, o marinheiro recebe uma carta da sua irmã (a inspetora do sonho) que lhe anuncia que uma terrível explosão no departamento de enchimento de cartuchos tinha matado 36 mulheres. O acidente tinha se produzido às dez horas, quando a môça deveria estar no local fazendo a ronda de inspetora; tendo ela, no entanto adormecido na sua repartição, salvara-se. Contava mais, que o vira em sonhos, a êle e a todos os seus colegas do submarino, mortos. Mas um sentimento inexplicável, durante o sonho, lhe dizia que ainda se poderiam salvar, e foi então que ela tentou acordá-lo, sacudindo-o. Neste momento, foi acordada pela explosão [5].

5 — SCOTT, Ivan, em "Blackwood Magazine", caso reproduzido em "Reader's Digest", janeiro, 1940.

O inconsciente do marinheiro, percebendo o perigo, desejava auxílio... A irmã, ligada a êle pelos laços do afeto, casualmente em estado especial que facilitava a recepção (adormecida) captaria o SOS inconsciente do irmão. Isto suposto, inverter-se-ia o processo psigâmico, passando agora a irmã a sugerir telepàticamente ao irmão, o próprio desejo dramático de acordá-lo, assim como o conhecimento que nesses mesmos momentos adquiria sôbre o fogo e a explosão. Êstes casos são, como dizíamos, uma espécie de conversa telefônica (mútua) na qual o papel de telefone é desempenhado pela faculdade psigâmica.

A ST de aproximação

Seriam significativos, precisamente por terem um conteúdo insignificante e serem percebidos e "emitidos" em plena vigília, certos casos que têm chegado a formar um grupo típico: "ST de aproximação", aquêles que anunciam a chegada duma pessoa, preferentemente de uma pessoa querida.

> O Cel. BIGGE vê um dos seus colegas, vestido à maneira dos pescadores, com utensílios de pesca. Distingue perfeitamente tudo, inclusive certos apetrechos de pesca que êle assegura desconhecer absolutamente. Nunca, aliás, tinha visto seu colega com aquela roupa. Dez minutos depois, esperando dar uma surprêsa ao coronel, chegava o colega exatamente como fôra visto na alucinação [6].

Êstes casos de "aproximação", podem ser classificados como sugestões telepáticas, pois é lógico supor que o agente é a pessoa mesma que se aproxima com a leve telebulia de pensar no amigo ou parente a cujo encontro caminha e a quem espera dar uma agradável surprêsa.

Nestes casos, são mais freqüentes as alucinações visuais, como as descritas, do que as auditivas. As alucinações auditivas, são, na ST de aproximação (e em geral em PG), de uma porcentagem mínima. Contudo, sendo a ST provàvelmente o fenômeno psigâmico mais freqüente, pode-se reunir um respeitável número de casos com alucinação auditiva.

> Um ancião de 84 anos, Sr. SAUNDERS, era muito surdo. No dia 8 de janeiro, às 7,30 horas da tarde, não obstante a enorme surdez, ouviu nitidamente (por ação da percepção interna, alucinação sem fundamento externo normal) uma voz que lhe dizia "Tom chega hoje". Tom estava durante a guerra, como soldado, na França. Na véspera da alucinação o velho tinha recebido uma carta de Tom na qual anunciava voltar a escrever em seguida. Não era, pois, lógico esperar a chegada de Tom em pessoa. Poucas horas depois de ter percebido o velho a sugestão telepática auditiva, chegava Tom [7].

As condições para a ST nestes casos não são boas (mensagem não muito emotiva, estado de vigília...). Por isso dizemos, a porcentagem de alucinação visual, e mormente auditiva, é mínima na ST de aproximação.

Mas sem nitidez ou sem alucinação, a ST de aproximação é fenômeno freqüente. Parece excessivamente freqüente para que possamos pensar que só se trata de mera casualidade. Os provérbios de todos os países fazem alusão ao fenômeno: "falando do diabo, já aponta o rabo", "hablando del rey de Roma, por la puerta asoma", "si murmuras de la comadreja, le verás la oreja"; "quand on parle du loup, on en voit la queue", "speak of the devil, and he will appear", "quando si parla del sole, il sole spunta", etc...

Êste fenômeno não só tem chamado a atenção do povo que o classificou nos provérbios, mas interessou também vivamente a alguns metapsíquicos que discutiram amplamente o assunto; assim, por exemplo: RICHET [8], MYERS [9], G. C. FERRARI [10], defendem a explicação paranormal; o Dr. ROCH [11], o Dr. GRASSET [12] e outros, mantém-se indecisos.

6 — MYERS, Frederic W. H.: "Human personality and its survival of boodily death", 2 vol. Londres, Longmans, 1902-3. Tradução francesa de JANKELEVITCH: «La personnalité humaine. La survivance, les manifestations supra-normales", Paris, Alcan, 1919, pág. 229. Tradução espanhola: "La personalidad humana", Buenos Aires, Saros, 1958; Paris-México, Vda. Ch. Borret, 1906.

7 — "Journal of S. P. R.", tomo XIX, págs. 30 ss.

8 — RICHET, o. c., págs. 734 ss.

9 — MYERS. o. c., trad. franc., pág. 229.

10 — FERRARI, G. C.: "Prévision ou prémonition à rappel", em "A. S. P.", tomo XV, págs. 585 ss.

11 — ROCH: "Note sur les prévisions de rencontre", em "Archives de Psychologie", tomo V, pág. 149.

12 — GRASSET, J.: "L'Occultisme hier et aujourd'hui; Le Merveilleux préscientifique", 2.ª ed., Montpellier, Coulet, 1908, págs. 336 ss.

Não pretendo, ao menos por enquanto, definir o assunto, que precisaria ser analisado e experimentado com uma série de precauções não fáceis de se tomar.

De fato é evidente que muitíssimos dêstes fatos são simplesmente normais ou dos que chamamos "extraordinário-normais" em expressão um tanto antinômica. Contudo, parece muito difícil excluir completamente dêsses casos a explicação por sugestão telepática: o agente seria a pessoa que está vindo, pensando nas pessoas que vai visitar (telebulia). Devido, porém, às péssimas condições de conteúdo e estado psicofisiológico do agente e percipiente, a ST só seria captada inconscientemente, provocando nos percipientes o fato de começarem a pensar e inclusive a falar do agente.

A percepção coletiva

Um primeiro tipo de percepção coletiva: quando duas ou mais pessoas, em diferentes lugares, captam um mesmo fato.

> Durante a guerra napoleônica, um inglês, Sr. SWITHINBANK, estava na guarnição em Douvres com dois filhos. Os outros membros da família encontravam-se em Bradford, no Yorkshire. Cada um dos três soldados estava alojado em barracas diferentes espalhadas pelo acampamento. Uma manhã, após a parada militar, o pai disse a um dos filhos: "Tive hoje à noite um sonho esquisito", ao que respondeu um dos filhos: "Eu também". Então, o segundo filho assombrou-os dizendo: "Eu tive hoje um terrível pesadelo: sonhei que mamãe tinha morrido". Os três tiveram o mesmo sonho na mesma noite em que morria a Sra. SWITHINBANK [13].

Mas como percepção coletiva da ST entende-se comumente aquêle fenômeno em que os percipientes estão reunidos e todos captam a mesma mensagem, prescindindo de certas diferenças acidentais devidas, ao menos em grande

13 — GURNEY, E.; MYERS, F. W., e PODMORE, F.: "Phantasms of the living", 2 volumes, Londres, Trubner, 1886-7, volume 2.º, pág. 382. Tradução francesa resumida por MARILLIER: "Les hallucinations Télépathiques", Paris, Alcan, 1891.

parte, a interferências do próprio inconsciente, de acôrdo com as diversas personalidades.

Um caso de percepção coletiva da ST circunstancialmente descrito, comprovado e estudado, é o do Dr. ISNARD.

> Quando o Dr. ISNARD, professor no Val-de-Grace, era ainda estudante, teve uma visão que ao mesmo tempo foi captada por sua irmã e um amigo. Os três fizeram um completo testemunho.
>
> A mãe do Dr. ISNARD estava gravemente doente em Paris, rua Jacob. Havia já quatro meses que estava na cama, e repousava no quarto vizinho à sala de jantar, no qual estavam os três jovens. De repente, êstes viram a porta escancarar-se. Apesar de estarem tôdas as janelas fechadas, sentiram uma corrente de vento. Entre os umbrais havia uma sombra, um fantasma de mulher, pequena, arqueada, a cabeça inclinada, os braços cruzados sôbre o peito. Um véu grisáceo como poeira parecia cobrí-la. Avançou lentamente pela sala; deslizando sôbre o assoalho "passa perto de nós, contorna a porta aberta e desaparece...".
>
> A descrição e as palavras transcritas são do Dr. ISNARD. Também sua irmã e seu amigo, Sr. Menou CORNEUT, testemunharam ter visto idêntica aparição. A senhora ISNARD, mãe do doutor, ainda demoraria alguns dias para morrer... [14].

Não vou deter-me neste tomo na explicação sôbre os fenômenos da porta que se abre, o vento misterioso, etc. No fundo de tudo há uma sugestão telepática: a doente, do leito no quarto vizinho, estava ouvindo a alegre conversa dos filhos e do amigo. O inconsciente e benévolo desejo de levantar-se, abrir a porta e assistir à conversa, ou a irritação "subterrânea" pela alegria da família em meio à própria dor, e conseqüente desejo de entrar e repreendê-los, constituem a telebulia que provocou a sugestão telepática.

O tempo na ST

Como é natural e já indicamos no capítulo anterior, a ST prescinde das leis do tempo dentro do prazo "existencial".

14 — "Annales des Sciences Psychiques", tomo I, págs. 193-202.

O Sr. NAPOLEÃO, sargento aposentado, passava um dia com um amigo diante de duas casas isoladas. Era noite. De repente se ouvem golpes surdos, como se estivessem batendo com um martelo. Mas nada sucedia. Dois dias depois, no mesmo endereço, êles ouvem os mesmos golpes, agora reais. O marceneiro do povoado fazia apressadamente um caixão para um pastor, falecido na véspera 15.

ST precognitiva, coletiva e com alucinação auditiva (!), apesar de não haver ligação afetiva nenhuma entre agente e percipiente. Único elemento favorecedor da ST era a emotividade do marceneiro, impressionado pela morte repentina do pastor e receoso de que os golpes pudessem incomodar alguém (eis a telebulia interpretativa).

Os casos espontâneos demonstram que o fenômeno classificado como ST é o mais freqüente entre os fenômenos psigâmicos.

A ST admite muitas subdivisões: salvadora, mútua, de aproximação, de percepção coletiva...

A ST prescinde das leis da distância e do tempo como todo fenômeno psigâmico.

15 — FLAMMARION, Camille: "La mort et son mystère", 3 volumes, Paris, E. Flammarion, 1920-1, pág. 114. Trad. portuguêsa: "A morte e o seu mistério", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1955, os 3 vols.), v. I, pág. 95.

ST experimental 26

DO LABORATÓRIO TENTA-SE DIRIGIR OS PLANOS ALHEIOS

Ida e volta de Paris a Buenos Aires numa noite. — Como influir, à distância, nos planos do chefe. — À distância, um cientista dirige o sonho de uma criança. — Dois cientistas conseguem, repetidas vêzes, comunicar-se telepàticamente.

NÃO se podem criar situações autêntica e fortemente emotivas. Os participantes na experiência, aliás, deveriam estar "inconscientes"... A experimentação deve ser abordada em más condições para a realização do fenômeno. Isto porém, oferece um possível lado vantajoso: se há algum êxito em más condições, é lógico esperar que o fenômeno fôsse mais freqüente em melhores condições, confirmando o observado nos casos espontâneos.

Escreve RHINE: "Há outro tema que espera consideração dos investigadores e que pode ter grande importância. E' o de saber se é possível a sugestão telepática e sob que condições. Em caso afirmativo, qual é o efeito, se há, da comunidade de experiências, de conhecimento, de amizade, de amor, de barreiras lingüísticas, de dúvida e muitos outros fatôres? Trata-se de um fenômeno que tem considerável importância em muitos aspectos, principalmente no da saúde mental, e cujo estudo os parapsicólogos ainda não se decidiram a abordar. Mas o problema não pode ser preterido indefinidamente... Muitos psiquiatras têm sugerido que

existem possibilidades construtivas e saudáveis que devem ser exploradas em interêsse da psicoterapia e da higiene mental" [1].

A possibilidade da ST, condições, fatôres, qualidades, etc., a que alude RHINE, são justamente os temas dêste e dos dois capítulos anteriores. Das pragmáticas ou possíveis técnicas de provocar e controlar o fenômeno, falaremos em outro tomo, assim como da Subjugação Telepsíquica que RHINE inclue na Sugestão Telepática.

Experiências fora do laboratório

A ST não foi abordada em experiências quantitativas, no estilo da escola de RHINE. Há, porém, experiências qualitativas. O caso seguinte é experimental por ser resultado de tentativas, mas não é de laboratório.

> "Certa senhora entregara-se, havia muito tempo, ao estudo e prática dos fenômenos espiritualistas... Quis tentar uma experiência própria... Encontrava-se, naquela época, em Paris, e havia deixado alguns bons amigos numa grande cidade da América do Sul. Resolveu, pois, aparecer a alguns dêles, e para isto concentrou firmemente a sua vontade durante alguns dias, neste desejo" (telebulia). No próprio dia em que pensava realizar a experiência "ela se entregou a trabalho muito fatigante, indo ao ponto de colhêr batatas num campo durante várias horas, a fim de quebrar, pelo cansaço, tôda a resistência do corpo físico, deixando por conseguinte, em maior liberdade o corpo astral ou perispírito..." (Segundo as expressões inexatas dos ocultistas, espíritas, etc., que estudaremos em outro tomo).
>
> Pelas 9 horas da noite, foi deitar-se, depois de ter, mais uma vez, concentrado tôda a sua vontade sôbre a própria aparição que queria provocar à distância. Dormiu profundamente.
>
> No dia seguinte, ao acordar, não guardava a menor lembrança do que pudesse ter acontecido. Ignorava por completo se a experiência tinha ou não sido coroada pelo êxito.

1 — RHINE, Joseph Banks: "New frontiers of the mind", New York, Sloanes, 1937. Citamos da tradução espanhola por KREIMAN, Dora Joninsky de: "El nuevo mundo de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1958, págs. 101 s.

> Só depois de passado um mês é que recebeu uma carta da pessoa sôbre a qual ela tinha querido atuar: "Ontem fui ao baile do Sr. E... De repente, houve um instante no qual, encontrando-me rodeado de senhoras numa pequena sala, ouvi a sua voz muito conhecida e agradável que me dizia: "Eu também estou...". Virei-me com presteza palpitando meu coração e vi você, minha amiga, recostada no parapeito de uma janela, sorrindo com doçura e picardia. Vestia um traje branco (camisola de dormir?). Oh! Vi você, acredite, não é conto, posso afirmá-lo, e minha surprêsa foi tão grande que uma senhora me perguntou: "Aconteceu-lhe alguma coisa? Encontra-se mal?" A visão foi rápida, fugiu com rapidez dos meus olhos... Se para crer nessa visão precisa você minha palavra de honra, dou-lha".

Além do estado de inconsciência no agente, havia, ainda, laços de profunda amizade entre a agente e o percipiente.

Em idênticas circunstâncias, procurou a mesma senhora realizar outras sugestões telepáticas. Assim se expressa ela mesma, em carta ao ocultista PAPUS:

> "Passo às vossas mãos a cópia duma parte da carta de que vos falei. O amigo que a escreveu não desconfiava que eu quisesse aparecer-lhe. Tenho o original da carta, que está ao seu dispor. Quanto à outra carta do mesmo gênero, não tornei a encontrá-la. Fôra enviada por minha mãe (de nôvo, pois, o percipiente é um ser querido), que achando-se em Leningrado e encontrando-me eu em Buenos Aires conta ter visto minha pessoa no quarto dela, uma noite; tão assustada ficou que me pedia encarecidamente para não repetir tal experiência com ela. Das 10 experiências que fiz até hoje, só estas duas foram bem sucedidas" [2].

Poder-se-iam aduzir mais casos...

Estando em vigília o agente e só o percipiente em inconsciência, é mais fácil fazer e controlar a experimentação embora as condições para o fenômeno sejam piores. Possuímos experiências bastante mais numerosas, tanto de ama-

2 — PAPUS (pseudônimo de Gérard Anaclet Vincent ENCAUSSE); "Le Traité élémentaire de magie pratique". Usamos a tradução portuguêsa: "Tratado Elementar de Magia prática", 3.ª ed. São Paulo. O Pensamento, 1949, págs. 482 ss.

dores como de laboratório. Das experiências de amadores, não de laboratório, por serem menos importantes só citarei dois exemplos, um antigo e outro contemporâneo.

> O agente era um destacado metagnomo, que tinha dado mostras surpreendentes de precognição espontânea, convicto conhecedor do ocultismo. Teve, em certa ocasião, de sustentar uma luta ingente para levar adiante negócios de alta importância para êle. Mas tôdas as probabilidades lhe pressagiavam um fracasso completo.
>
> Decidiu servir-se de um fenômeno "oculto" para convencer a pessoa de que dependia o bom êxito no negócio. O ocultista sabia que aquela pessoa costumava deitar-se cedo. Durante as duas primeiras horas do sono daquele senhor, o ocultista concentrou o pensamento e a vontade: pensava com fôrça no adormecido e advogava, pouco a pouco, com suavidade de expressão mas com fôrça de concentração mental sua própria causa e defendia seu ponto de vista. Poucas idéias, uma só intensamente pensada com intenção de que fôsse aceita pelo outro senhor (telebulia). Assim tôdas as noites.
>
> O ocultista notou que ia conseguindo que o citado senhor não se mostrasse tão terrìvelmente decidido contra seu ponto de vista. Não passou muito tempo, quando aquela pessoa "espontâneamente" determinou a execução de uma medida abertamente em oposição à sua primitiva e irredutível maneira de ver as coisas, mas altamente favorável ao ocultista e de acôrdo com os planos dêste. Ninguém podia esperar semelhante resultado; todos, exceto o ocultista, ficaram surpreendidos com tal determinação.

Êste caso antigo é referido por PAPUS na obra citada acima. Entre os casos contemporâneos, de amadores, cito um do meu repertório.

> "Em dezembro de 1961, meu irmão Jorge adoecera em Piracicaba (onde cursava o último ano de Agronomia). Um amigo, Ivan, que se dedicava ao estudo das fôrças do pensamento, perguntou a meu irmão se queria mandar um recado para a mãe, que êle tentaria. Meu irmão zombou: "Larga de bobagem, Ivan, eu não acredito nisso". Ivan insistiu. Meu irmão, ao fim, deu o seguinte recado: "Estive doente, mas já estou bom e irei para casa sábado". Ivan perguntou a que horas costumava deitar minha mãe.

> Naquela noite eu e meus irmãos estávamos estudando na sala. Mamãe já estava deitada fazia bastante tempo. Lá pelas 23 horas, ela veio queixando-se de forte dor de cabeça. Tivera um "sonho" esquisito: vira um rapaz (baixo, gordo...) num canto do quarto que lhe dizia: "Eu sou Ivan, colega de Jorge. Êle me pediu que viesse avisá-la de que estêve doente, mas já está bom e virá para casa sábado". Depois êle desapareceu.
>
> Ficamos surpresos com a chegada do meu irmão justamente no sábado. Meu irmão fêz questão de que minha mãe fôsse a Piracicaba para ver se era Ivan o jovem que ela vira em sonho. Era o mesmo."

Êste caso, entre outros vários de conhecimento paranormal experimentados pela sua mãe, foram-me contados por uma senhorita universitária de Lins (São Paulo). Fiz questão de que algumas pessoas conhecidas me corroborassem os fatos e pedi que me escrevessem todos os detalhes que eu aqui resumi.

Destas experiências fora do laboratório temos bastantes, como disse. Em certos ambientes se intentam experiências semelhantes e quase de contínuo. Claro que os êxitos são relativamente poucos, por falta de bons percipientes e circunstâncias aptas, além de escasso conhecimento científico do fenômeno e excesso de superstição. Aliás, o paranormal não é fácil de se submeter ao contrôle da vontade.

Os começos da experimentação científica

Nos primeiros anos do século, realizou-se uma série de experiências de laboratório com excelentes resultados. O investigador, porém, desanimou... As experiências nem sequer foram publicadas. Faltou-lhe coragem para afrontar a crítica materialista que tanto estava impedindo as investigações dos metapsíquicos. Conhecemos as experiências por uma carta que o investigador chefe, Dr. HEYMANS, da Universidade de Gorningem (Holanda) escreveu ao Dr. RICHET [3].

---

3 — RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.a ed., Paris, Alcan, 1923, págs. 211 ss.
RHINE, Joseph Banks: "The reach of the mind", New York, Sloanes, 1948 e Londres, L. Faber, 1948. Tradução espanhola: "El

O Dr. HEYMANS, professor de Filosofia, segundo RICHET, de Psicologia (Racional) segundo concretiza RHINE, escreveu: "Nossas experiências de telepatia foram executadas em duas salas superpostas, do meu laboratório. Na sala inferior, que está iluminada, se encontra o sujeito (um estudante da Universidade que tinha dado mostras de ser excelente para o caso), com os olhos vendados, e colocado dentro duma espécie de armário fechado, que tem na parede da frente uma abertura pela qual o sujeito passa a mão. Esta mão pode-se mover por cima duma tábua horizontal dividida (como um tabuleiro de xadrez) em 6x8 = 48 compartimentos quadrangulares. No teto da sala (construída de cimento armado) há uma janela de vidro. Por essa janela, um de nós (concretamente, o Dr. H. J. F. W. BRUGMANS), que se estende no chão da sala superior, enxerga o tabuleiro e a mão do sujeito através duma janelinha de vidro grosso e trata de dirigir, mentalmente, esta mão ao compartimento determinado de antemão pela sorte. Como o aposento superior está, durante as experiências, em escuridão, o sujeito não poderia ver nada do que ali se passa ainda que estivesse com os olhos desvendados e não estivesse dentro do armário" (os parênteses são nossos). O som também não poderia passar: ainda gritando era impossível fazer-se ouvir, como se comprovou.

Determina-se por sorte o compartimento a sugerir. Se não se fizesse por sorte, poder-se-ia supor, numa longa série de experiências, que ao menos o inconsciente do sujeito terminaria por dar-se conta do mecanismo psicológico do experimentador na eleição dos compartimentos.

Havia dois sacos contendo fichas ou pedras de jôgo. As de um saco marcadas de A até H, as do outro saco numeradas de 1 até 6, acomodando-se à numeração do tabuleiro. Eram misturados continuamente. O Dr. BRUGMANS tirava uma pedra de cada saquinho para determinar a casinha do tabuleiro que se deveria sugerir ao sujeito para ser assinalada com o dedo.

---

alcance de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1956. Nós utilizamos de preferência a tradução francesa por SUDRE René: "La double puissance de l'esprit", Paris, Payot, 1952, págs. 29 ss. Nêste livro RHINE acrescenta detalhes que não estão no livro de RICHET.

Continua HEYMANS: "A casinha em questão (probabilidade de 1/48) foi indicada 32 vêzes em 80 experiências".

A possibilidade, segundo o cálculo de probabilidades, de obter êstes 32 acertos está expressa por uma fração absolutamente astronômica: $1/10^{21}$.

As experiências se repetiram noutra ocasião. Obtiveram-se 60 acertos sôbre um total de 187 tentativas, sendo que, segundo as leis do acaso só se deveriam ter obtido 4 acertos.

Estas experiências, à primeira vista, poderiam ser classificadas como "Transmissão do Pensamento", supondo "esfôrço" mútuo do agente para sugerir e do percipiente para captar. Classificamo-las, porém, como de ST, porque o percipiente adotava uma atitude meramente passiva. De fato, o fracasso foi completo quando o sujeito se esforçou por averiguar. Os investigadores concluíram que a vontade, por parte do sujeito, de obter êxito, extinguiu por completo a faculdade de que tinha dado provas quando atuava com uma espécie de convencimento de que o estavam submetendo a experiências absurdas. Há outro detalhe em prol da ST e contra a transmissão do pensamento: quando o sujeito estava num estado de menos consciência, por exemplo, por ter ingerido alguma quantidade de álcool, o êxito era superior.

É famosa uma série de experiências de sugestão telepática, realizadas também estando ambos os participantes em estado normal. Ou melhor, o estado do percipiente podemos considerá-lo até certo ponto de "crepuscular". Com efeito, o Dr. Emílio DESBEAUX, o percipiente, se instalava o mais cômodamente possível, de plena inatividade, diríamos uma inconsciência artificial, esperando que algum sonho lhe aparecesse como vindo de fora, espontâneo, não provocado de maneira alguma por sua própria imaginação e vontade. É êsse estado de plena inatividade no percipiente que nos autoriza a catalogar as experiências como ST e não TP (Transmissão do Pensamento).

Escreve o mesmo Dr. DESBEAUX: "Meu amigo, o Dr. Léon HENRIQUE (o agente) achava-se em Ribemont (Ais-

me) e eu (percipiente) estava em Paris, isto é, a uma distância de 171 kms. Era meia-noite e trinta".

Imediatamente após cada experiência, agente e percipiente fariam o relatório e o mandariam ao correio. As cartas, pois, se cruzavam.

> Na primeira experiência, escreveu o agente: "enquanto esperava a hora da comunicação, adormeci. À meia-noite e quarenta acordei bruscamente. Decidi que você veria a minha lâmpada... Queria que ela lhe aparecesse em casa, para onde guiei meu pensamento. A lâmpada tinha um abajur japonês, no qual se achavam desenhados, de um lado um martim pescador sôbre um gravêto, de outro lado um buquê de flôres. A lâmpada estava apagada, mas perto dela uma lamparina fazia transparecer as flôres. Concentrei minha vontade durante perto de seis minutos...".
>
> Antes de receber a carta do agente, o percipiente comunicava: "o relógio marca meia-noite e cinqüenta e cinco minutos e aí vai o que acabo de ver. À meia-noite e trinta me instalei na poltrona... ao cabo de certo tempo vejo um "V" brilhante e grande, depois umas nuvens muito tênues, semelhantes a uma fosforescência cintilante que aparecem, desaparecem, tornam a aparecer, sem forma apreciável. Segue-se uma interrupção. De repente vejo brilhante, muito visível, durante dois segundos apenas, um buquê, uma braçada de flôres. Espero na mesma posição ainda bastante tempo. Nada mais, porém, me aparece..."

Tinha captado um "V" grande e brilhante, que parecia corresponder ao abajur iluminado pela luz da lâmpada. Percebeu também, nìtidamente o desenho brilhante do buquê de flôres.

Uma semana mais tarde, no dia 18 de junho, faziam a segunda experiência:

> "Na hora combinada pego uma lâmpada e coloco-a sôbre a minha mesa, em plena luz, sob o abajur. Meu pensamento vai até sua sala... Começo a querer que minha lâmpada seja vista por você. Durante dez minutos persisto nesta idéia..."
>
> O percipiente escreveu: "sentado numa poltrona vi logo uma pequena ampola de vidro desenhar-se nitidamente; depois vi aparecer algumas nuvens tênues procurando tomar forma; por fim uma última nuvem fosforescente condensou-se formando uma bola, uma esfera cheia e luminosa. Decorrido certo tempo, que calculei de seis a dez minutos, nada mais vi".

De nôvo, êxito significativo: prescindindo das nuvens, que parecem ser um mecanismo de captação (aliás não raro noutras experiências e casos espontâneos), o percipiente viu uma bola, uma esfera cheia de luz, durante mais ou menos o tempo todo em que o agente concentrou seu pensamento tratando de sugerir a lâmpada iluminada.

Passaram-se quase três semanas e no dia 6 de julho realizavam a terceira experiência.

> "Incluo aqui a palavra que procurei fazer com que você visse..." Incluí um papel no qual estava escrito em grandes caracteres a palavra "DEUS".
>
> O percipiente escreveu: "Parece-me distinguir o resultado de cada um dos seus esforços: são nuvens fosforescentes que se sucedem com muita rapidez, parecendo que querem tomar forma cada vez mais precisa; de repente nada mais se vê, dir-se-ia que seu esfôrço está esgotado... Nas primeiras nuvens, apenas esboçada, uma forma, um círculo como de cobre do qual escapam raios metálicos; depois a figura se torna mais brilhante conservando a forma estrelada; dir-se-ía que o espaço entre os raios está guarnecido de diamantes. Tenho então a impressão confusa de uma jóia, de um broche de mulher ornado de pedrarias. Nunca experimentei, porém, tão viva sensação e tão apreciável de uma idéia ("éidolon") a me penetrar na mente".

Os experimentadores consideram a experiência como completo fracasso. Está certo. Mas não deixa de chamar a atenção o fato de que é só agora que se sente a sensação forte de uma idéia. Só agora, a única vez que se transmite um ser espiritual, e não um objeto material...

Um mês mais tarde, 2 de setembro, realizaram a última experiência da série.

> "Tratava-se de saber se as imagens telepáticas se apresentariam contra a minha vontade. Procurei isolar a sua pessoa, isto é, desembaraçá-la das preocupações ambientais. Quis que você estivesse só, inteiramente só mentalmente."

> Eis o fragmento da carta que se cruzou com a que acabamos de ler: "Durante meia hora meus olhos esperaram a mensagem telepática e não vi coisa alguma! Nada a não ser a escuridão! Não estarei suficientemente treinado? Dar-se-á o caso de que você se tenha esquecido do assunto? Espero suas notícias" [4].

Que eu saiba, êstes autores não publicaram novas séries de experiências que possam catalogar-se de ST. Fêz, sim, o Dr. DESBEAUX experiências que êle e outros acreditavam de sugestão telepática com os conhecimentos da época, mas que hoje não cabem dentro da ST. O experimentador não excluía o influxo da hiperestesia, cujas enormes possibilidades ao parecer, nem suspeitava.

Possuímos várias outras experiências isoladas de ST em *vigília,* realizadas por diversos investigadores. Os êxitos nunca são muito numerosos, dadas as péssimas condições em que tentaram o fenômeno.

São sintomáticas as palavras do experimentador Cel. Alberto de ROCHAS a respeito dum sujeito, aliás bastante bom: "obteve uma vez, uma só, à distância de vários quilômetros, sôbre esta senhora, *acordada,* uma comunicação de pensamento muito característica" (ST). O característico do pensamento comunicado mostra que houve de fato ST; mas que o fenômeno nestas condições é muito difícil, bem o indica a insistência de ROCHAS de que foi "uma vez, uma só" [5].

Um passo à frente na experimentação

Em tôdas as experiências que até agora temos contado, apesar de não serem favoráveis as condições para a ST, houve alguns êxitos notáveis. Isto garante que, se se pudessem empregar na experimentação as condições ideais que reclamam os casos espontâneos para esta classe de fenômeno, o

4 — "Annales des sciences psychiques", 1893, págs. 115 ss.

5 — ROCHAS, Albert: "Les états profonds de l'hypnose", artigo-resumo dum livro com o mesmo título em "L'Initiation", Paris, 1904.

êxito seria, evidentemente, muito mais freqüente e empolgante. Esta consideração é o grande valor probatório que têm as experiências em condições deficientes. As melhores condições ainda não se conseguiram na experimentação e parece difícil que se possam conseguir, por razões óbvias.

Experiências durante o sono do percipiente

Parece que o sono fisiológico é até melhor estado do que a hipnose, para a percepção da ST.

Entre 1892 e 1893 organizou o italiano Dr. G. B. ERMACORA uma série de experiências de alto valor científico. As precauções tomadas são dignas da moderna Parapsicologia.

> Tanto a sala do percipiente como a do agente estavam fechadas com chave, seladas e carimbadas, e a distância considerável uma da outra, a fim de se evitar qualquer hiperestesia ou truque inconsciente ou irresponsável.
>
> Fechado com o percipiente estava um controlador, para ver se de fato o percipiente estava dormindo, etc., mas êste controlador não sabia que sonho se sugeria ao adormecido. O percipiente, aliás, deveria ignorar inclusive que era objeto de experiências; assim se conseguia, entre outras coisas, diferenciar em classificação prática estas experiências de ST, das de transmissão do pensamento (intenção telepática consciente do agente e do percipiente) e das de adivinhação do pensamento (intenção telepática só do percipiente). Para que êste não estranhasse que se lhe pedisse com tanta freqüência o relato de seus sonhos, vindo assim a suspeitar que era objeto de experiências, era preciso experimentar com uma criança. A pessoa que controlava o menino deveria perguntar-lhe o sonho, e deveria anotá-lo num papel, antes de sair da sala.
>
> Com o agente, em outra sala distante, havia também um controlador, que não diria ao agente nem escolheria êle mesmo o sonho a transmitir, senão quando a porta já estivesse fechada e selada.

Foi escolhida para percipiente, entre muitos, Angélica CAVAZZONI, de 5 anos, exatamente 4 anos e três meses no comêço das experiências que duraram 7 meses. Angélica, já antes das experiências, tinha-se destacado como excelente metagnoma.

Fêz o papel de agente o mesmo Dr. ERMACORA, numa longa série de experiências. Os resultados foram absolutamente nulos.

Não se podendo duvidar das excelentes qualidades parapsicológicas da menina, alhures demonstradas, o Dr. ERMACORA deu-se conta de que talvez o fracasso se devesse ao agente. De fato, o estado especial no agente é também importante. Lamentàvelmente, não se podia conseguir um estado de plena inconsciência no agente, pois nesse caso seria dificilimo dirigir as experiências. Por outra parte, o conteúdo a sugerir telepàticamente não podia ser forte e autênticamente emotivo.

Foi escolhida para agente Maria MARZINI, uma pessoa de forte vida inconsciente com freqüentes crises de sonambulismo espontâneo, grande facilidade para a escrita automática e, além disso, doente e prostrada na cama. Desta vez o êxito foi notável: das cem provas que se fizeram, 54 foram completamente concludentes; 21, ainda, de êxito parcial; só 25 provas de resultado nulo. Deve ter-se em conta ainda que dessas 25 provas nulas, 21 fizeram-se em momentos nos quais o agente estava em notável melhoria na sua doença e do seu automatismo, além de outras condições desfavoráveis para a produção do fenômeno [6].

> Eis, como exemplo, uma experiência escolhida entre as de êxito parcial. Dever-se-ia sugerir o seguinte sonho, bastante complicado por razões óbvias de análise qualitativa: a menina deveria sonhar que era pastôra, que estava cuidando de cabras num monte. Perceberia que faltavam três cabras do rebanho. Iria procurá-las e, ao voltar sem tê-las encontrado, lhe apareceria uma senhora, vestida de azul, com uma sombrinha na mão, que lhe diria que as três cabras tinham caído no rio.
>
> Quando a menina acordou, foi interrogada pela controladora, Sra. AUNETTA, que, repetimos, não sabia nunca qual era o sonho sugerido. A menina contou que tinha sonhado estar num lugar alto com um pau na mão, cuidando de "muitos cachorros com chifres".

6 — ERMACORA, G. B., em "Annales des Sciences Psychiques", 1895, págs. 332 ss, e 1896, págs. 154 ss.

> — "Cachorros com chifres? — perguntou a confidente—, seriam as orelhas."
>
> — "Não — respondeu a menina — eram chifres de verdade."

O detalhe de julgar que eram cachorros com chifres deve-se considerar como especialmente demonstrativo, pois a menina conhecia os chifres das vacas, conhecia também os cachorros, mas nunca tinha visto cabras [7]. Os telepatas receptivos traduzem com freqüência à sua pessoal linguagem imaginal a mensagem que recebem.

Recentemente, o Dr. Wilfried DAIM, entre outros, renovou semelhantes experiências em sonhos, com igual êxito. Caprichou impecàvelmente nas condições de tempo, distância, agente, receptor, objeto da sugestão, protocolização dos resultados, etc. Sendo experiências semelhantes às do Dr. ERMACORA, bastará a citação. Ùnicamente, para reforçar o que já está afirmado, deve-se notar que o Dr. DAIM, nas suas impecáveis análises, comprovou como o percipiente, quando é surpreendido pela mensagem telepática em meio ao sonho próprio, incorpora freqüentemente o nôvo elemento ao seu próprio sonho, sentindo, porém, uma indefinível estranheza ante o nôvo elemento intruso [8].

O efeito de reforço dos agentes

Multiplicando-se os agentes, parece que o fenômeno pode surgir com maior facilidade, mesmo quando as demais condições são péssimas.

Uma experiência muito interessante me foi contada pelo próprio experimentador-chefe. Por razões evidentes, não me julgo autorizado a dar nomes. O experimentador foi um jesuíta argentino, um padre destacado naquele país, mormente no campo do ensino universitário.

7 — Além das relações citadas na nota anterior, pode-se ver um bom resumo das experências de ERMACORA em SIEGMUND, Geor: "Der Traum", Eulda, 1949, págs. 88 ss. O exemplo concreto que acabamos de citar no texto está descrito nas págs. 67 ss.

8 — DAIM, Wilfried: "Ueber experimentalle Traum telepathic", em "Neue Wissenschaft" (Zürich), II, caderno 14-15, novembro-dezembro, 1953, págs. 430-443.

Certo professor protestante fazia uma campanha "dubidosa" entre os universitários. O professor era de absoluta boa fé, mas igualmente inegável era a sua aversão à Igreja Católica. Com um grupo de universitários, começou então o padre, a título de experiência, a seguinte manobra: todos os dias, à hora em que sabia que o professor se recolhia a descansar, um grupo de vinte congregados marianos, cada um da sua casa, pensava, com "intenção telepatizante", no professor em questão, tratando de sugerir-lhe que reconsiderasse sua posição perante o catolicismo.

Pois bem, poucos dias depois, o professor entrava em tal crise religiosa que o padre teve que mandar suspender imediatamente a experiência, pois havia perigo de que o professor ficasse abalado dos nervos. Suspendida a experiência, o professor conseguiu reequilibrar seu sistema nervoso.

Seria interessante repetir em série, experiências parecidas, embora menos comprometedoras.

Devem citar-se, porém, as experiências do Dr. Gilber MURRAY, distinto humanista da Universidade de Oxford e Presidente da S. P. R. de 1915 até 1917. Os agentes eram diversos grupos de membros da S. P. R. de Londres, entre êles a famosa metapsíquica Dra. SIDGWICK.

Era lamentável, mas inevitável, que os agentes estivessem em estado normal. Concentravam-se os agentes, com a intenção de sugerir um sucesso histórico ou uma cena clássica. Impossível conseguir conteúdos telepáticos profundamente emotivos. Mas os acontecimentos históricos e cenas clássicas eram um pouco mais "emotivos" que cartas de baralho ou números. Em contrapartida era difícil a comprovação dos resultados e a aplicação do cálculo de probabilidades aos resultados obtidos.

O percipiente era o mesmo Dr. MURRAY, que estava também em estado normal.

O êxito, quando entrava em algum dos grupos a filha do Dr. MURRAY, "foi tão evidente que compensava sobejamente a falta de avaliação matemática", segundo a expressão do Dr. RHINE [9].

9 — RHINE, tradução francesa: "La double...", o. c., pág. 26.

O Dr. MURRAY adotava a atitude mais passiva possível. É êste um fator importante para a classificação das experiências como ST.

Deve-se notar que o resultado era menor quando a môça não fazia parte do grupo, e era nulo quando só atuava a filha do agente. Isto quer dizer que, se a intervenção da filha estabelecesse um contato emocional muito conveniente, também o refôrço que trazia o grupo era um fator imprescindível para ela, pois sòzinha não tinha "força telepática" suficiente. Poderíamos repetir com OSTY, quando estuda o poder paranormal do grupo: "há um produtor predominante, embora com seu poder dependendo... do seu grupo: transplantado... perde sua capacidade" [10].

Poderíamos citar, em confirmação do efeito de refôrço, a tese fundamental do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (embora os métodos do Círculo geralmente não sejam científicos). Segundo o Círculo, o pensamento, como tal, pode ser emitido e existe fora da nossa mente como fôrça real, que pode ser dirigida pela intenção do emitente. Esta fôrça pode aumentar conjugando-se com a fôrça mental de outra pessoa, de forma que tanto maior será a fôrça mental resultante quanto maior fôr o círculo de pessoas que emite ao mesmo tempo e numa mesma direção seus pensamentos. Prescindimos dos ressaibos panteístas com que é formulada esta tese, do materialismo subreptício de considerar a fôrça *psíquica* como sendo na realidade *física*, da pretensão de ser controlável esta fôrça, etc. O conteúdo fundamental desta tese é exato: o maior número de agentes reforça a manifestação das faculdades parapsicológicas em geral e, concretamente, da ST.

Posição plenamente científica

Concluímos o tema da Sugestão Telepática com considerações semelhantes às que poderíamos fazer ao terminar o tema de qualquer fenômeno de conhecimento parapsicológico: em pleno rigor científico não sabemos ainda até onde

10 — OSTY, E.: "Pouvoirs psychiques paranormaux de groupes et do couples", em "Revue Métapsychique", 1934, janeiro, págs. 15 ss. A citação que fazemos está tomada das páginas 16-17.

chega o papel do que chamamos agente e do que chamamos percipiente: sou eu quem transmito a minha idéia ou é o inconsciente dêle que vem procurar em mim? Ou as duas coisas? Até onde vai o papel de cada um?

Segundo a nomenclatura, pareceria que a totalidade ou, ao menos, o principal do fenômeno ST se deve ao agente, ao que *sugere* a mensagem. Na realidade parece ser o contrário. O papel primordial, talvez, inclusive, único na atividade, é o do percipiente. A causa do fenômeno é o percipiente. O agente não passaria, ao que parece, de mera condição extrínseca, mero "objeto" da atividade paranormal do percipiente.

A faculdade de sugestão telepática, como de qualquer outro fenômeno parapsicológico de conhecimento, equivaleria, no âmbito do paranormal, às outras faculdades ou sentidos no âmbito do normal, como a visão, por exemplo. Quem não tem a vista em bom estado, ou não tem todo o resto dos requisitos psicofísicos da visão suficientemente desenvolvidos e em bom estado, é cego ou mais ou menos deficiente na visão. Da mesma maneira, quem não fôsse metagnomo, seria cego para captar, ou ao menos para manifestar, o conteúdo do que chamamos sugestão telepática. O agente faria ùnicamente o papel de objeto externo, em si mesmo extrínseco à atividade paranormal.

O objeto externo em ordem à visão, porém, deve encontrar-se em adequadas circunstâncias de luz, proximidade, etc. Da mesma maneira no âmbito paranormal, o "objeto" deve estar dotado de algumas qualidades e fatôres suscetíveis de serem apreendidos pela faculdade paranormal do percipiente: telebulia, emotividade, estado preferentemente de inconsciência e até, ao que parece, excitação da própria fôrça paranormal do agente que precisaria, inclusive, de refôrço em certos casos. O papel do agente é "iluminar" o objeto a ser apreendido pelo percipiente.

O nome, pois, de ST, provàvelmente não corresponde bem à realidade, mas sim ao aspecto externo do fenômeno. Trata-se, de fato, duma classificação prática, consideração à primeira vista...

Os numerosíssimos casos espontâneos de ST foram confirmados experimentalmente, não só em experiências de fora de laboratórios, mas também em experiências com o máximo contrôle científico.

Parece que o papel preponderante, talvez exclusivo na realização da sugestão telepática, como em todo fenômeno parapsicológico de conhecimento é do percipiente, sendo o agente mera condição ou "iluminador" da realidade (física ou psíquica), a ser apreendida pelo percipiente. O agente, e portanto o "objeto" telepático, pode ser mais ou menos apto seguindo a emotividade, estado psicofisiológico, etc., podendo também ser "reforçado" por outros agentes.

Terminamos glossando o primeiro parágrafo do prólogo. Temos exposto só os *fenômenos* parapsicológicos de *conhecimento*. Ficam muitos temas relacionados com os fenômenos estudados. E ficam outros muitos fenômenos e outros muitos temas. Isto é, ao leitor médio, ficam-lhe muitas dúvidas. Temos o plano, de acôrdo com as "Edições Loyola" e grandes especialistas, de ir publicando uma Coleção de Parapsicologia na qual se tratarão, de maneira sistemática, os principais fenômenos da Parapsicologia e os temas com êles relacionados.